FUNDADOR — JOAQUIM MANSO TERÇA-FEIRA, 4 DE OUTUBRO DE 1960 ANO 40.º — NÚMERO 13 585

Diario de Lisbôa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155 REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SÁ
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: D I B O A RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

REPÚBLICA

Ao completar meio século, a República em Portugal não se discute. É o regime que a Nação escolheu e consagrou. Alicerçada no sacrifício dos seus heróis e mártires, identificou-se com o sentimento e o interesse nacional de tal maneira, que se tornou indestrutível. A sua propaganda foi feita por uma geração sem par e pela devoção cívica e pelo espírito de sacrifício. Os nomes dos seus pioneiros e precursores gravaram-se nas páginas da História e na imaginação dos homens. Ninguém os arrancará do quadro de honra em que se inscreveram, ao serviço da Pátria. Poetas, escritores, publicistas, professores, tribunos, parlamentares, jornalistas pregaram-na com a eloquência sugestiva dos crentes e dos iluminados.

Os que, de armas na mão, a realizaram erguendo-se, há meio século, num movimento irreprimível,, para pôr termo à carreira da Monarquia, foram em tudo dignos dos que, pela palavra e pelo exemplo, executaram o mandato que a consciência nacional lhes confiara. Foram heróicos no combate e generosos na vitória. Souberam vencer e perdoar. Da revolução, a mais nobre e generosa que alguma vez se registou, ficarão, como imagens eternas, as que recordam os populares aclamando os soldados que, pouco antes, tinham feito fogo contra eles, e os pobres guardando os bancos para que nenhuma sombra empanasse a glória do seu feito.

Pregada por uma «élite» intelectual e um escol moral incomparável, a República foi implantada, há cinquenta anos, pelo povo, a cuja guarda ficou confiado o seu destino. Quando ameaçada, nunca ele fraquejou, na sua defesa sem ter em conta os sacrifícios a fazer. A celebração do cinquentenário da sua proclamação é uma data de regosijo nacional e a sua evocação um incentivo para a consagrar jubilosamente, proclamando a sua perenidade e exaltando a sua serenidade majestosa.

MEIO SÉCULO DE EXISTÊNCIA

Busto da República, da autoria do escultor Francisco Franco, que se encontra na sala das sessões dos Paços do Concelho

Diario de Lisbôa

PUBLICA HOJE 40 PÁGINAS

E INCLUI

- NÚMERO COMEMORATIVO DA IMPLANTAÇÃO DA REPÚBLICA
- PÁGINA DA MULHER E DA CRIANÇA
- ÊXITO

Ligeira vantagem de Lott

nas eleições brasileiras

RIO DE JANEIRO, 4 — O marechal Teixeira Lott, candidato presidencial apoiado pelo Governo, tinha ligeira vantagem nos primeiros resultados parciais apurados no escrutínio de ontem.

Num volume de votos que representa apenas cerca de 0,25 % do total, Teixeira Lott foi favorecido com 9088 boletins, contra 7350 para Ademar de Barros e 7231 para Janio Quadros.

Para a vice-presidência, João Goulart apresenta-se com margem de superioridade mais larga em relação aos seus adversários: 9733 votos, contra 7025 para Milton Cam-

(Continua na página central)

Notável obra cultural

nos primeiros quinze anos da vigência da República

por JOÃO DE BARROS

Há quem proclame que os homens do Cinco de Outubro de 1910 erraram. Erros — todos os praticam. Estude-se, porém, atentamente o que eles fizeram durante o período em que tiveram a responsabilidade do Poder e verificar-se-á o seguinte: — conseguiu-se o equilíbrio orçamental; defendeu-se o nosso império ultramarino, embora com o doloroso sacrifício da nossa participação na guerra de 1914-18; e, para me restringir unicamente aos assuntos culturais, criaram-se duas Universidades novas — no Porto e em Lisboa — e em cada

(Continua na 7.ª página)

Um grupo de republicanos *colocou ramos de flores* nos túmulos de Teófilo Braga, Herculano, Garrett e Junqueiro

Nos tumulos de Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Guerra Junqueiro e Teófilo Braga, na Sala do Capítulo do Mosteiro dos Jerónimos, esta manhã, ás 12 horas, foram depostos ramos de flores por

(Continua na 7.ª página)

HORA DE NUN'ÁLVARES

Da esquerda para a direita, no primeiro plano, prof. Mário de Azevedo Gomes e drs. Acácio Gouveia e Mário Soares, durante a cerimónia nos Jerónimos

VISADO PELA CENSURA

Nota do dia

CONTRADIÇÕES

De passagem em Lisboa, há apenas dois anos, o dr. N'Krumah, presidente da Republica de Ghana, fez aos jornalistas declarações altamente lisonjeiras para o nosso País e para o sentido da colonização portuguesa em África. Entre outras coisas, afirmou: «Não considero Portugal um país próprimente colonialista, no actual sentido da palavra». Esta simples afirmação na boca daquele político ghanês, grande campeão da independência dos povos africanos, parece que devia pôr-nos a coberto de acusações e suspeitas, orquestradas agora apenas com o propósito de lançar a confusão nos espíritos ingénuos ou de atrair as simpatias dos corifeus do Terceiro Mundo, abusando da boa fé de uns e da cumplicidade dos outros. Pois não aconteceu assim. O dr. N'Krumah mudou de opinião, sem que nós tivéssemos mudado de processos. A explicação é simples: é que, de 1958 para cá, mudaram os ventos, que sopram agora de Leste com mais força. E o catavento do chefe ghanês não podia deixar de se voltar a favor dos ventos dominantes na estepe russa. Lamenta-se apenas que um homem com as suas responsabilidades pense, em determinada altura, pela sua própria cabeça e, dois anos depois, pela cabeça dos outros. Há regras elementares de moral, que obrigam tanto os indivíduos como os povos. O dr. N'Krumah faltou a uma dessas regras e, pelos vistos, não aprendeu, na convivência com os seus amigos ingleses, a praticar o «fair play». E' bom acrescentar que, nos seus ataques furibundos aos países colonialistas, entre os quais não poupo o nosso, o chefe do Estado ghanês omitiu propositadamente qualquer referência aos territórios africanos sob domínio britanico. O dr. N'Krumah, que pretende ser o advogado de uma causa justa, revela-se, afinal de contas, mais amigo de Platão do que da verdade.

A unidade da Nação

Por AUGUSTO CASIMIRO

Certos Portugueses deram-se como lema ou divisa, para servir melhor o seu País, a prática da compreensão e da tolerancia, para melhor er-

guerem, nas horas mais confusas, aquela plataforma em que os me-

(Continua na 7.ª página)

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

De ontem para hoje

OS PROBLEMAS DO TRABALHO

Os problemas do trabalho e da previdência assumem tal importancia no mundo de hoje que nenhum governo pode ignorá-los ou esquecê-los. No propósito de acautelar legítimos interesses de patrões e trabalhadores e de impedir abusos susceptíveis de afectar as boas relações entre uns e outros foi publicado pelo Ministério das Corporações um diploma digno de toda a atenção. Ocupa-se este documento do pagamento de serviços prestados em horas extraordinárias ou em dias de descanso semanal; actualiza preceitos da legislação relativa a horários de trabalho; determina que só em casos devidamente fundamentados poderá ser concedida autorização para a utilização de mulheres e de menores de dezóito anos em trabalho extraordinário; e encara providências para a defesa dos trabalhadores na prevenção dos riscos de acidentes de trabalho e doenças profissionais.

O IMPREVISTO

O infeliz deixa seis filhos menores. Era primeiro cabo de Infantaria e chamava-se José Correia Ferreira. Trinta anos robustos. Porém, quando menos se espera... Seguia ele, numa bicicleta motorizada, de Abrantes para Alferrarede. Próximo da Fonte de S. José, ou por se distrair ou porque o piso estivesse escorregadio, foi contra uma mulher, que não sofreu grandes ferimentos. Ele, porém, tal queda deu que veio a expirar horas depois.

VIDA POLÍTICA

Com o sr. Presidente do Conselho trabalhou ontem o sr. subsecretário de Estado do Fomento Ultramarino.

O HORRÍVEL BANAL

Quantas vezes não se repete esta imagem atroz: a pesada camioneta que rola descuidadamente, a criança frágil que corre e se atrapalha e acaba por ficar esmagada sob o monstro de rodas! A culpa é umas vezes dos pais que deixam os filhos andar assim á solta como podem eles dar aos filhos os instantes todos do seu fadário?), outras vezes dos volantes imprudentes ou até só do acaso, dos maus fados, que ainda auguram a sorte dos mais infelizes. Foi desta vez em Torres Vedras. O sr. Jacob Tomás Brasil conduzia a camioneta de carga. A pequenita, de dois anos, chamava-se Maria da Piedade Nunes. Morreu a caminho do hospital.

Um mistério da madrugada

Incidente misterioso e dramático. De madrugada, soa um tiro na Rua Nova de São Mamede. A peripécia começou numa escada, onde um dos inquilinos do prédio, que áquela hora recolhia a sua casa, foi bruscamente atacado por um vulto inimigo, no escuro. Aos seus gritos o assaltante fugiu, mas não tão lesto que um polícia lhe não fosse no encalço, alvejando-o a tiro, após várias intimativas para o fazer parar. Com uma perna furada pela bala, o misterioso habitante da escada (Américo Pereira do Carmo) recebeu tratamento no Hospital de S. José, de onde foi conduzido depois para a esquadra vizinha. Resta agora deslindar este enigma de uma madrugada lisboeta.

NO PALACIO DE BELÉM

O sr. Presidente da Republica recebeu em audiência, no Palácio de Belém, os srs. dr. Silva Tavares, governador-geral de Angola; prof. Daniel Barbosa e dr. Correia de Barros. Estiveram também ali a inscrever-se no livro de cumprimentos ao Chefe do Estado os srs. D. José Colaço, bispo de Cabo verde e Frank Biggar, ministro da Irlanda.

Uma visita do ministro do Interior ao I Festival-Exposição do Vinho Português no Bombarral

BOMBARRAL, 4 — O I Festival-Exposição do Vinho Português, que inclui valiosas e expressivas representações de todas as regiões agrícolas do País continua com grande êxito e larga concorrência iniciativa do Município, tem merecido justos louvores pela perfeita organização da exposição, a qual abrange uma larga zona da mata municipal.

Ali se exibe, esta noite, o conhecido e apreciado Rancho Folclórico «Tá-Mar», da Nazaré, e amanhã haverá uma sugestiva «Noite de Fados e Guitarradas», com as artistas Márcia Condessa, Valentim Félix, Aurora Sobral e Norberto Martinho, exibindo-se também o famoso Grupo Fandaguista do Cartaxo. De tarde, Banda Filarmónica Cartaxense, que tão bem se classificou no Concurso de Bandas de Musica promovido pela F. N. A. T., dará um concerto dedicado aos famosos vinhos da região, com provas gratuitas.

Depois de amanhã, dia da visita do sr. ministro do Interior, decorrerá, no Teatro «Eduardo Brasão» um serão organizado pela Emissora Nacional, com as artistas Madalena Iglésias, Luísa Maria, Luís Piçarra, Maria Marise, Elsa Vilar, Artur Garcia, o conjunto vocal «4 de Espadas», a cantadeira Natércia da Conceição, o conjunto «Ritmos e Melodias», o actor José Viana e a Orquestra Ligeira dirigida por Tavares Belo. Será apresentada em primeira audição a canção «O Vinho que vira», musica de Nóbrega e Sousa e letra de Silva Basto, interpretada por Luís Piçarra e que foi composta expressamente para o festival.

Morreu uma senhora

num desastre de viação

VIDAGO, 4. — Ontem, cerca das 17 horas, um automóvel que rodava a caminho de Chaves, ao passar junto da estação, despistou-se, numa curva, e esbarrou numa árvore.

No veículo viajavam o proprietário, sr. Candido de Sousa, sua esposa e sua filha, residentes em Lisboa, na Rua Cidade da Horta, n.º 39. A senhora morreu a caminho do hospital. O estado do marido e da filha, embora saissem maltratados do desastre, não tem gravidade.

As firmas Nacional Rádio, Lda., de Lisboa, e Santos, Guimarães & Oliveira, Lda., do Porto, representantes exclusivos em Portugal das Fábricas GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H., de Furth (Bayern), Alemanha Ocidental, têm o prazer de comunicar a todos os seus Ex.mos Clientes que conforme o programa transmitido na passada quinta-feira dia 29 de Setembro, cerca das 22 horas e 30 minutos pela Rádio Televisão Portuguesa, o prémio do concurso «A Hora Grundig» relativo ao passado mês de Agosto coube ao Ex.mo Sr. António Pereira de Azevedo, morador no Pardieiro — S. Martinho da Gandara — Oliveira de Azemeis, cujo prognostico de 11 horas, 15 minutos e 28 segundos foi o que mais se aproximou da hora a que parara o relógio do concurso 11 horas, 16 minutos e 17 segundos.

O resultado do próximo concurso que abrangerá todas as pessoas que hajam adquirido receptores de TV, aparelhos de rádio, máquinas de gravar ou ditafones «GRUNDIG» no passado mês de Setembro e nos tenham enviado os respectivos prognósticos, será apurado no dia 27 do corrente durante o programa «A Hora Grundig», a transmitir nessa data pela Rádio Televisão Portuguesa.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

A CIDADE

Os horários

das bibliotecas municipais ao ar livre

As bibliotecas instaladas pela Camara Municipal em jardins e outros recantos de devaneio para o publico, continuam a interessar cada vez mais os leitores que aumentam constantemente e onde têm á sua disposição não só variadas e numerosas publicações periódicas (revistas e jornais), como obras recreativas e de divulgação histórica e científica de consagrados autores nacionais e estrangeiros.

Passam agora a funcionar das 9 ás 13 e das 14 ás 18 horas, todos os dias uteis, as seguintes bibliotecas municipais ao ar livre, instaladas nos jardins Constantino (á Rua Pascoal de Melo), Guerra Junqueiro (Estrela), França Borges (Praça do Príncipe Real), Julio de Castilho (Miradouro de Santa Luzia), Teófilo Braga (Campo de Ourique), Alfredo Keil (Praça da Alegria), António Feijó (Anjos), Augusto Gil (Graça), Praça Afonso de Albuquerque (Belém), Praceta João do Rio e Campo Grande.

Pinturas oferecidas

ao Museu da Cidade

Destinados ao Museu da Cidade (no Palácio da Mitra, na Rua do Açucar), foram oferecidos pela sr.ª D. Berta Leite á Camara Municipal de Lisboa dois desenhos a carvão e um óleo, representando Santo António, da autoria do seu falecido pai, o artista José Leite (1873-1939).

Pelos hospitais

AGREDIDO À PAULADA — O jornaleiro António Serpa, de 58 anos, residente em Rosário — Almodovar — foi ali agredido á paulada por um desconhecido. Como tivesse ficado muito ferido na cabeça veio para o Hospital de São José, onde ficou internado na sala de observações.

COM UM BAGO DE CHUMBO NUM OLHO—Quando caçava, o jornaleiro António Marques, de 59 anos, de Toxofal de Baixo — Lourinhã — foi atingido com um bago de chumbo, que se lhe alojou num dos olhos. Transportado para Lisboa, deu entrada na sala de observações do Hospital de S. José.

Quem perdeu?

Encontram-se nos serviços administrativos da P. S. P. (Governo Civil), além de dois pombos, um dos quais correio, os seguintes achados ontem em Lisboa:

Dois chapéus de chuva; gabardine e chapéu de chuva; porta-moedas com dinheiro; dinheiro e documentos de Joaquim Baptista Madeira; bilhete de identidade de Amadeu Pereira Dias; passaporte de Silvestre da Costa e Silva; certidão de escritura; livrete quilométrico de José Pedro de Lima Reis; pasta com louça; óculos graduados; sombrinha; chapéu de cabeça; tampão de roda de automóvel; embalagem de pomada medicinal; e argolas com chaves.

UMA BARCA esteve em perigo

em frente de Carcavelos

A barca de Sesimbra «Luís Carlos» quando hoje, cerca das 9 horas, se encontrava defronte de Carcavelos, sofreu avaria no motor

Da torre do estabelecimento de banhos do Narciso foi observado o acidente, bem como a dificuldade da pequena embarcação para se desembaraçar da anomalia. Dali foi chamado a intervir o Instituto de Socorros a Náufragos, de Paço de Arcos, que enviou prontamente o salva-vidas «Nossa Senhora da Conceição», com os respectivos patrão, sr. José André; motorista, sr. Manuel Coiteiro; e técnicos srs. Vítor Couto, Casimiro Couto e Manuel Fernandes.

A tripulação do «Luís Carlos», constituída pelos srs. Domingos Gomes, Noel Gomes e Fernando Gomes, respectivamente, pai e filhos, procurou reparar a avaria do motor, enquanto a sua embarcação era rebocada pelo «Nossa Senhora da Conceição», o que conseguiram, pelo que tomaram o rumo da doca de Belém, onde o barco ficou abrigado.

ABERTURA DA CAÇA

TERMAS DE MONFORTINHO

Região privilegiada para o desporto da caça
Hospede-se e recomende o moderno e confortável

HOTEL ASTÓRIA

Jardins — Ténis — Garagem — Aquecimento Central — Ar condicionado — Salões de cabeleireiro e barbeiro — Diversos salões para reuniões — Ambiente distinto e acolhedor — Esmerado serviço de cozinha

Telefone 5 (Termas)

Termas de Monfortinho

ABERTO ATÉ 30 DE NOVEMBRO
ESPECIALMENTE DESTINADAS AO TRATAMENTO DAS AFECÇÕES DO FÍGADO, VIAS BILIARES, INTESTINAIS, DA PELE, GINECOLÓGICAS E LITIASE RENAL

Director clínico: **Dr. Lívio Lopes Ferreira**

HOSPEDE-SE NO

HOTEL FONTE SANTA — Telefs. 4 e 28

HOTEL EMBAIXADOR

Apresenta no «Terraço das Estrêlas»

LOS CHAPANECOS

e **Nita Del Pino**

os mais expressivos intérpretes da música cubana

BADARÓ o extraordinário fantasista

(MAIORES DE 17 ANOS)

Domingo: «Matinée» com atracções. Chá completo, 25$00

De passagem por Santarém, almoce ou jante no RESTAURANTE DA CAMIONAGEM RIBATEJANA.

Tágide
Telef. 35327/8
LISBOA

Palm Beach
Telef. 080851/2
CASCAIS

Os Vossos Restaurantes Music-Hall APRESENTAM

A mais famosa bailarina de Espanha no espectáculo de mais alto nível artístico do ano

ROSARIO

E O SEU ESPECTÁCULO

NESTE MESMO SENSACIONAL PROGRAMA

A cançonetista de que toda a Lisboa fala!

MARUJITA RUIZ

(a já célebre **MANUELA**)

EM MOMENTOS DO FADO

MARIA MARQUES

e

JOSÉ BORGES

JOSÉ RAMOS (à guitarra) **PEDRO LEAL** (à viola)

AVISO (Maiores 17 anos)

Apesar dos extraordinários encargos deste programa os preços não foram aumentados e os jantares contam para o consumo obrigatório

HORÁRIO DAS ACTUAÇÕES

TÁGIDE: Às 23 h. e às 2,45 h. da manhã: Marujita Ruiz — Maria Marques e José Borges; Às 0,30: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO.

PALM BEACH: Às 23 h.: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO; Às 0,30: Marujita Ruiz — Maria Marques e José Borges.

TÁGIDE DIA 5 **PALM BEACH**

Chá Dançante

NA TÁGIDE: Com todo o sensacional programa de Atracções da Noite — Consumo obrigatório **Esc. 30$00**

NO PALM BEACH: Sem atracções — Consumo obrigatório: **Esc. 15$00**

A firmeza de Portugal
na defesa do Ultramar
exaltada pelos conservadores franceses

PARIS, 4. — O comentador de política internacional Henri Benazet escreve hoje, no jornal conservador «L'Aurore», que o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, dr. Marcello Mathias, que chegou ontem a esta capital para uma visita de uma semana, «deve ser acolhido com especial simpatia por dois motivos: primeiro — a amizade sincera que liga a sua pátria á nossa e, acima de tudo, pelo exemplo — a lição mesmo — de energia que tem sido dado, há tantos anos, pelo seu país, de proporções modestas, mas grande pela coragem do seu povo.

«Sim, enquanto outras potências de primeira importancia se resignam a arriar a bandeira na Ásia e na África, em toda a parte Portugal se recusa a fazer o mesmo. As ameaças de Nehru quanto a Goa não o abalaram. E, amanhã, Portugal mostrar-se-á igualmente firme no continente negro com os aduladores de Lumumba».

O comentador acrescenta: «Os Portugueses nunca retirarão das suas queridas províncias ultramarinas, onde estão a reforçar o seu Exército e as suas bases aéreas e navais.

Os portugueses também asseguram melhor os seus direitos e combaterão sem hesitação para os defender» — (R).

«CONFIANÇA E DESPREOCUPAÇÃO NAS PROVÍNCIAS ULTRAMARINAS PORTUGUESAS»

PARIS, 4. — «O clima reinante em Angola e em Moçambique é de confiança absoluta no presente e de calma sistemática quanto ao futuro» — sublinha o jornalista Jacques Bertrand, em artigo publicado no semanário parisiense «La Vie Française».

Depois de falar dos territórios ultramarinos portugueses como parte integrante do todo territorial português, e de sublinhar o ambiente de confiança ali verificado, Jacques Betrand acrescenta:

«Ninguém nas províncias ultramarinas portuguesas se interroga quanto ao futuro. Pensam todos que para tratar deste assunto existe o Governo de Lisboa.

E Jacques Bertrand escreve a propósito da visita do presidente Kubitschek de Oliveira a Portugal:

«A Imprensa ultramarina referiu-se também, largamente, á ideia de uma Comunidade de língua e de civilização portuguesa, ocidental, cristã e multiracial, na qual, a pouco e pouco, se poderão harmónicamente fundir na comunhão dos 60 milhões de habitantes do grande irmão brasileiro e dos 10 milhões da velha Mãe-Pátria portuguesa, os 10 milhões de Africanos de Angola e de Moçambique, ainda não assimilados».

No artigo publicado a três colunas, sob o título «Confiança e despreocupação nas províncias portuguesas da África», descrevem-se diversos aspectos da vida em Angola e em Moçambique acentua-se que, tal como na Metrópole, só quem não sabe ler e escrever não tem o direito a voto.

Acentua também que, quando se trata da unidade nacional, todos os Portugueses, como um só, se reunem á volta do Governo de Lisboa e do presidente do Conselho, prof. Oliveira Salazar. — (A. N. I.).

O Oriente ocidentaliza-se. O contraste entre a japonesa que chega da Europa e a hospedeira da companhia de aviação que mantém os trajos tradicionais

A ALIMENTAÇÃO
é causa importante
do cancro no estômago
— diz um médico americano

TOQUIO, 4 — O dr. Harold Steward, director do Instituto Nacional do Cancro, nos Estados Unidos, anunciou hoje ter conseguido provocar um cancro no estômago de ratos, dando-lhes alimentos misturados com uma substancia química (florencylbis-acetoamido).

Esta comunicação foi feita, hoje, no Simpósio Internacional do Cancro, reunido em Sapporo (ilha de Hokkaido).

Declarou, também, ter provocado o aparecimento de tumores malignos no cérebro e estar convencido de que o cancro do estômago é causado pela comida.

O prof. Katsuo Takoda, da Universidade de Hokkaido, declarou provarem as experiências do dr. Steward que a alimentação, duma maneira geral, desempenha um papel importante nas causas do cancro. — (F. P.).

Importantes jornais
norte-americanos
num almoço em honra
do dr. Moreira Baptista

NOVA YORK, 4 — A Associação dos Cronistas de Viagens ofereceu, no Clube da Imprensa Estrangeira, um almoço ao dr. César Moreira Baptista, secretário nacional da Informação de Portugal, no qual tomaram parte, entre muitas outras pessoas, os directores ou chefes de redacção do «New York Herald Tribune», do «New Daily News», do «New York Journal», da «Vogue», «Mademoiselle», «House Beautiful» e de outros importantes diários e revistas norte-americanas, o comandante José Cabral, director da Casa de Portugal em Nova York, e C. P. Austin, em representação do secretário do Comércio dos Estados Unidos.

Falaram vários oradores, que se referiram elogiosamente a Portugal e á obra realizada pelo dr. Moreira Baptista no Secretariado Nacional da Informação.

O ORFEÃO ACADÉMICO DE COIMBRA VAI AOS ESTADOS UNIDOS

Depois do almoço o dr. Moreira Baptista, foi recebido pela Junta de Directores da Columbia Artists Management Inc, que está a tratar da vinda do Orfeão Académico de Coimbra aos Estados Unidos, pela primeira vez, no próximo ano.

O dr. Moreira Baptista, falando com o vice-presidente da organização, manifestou a esperança de que o povo norte-americano venha a ter a oportunidade de aplaudir o Orfeão, cuja visita á América do Norte — acrescentou — constituirá importante acontecimento cultural para Portugal e para os Estados Unidos.

Sugeriu, para que a visita fosse um êxito completo, que o itinerário dos estudantes de Coimbra, durante a série de concertos que vão realizar, fosse organizado de modo a incluir cidades próximas dos centros luso-americanos, de modo a permitir que os Americanos de ascendência portuguesa oiçam o Orfeão. — (A. N. I.).

Inaugurou-se a nova estação dos C. T. T.
de Salvaterra de Magos

SALVATERRA DE MAGOS, 4 — (*Pelo telefone*) — Com a presença do correio-mor inaugurou-se hoje a nova estação de correios desta vila, instalada em edifício próprio e construído expressamente para o fim em vista. O imóvel, de traça arquitectónica interessante, contém, no rés-do-chão, a sala dos serviços e do publico, que são amplas, uma sala para baterias e outra para arrecadação de material; no primeiro andar ficam a residência do chefe da estação e as instalações para o equipamento telefónico automático.

O melhoramento, que constitui a 178.ª realização do Plano de Instalação e Reinstalação de Estações, deve-se á prestimosa colaboração do dr. José de Meneses que, acordando com os C. T. T na construção de um imóvel propositadamente para os serviços de correios, resolveu um caso que constituia problema de há muito existente.

O GATUNO
foi apanhado
no segundo assalto
ao mesmo armazém

A Polícia Judiciária remeteu ao tribunal correccional um processo em que é arguido António da Conceição Delgado, natural de Bombarral, por ter entrado por meio de escalamento nos armazens da firma «Bouhon & Irmão», na Quinta dos Serrões, aos Olivais, e dali ter furtado 30 chapas de folha galvanizada.

Não satisfeito com este furto, o Delgado voltou ali na intenção de praticar novo furto, mas tendo sido surpreendido por alguns empregados de armazém, foi preso. Confessou então o furto anterior e o motivo que ali o levava desta vez.

NECROLOGIA

Engenheiro Higino de Queirós

CERNACHE DE BONJARDIM, 4 — (Pelo telefone) — Com grande acompanhamento, efectuou-se para o cemitério desta vila, o funeral do sr. eng.º Higino de Queirós, cujo falecimento, ontem ocorrido quando trabalhava no Centro de Assistência Social, de que era fundador e presidente, causou a maior impressão, dada a estima de que desfrutava. Natural desta vila, contava 60 anos, era casado com a sr.ª D. Maria Flor de Oliveira Queirós e filho do sr. dr. Gualdim António de Queirós e Melo, antigo médico desta freguesia, e da sr.ª D. Maria do Céu de Matos Queirós.

Concluiu o curso de engenheiro-electrotécnico em 1923 e logo revelou excepcionais qualidades como director dos Serviços de Acção Social do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, cargo que abandonou para presidir á Comissão Reguladora do Comércio de Bacalhau, e foi o primeiro presidente da direcção da F. N. A. T., criando as primeiras colónias de férias, refeitórios económicos e centros de cultura.

D. Ilda Lagrifa Mendes

COIMBRA, 4 — Faleceu a sr.ª D. Ilda Lors Lagrifa Mendes, casada com o sr. dr. José Maria Mendes, mãe da sr.ª D. Maria do Céu Sors Lagrifa Mendes Neto de Miranda e do sr. engº José Lagrifa Mendes chefe do Serviço de Extensão da Direcção-Geral dos Serviços Florestais, e sogra de D. Maria Lpísa Carneiro Lagrifa Mendes e do desembargador dr. Gustavo Neto de Miranda, secretário provincial do Governo-Geral de Angola.

Alberto de Aragão

Saiu hoje, com grande acompanhamento, da Rua da Voz do Operário, 1, 3.º, para o cemitério do Alto de S. João, o funeral do sr. Alberto de Aragão, poeta de mérito e homem de ideias liberais, muito estimado pelas suas qualidades de carácter, pelo trato cativante, pelo fino espírito.

Frequentou, em Coimbra, o curso de Direito, e, em Lisboa, o curso superior de Letras; e publicou as seguintes obras: «Cinzas da Minha Lareira» e «A Braseira da Saudade», um poemeto intitulado «Guerra Junqueiro», «Cantiga de Frouxa Luz» e «Quando a Noite Vem Descendo», este ultimo prefaciado pelo dr. Lopes de Oliveira, que foi seu condiscípulo na Universidade.

Natural de Oliveira do Conde, tinha 81 anos, deixa viuva, a sr.ª D. Ambrosina de Matos Freire de Aragão, e era pai do sr. Jorge Alberto de Matos Freire de Aragão(administrador de concelho e actual director dos Negócios Indígenas, em Luanda.

SUFRÁGIOS

Dr. João Botto de Carvalho

Passando amanhã o 7.º dia da morte do sr. dr. João Botto de Carvalho, sua família manda celebrar, na igreja de Arroios, pelas 11 e 30, missa pelo seu eterno descanso.

Festas associativas

Amanhã, a partir das 22 h., haverá na sede da Cooperativa dos Trabalhadores de Portugal uma festa associativa com baile e serviço de «bar» e de restaurante.

Sociedade «ESTORIL»
Venda de bilhetes

Esta venda começar-se-á a fazer aos sábados na estação do Cais do Sodré, a partir das 12 horas, até aviso em contrário.

Lycée Français Charles Lepierre

Pátio do Tijolo, 25

Cursos de Francês Prático

AS MATRÍCULAS ESTÃO ABERTAS

MEIN DEUTSCHES ÜBUNGSBUCH

Gramática exemplificada da língua Alemã
Exercícios de conversação

por

FERRAZ FRANCO

Professor efectivo do Liceu Camões

ACABA DE SER POSTO À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

●

DO MESMO AUTOR AS GRAMÁTICAS PRÁTICAS:

MY BOOK OF ENGLISH EXERCISES (2 volumes) e MON CAHIER DE FRANÇAIS

DISTRIBUIDORES:

PORTO EDITORA, LDA. — PORTO
EMPRESA LITERÁRIA FLUMINENSE, LDA. — LISBOA

Dentes postiços

DENTOFIX dá-lhes firmeza.

DENTOFIX forma uma almofada confortável; mantém as placas tão firmes e justas que permite comer e falar com maior conforto e segurança; em muitos casos quase tão bem como com dentes naturais. DENTOFIX diminui o receio constante de que caia, mova ou abane a placa. Peça hoje Dentofix em qualquer farmácia, drogaria ou perfumaria.

Publicações

Revistas

Recebemos exemplares de: «Fazenda do Ultramar», revista técnica e de cultura profissional, n.º 10; «Seguros», revista técnica e cultural dos Sindicatos Nacionais de Seguros de Lisboa e Porto, n.º 85; «Portugal-Bélgique», revista dos interesses luso-belgas, editada pela Camara de Comércio Belgo-Luxemburguesa-Portuguesa, n. 61; «Revista do Sindicato Nacional dos Engenheiros Auxiliares, Agentes Técnicos de Engenharia e Condutores», n.º 2; «Agros», revista dos estudantes do Instituto Superior de Agronomia, n.º 3; «Actividades Económicas», revista portuguesa de informação e cultura, n.º 32.

«ESTATÍSTICA DA EDUCAÇÃO» — O Instituto Nacional de Estatística acaba de publicar a sua «Estatística da Educação» com dados relativos ao ano lectivo de 1958-59. Neste seu 13.º volume, embora com modificações numerosas, o plano geral anterior manteve-se e compreende dados relativos ao ensino, ás actividades circum-escolares e a algumas manifestações culturais, desportivas e recreativas num total de nove capítulos.

«ANUÁRIO ESTATÍSTICO DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS» — O «Anuário Estatístico das Contribuições e Impostos», publicação do Instituto Nacional de Estatística, apresenta, através dos seus numerosos quadros, a estatística dos principais impostos liquidados e cobrados em 1959.

«ARTE E TURISMO» — A terceira monografia sobre Lisboa, editada pela Camara Municipal de Lisboa, evidencia um aspecto gráfico cuidado e foca em especial os museus da capital, divulgando de modo inteligente o que em Lisboa merece ser apreciado. O texto é do dr. Fernando Castelo Branco e o arranjo gráfico de José Espinho.

«COMÉRCIO EXTERNO DE 1959» — Foi agora publicado o volume II do «Comércio Externo de 1959», complemento do primeiro, que apresenta as mercadorias agrupadas pelos respectivos países e que, na sua contextura, em nada difere do idêntico volume de 1958.

Depois de uma leitura atenta, verifica-se que a Alemanha continua a ser o nosso primeiro país fornecedor, embora ocupe sòmente o terceiro posto como comprador; enquanto a Inglaterra, quase sempre o nosso primeiro comprador, ocupa o segundo lugar como fornecedor. Os Estados Unidos da América mantêm o segundo lugar como comprador e o quinto como vendedor, o mesmo sucedendo á França, respectivamente em quarto e terceiro lugares.

«MARROCOS» — Está publicado o n.º 101 de «Marrocos», boletim de informação da Embaixada daquele reino em Lisboa, que insere um retrato do rei Mohamed V, um mapa de Marrocos e da Mauritania e vários documentos para provar que esta é território marroquino, conforme o ponto de vista que o príncipe real está a defender na assembleia geral ordinária das Nações Unidas.

EXTERNATO GARCIA DA HORTA

ENSINO PRIMÁRIO E LICEAL MASCULINO

Telefone 54149 — R. SOUSA MARTINS, 10

TEATRO CAPITÓLIO

Às 20.30 e 23 HORAS (Adultos)

EMP. FIGUEIRA DE GOUVEIA — TEL. 2 74 93

O TRIUNFO DE UMA COMPANHIA!

HUMBERTO MADEIRA RAUL SOLNADO CARLOS COELHO

APRESENTAM A GRANDE REVISTA POPULAR

A VIDA É BELA!

COM

MILU

BERTA LORAN — HELENA TAVARES
EMÍLIO CORREIA — MARIA CRISTINA
DANIEL GARCIA — ALDA PINTO — GUIDA DE CARLO

ATENÇÃO A PARTIR DE HOJE, A PRIMEIRA SESSÃO COMEÇA RIGOROSAMENTE ÀS 20.30 HORAS

AMANHÃ — ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

PARA INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA!

HOJE ESTREIA SENSACIONAL SÃO LUIZ·ALVALADE

OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO

(CAREER)

Realização de JOSEPH ANTHONY Argumento de JAMES LEE É UM FILME PARAMOUNT

A SIC E O Odeon TÊM O SUPREMO ORGULHO DE APRESENTAR
A EXTRAORDINÁRIA E DESLUMBRANTE SUPER-PRODUÇÃO

AONDE VAIS, TRISTE DE TI?

EASTMANCOLOR

VICENTE PARRA

HOJE ÀS 21.30 ESTREIA

MARGA LOPEZ

DADA A CATEGORIA DESTA PELÍCULA DIGNAM-SE ASSISTIR S. A. REAL O CONDE DE BARCELONA, MINISTRO-CONSELHEIRO E ADIDOS CULTURAL E DA IMPRENSA DA EMBAIXADA DE ESPANHA

(M. 12 ANOS)

NO COLISEU

EM 2 SESSÕES, ÀS 20.30 e 22.45

P.ª AD. M/ 17 ANOS

EMP.ª RICARDO COVÕES (H.)
TELEF. 31997

SALVADOR

APRESENTA A REVISTA DE MAIOR ÊXITO DE TODOS OS TEMPOS, PELO MAIOR ELENCO DOS ULTIMOS ANOS!

Perla Cristal

MULHERES DE SONHO

AOS MAIS BAIXOS PREÇOS DE TEATRO EM LISBOA

LUGAR MAIS CARO, 40$00

MAIS BARATO 7$50

AMANHÃ, 4.ª-FEIRA, 5
FERIADO NACIONAL
ÀS 16 HORAS
ESPECTÁCULO À TARDE!

Barroso, Luísa Durão e Costinha nos «Faunos e a Ninfa»

ATENÇÃO: Por gentileza da Companhia Carris, estão assegurados transportes para todas as zonas da cidade, depois do espectáculo do Coliseu

---

HOTEL DA ÁGUA DA FOZ DA SERTÃ

Cernache do Bonjardim (nova estrada de acesso)

Agua indicada para **TRATAMENTO** das doenças do fígado, de nutrição, digestões difíceis, falta de apetite, infecções das vias urinárias superiores, diabetes, diarreias, cólites e outras dos intestinos

Reserva de quartos: Telef. 472 — CERNACHE

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFÉ CENTRAL», ENCONTRA-SE À VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- O elenco da companhia brasileira de revistas que vai actuar no Teatro Maria Vitória, é o seguinte: Eva Todor, Jara Lex, Teresinha Silva, Elisabeth Horn, Sarah Dornel, Auristela Araujo, Nick Nicola, Evilasio Marçal, Vítor Denisar, Artur Costa (Filho) e a «parelha» de baile «Irene e da Riva».
- Na hipótese da companhia do Capitólio ensaiar uma opereta, está indicado para o elenco o tenor Domingos Marques.
- No dia 11 a companhia do Teatro ABC começará a ensaiar uma nova revista, com o actor Camilo de Oliveira na direcção.
- «Viola embruxada e pandeireta mágica», é um original do actor Curado Ribeiro, em ensaios no «Teatro de Brincar», que deve inaugurar a sua nova temporada no dia 15, no Teatro ABC.
- Na comédia «O jogo das escondidas», em ensaios na TV, também participa do desempenho o actor Alexandre Vieira.
- Os artistas Maria Helena Matos e Henrique Santana, concluem, no dia 15, o contrato com o empresário Vasco Morgado — Companhia de Comédias «Teatro Alegre» — que se encontra em Lourenço Marques, regressando a Lisboa, por via aérea, no dia seguinte.

No Monumental

Estreia-se dentro de dias «Boa Noite, Betina!»

O empresário Vasco Morgado apresenta, dentro de dias, no Teatro Monumental, a comédia musical italiana «Boa Noite, Betina!» — um espectáculo que tem triunfado em toda a Europa.

Trata-se de um acontecimento no nosso meio artístico, pois se traduz na apresentação em Portugal, pela primeira vez, de uma pe-

(Continua na 6.ª página)

Telef. 366745

ABC

ADULTOS

EMP. TEATRAL ABC, LDA.

UM ÊXITO DE GARGALHADA

ESPERO-TE À SAÍDA!

2 HORAS A RIR
COM
SALÚQUIA * CAMILO
LUÍS HORTA * HELENA VIEIRA * MARIA CANDAL
MARIA DO ESPÍRITO SANTO
E UM GRANDE ELENCO

TODAS AS NOITES
A's 20,45 e ás 22,45 horas

AMANHÃ — ESPECTÁCULO ÀS 16 HORAS

ATENDENDO A GRANDE NÚMERO DE PEDIDOS DE TODO O PAÍS A

ROBBIALAC

REPETIRÁ, AMANHÃ, DIA 5, ÀS 15 HORAS, NO EMISSOR DE MIRAMAR DE

RÁDIO CLUBE PORTUGUÊS

O PROGRAMA

COR É VIDA

ONDE

MARIA PEREIRA

ACOMPANHADA POR GRANDES ORQUESTRAS E COROS DIRIGIDOS POR ANTÓNIO MELO E SILVA TAVARES, APRESENTARÁ 40 NOVAS CANÇÕES

O PROGRAMA «COR É VIDA» É APRESENTADO POR

Armando Cortez, Artur Alves, Eunice Munhoz, Helena Félix, Isabel de Castro, José de Castro, João Villaret, Lourdes Norberto, Maria Dulce, Maria Bastos, Rogério Paulo, Ruy de Carvalho e Paulo Renato

Musicas originais de

António Melo, Duarte Ferreira, Eduardo Loureiro, Francisco Carvalhinho, Frederico Valério, Joaquim Luiz Gomes, Júlio de Sousa, Martinho d'Assunção, Nóbrega e Sousa, Rezende Dias e Tavares Belo

Versos de

Amadeu do Vale, António José Forjaz, Domingos Gonçalves Costa, Ferro Rodrigues, Gentil Marques, Hernani Correia, Jerónimo Bragança, Júlio de Sousa, Linhares Barbosa, Santos Fernando, Silva Bastos e Silva Tavares

Textos de

Amadeu do Vale, Ferro Rodrigues, Lygia, Rodriguez Garcia, Santos Fernando, Silva Bastos e Sousa Freitas

Registo de som de

Fernando Conde, com Assistência Técnica de Adão Vilela da Mota e Serafim Dias Matos

Direcção geral de

Damasceno Covão

UMA OFERTA DA **ROBBIALAC** A TODOS OS PORTUGUESES PARA DIVULGAÇÃO DA MÚSICA NACIONAL

DEPOIS DO SINISTRO «AL CAPONE»

APARECEU OUTRA «FERA» CHEFIANDO UMA TEMERÁRIA QUADRILHA DE «GANGSTERS» QUE TRANSFORMOU NOVA YORK EM

A CAPITAL DO CRIME

UM FILME REALIZADO COM «GARRA» POR E. BOETTICHER

com

Ray Danton
Karen Steele
e Elaine Stewart

M. 17 anos
Excl. da ASTÓRIA FILMES

ARROJADA EVOCAÇÃO DA VIDA DO FAMIGERADO

«LEGS DIAMON»

A HISTÓRIA DA SUA TRÁGICA DERROCADA E DO SEU IMPÉRIO DE FACÍNORAS

Sentenciou-se à morte quando desafiou a lei... Tinha as horas marcadas por outro bando...

5.ª FEIRA: SENSACIONAL ESTREIA, NO POLITEAMA

UM EXITO DE LOUCO ENTUSIASMO EM APLAUSOS

SEMPRE O MELHOR EM TUDO!

Pasapoga

Telef. 23584
ADULTOS (Maiores 21 anos)

NUNCA EM LISBOA SE EXIBIU UMA ATRACÇÃO IGUAL

O SENSACIONAL «BALLET» AMERICANO:

THE CHUCK WIDER SHOW

NUM «SKETCH» - ESPECTÁCULO COM UM ASSOMBROSO CONJUNTO DE ESCULTURAIS «GIRLS»

E, AINDA, AS NOTÁVEIS ATRACÇÕES

LOS CARAQUEÑOS | INURA y sus LEVANTINAS

Musica de baile pela ORQUESTRA PASAPOGA e CONJUNTO PORTUGAL

NO SALÃO ANEXO: FADOS E GUITARRADAS

As estreias de hoje

No São Luiz e Alvalade

Título — «Os caminhos da tentação» (Carear).
Produção — Americana.
Realização — Joseph Anthony.
Intérpretes — Dean Martin, Anthony Franciosa, Shirley MacLeine e Carolyn Jones.
Argumento — Quatro destinos ligados num drama.
Processo — Normal.
Distribuição — Paramaut.
Classificação — (17 anos).

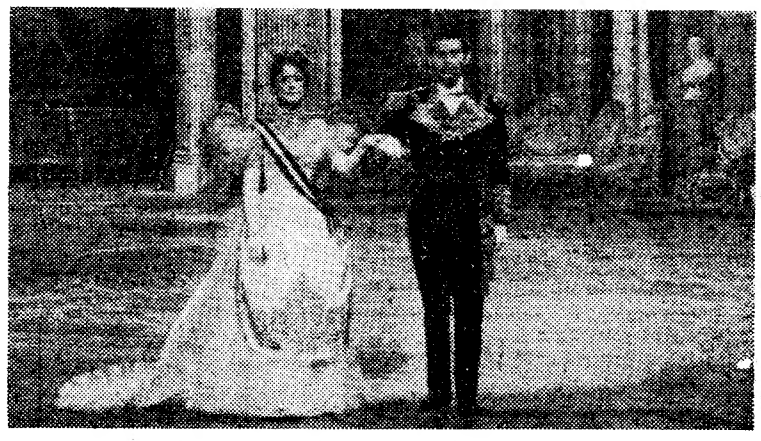
No Odeon

Título — «Aonde vais, triste de ti?»
Produção — Espanhola.
Intérpretes — Vicente Parra e Marga Lopez.
Argumento — A vida de Afonso XII.
Processo — Eastmancolor.
Distribuição — Sif.
Classificação — 12 anos.

HOJE, NO ODEON: ESTREIA DO SENSACIONAL FILME

«AONDE VAIS, TRISTE DE TI?»

para inauguração da época de Inverno



Com a assistência do sr. conde de Barcelona, esposa e filha; ministro-conselheiro em representação do sr. embaixador de Espanha, que se encontra ausente, e dos adidos cultural e de Imprensa do país vizinho, o Odeon inaugura hoje a temporada de Inverno, com a estreia do majestoso filme histórico «Aonde Vais, Triste de Ti?», que promete revestir foros de grande acontecimento cinemático e mundano. Na realidade trata-se de uma obra de excepcional envergadura, que reune todos os requisitos para fascinar o publico não apenas pela deslumbrante realização, em eastmancolor, de Alfonso Balcázar, mas também por constituir um espectáculo que representa o mais audacioso esforço do cinema espanhol em evocar, com surpreendente alarde de recursos cénicos, dignidade artística, riqueza de encenação, sumptuosidade de trajos e opulência de ambientes, toda a dimensão humana da patética história de amor de Afonso XII e da formosa princesa austríaca Maria Cristina de Habsburgo, cujos corações, unidos por razões de Estado, viveram sempre separados pela recordação de um grande amor, que impedia de avaliar a extensão de sacrifício da jovem soberana. No desempenho distinguem-se, em notáveis criações, Marga Lopez e Vicente Parra.

SENSACIONAL

Sabonetes «PALMOLIVE», pequenos, cada 4$40, grandes, cada 6$60, descontos para revenda, mínimo uma duzia, na PERFUMARIA CEZAL, Rua do Comercio, 12 e 14, telefone 26498.

Benfiquistas atenção

O Restaurante Coral, frente ao portão do Jardim Zoológico, pode servir-vos sem demora de tempo para assistirem ao futebol.

PRATO DO DIA:

Pargo no forno
Mão de vaca
Frango á americana e mais pratos variados.

Servem-se banquetes de casamento e copos de água. — Tel. 785225.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELECTRICOS

O PÚBLICO ASSISTIU MARAVILHADO À MAIS FASCINANTE HISTÓRIA DE AMOR E AVENTURA NARRADA PELO CINEMA!

SOMBRAS BRANCAS

(THE SAVAGE INNOCENTS)

A fabulosa realização de NICHOLAS RAY

2.ª

em espectacular SUPER TECHNIRAMA 70

com ANTHONY QUINN YOKO TANI

ADULTOS (Maiores de 17 anos)

RIGOROSO EXCLUS. FILMES CASTELLO LOPES

SEMANA TRIUNFAL NO MONUMENTAL

TEATROS E CINEMAS

(Continuação da 4.ª página)

ça italiana, de Pietro Garinei e Sandro Giovannini, com musica de Giorgi Kramer. Com a viva e moderna musica de Itália, o espectáculo, cheio de espírito e bom humor, passa-se em cenas rapidíssimas, com muitas situações cómicas, cheias de interesse e imprevisto.

«Boa Noite, Betina!» é o espectáculo coqueluche das grandes capitais. Vasco Morgado fez deslocar de Londres o categorizado «Ballet» John Keet Dancers, constituido por doze lindas bailarinas e quatro bailarinos ingleses, os quais, com Laura Alves, na principal figura, ao lado de Rui de Carvalho, no protagonista, Maria Paula, Paulo Renato, Rogério Paulo, que faz a sua estreia no teatro musicado, Armando Cortez, Baptista Fernandes, Nicolau Breyner, Manuela Maria, Nina Flores, e os excepcionais bailarinos portugueses Yola e Paulo, e ainda o notável conjunto vocal português «4 de Espadas», do qual fazem parte Américo Lima, Fernando La Rua, Nuno de Almeida e Paulo Alexandre, constituem a sensacional parada de artistas.

«Boa Noite, Betina!» — a comédia musical de que Lisboa vai falar — é uma encenação de António de Cabo, com direcção musical de Issi Fabra, direcção coreográfica do bailarino Paulo, «maquettes» e figurinos de Rafael Richard, com cenários executados por Mário Garcia e Teodoro.

No Capitólio

«A Vida é Bela!» — uma boa revista

Continua o êxito, no Teatro Capitolio, da magnífica revista de Fernando Santos e Nelson de Barros, musicada por Frederico Valério e Fernando de Carvalho: «A Vida é Bela!» — apresentada pelos populares e queridos artistas-empresários Humberto Madeira, Raul Solnado e Carlos Coelho.

Espectáculo aliciante de cor, ritmo e movimento, cheio de graça e de sentido crítico, «A Vida é Bela!» conta com a excelente interpretação de Milu, Berta Loran, Helena Tavares, Emílio Correia, Maria Cristina, Daniel Garcia, Alda Pinto, Guida de Carlo, do sexteto vocal do Capitolio e ainda do já fomoso «ballet» Ristic Star Dancers.

O publico de Lisboa tem agora um bom cartaz no popular e moderno teatro do Parque Mayer. Por pouco dinheiro (uma cadeira numerada custa sòmente 12$50) e com a vantagem de ter assegurados os transportes no final de cada sessão, para os mais diversos pontos da cidade, poderá ver e aplaudir «A Vida é Bela!», um cartaz onde jamais falta optimismo e bom gosto.

A fim de se evitarem as aglomerações próprias da ultima hora, as bilheteiras do Capitolio têm já á venda bilhetes para todas as próximas sessões.

No A B C

«Espero-te à saída!», o grande êxito do momento

Êxito pleno e total é o da revista «Espero-te á saida!», que José Miguel apresenta todas as noites no Teatro ABC. O publico, que desde o primeiro momento consagrou este espectáculo de gargalhada e os seus autores — dois novos cheios de talento e de graça — esgota a lotação da simpática sala do Parque Mayer e aplaude, sem restrições, todos os numeros. São intérpretes desta revista: Saluquia Rentini, Camilo de Oliveira, Clarisse Belo, Luís Horta, Helena Vieira, Maria Candal e Maria do Espírito Santo. Todas as noites, duas sessões, ás 20 e 45 e 22 e 45. Amanhã, «matinée», ás 16 horas.

No Coliseu

Salvador triunfa com «Mulheres de sonho»

No majestoso Coliseu, Salvador, o artista querido de Lisboa, está de novo triunfante, apresentando o maior êxito de todos os tempos, a super-revista popular «Mulheres de sonho», que se representa todas as noites em duas sessões, ás 20 e 30 e 22 e 45.

Espectáculo admirável, onde a mais esfusiante graça portuguesa e a mais transbordante alegria alternam com os mais belos momentos de fantasia, luxo, bom gosto e muitas dezenas de mulheres bonitas. O elenco é constituido pela vedeta internacional Perla Cristal, Xiomara Alfaro, Costinha, Maria Domingas, Barroso Lopes, Anita Guerreiro, Luísa Durão, Oscar Acurcio, Ausenda Miranda, Lucinda Amaral, Octávio de Matos (Filho) e, ainda, a preciosa colaboração de Leónia Mendes e das grandes atracções internacionais Ruby Charles Wlaat e o seu cão comediante, o formoso London Emperyal Ballet e o «Conjunto sem Nome». Por gentileza da Companhia Carris estão assegurados, no final do espectáculo do Coliseu, transportes para todas as zonas da cidade. Amanhã, ás 16 horas, haverá espectáculo á tarde.

Primeiras exibições

«Emboscada Sangrenta», no Olímpia

O Olímpia apresenta, em estreia, um filme de lutas vibrantes em busca de um tesouro e que cuiminam na emboscada sangrenta que justifica o título. John Derek, John Hodiak, David Brian e Maria Helena Marques representam com a melhor convicção o empolgante filme, que é um «vide vision color e technicolor», e acompanhado no programa pela reposição de «Texas», com William Holden, Claire Trevor e Glenn Ford. — *Visor 70.*

«Music-hall»

Rosário, na Tágide

Satisfazendo inumeras solicitações, a direcção da Tágide apresentará amanhã, em «matinée» especial, a famosa Rosário e o seu brilhante espectáculo.

A «matinée», além do espectáculo de Rosário e de musica de baile, incluirá ainda as restantes atracções da Tágide: Marujita Ruiz, Maria Marques e José Borges.

O consumo obrigatório é de 30$00 por pessoa.

BREVEMENTE abre o

VARIEDADES

FRANCISCO RIBEIRO e HENRIQUE SANTANA

INAUGURAM A NOVA MODALIDADE DE

10 ESPECTÁCULOS POR SEMANA

DE 2.ª A 6.ª-FEIRA — 1 ESPECTÁCULO ÀS 21.45

ÁOS SÁBADOS — 2 SESSÕES — ÀS 20.45 e 23 h.

AOS DOMINGOS — À TARDE — 2 SESSÕES

ÀS 16 HORAS — ÀS 20.45 e 23 HORAS

TEATRO SÓ PARA RIR

Cartaz dos Cinemas

ESTREIAS DE HOJE — **Os Caminhos da Ambição** — S. LUIZ E ALVALADE

Aonde Vais, Triste de Ti? — ODEON

SÃO LUIZ — Telefone 27172

A's 21.30
ESTREIA SENSACIONAL
Inauguração da temporada
(M. 17 anos)

OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO
com **Dean Martin** e **Anthony Franciosa**

A's 15.15 e 18.15 (p. r.) — **O GIGANTE DE MARATONA** — (M. 17 anos).

EDEN — Telefone 20768

15.15 - 18.30 e 21.45
(M. de 17 anos)
O filme em Tecnicolor

ESCANDALO AO SOL
O famoso **A SUMMER PLACE**

—Quero casar contigo, seja como for e temos que enfrentar os factos! Deixa-me que te ame completamente.

ALVALADE — Telefone 763080

A's 21.30
ESTREIA SENSACIONAL
Quatro personagens... Quatro vidas entrelaçadas... no filme

OS CAMINHOS DA AMBIÇÃO
com **Dean Martin** e **Shirley Maclaine**

ODEON — Telefone 26283

A's 21.30
(M. 12 anos)
ESTREIA DA FAMOSA E SURPREENDENTE OBRA-PRIMA

AONDE VAIS, TRISTE DE TI?
com **Marga Lopez** e **Vicente Parra**

A maravilhosa história de amor de uma princesa que soube ser mulher, esposa, mãe e rainha de um povo!
Eastmancolor

AVIS — Telefone 47163

15.30 e 21.45
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA
com o aplauso do publico e da crítica

R I F I F I
com **Jean Servais** e **Robert Manuel**

ATENÇÃO! Amanhã duas sessões, ás 15.30 e 18.30 horas.

TIVOLI — Telefone 50595

Às 3 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
Uma das mais grandiosas reconstituições históricas de todos os tempos

CARTAGO EM CHAMAS
em super-tecnirama-tecnicolor
com **Pierre Brasseur, Daniel Gelin, Anne Heywood**

A's 18.30, Terça-feira Clássica — **A FURIA DOS JUSTOS**, com Glenn Ford — (M. 17 anos).

POLITEAMA — Telefone 26305

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30
EM EXITO TOTAL:
A maravilhosa e divertida comédia

CASAMENTO POR ENGANO
com **Sal Mineo, Terry Moore,** etc.
Cinemascope (M. 17 anos)

Amanhã ás 18.15 — Os Grandes Romances de Amor — **ORFEU NEGRO** — (M. 17 anos).

CONDES — Telefone 22523

15.15 - 18.15 (p. r.) e 21.30 (12 anos)
A mais bela e heroica epopeia do esmagador Oeste americano!

FORTE APACHE
com **John Mayne** e **Henry Fonda**

ROMA — Telefone 727778

15.30 e 21.30
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
Espectacular superprodução em Cinemascope

PEDRO, O PESCADOR
com **Howard Kell** e **Susan Kohner**

Um monumento cinematográfico que será recordado por muitas gerações.

RESTELO — Telefone 610375

21.15 (M. 12 anos)
O FEITIÇO ANDALUZ
com Lola Flores

CASINO ESTORIL — 21.30 (17 anos)

TOTÓ ENTRE DOIDOS
com Alessandra Pandro

Amanhã:
COM JEITO VAI, SARGENTO
com Sidney James

IMPÉRIO — Telefone 55134/5

15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
3.ª SEMANA
Um êxito insofismável que é o maior do momento

OS MILIONARIOS DE FILADELFIA
com **Paul Newman, Barbara Rush** e **Alexis Smith**

SÃO JORGE — BALCÃO 54154 PLATEIA 54153

A's 15 - 18 - 21.30
(M. 12 anos)
O maior e o melhor de todos!

Kenneth More — Lauren Bacall — Herbert Lom em

SANGUE SOBRE A INDIA
Cinemascope e Eastmancolor

MONUMENTAL — Telefone 55131

15.15 e 21.30
(M. 17 anos)
2.ª SEMANA
A mais fascinante história de amor e aventura

SOMBRAS BRANCAS
com **Anthony Quinn** e **Yoko Tani**
Rigoroso exclusivo em 70 m/m
Reabriu o 2.º balcão

ROYAL — Telefone 865037

21.00 (M. 17 anos)
O PREÇO DO MEDO
ABSOLUTAMENTE CERTO

S. LUIZ — Telefone 48560

21.00 (M. 17 anos)
UMA TIA DOS DIABOS
c/ Rosalind Russel

CINEMA REAL — Telefone 24194

21.00 (M. 17 anos)
UM ROSTO NA MULTIDÃO
O RIO DO MASSACRE

Amanhã:
O REI DA PRADARIA (M. 12 anos)

TERRASSE — Telefone 20917

21.00 (M. 17 anos)
CORAÇÕES DESTROÇADOS
AMORZINHO DA MINHA VIDA

Notável obra cultural

(Continuação da 1.ª página)

uma delas, assim como na de Coimbra, Faculdades de Letras; fundou-se o Instituto Superior Técnico, modelar escola de engenharia, indispensável á transformação industrial do País; duplicou-se o numero de escolas primárias; decretou-se, e cumpriu-se, que trezentas escolas móveis, destinadas tanto a adultos, como a crianças, levassem a todas as regiões em que não existiam escolas fixas a instrução do grau elementar e complementar e diminuiu-se, assim, consequência feliz e inevitável, de 25 % a percentagem de analfabetos; difundiram-se as bibliotecas populares; edificaram-se, aproveitando bastantes vezes, e incitando-o, o auxílio privado, muitas escolas, também primárias; reformou-se o ensino normal em bases modernas e organizou-se o ensino infantil. Ao mesmo tempo, instalaram-se diversos museus regionais nas províncias e criaram-se o Museu de Arte Antiga e o Museu de Arte Moderna, nomeando-se (livres de qualquer influência política essas nomeações) para dirigir o primeiro o insigne José de Figueiredo (o descobridor dos famosos painéis de S. Vicente), e o segundo o genial pintor Columbano. Organizaram-se, pouco depois, as indispensáveis repartições destinadas á defesa e conservação das nossas riquezas históricas e arqueológicas, um pouco mais tarde entregando esse serviço á Direcção-Geral das Belas-Artes, então criada e entregue ao grande poeta e escritor Augusto Gil. E acrescente-se, a tantas iniciativas de importancia máxima, a obra de Raul Proença e de Jaime Cortesão na Biblioteca Nacional de ,Lisboa, obra elogiada e respeitada pelos próprios adversários, culminando pela edição do mais completo e perfeito Guia de Portugal, *que esses dois ilustres portugueses delinearam e executaram e que Santana Dionísio, seu companheiro dedicado, agora terminou, mercê do apoio do Estado.*

Não falo já de outras iniciativas, em diversos sectores da actividade nacional, limitando-me sòmente a recordar ainda a viagem apoteótica do presidente António José de Almeida ao Brasil, de cujas consequências diplomáticas ficámos recebendo até hoje os mais altos e nobres benefícios. E também é justo não olvidar a paz religiosa que estabeleceu de vez.

Isto sucedeu num período de três lustres, ou pouco mais, em que, apesar das inevitáveis agitações próprias das épocas de renovação (e não seria mau perguntar quem eram, muitas vezes, os responsáveis dos tumultos e revoltas...), criou e espalhou germes de indestrutível civismo. Relembrá-lo, afirmá-lo, não é de modo nenhum querer repetir ou copiar o que se realizou ou tentou realizar. É, antes, testemunhar, perante as gerações democráticas de hoje, que seguem caminhos mais difíceis e, de facto, mais amplos, e obedecem a directrizes mais nítidas em matéria política e social, que nunca o amor da Democracia e da Liberdade deixaram de conduzir os povos e seus dirigentes a desafogados horizontes do presente e do futuro. O passado não as interessa, eu sei, não interessa muito a juventude combativa e eficiente de agora. Não importa! A liberdade, a justiça, a tolerancia e o civismo possuem sempre igual força guiadora. Apresentam hoje fisionomia diversa? Não poderia acontecer outra coisa. No que pretende e preconiza a gente moça, os mais antigos vêm e saudam a marcha do nosso Povo no verdadeiro caminho da eternidade da Pátria, e no rumo iniludível dos destinos superiores da Humanidade.

JOÃO DE BARROS

João de Barros, republicano e democrata de firmes convicções, tomou parte na campanha de propaganda que levou á proclamação do novo regime em 5 de Outubro de 1910. Um dos acontecimentos relevantes desse período que precedeu a queda da monarquia, foi o Congresso Pedagógico realizado em Lisboa, em 1909, no qual teve decisiva intervenção ao lado de João de Deus Ramos e Manuel Laranjeira. Figura inconfundível da democracia portuguesa, pela inteligência, pela isenção e pela fidelidade aos princípios, é um símbolo do pensamento e da acção dos propagandistas da Republica. O poeta incomparável, o obreiro, sem par, da política de aproximação luso-brasileira, bem merece, na hora em que se celebra o cinquentenário da proclamação do regime republicano, uma palavra de admiração e de respeito, como um dos mais lídimos representantes das suas virtudes e da sua glória imorredoura

As cerimónias comemorativas do cinquentenário da República

(Continuação da 1.ª página)

um grupo de republicanos de que fazem parte o prof. M. de Azevedo Gomes, drs. Acácio Gouveia, Mayer Garção, Mário Soares, Gustavo Soromenho, Joaquim Bastos, Adão e Silva, Nuno Rodrigues dos Santos, Carlos Pereira, Agostinho Sá Vieira e Piteira Santos, e srs. João Pedro Santos, Barbosa Viana Martins, Armando Castanheira e Manuel Cabanas.

Como a deposição de flores no monumento a Luís de Camões, o acto desta manhã integra-se nas comemorações do cinquentenário da Republica.

Mil enxovais para crianças pobres

De acordo com o programa das comemorações, a comissão central da União de Freguesias do Concelho de Lisboa, de que é presidente o dr. Osório Vaz, governador civil do distrito, ontem recebida pelo ministro da Educação Nacional, distribuirá entre as cantinas escolares de ambos os sexos, do concelho de Lisboa, mil enxovais, a entregar a crianças pobres.

Deposição de flores no monumento a António José de Almeida

Por iniciativa de um grupo de republicanos, amanhã, ás 11 horas, far-se-á uma romagem ao cemitério do Alto de S. João, após o que serão depostas flores no pedestal do monumento ao dr. António José de Almeida. É intenção deste grupo de republicanos prestar homenagem ao sr. dr. António Luís Gomes, que fez parte do Governo provisório, e realizar uma sessão publica comemorativa.

Missa por alma dos que se sacrificaram pela Pátria

Além dos actos previstos no programa das comemorações nacionais do cinquentenário da proclamação da Republica, amanhã, ás 10 horas, no Mosteiro dos Jerónimos, é celebrada missa por alma de quantos se sacrificaram pela Pátria, de 1910 a 1960, e, ás 16 e 30, no Palácio de Belém, o Chefe do Estado recebe a comissão oficial das referidas comemorações.

A comissão convida o povo de Lisboa a comparecer nestes actos e, principalmente, no Mosteiro dos Jerónimos, no Largo da Camara Municipal, ás 12 horas, e na Sociedade de Geografia, ás 21 e 30.

Não se fazendo convites especiais, o numero de assistentes ás cerimónias será limitado á capacidade dos recintos onde estas se realizam.

Actos comemorativos em Viseu

Ao governador civil de Viseu foi pedida autorização para se festejar a data com um jantar de confraternização de republicanos, uma sessão solene e uma marcha luminosa.

Comissão de republicanos em Barcelos

Em Barcelos está formada a comissão concelhia para as comemorações. Constituem-na os drs. Francisco Rodrigues Torres, António Ferreira Pedras e Manuel Monteiro de Carvalho, Adelino Miranda de Andrade e Domingos Soares de Magalhães, Camilo Ramos e srs. Luís Carvalho e Artur Roriz Pereira.

Romagem aos cemitérios

A Acção de Beneficência 5 de Outubro presta homenagem aos vultos da Republica, promovendo uma romagem aos cemitérios da capital onde repousam.

Bodo aos pobres

A Sociedade Promotora de Educação Popular oferece, ás 12 horas, na sua sede, no Largo das Fontainhas, 19, um bodo aos pobres, com o qual comemora a data de amanhã.

Cerimónias em Valejas

Ao cemitério de Barcarena, amanhã, ás 10 horas, desloca-se um grupo de habitantes de Valejas, que deporão flores nos tumulos dos republicanos José Candido dos Santos Oliveira, Aníbal Lucio de Azevedo, Candido António, João Pinheiro, Francisco Paulo Felix, Carlos Sérgio Augusto e outros.

Romagem ao cemitério de Oeiras

A comissão de republicanos promotora das comemorações cinquentenárias da Republica em Paço de Arcos planeia a realização de uma romagem ao cemitério de Oeiras, aos tumulos dos correlegionários ali sepultados, amanhã, ás 14 e 30.

A corporação dos Bombeiros Voluntários de Paço de Arcos associa-se aos actos comemorativos.

Francisco Aragão

Francisco Aragão era aspirante da Escola do Exército, quando do movimento de 5 de Outubro de 1910. Combatente da Rotunda e republicano de firme convicção, tomou parte destacada nas campanhas de Africa, durante a primeira guerra mundial. O heroi de naulila é uma figura de inconfundível prestígio na sociedade portuguesa, onde conquistou pelas suas incomparáveis qualidades de inteligência e carácter um lugar de primacial relevo

A unidade da Nação

(Continuação da 1.ª página)

lhores, ao serviço da Grei, poderiam dar-se as mãos.

Conheci, conheço — alguns estão vivos ainda —, Portugueses que, nestes cinquenta anos de Republica, monárquicos ou republicanos, souberam conciliar a sua ideologia e os seus deveres para com a Nação, — livres na sua construtiva crítica dos acontecimentos, compreensivos e fieis, naqueles altos momentos em que, chefes políticos ou simples cidadãos, temos de tomar uma decisão e ser atentos ao que importa á dignidade e á continuidade da Pátria.

Dos republicanos (e dentre o grupo magnífico, surge neste momento a querida figura do almirante Cerqueira), direi que muitos defenderam, nas horas de revolta ou nas horas de julgamento, os adversários que tinham defrontado em combate. Que outros, nas horas trágicas em que o humano ultrapassa o político, compreendendo, sofreram como se os sacrificados fossem da sua ideologia ou do seu sangue.

A homens como Paiva Couceiro e Aires de Ornelas, fieis á sua ideologia e, nem por isso, menos fieis á Nação nas horas da Grande Guerra de 1914-1918 — os republicanos, embora combatendo-os, não esqueceram os seus méritos e os seus serviços. Se os condenaram não os demoraram nos cárceres ou nos exílios. Monárquicos incapazes de trair a Pátria honraram então a política da Republica em defesa do nosso Ultramar que era, para nós todos, o alicerce essencial da nossa independência.

Há na alma do nosso povo uma força invencível que pressente e atende os deveres necessários nas horas do destino. Os grandes acorrem a enquadrar essa força como Nun'Álvares acorreu quebrando a velha disciplina que mal servia a Pátria, para junto dos **pés descalços e ventres ao Sol** de que nos fala Fernão Lopes.

Este povo adivinha, sabe, tem o sentido do que importa ao interesse puro, á dignidade da Grei, á defesa do seu património e á continuidade da sua presença na História, nas horas mais trágicas da vida nacional.

Conhece melhor, serve melhor dos que, comodamente optimistas, servem o seu interesse ou a sua covardia. Tem em si o poder que associou nobres e plebeus, amigos e adversários, nas horas de catástrofe e para fazer delas as horas da epopeia.

Homens assim, sobranceiros a qualquer sectarismo, ao de cima do que possa diferenciá-los, constituem a invencível nobreza da Grei. São os que guardam contra a cegueira ou a insuficiência de chefes incapazes, contra a truculência das baixas minorias atentas aos seus baixos egoísmos ou aos privilégios que lesam a Nação, os que, em todos os campos, nas horas do destino, defendem e exaltam, salvam a fortuna, a dignidade do futuro da Pátria, servindo o Mundo e a Civilização.

Sinto-os comigo, vindos de todos os cantos da nossa História, pela força do amor e o instinto que cria o futuro, modelando a Nação, dando-lhe a força que perdura e mobilizando o saber, a técnica e as armas para as grandes jornadas que aumentaram o património dos homens.

Com este povo, com esta maioria anónima e a imensa minoria (lembro o expressão de J. Ramon Jimenez...) — vinda dos sectores divergentes, mas reconciliados na hora das possíveis catástrofes —, devia ser celebrado este cinquentenário da Republica, em nome do passado, sem acusações contra nem vilta para os regimes ultrapassados, reconhecendo como a Republica nada traiu desse passado e, pela sua obra, no essencial á continuidade do nosso destino, se pôs a par das maiores das mais altas horas da História portuguesa, atendendo e cumprindo o mais imperativo dever imposto á Nação nestes cinquenta anos — a defesa do Ultramar português.

Há 44 anos, á hora em que pareciamos divididos, opostos e inimigos, chamei de Nun'Álvares — a Hora de Nun'Álvares —, para que fosse feito o milagre necessário, para que não esquecessemos o imperativo tremendo. Estamos diante de uma hora igual. Temos de enfrentá-la.

Aproximemo-nos, unamo-nos sem abdicações nem indignidade. Em 1383 ou depois de 1640 o perigo não foi maior.

Sem derrotismos, sem intransigências suicidas, atendamos o voto alarmado e fremente, unanime da Nação. Tome quem possa, em todos os sectores, possibilitar por palavras e actos, o milagre necessário. Estendamos «nesta hora genésica que estamos atravessando, os perigos que nos ameaçam, os horizontes que se nos abrem». (Mais uma vez repito as palavras do meu camarada do mar, almirante Sarmento Rodrigues...).

Cumpramos o dever religioso e supremo. Esta é a mais imperativa e alta das **Horas de Nun'Álvares.** Só a nossa união, sacrificando á Pátria o que a impede, pode viver aquela em termos de vitória e continuidade.

De toda a parte, daqueles mesmo que só na intimidade contam o seu cuidado e dizem o seu acordo — chegam as palavras que são as do Evangelho necessário para a unidade e maior acordo. Se nos demoramos, separados, vamos sofrer todas as indesejáveis soluções inimigas. Unidos, dos próprios revezes, se inevitáveis, teceriamos a força de uma nova fortuna e de uma nova glória.

...Com o povo, com os melhores, com os que o servem ou mandam e «nas piores situações, perante as mais atrozes dificuldades, sabem, decidem», optando pelo que custar menos e servir melhor, em dignidade, em prestígio, em fortuna duradoura, a sua Nação.

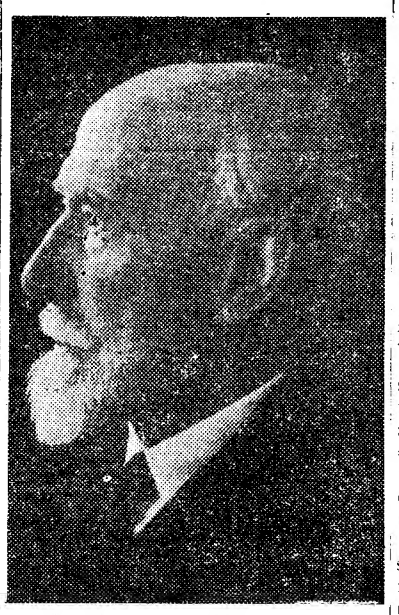
Mas esta unidade não será possível, apenas por iniciativa dos que estão fora do Poder É preciso impô-la, facilitá-la, desde o Poder. **Será possível, em nome da Pátria, o milagre?**

Creio falar, na profunda, íntima sinceridade da minha alma e da minha vida — dizendo que para abrir o caminho que servirá a grei e nos levará ás soluções melhores não bastam as palavras pronunciadas nos sectores confinados das opiniões divergentes.

É preciso mais: o que venha do sereno, esclarecido entendimento dos nossos interesses e dos rumos que, mesmo ao meio da dolorosa, desastrada confusão das ideologias, tendem já a definir, ao meio das correntes cegas e convulsionadas, convergindo, um unico rumo em que nos encontraremos, dentro e fora das fronteiras, acordar para a defesa do que é essencial ao futuro do Mundo e de Portugal.

AUGUSTO CASIMIRO

Dr. António Luís Gomes



António Luís Gomes, foi republicano indefectível e propagandista valoroso do ideal democrático. Representante de Portugal no Brasil é o unico sobrevivente do Governo provisório, proclamado em seguida á vitória de 5 de Outubro de 1910, em que ocupou a pasta do Fomento. Cidadão exemplar, é um símbolo de virtudes cívicas e um modelo de integridade pessoal

Em Paris vai ser apresentada

a famosa Exposição Gulbenkian de Pintura com quadros do mais alto valor que o público português ainda não viu

Durante a visita do ministro dos Negócios Estrangeiros a Paris, onde o embaixador Marcello Mathias conferenciará com de Gaulle e Debré, será colocada a primeira pedra do Pavilhão Português que a Fundação Calouste Gulbenkian vai construir na Cidade Universitária da capital francesa. A criação do Instituto Luso-Francês, que á mesma instituição se deve, será assinalada pela Exposição Gulbenkian de Pintura, constituída pelas obras de arte das colecções reunidas por esse homem de requintado gosto que foi Calouste Gulbenkian e vindas do Museu de Washington para Portugal.

Assim, vão as relações culturais luso-francesas, assentes numa sólida tradição, receber novo e importante impulso, do mesmo passo que á França é dado conhecer uma das mais valiosas colecções universais de arte, em que figuram obras de Rembrandt, Van Dick, Rubens, Manet, Monet, Corot, Degas e Renoir, e outras da mais alta qualidade, num conjunto verdadeiramente excepcional.

Foi o alcance notável da criação do Instituto Luso-Francês que decidiu a Fundação Calouste Gulbenkian a fazer em Paris a exposição dessa valiosíssima colecção, antes mesmo da sua apresentação em Lisboa, o que significa uma homenagem de reconhecimento ao Governo francês pelas facilidades que concedeu quando da transferência dos quadros para Portugal.

Não só, porém, aquela valiosa galeria de pintura será agora apresentada em Paris, pois as colecções de Calouste Gulbenkian reunem ainda admiráveis espécies de arte ornamental, particularmente bela do oriente islamico e do século XVIII francês (mobiliário e ourivesaria), esculturas egípcias, tapeçarias da Renascença, etc. Por ocasião do falecimento de Calouste Gulbenkian, todas estas preciosidades se encontravam dispersas, parte delas em França, parte em Inglaterra e nos Estados Unidos. No cumprimento das suas disposições testamentárias, todo este verdadeiro tesouro de arte veio depois para Portugal e ficará constituindo o fundo de um museu que a Fundação vai edificar em Lisboa, no Parque de Palhavã.

A colecção de pintura que será apresentada em Paris esteve exposta em Londres, na National Gallery, de 1937 a 1950, seguindo daí para Washington, onde ficou em exposição, na National Gallery of Art, até Maio deste ano, data em que veio para Lisboa.

Quanto ao Instituto Luso-Francês de Paris, que a Fundação Gulbenkian decidiu criar, ficará instalada no palácio da Avenida de Iena, perto da Étoile, onde aquele grande benemérito reuniu, grande parte das suas colecções.

Acentua-se que esta exposição, que o publico de Paris terá o privilégio de ver antes de nós, será, ainda este ano ou no princípio de 1961, apresentada em Lisboa, pois é intenção do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian promover, em Portugal, sucessivas exposições parciais desse vasto e precioso conjunto, de sorte que o publico português dele vá tomando conhecimento antes da sua apresentação definitiva e global no museu a edificar.

Quanto ao pavilhão para estudantes portugueses na Cidade Universitária de Paris, será na mesma ocasião feita á Universidade de Paris a doação da quantia necessária para constituir o fundo de reserva e o fundo de maneio inerentes á conservação do pavilhão, que a Fundação Gulbenkian vai construir e equipar, e á cobertura de algum eventual «déficit» na sua exploração. Mediante esta iniciativa preencher-se-á uma falta sentida por todos os estudantes portugueses que têm frequentado as escolas da Universidade de Paris, e ao mesmo tempo se estimulará essa frequência, favorecendo a valorização dos nossos futuros quadros intelectuais.

Foram as trovoadas

que provocaram a queda de pedras sobre a estrada *de Tabuaço* a Moimenta da Beira — diz a Hidroeléctrica Portuguesa

Tendo vários orgãos da Imprensa referido ao desprendimento de grandes pedras de granito que cairam na estrada de Tabuaço — Moimenta da Beira, no Monte do Fradinho, a HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA, S. A. R. L. concessionária do aproveitamento do Távora e com trabalhos de abertura da galeria de pressão nesta zona informa que:

O desprendimento das pedras verificado no Monte do Fradinho, não são consequência da furação da galeria de pressão que a HIDRO ELÉCTRICA PORTUGUESA está a executar mas sim, derivando da constituição natural do terreno.

Neste local o granito apresenta-se em camadas sobrepostas com inclinação da ordem de grandeza de 70 a 75 %, apresentando diaclases muito abertas.

No seu conjunto destacam-se muitas e variadas pedras soltas de grandes dimensões, que sob a acção das grandes trovoadas muito vulgares nesta região,—na véspera do desprendimento houve uma grande trovoada acompanhada de grandes chuvas e granizo—, facilmente se desprendem pela encosta como aliás, verificámos em toda a região do Douro, — grandes desprendimentos de rochas todos os invernos nas linhas de Caminho de Ferro da C. P., etc.—, em que as vertentes por muito inclinadas e com grande declive proporcionam e facilitam o rolamento dessas pedras pelas encostas.

As obras de abertura da galeria de pressão que neste momento estão em adiantado e franco desenvolvimento, tendo já galeria aberta numa extensão de 9,5 kms., num total de 15 kms. a abrir, não tem qualquer influência no desprendimento verificado pois, que a galeria desenvolve-se cerca de 300 metros para o interior da encosta, além de que a galeria já há muito ultrapassou este local encontrando-se a frente dos trabalho presentemente a 1 km. do local onde se verificou o desmoronamento.

Os trabalhos de escavação subterranea da galeria de pressão referida prosseguem de acordo com os planos de trabalho previsto, tendo-se no passado dia 28 de Setembro de 1960 feito o encontro de duas frentes de ataque — «GRACINHA JUZANTE» com «QUINTA MONTANTE» — perfazendo um total de cerca de 6 km. em galeria contínua.

Prevê-se ainda o encontro de duas outras frentes—«FRADINHO» com «QUINTA JUZANTE» — nos fins de Novembro de 1960, ficando-se nesta data com cerca de 8,5 kms. em galeria contínua.

Outros trabalhos se estão a praticar nesta região para o aproveitamento do Rio Távora tais como: Subestação, Central Subterrânea, Central, Galeria de Fuga e instalações para a execução da Barragem, os quais proseguem em ritmo conveniente de maneira a poder-se garantir a entrada em funcionamento da Central de Tabuaço em fins de 1962.

Nestes trabalhos que se desenvolvem em terrenos de iguais características nunca se verificaram acidentes de desmoronamentos pelo que poderemos concluir que não há fundamento para a causa dos desprendimentos de rochas ser atribuida aos trabalhos em execução.

Em plena Estação Marítima de Alcantara, indiferente aos que embarcavam, aos que desembarcavam e aos que se despediam, vagueava esta manhã, com ar melancólico, este bonito cãozinho — quem sabe se a «matar saudades»...

Uma comissão permanente

estudará a paramiloidose e promoverá o seu rastreio

O ministro da Saude dá posse, na quinta-feira, ás 16 horas, no seu gabinete á comissão do Centro de Estudo da Paramiloidose de Tipo Português—doença que foi descrita em Portugal pelo sr. dr. Corino de Andrade, neurologista do Hospital de Santo António, do Porto.

Compõem a referida comissão cujo objectivo é organizar o programa de investigação da doença e promover o respectivo rastreio — os srs. prof. Jorge da Silva Horta, que presidirá; dr. Corino de Andrade, prof. Renato Trincão, drs. Castro Soares, Lobo Antunes e Ribeiro do Rosário.

A paramiloidose é uma doença familiar, não contagiosa, cujos sintomas se manifestam no aparelho digestivo e no sistema nervoso, e o seu estudo, sob o aspecto científico está a interessar o Mundo inteiro. O interesse despertado é tal, que a Federação Mundial de Neurologia resolveu organizar uma Mesa Redonda de Paramiloidose, que se efectuará em Antuérpia, nos dias 30 e 31 do corrente. Nessa reunião estará presente a maioria dos componentes da comissão que será empossada na quinta-feira, os quais apresentarão, a título particular, um relatório do caso português, trabalho em que colaboraram também outros médicos portugueses, designadamente, o prof. Eduardo Coelho e a dr.ª Hellen Levy.

ANDA A MONTE uma cigana que a Polícia procura

A Polícia Judiciária remeteu a tribunal correccional um processo em que é arguida uma cigana de nome Helena dos Santos, de 40 anos, viuva, natural de Lisboa, freguesia da Ajuda, acusada de, com promessas de rezas e habilidades por artes mágicas, a título de dar sorte, ter conseguido apanhar, a uma incauta, vários objectos de ouro, roupas e dinheiro, tudo no montante de 5.800$00.

Embora já tenha sido solicitada, ás autoridades policiais, a captura da arguida, esta ainda continua a monte.

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?

GRANDE OURIVESARIA DA MODA

RUA DA PRATA, 257

Comemorações 5 de Outubro

ENCONTRAM-SE ENCERRADOS AMANHÃ OS ESTABELECIMENTOS

Papelarias Emílio Braga

Rua da Madalena, 42 — Av. de Roma, 10 - E

Rua Alexandre Herculano, 11 - C — LISBOA

Numa terrível

um doido que assaltou a casa de u e matou

CASTELO BRANCO, 4. (Pelo telefone). — Um drama, motivado por um furioso acesso de um louco, ocorreu na aldeia de Lousa, próxima desta cidade, e custou a vida a um homem, surpreendido na sua casa, no meio da família.

Eram 22 e 30, foi ali bater á por-

Um leitor

do «Diário de Lisboa» auxilia os pais dos três gémeos da Praia da Salema

A notícia que nos enviou o nosso correspondente de Vila do Bispo, do nascimento de três gémeos na Praia da Salema, no seio de uma família pobríssima que já tinha cinco filhos, provocou em dois corações generosos um impulso de solidariedade.

O sr. Rogério Furtado de Freitas, de Almada, enviou-nos cem escudos para os pais dos gémeos, e uma carta em que diz:

«Há longos anos que sou leitor assíduo do vosso conceituado jornal, e tenho apreciado quanto é digna e humana a vossa acção em favor da gente pobre, e grande o interesse por qualquer assunto que seja justo defender.

Li no «Diário de Lisboa» que, na Praia da Salema, uma mulher deu á luz três gémeos, e que os pais das crianças são extremamente pobres. Conheço bem o meio pobríssimo em que vivem os habitantes da Praia da Salema, e por isso posso avaliar quantas dificuldades terá esse pobre casal.

Estou certo de que a Casa do Algarve e os Algarvios residentes em Lisboa não deixarão de colaborar num auxílio.

Uma leitora do «Juvenil» — Geni — aluna do 3.º ano do Liceu D. Filipa de Lencastre, enviou-nos 20 escudos — «retirados das suas economias» — para os três gémeos da Praia da Salema.

Lott à frente das eleições brasileiras

(Continuação da 1.ª página)

pos — da lista Janio Quadros — e 6049 para Fernando Ferrari.

Em consequência dos métodos antiquados de contagem de votos adoptados no Brasil e da dificuldade de comunicações, sómente depois de vários dias serão conhecidos os resultados totais do acto eleitoral de ontem, em que participaram cerca de 12 milhões e meio de pessoas, ou seja 80 por cento dos eleitores recenseados.—(A.N.I.).

NENHUM INCIDENTE GRAVE EM TODO O BRASIL

RIO DE JANEIRO, 4 — As eleições, no Estado de Guanabara decorreram na mais perfeita ordem e tranquilidade — segundo informa a Direcção-Geral da Polícia.

Por sua vez, o Ministério da Justiça anuncia que as eleições presidenciais em todo o Brasil decorreram normalmente, não se tendo registado qualquer incidente grave.

O candidato da coligação governamental, marechal Teixeira Lott, votou no Rio de Janeiro, em Copacabana, e os outros dois candidatos, drs. Ademar de Barros e Janio Quadros, na cidade de S. Paulo, onde residem.

Por sua vez, dos candidatos á vice-presidência, Milton Campos, Fernando Ferrari e o dr. João Goulart, o primeiro votou no Estado de Minas Gerais e os dois ultimos no Estado do Rio Grande do Sul.

Dos quatro candidatos ao lugar de governador do Estado de Guanabara, o jornalista Carlos Lacerda e Tenório Cavalcanti votaram em Copacabana, Sérgio Magalhães em Ipanema e Mendes Morais no Flamengo. — (A. N. I.).

Crime de morte

em Salvaterra do Extremo

SALVATERRA DO EXTREMO, 4 — Envolveram-se em desordem António Dionísio Valente, casado, de 66 anos, e António Moreira Rijo, casado, de 46 anos, ambos criados de lavoura na casa do sr. tenente João Fernandes Pires Moreira e residentes na propriedade denominada «Couto», desta freguesia. Da desordem resultou a morte do primeiro, por ter sido agredido no frontal direito com uma pedra.

Conduzida a vítima, por outro criado de lavoura, ao consultório do médico dr. Manuel Dias Carreiro, este clínico verificou a gravidade do ferimento, e o ferido foi imediatamente conduzido em automóvel pelos srs. Pires Moreira e dr. Dias Carreiro ao Hospital de Castelo Branco, onde faleceu.

O agressor foi preso pela G. N. R.

PERFIS DE ALUMÍNIO, COLAS, VEDANTES, materiais plásticos para revestimento de pavimentos, paredes, tectos e mobiliário. Perfis plásticos, apoios para móveis, verniz universal SUNTEX, BETODUR, plásticos decorativos, FECHOS MAGNÉTICOS ARELEC, etc.

SILANTO, Limitada

R. DUQUE DE PALMELA, 27-D (Ao Marquês de Pombal)

alucinação
andava à solta
n lugador
-o à paulada

te Manuel Farrouba, um pobre doido. Este conhecido em toda a região. As criadas abriram, mas logo fecharam, vendo que se tratava do demente, o qual dizia querer falar com o dono da casa, sr. Manuel Tavares Proença Vaz Preto.

Pouco depois contudo ainda as serviçais arrumavam a cozinha, enquanto o patrão sentado na casa de jantar, conversava com a família, alguém forçava uma das poratas, das traseiras. Com espanto de todos surgiu o Farrouba, munido de um varapau, cabelos desgrenhados, o fato a escorrer água, pois chovia a bom chover.

Alucinado, possuído de furia cega e agresiva, o louco espancava violentamente á cacetada o dono da casa, que tombou num charco de sangue. O golpe do doido foi tão rápido e perturbador que aquela gente ficou tolhida de angustioso assombro. E, após esses momentos dessa dramática indecisão, ao mesmo tempo que o Farrouba se evadia, os familiares precipitaram-se para acudir ao sr. Vaz Preto que expirava.

Pessoa muito estimada e considerada em toda a região, o sr. Manuel Tavares Proença Vaz Preto, o mais abastado proprietário daquela localidade, contava 38 anos, casado com a sr.ª D. Maria Alda Dias Coutinho Vaz Preto e deixa dois filhos menores, uma menina de 8 anos e um bebé, de quatro meses apenas.

O Farromba tivera conhecimento de que o sr. Vaz Pinto pretendia interná-lo no Hospital Sobral Cid, de Coimbra, e isso lhe provocou o terrível acesso. Procurou falar, primeiro, com a esposa da vítima, que, então, amamentava o filhinho e o mandou voltar ao outro dia. Isso talvez exasperasse mais o doido que logo se lançou no terrível ataque ao dono da casa. Ali continua o corpo da vítima, aguardando-se a chegada de um médico-legista de Coimbra, que procederá á autópsia.

A cena triste causou profunda consternação, temendo-se que o louco possa cometer outro acto trágico, enquanto a G. N. R., lançada no seu encalce, não o encontrar. Esta manhã, houve uma grande batida pelos arredores de Lousa, na qual tomaram parte sete guardas daquela corporação e muito povo, com paus e outros instrumentos. Foi precorrida, entre as 8 horas e as 13, uma área naqueles subúrbios, num raio de 2 a 3 quilómetros mas sem resultado, supondo-se que o Farromba se tenha internado pelos campos da Gidanha ou do Fundão.

Electrocutado
sobre um tractor
nas obras da auto-estrada Lisboa - Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 4 *(Pelo telefone)*—Cerca das 8 e 30, nas obras do viaduto da auto-estrada em construção entre Lisboa e esta vila, quando trabalhava num tractor, foi atingido por uma descarga eléctrica o trabalhador José Mestre dos Mártires, de 28 anos, solteiro, natural de St.' António do Torrão — Alcácer do Sal — e acidentalmente residente no «Retiro da Pedra Furada», nesta vila.

Conduzido ao hospital local pelos companheiros de trabalho, o infeliz chegou ali já cadáver. Julga-se que o desditoso operário tenha tocado com o dumper num fio eléctrico, cuja descarga o electrocutou.

O estado em que ficou o automóvel

Um jovem médico
morreu no choque
do automóvel que conduzia
com um autocarro da Carris

Um jovem médico morreu, tragicamente, num acidente de viação, ocorrido esta manhã, na Avenida Columbano Bordalo Pinheiro.

Eram 7 horas, quando um automóvel particular, conduzido pelo seu proprietário, dr. Aires José Vasconcelos Belard Kopke, transitava na referida artéria, em direcção a S. Sebastião da Pedreira.

Como sempre, o movimento de veículos naquela artéria era intenso. Seguia em sentido contrário ao veículo da vítima, um autocarro da Companhia Carris de Ferro, conduzido pelo motorista, sr. Francisco Cardoso, casado, residente na Rua do Benformoso, n.º 23-2.º dt.º, no qual viajavam alguns passageiros e que havia saído dos Restauradores minutos antes, a fim de cumprir a viagem prevista no horário da carreira, cujo terminos é em Benfica.

Dr. Belard Kopke

Pelos elementos recolhidos pela nossa reportagem não é fácil encontrar uma explicação para o acidente, que poderá ter sido originado por doença subita do dr. Belard Kopke.

Deduz-se que tal tenha acontecido pela posição em que a P. S. P. encontrou os dois veículos. O autocarro seguia dentro da sua mão, encostado á direita. O veículo do infeliz médico encontrava-se na posição contrária a que deveria circular.

O embate, a avaliar pelo estado em que ficou o automóvel, com a parte dianteira absolutamente destruída, foi violentíssimo e teve consequências trágicas por se tratar de um pequeno veículo.

O sr. dr. Belard Kopke deve ter tido morte instantanea, motivada por diversas fracturas, desde as pernas ao tronco, dado que o volante, além de se encontrar todo torcido, partiu-se de encontro ao peito do condutor.

O cadáver do infeliz médico, que ainda chegou a passar pelo banco do Hospital de S. José, onde foi verificado o óbito, foi transportado para o Instituto de Medicina Legal, onde será autopsiado. O funeral, a cargo da Casa Magno, realiza-se amanhã, ás 11 horas, da igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde o corpo se encontra depositado a partir das 23 horas, para jazigo de família no cemitério de Benfica.

O sr. dr. Belard Kopke, que contava 34 anos, prestava serviço há algum tempo no Instituto de Oncologia.

Era filho do sr. eng.º Henrique Vasques Kopke Correia Pinto e da sr.ª D. Amélia de Vasconcelos Belard Kopke Correia Pinto e irmão do sr. eng.º António de Vasconcelos Kopke. Tratava-se de uma figura muito simpática entre os colegas daquele estabelecimento hospitalar onde a sua morte foi muito sentida.

O motorista Francisco Cardoso, compareceu na esquadra do Rego, onde prestou declarações, após o que saiu em liberdade. Os dois veículos encontram-se no seguro. O auto de ocorrência vai ser remetido á Polícia Judiciária, que procederá ás necessárias investigações.

BERLIM PERTENCE
à Alemanha Oriental
—declara Ulbricht

BERLIM, 4. — Walter Ulbricht, «leader» comunista da Alemanha Oriental, declarou hoje que toda a cidade de Berlim pertence legalmente á Alemanha Oriental.

Como chefe do recentemente formado Conselho do Estado, Ulbricht fez uma declaração ao Parlamento de Berlim-Leste, durante a qual afirmou que o estatuto das quatro potências caducou com a desaparição do Conselho Aliado de «Contrôle», do qual saiu o representante soviético. — (Reuter).

A chuva prejudica
a Feira de Vila Franca

VILA FRANCA DE XIRA, 4. (Pelo telefone). — A chuva torrencial que hoje tem caído prejudicou muito a Feira, afastando os forasteiros.

A's 10 e 30, não obstante o estado do tempo, procedeu-se á tradicional espera de toiros, apenas na presença de alguns aficionados da casa. Os animais andaram á vontade pelas ruas quase desertas.

A tourada de hoje foi adiada..

Os feirantes, como é fácil de calcular, estão muito desanimados.

O ministro da Economia
da Alemanha Federal
visita Portugal
no princípio de Novembro

BONNA, 4 — O ministro da Economia da Alemanha Ocidental, Ludwig Erhard, visitará, oficialmente, Portugal e Espanha de 2 a 12 de Novembro.

Um porta-voz do Ministério da Economia disse que o ministro foi convidado pelos governos dos dois países e que chegará á Espanha no dia 7 de Novembro.

Acrescentou que o ministro alemão está especialmente interessado em estudar os problemas económicos dos países da periferia europeia. Não haverá negociações oficiais durante a visita.

Em 1959, segundo cifras publicadas pela Alemanha Ocidental, a Republica Federal importou de Portugal mercadorias no valor de 144 milhões de marcos, e exportou para Portugal 342 milhões de marcos. As cifras referentes á Espanha foram de 480 e 387 milhões de marcos, respectivamente.

O ano passado, as exportações totais da Alemanha Ocidental cifraram-se em 1200 milhões de marcos, e as importações foram avaliadas em 35 8000 milhões de marcos, — (R.).

O feriado de amanhã

Por ser amanhã feriado nacional, estão fechados os nossos escritórios e oficinas, pelo que não se publica o «Diário de Lisboa»

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era fraco, a forte, de Sudoeste. O céu estava muito nublado a encoberto, por acção de uma massa de ar marítimo, transportada na circulação de uma depressão centrada a nordeste do Cabo Finisterra.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 9 HORAS (T. M. G.): Portalegre, 12°; Porto e Coimbra, 17°; Lisboa e Faro, 19°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS ÀS 10 HORAS NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 18°,2; na água do mar, 17°,5.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ ÀS 15 HORAS: máxima, 19°,4; mínima, 15°,6. No mesmo dia do ano passado: máxima, 23°,5; mínima, 16°,8.

PREVISÃO ATÉ ÀS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Céu encoberto, por vezes com boas abertas durante o fim da tarde. Vento moderado, a forte, do Sul, rondando para Noroeste, forte, por vezes com rajadas, durante a tarde. Períodos de chuva, passando a regime de aguaceiros. Possibilidade de trovoadas durante a noite e apreciável descida de temperatura.

Os actores de cinema
são amorosos amadores
ao lado de qualquer marinheiro

HOLLYWOOD, 4 — Patrícia King crê que tem particular autoridade para dar a sua opinião sobre os homens de Hollywood, porque esteve na carreira naval e, agora, na vida cinematográfica, pode comparar.

Diz ela que, apesar da reputação mundial de que gozam os homens desta cidade não passam de amadores comparados com os marinheiros da Armada dos Estados Unidos.

«A maioria dos homens que encontrei em Hollywood — comenta ela — dividem-se em dois grupos: os actores que atingiram o máximo na sua carreira e estão convencidos de que nunca falham, e os outros que querem subir e nada mais os interessa a não ser a sua carreira».

Na Armada é muito diferente — diz Patrícia King. «Desde o recruta que se ruboriza ao veterano quase na reserva, um marinheiro é sempre um marinheiro quando se chega a uma rapariga» — diz Patrícia.

Patrícia declara nunca ter encontrado muita dificuldade com os admiradores, possívelmente pela sua atraente personalidade.

Quando completou a sua formatura na Escola Secundária de Port Townsend em Washington, Patrícia tencionava seguir a carreira naval. Conseguiu um contrato de quatro anos, tendo passado a maioria do tempo na base aero-naval de São Diego.

«Talvez que a vida na base fosse mais interessante pelo facto de haver ali 25 a 30 homens para cada mulher, mas a atitude desses homens para com as raparigas era muito diferente da que existe aqui — disse.

Em São Diego, Patrícia ganhou todos os concursos de beleza promovidos pelas várias unidades navais. Ao fim de quatro anos, alguém a convenceu de que deveria seguir a carreira de actriz.

Desde que chegou á cidade do cinema, Patrícia King tem tido o seu quinhão na distribuição de papéis, a maioria em filmes da TV. — (A. N. I.).

EM VILA FERNANDO
vai efectuar-se uma corrida de touros à vara larga

VILA FERNANDO, 4.—No próximo domingo, 9, pelas 16 horas, efectua-se nesta vila uma corrida de dez touros á vara larga, sendo o produto das entradas a benefício da Cantina Escolar de Vila Fernando, cuja banda de musica animará o espectáculo.

AUTOMÓVEL CLUB DE PORTUGAL
PEREGRINAÇÃO A FÁTIMA EM 12 E 13 DE OUTUBRO

A Direcção comunica aos sócios que têm ao seu dispor naqueles dias um parque provisório de estacionamento, situado defronte da Basílica do Santuário, com serviços de assistência, destinado aos automóveis ligeiros averbados em seu nome.

Os distintivos de entrada para os automóveis serão entregues ou enviados aos sócios que os requisitem na Sede do Club, na Sede da Secção Regional do Norte e nas Delegações de Coimbra e Évora, dos dias 6 a 11 do corrente.

Por amável deferência da Polícia de Viação e Transito, é ainda facultado, aos que não possam requisitar o distintivo nos dias indicados, obterem no dia 12 os que porventura tenham sobejado, nos postos daquela Polícia situados nas Caldas da Rainha, Santarém, Torres Novas, Tomar, Pombal e Leiria, mediante a apresentação do cartão de identidade do Club.

UMA GRANDE CASA AO SERVIÇO DA BELEZA FEMININA

BRITO e BRITO

(Coiffeur française)

Av. da Liberdade, 236 — Tel. 52944

N. B. — Os preços desta casa são acessíveis a todas as senhoras

SIMIL — NA VANGUARDA DA TÉCNICA MODERNA

SIMIL — UM NOME... UMA GARANTIA... UMA AFIRMAÇÃO

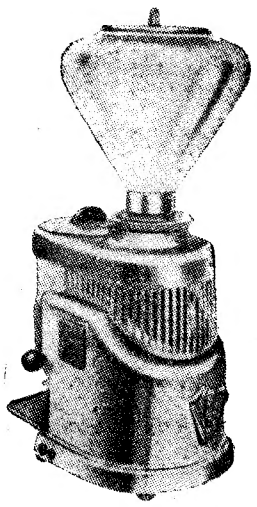
SIMIL — UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA

SIMIL

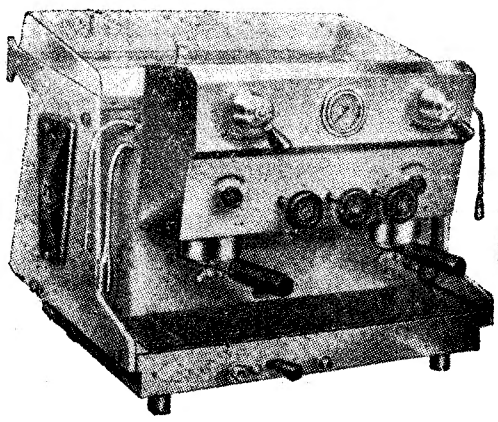
P. DO PRINCIPE REAL, 34 • LISBOA • TELEF. 367641

Soc. Importadora de Máquinas Industriais, Lda.

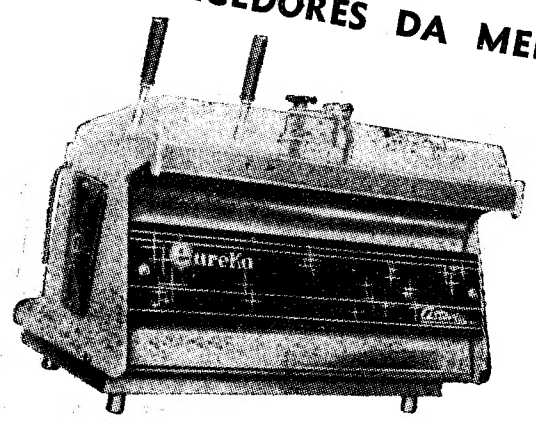
AS MÁQUINAS PREFERIDAS PELOS CONHECEDORES DA MELHOR TÉCNICA



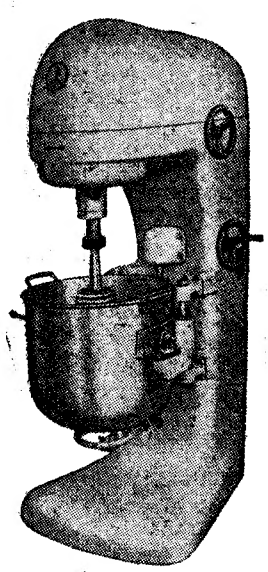
Moinho de café «Astória», contador/doseador, iluminado



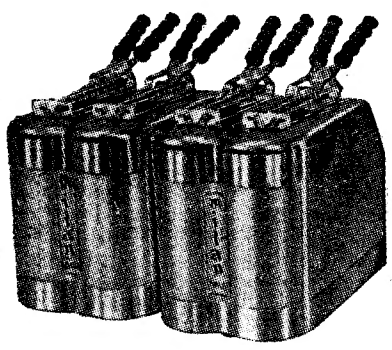
Automática «Eureka» a vapor, exclusivo SIMIL. Pode ser montada em qualquer parte do País



Máquina manual com Reserva. Outra grande produção da Eureka

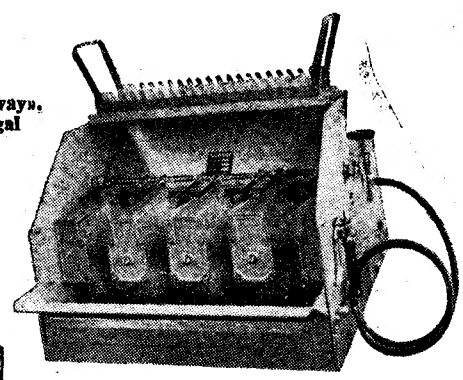


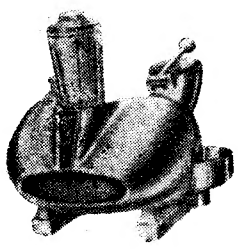
Batedeira «Sottoriva». Modelos para todas as capacidades



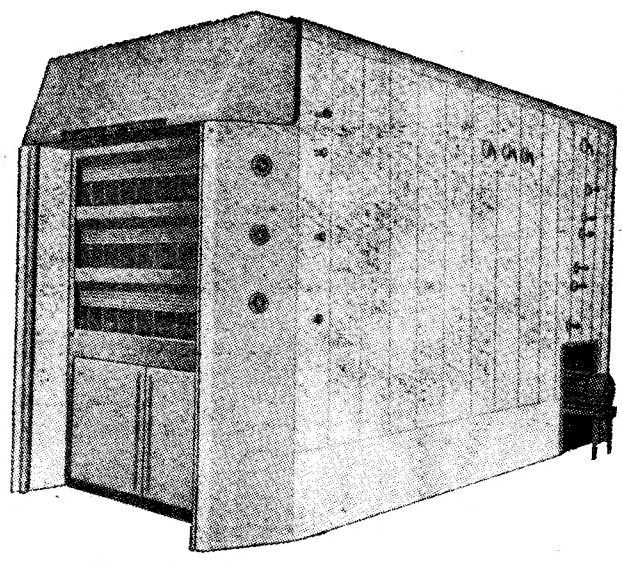
«Milantoast», a torradeira de toda a Itália

Máq. de lavar pratos «Hallway», Sistema inédito em Portugal





Grupo multiplo «Astória». O braço direito do Barman



Fornos «Polin» para padaria e pastelaria. Uma classe inigualável

«Carpigiani». A melhor máquina de gelados do Mundo!

SIMIL — NA DEFESA DOS SEUS INTERESSES

ENTRETELA ADERENTE

Gomaflex

PARA TODAS AS CONFECÇÕES

Aplicável por meio de um simples ferro de engomar

A União Zoófila
celebrou o dia de S. Francisco de Assis
patrono dos animais

A União Zoófila, comemorou hoje, dia de S. Francisco de Assis, patrono dos animais, a sua festa anual, para o que a direcção daquela asociação elaborou um vasto programa, que começou a cumprir-se ás 8 horas, com o hastear da bandeira na sede, estará até á noite. Pelas 9 horas procedeu-se á distribuição de uma refeição a animais de trabalho e milho aos pombos da cidade. A estes actos assistiram os srs. Julio Roseira e sr.ª D. Irene Seixas, presidentes da direcção e do conselho fiscal, respectivamente, Albuquerque Amaral e Luís Lopes, membros da direcção e Artur Loureiro Sardinha, chefe da fiscalização da União Zoófila.

Para as 11 horas estava marcado o acto da entrega de medalhas e de um prémio pecuniário a condutores que se distinguiram pela maneira como tratam os seus animais. A cerimónia, que se realizaria no Cais do Sodré, junto á Estação Fluvial, não se efectuou devido ao mau estado do tempo. Deveriam receber os merecidos prémios, constituidos por medalha de prata e 200$00, os carroceiros Mário Galvão da Camara, Joaquim dos Santos e Alberto Carlos dos Santos.

A' noite, na Casa das Beiras e sob a presidência do sr. dr. Beleza de Andrade, efectua-se uma sessão solene para entrega de medalhas e diplomas a cerca de quarenta pessoas, entre as quais bombeiros, chefes e guardas da Polícia de Segurança Publica e da G. N. R., etc. A sessão é reservada a sócios e ás suas famílias e durante ela será entregue ao «Diário de Lisboa» o diploma de sócio honorário da União Zoófila, com que a direcção distinguiu o nosso jornal.

Visitas
aos navios da esquadra americana

Continua fundeada no Tejo a formação naval dos Estados Unidos da América, com o seu navio-chefe, o porta-aviões «Essex». As oito unidades foram hoje visitadas por grande numero de pessoas, que havia solicitado convites, na Embaixada daquele país e no Secretariado Nacional da Informação. As visitas prosseguirão nos dias seguintes.

Em honra do almirante F. L. Ashworth, realizou-se hoje, no hotel Aviz, um almoço no qual participaram, além dos oficiais superiores da formação naval e outros convidados, os srs. comandantes Richard Arey, adido naval, e o seu adjunto, Ricardo Perez.

O realismo interessado
de Carlo Cassola

O romancista italiano Carlo Cassola, embora filho de toscanos, nasceu em Roma. É professor no liceu de Grosseto e apareceu nas letras italianas, como contista, no período da ultima guerra. Escreveu «Il taglio del bosco», «Il Soldato», «Fausto e Anna» e mais recentemente «La ragazza di Bube», com os já fatigantes problemas da libertação, da luta contra o fascismo, com a esquerda a erguer-se e a pretender dominar os meios intelectuais, não só da Itália, como do Mundo... «La ragazza di Bube», é Prémio Strega 1960, mas esse facto não abona, hoje, um escritor dentro daquele conceito expresso por esse notabilíssimo crítico A. G. Solari, que a propósito escreveu: «Os amigos sabem mentir com graça. Cassola, naquela ocasião, havia enternecido muitos corações. Tivera a desgraça na família: a perda da primeira mulher e depois da perda de um filho. As desgraças contam nos prémios literários». Claro: isto é duro, cruel, mas não deixa de ser verdadeiro, em muitos casos, não só em relação á desventura sofrida pelo premiado como em vista a este outro aspecto «ser pessoa inflente em qualquer parte, ser pessoa util». Util na literatura, na banca de um jornal; util na política; util na arte; util no dinheiro... e util nos compadrios... Claro que Cassala é um bom escritor, segundo o parecer de Giuseppe Bartalucci, no «Avanti» ou de Michele Rago, na «Unitá», embora outros críticos não tenham sido tão expansivos nos louvores como aqueles dois referidos.

Neo-realista, já ultrapassado, Carlo Cassola mudou muito desde os tempos do seu pequeno jornal «Il pellicano», sendo a sua tendência mais superficial nas análises do que profunda nos próprios temas e no modo como os trata. Nós queremos mais. Os contornos admiravelmente bem escritos são insuficientes para as almas sôfregas de profundidades... O tema do Homem é eterno se for superiorizado nas intenções do humano. Falta a Cassola aquilo que é expressão viva da «coisa nova». No dizer de um crítico: «Parece que Cassola escreve mecanicamente, vítima de um engenho mecanico. Mecanicamente e com «cura», como certos estudantes diligentes, pontuais, que têm o terror de manchar o caderno». Isto que acontece a Carlo Cassola, acontece muito nos escritores dos nossos dias. Tudo muito bem arrumadinho, propósito bem definido, intenção clarificada, na «sábia» arquitectura de uma história, já conhecida, mas intencional... No fundo, como nos diz Solari, falta-lhes a esses escritores (e não só a Cassola), mostrar-nos como vivem, como sofrem e como gozam as personagens «criadas»... No fundo, chegaremos á pergunta inevitável, feita também por Solari: e onde está a sinceridade? O problema está aqui: na maioria dos casos, esses escritores escrevem sem aquela sinceridade involuntária que faz a autêntica obra de arte. É evidente, que não poderemos deixar de referir o mérito do diálogo de Carlo Cassola, o desenho incisivo das suas figuras e, de certo modo, o esquema dos seus romances, a despeito do tom realista, interessado, com que o autor os trata. Obra literária, efémera, que se perde no decorrer dos tempos, o que leva Solari, por exemplo, a perguntar: «E que coisa importa? A que coisa quis chegar? E, sobretudo, que coisas disse que eu não soubesse, que emoções me deu?»

No fundo, a verdade está aqui: obras frias, esquematizadas, interessadas, intencionais, muito bem escritas, mas sem aquela dose de potencialidade dramática das grandes criações. Todavia, obra publicável, dentro daquele espírito sectário que busca sobrepor-se aos reais valores da literatura do nosso tempo.

Literatura autêntica e escrita com sangue. O sangue que temos nas veias e na alma, aquele sangue a que se referia Malaparte, no seu leito de morte, sangue que é mais do que sangue, que é uma «coisa» indefinível e misteriosa. Mas para escrever com sangue, em literatura autêntica, é preciso esquecer o temporal, o efémero, o interessado, o voluntário. Não é este o caso de Carlo Cassola, nem mesmo neste seu ultimo livro «La ragazza di Bube», admiravelmente escrito, mas sem vida interior dos personagens, sem um sentido alto da vida e do Homem. Creio que poderá ter chegado o tempo em que nos importa, a nós, escritores, considerar mais o problema do Homem do que os problemas dos homens — que são a grande preocupação dos maneirinhos de espírito, dos que se preocupam na louvaminha e na exaltação dos actos exteriores dos homens, os tais «homens cultivados», os tais «fariseus»...

MARQUES GASTÃO

Linha de CASCAIS

António Valência
expõe os seus trabalhos na Junta de Turismo da Costa do Sol

Na sede da Junta de Turismo da Costa do Sol é inaugurada hoje, ás 22 horas, com a assistência dos srs. embaixadores de Espanha e da França, ministro da Colômbia e outras individualidades, uma exposição do pintor colombiano, António Valencia um dos maiores artistas da moderna geração sul-americana, detentor de muitos prémios como o Bienal de Barcelona.

Há a maior curiosidade e entusiasmo, entre o meio artístico, por esta exposição que a partir de amanhã será franqueada ao publico.

(HOJE)

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «O garoto do circo» e «Bons dias, amor» (12 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «Totó entre doidos» (17 anos). Cine-Esplanada — A's 21 e 30: «O homem do impermeável» (17 anos)

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Aqui só cabem os bravos» (12 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Combatentes — Av Combatentes da Grande Guerra, 166; Tel. 013953.

CAXIAS — Nova — Praceta; Tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186; Tel. 042034.

OEIRAS — Central — Rua Conde de Ferreira; Tel. 043058.

PAREDE — Grincho — Av. da Republica, 87; Tel. 047204.

ESTORIL — Costa — Avenida Saboia — Vila Dias — Monte; Tel. 060085.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento, 19, n.' 41; Tel. 080141.

(AMANHÃ)

Cinemas

ALGÉS — Stadium — A's 21: «O garoto do circo» e «Bons dias, amor» (12 anos).

ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «Com jeito vai, sargento» (17 anos). Cine-Esplanada — A's 21 e 30: «O império do gado» e «Parada de estrelas» (12 anos).

CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «Começou com um beijo» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALGÉS — Branco — Av. Combatentes da Grande Guerra, J. L.; Tel. 012081.

CAXIAS — Nova — Praceta; Tel. 042839.

PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás — Rua Costa Pinto, 186; Tel. 042034.

OEIRAS — Central — Rua Conde de Ferreira; Tel. 043058.

PAREDE — Artur Brandão — Av. da Republica, 77; Tel. 047054.

ESTORIL — Suíça — Lugar do Cruzeiro — Monte; Tel. 060087.

CASCAIS — Misericórdia — R. Regimento 19, n.' 41; Tel. 080141.

O paquete «Augustos»
trouxe 91 passageiros para Lisboa

Esteve hoje no nosso porto o paquete italiano «Augustus», de 27.310 toneladas. Procedente de Nova York, trouxe 91 passageiros para Lisboa.

O «Augustus», cuja empresa armadora é representada entre nós pela firma E. Pinto Basto & C.ª, Lda., atracou á muralha da Estação Marítima de Alcantara, cerca das 8 horas, e largou ás 12 e 30, com destino a Casablanca, Gibraltar, Palma de Maiorca, Génova e Nápoles.

Em Lisboa, embarcaram 178 passageiros, entre os quais, o dr. Claus Winterstein, embaixador da Austria no nosso País; o dr. Roberto Machado Morales, família; embaixador da Venezuela em Portugal, agora transferido para a Turquia, e o comandante Mário Galassi, do «Military Assistance Advisory Group» em Portugal; o dr. Afonso Albuquerque, do contencioso do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, acompanhado de sua esposa; o eng.º Filipe Mendes Frazão, director-geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, acompanhado de sua esposa; o sr. Jean Paul Delaire, do Bureau International du Travail, em Génova; uma excursão de 51 alemães da «Verein der Finanzsbeamten», organizada pelo «Vereinigte Italienische Schiffahrts»; de Munich; e um grupo de 32 excursionistas portugueses, organizado pela Agência Turística Europeia, de Lisboa.

Em Lisboa desembarcaram a sr.ª France Panneton, esposa do embaixador do Canadá em Portugal; os srs. Duncan MacKay, Fred E. Hubbard e Frank W. Ehman, respectivamente, primeiro-secretário, conselheiro político e adido de Agricultura á embaixada americana em Lisboa; a sr.ª Patrícia Boniface e filha, esposa do director de vendas da General Motors Portuguesa; a sra.ª D. Anita Alameda e três filhos, esposa do director da Goodyear Portuguesa; e um grupo de peregrinos americanos, chefiados pelo sr. John Haffert, do «Exército Azul», que vistam Fátima.

UM PAVIMENTO
da idade do bronze

GELA (Sicilia), 4 — Em escavações na zona de uma «aldeia pré-histórica» perto de Gela, encontrou-se o pavimento de uma cabana da primeira era do bronze. Um primeiro exame levou á descoberta de cinco pavimentos sobrepostos. Também se encontraram muitos vasos, laminas de silex e diversos outros objectos. — (F. P.).

PROFISSIONAIS
da indústria hoteleira francesa
em Évora

ÉVORA, 4 *(Pelo telefone)*—Chegaram hoje a esta cidade, vindos de Paris, trinta e cinco profissionais da industria hoteleira francesa que vão efectuar uma viagem de estudo no nosso País.

REUNIÃO
do Conselho Regional do Grémio da Lavoura

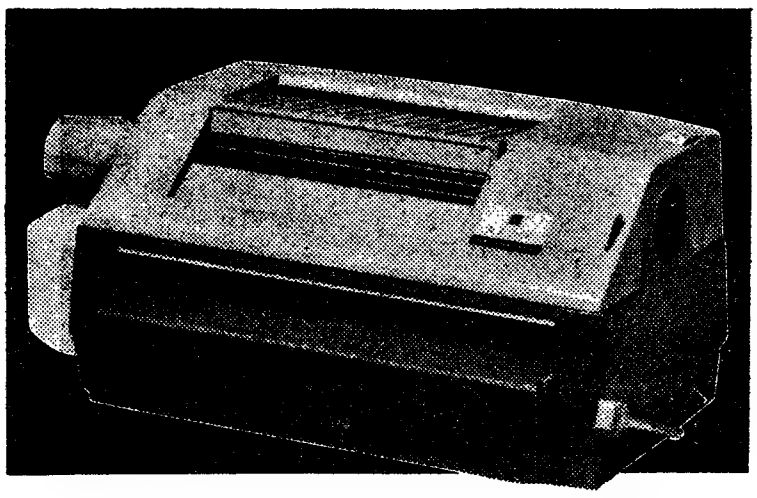
EVORA, 4. (Pelo telefone). — No Grémio da Lavoura de Evora e Viana do Alentejo, esta tarde, principiou uma reunião do Conselho Regional do Grémio da Lavoura para tratar de assuntos relativos a propostas para fraccionar o pagamento de empréstimos feitos á lavoura e aos preços de adubos.

Dirigiu os trabalhos o eng. José Curado, presidente do Conselho Regional do Grémio.

A EXPOSIÇÃO HENRIQUINA
está encerrada hoje e amanhã

A Exposição Henriquina, em Belém, está encerrada hoje, e amanhã, a fim de se proceder a reparações de estragos causados pelo temporal.

A PROVA PELA CÓPIA!



A. B. DICK fotocopia tudo:

TUDO o que é impresso, dactilografado, manuscrito, desenhado, fotografado, tirado em duplicador, folhas separadas ou páginas de livros...

TODAS as cores de tinta, de lápis, de canetas, de esferográficas de todas as espécies, de fitas de máquinas...

E as suas cópias são dum negro intenso permanente sobre um fundo absolutamente branco: não mais cópias castanhas, amarelas, pálidas ilegíveis.

A. B. DICK = Cópias totais e duráveis!

Peça uma demonstração sem qualquer compromisso no seu próprio escritório aos distribuidores exclusivos:

Sociedade de Representações M. Simões Jr. Lda.

Rua da Prata, 68 // Telef. 31545 (4 linhas) // LISBOA
R. Sto. António, 208 // Telef. 25582 (3 linhas) // PORTO

SOCEL

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CELULOSES

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital 120.000.000$00

Sede em Lisboa, na Rua Castilho, 57 — 3.° Esq.°

ENTREGA DE CAUTELAS

A partir do dia 3 do próximo mês de Outubro, estarão à disposição dos accionistas, mediante a apresentação do respectivo recibo, as cautelas das acções, relativas ao último aumento de capital desta Sociedade, que foram oferecidas ao público.

Esta entrega será efectuada nos seguintes estabelecimentos de crédito, suas filiais e agências:

— **Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**
— **Banco Pinto & Sotto Mayor**

Lisboa, 29 de Setembro de 1960

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

VALBELO

o litro do meu vinho preferido

Fábricas da Sociedade Corretora, Lda.

NO ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES

UM NOVO E EXCELENTE PRODUTO «**CORRETORA**»:

ATUM AO NATURAL, PREPARADO COMO O SALMÃO. PODE SER UTILIZADO COMO O SALMÃO

Latas do tipo 500 GRAMAS ..... Esc. 12$50

À VENDA NAS BOAS MERCEARIAS

SOCIEDADE CORRETORA, L.DA

AGÊNCIA DE LISBOA:
RUA DA CONCEIÇÃO, 125-2.°, Dt.° — Telef. 32312

Sociedade Anónima Concessionária da Refinação de Petróleos em Portugal

"SACOR"

S. A. R. L.

Sede em Lisboa, na Rua do Alecrim, 57

Sorteio de Obrigações de 5% 1955/1974

Previnem-se os portadores da emissão de Obrigações acima referida que no próximo dia 10, pelas 15 horas, se procederá, na sede desta Sociedade, em sessão pública, ao sorteio dos títulos a amortizar em 15 do corrente, conforme o respectivo plano de amortização.

Lisboa, 3 de Outubro de 1960.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANDARES

A «IRIS» vende-os nas Av.as: C. Valbom (13 div.), D. d'Ávila (9 div.), E. U. da América (13, 7 e 5 div.); e nas Ruas de: Victor Hugo (13 div.) e M.e Andrade (8 div.). Preços vários, entre 910 e 309 contos. Tel 30703 e 20430.

Já viu os novos
LENÇOS ESTAMPADOS
de Senhora?

Princesa

ADQUIRA-OS NAS BOAS CASAS DA ESPECIALIDADE

*

UM PRODUTO DA
EMPRESA FABRIL DO NORTE
SENHORA DA HORA

"King George IV"
OLD SCOTCH WHISKY

DISTRIBUIDOR EXCLUSIVO:
António A. Teixeira, Lda.
R. Damasceno Monteiro, 114-A
TELEFONES 842299
841953

Feiras internacionais

A C. P. e os Caminhos de Ferro estrangeiros concedem reduções em todas as classes aos visitantes das feiras internacionais a seguir indicadas:

AUSTRIA

Graz (de 1 a 9 de Outubro de 1960).

SUIÇA

St. Gallen (de 13 a 23 de Outubro de 1960).

Pedir esclarecimentos:

— na Secção de Informações na estação de Lisboa (Rossio);

— nas estações de Caminhos de Ferro habilitadas a vender bilhetes de serviço internacional.

Em Arraiolos, o «Diário de Lisboa» vende-se na agência do sr. Henrique Sylles Rosado.

DR. JOÃO BOTTO DE CARVALHO

Missa do 7.° dia

Maria Adelaide Rocha Botto de Carvalho, Jerónimo Braga de Carvalho, participam que amanhã pelas 11 e 30 horas, na Igreja de Arroios, será celebrada missa, pelo eterno descanso do seu muito querido marido, filho e parente.

AGÊNCIA BARATA

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL
NA
A FINANCIADORA
COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO
S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade, 3-2.° — LISBOA * Sucursais no **Porto** e **Coimbra**

POLICLÍNICA DA RUA DO OURO

ENTRADA RUA DO CARMO, 98-2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — Às 18 horas.
Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, ossos e articulações — Às 18 horas.
Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — Às 16 horas.
Dr. António Ferrão — Doenças nos olhos — Às 14 horas.
Dr. Romão Loti — Doenças nervosas, electroterapia — Às 14 horas.
Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estomago, fígado, intestinos e doenças ano-rectais — Às 18 horas
Dr. Mário Jacques — Fisioterapia — Às 16 horas.
Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — Às 15 horas.
Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — Às 18 horas.
Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — Às 10 horas.
Dr. Luís Malheiro — Pele e sífilis — Às 3.as, 5.as e sábados, das 14 ás 16 e 30 h.

FÁTIMA

PEREGRINAÇÃO

EM 12 E 13 DE OUTUBRO EM MODERNOS AUTOCARROS

Informações e Inscrições: Empresa EDUARDO JORGE, Venda Nova - Amadora — AGENCIA EM LISBOA: R. Jardim do Regedor, 35 — Tels. 30971 e 30972.

DESPORTOS

BASQUETEBOL

As directrizes de Roma devem ser postas em prática o mais rapidamente possível

O basquetebol vai entrar em acção depois de uma pequena pausa motivada por um simples recurso do Algés e Dafundo.

A nova época e todo o trabalho em prol do progresso da modalidade (que tem ainda um índice muito baixo) depende da afinação dos vários sectores. As novas directrizes surgidas nos congressos realizados em Roma, a quando dos Jogos Olímpicos, devem, portanto, ser postas em prática o mais rapidamente possível. Estamos cientes de que a Federação e o seu Conselho Técnico darão aos interessados as informações recebidas do organismo internacional (F. I. B. A.) para que o futuro do basquetebol português não seja prejudicado com delongas desnecessárias

As ideias-bases, analisadas e postas já em prática na época passada (ideias discutidas por uma comissão de estudos composta por elementos interessados em vários escalões do basquetebol e com fins definidos), fazem parte de um plano para divulgação da modalidade.

Vamos, assim, entrar a sério na questão e as primeiras decisões, nos vários sectores, revelam, com efeito, que algo de util vai surgir. Daqui a dois anos, uma equipa portuguesa terá de ir ao Brasil, integrada na caravana dos Jogos Luso-Brasileiros. Os dirigentes responsáveis pela equipa portuguesa não perderam tempo e, como se sabe, aproveitou-se a vinda a Portugal do técnico-auxiliar da equipa nacional brasileira, prof. Brito Cunha, para ter com ele várias conversações, a fim de se arranjar uma plataforma e ao abrigo do convénio luso-brasileiro, aquele técnico dirigir o agrupamento nacional na parte puramente técnica. O seu estágio de dois anos nos Estados Unidos, nos melhores centros de divulgação e ensino do basquetebol, deram-lhe no Brasil uma reputação tremenda, ao ponto de ser ele um dos grandes obreiros dos progressos evidentes dos Brasileiros na modalidade.

Espera-se, também, se as conversações com as entidades oficiais chegarem a bom termo, promover o contacto de várias equipas de clubes com agrupamentos estrangeiros, nomeadamente espanhois franceses e suíços. Por outro lado, sabe-se que os Brasileiros pensam trazer á Europa uma ou duas equipas de clubes e, assim, os Portugueses podem contactar com os campeões de além-atlantico. Finalmente, os esforços de alguns dirigentes do sector do apito parecem ter tido êxito com a vinda de árbitros estrangeiros ao nosso País para proferirem palestras. Eis, assim, um pequeno panorama para começo da nova época. — JOSE' BATALHA.

Várias provas de amanhã

CICLISMO — Festival na pista de Tavira, ás 15 horas.

FESTAS DE HOMENAGEM — Ao atleta do Sporting, Manuel da Silva, no Estádio Alvalade, a partir das 15 horas, com provas de velomotores, automobilismo, atletismo e futebol entre o Sporting e o Belenenses.

— Ao jogador de futebol do Boavista, Guilherme, no Porto, com os desafios Boavista,Leixões e Porto-Salgueiros, ás 14 e ás 16 horas.

FUTEBOL — Encontro particular entre o Avintes e o Sporting de Espinho, ás 15 horas.

GOLFE — Inauguração da época de 1960-61, no campo do Clube de Golfe do Estoril, disputando-se o «Torneio de Abertura», em singulares-homens, por pancadas, com e sem abono.

HIPISMO — No hipódromo da Gandarinha, com início ás 14,30 h., continuação do 6.º Campeonato de Portugal do Cavaleiro de Obstáculos e do 3.º Campeonato Nacional de Juniores. Prova «Sociedade Estoril-Sol, para juniores, e prova «Junta de Turismo da Costa do Sol» para seniores — ambas desdobradas em duas séries, sendo as primeiras para os não concorrentes aos campeonatos.

HOQUEI EM PATINS — Continuação do campeonato europeu de juniores, no Pavilhão dos Desportos, á noite, com os encontros Alemanha-Holanda, Espanha-França e Portugal-Bélgica.

— Continuação do campeonato nacional da 2.ª Divisão (Zona Norte): O. Azemeis-Académico F. C., Vianense-A. Basquet-Clube e Carvalhos-Física Norte.

NATAÇÃO — Travessia do Tejo, entre Trafaria e Pedrouços, ás 15 horas.

PESCA DESPORTIVA — Continuação do 1.º Concurso Peninsular de Pesca Desportiva de Mar, entre representantes da F. N. A. T. e da «Educacion y Descanso», ás 7 horas em Peniche.

TÉNIS — Continuação do torneio organizado pelo G. D. da C. U. F., nos «courts» do Barreiro.

VELA — Provas organizadas pelo Clube Naval de Cascais: 5.ª e ultima regata do 20.º campeonato nacional de «stars», ás 11,30 h.; 4.ª e 5.ª regatas do 11.º campeonato nacional de dragões, ás 11,30 e 15,30 horas.

ANGOLA terá este ano os seus Jogos Florais por ocasião das Festas da Cidade

A Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola, de colaboração com a Camara Municipal de Luanda promove os Jogos Florais de Angola de 1960, nas modalidades de poesia, conto ou novela, teatro, esboço histórico e reportagem.

As normas que regerão estes Jogos Florais, integrados nas Festas da Cidade de Luanda, são as seguintes: Poderão concorrer, com trabalhos da sua autoria, ainda não editados ou publicados, todos os indivíduos de lingua portuguesa; aos autores é reservada, dentro das normas do concurso, plena liberdade de escolha dos assuntos a tratar, excepto na modalidade de esboço histórico, em que os trabalhos têm que se subordinar a temas relacionados com Paulo Dias de Novais; na modalidade de teatro inclui-se o Teatro Radiofónico e na de poesia exclui-se a quadra popular; os trabalhos deverão ser apresentados em cinco exemplares dactilografados ou impressos e assinados por pseudónimo; o prazo para a entrega dos trabalhos situa-se entre 1 e 30 de Outubro e deverão ser enviados pelo correio, sob registo, endereçados ao presidente da direcção da Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra em Angola, Caixa Postal n.º 1722-BG, Luanda, acompanhados da identificação do seu autor em sobscrito lacrado, tendo este por fora apenas a indicação do pseudónimo e a modalidade a que concorre.

Os prémios a atribuir são os seguintes: 1.º, 2.º e 3.º modalidades: 1.º prémio, 5.000$00 e 2.º prémio, 2.000$00; 4.º e 5.º modalidades: 1.º prémio, 3.000$00 e 2.º prémio, 1.500$00.

O PORTO pelo telefone

Mau tempo

PORTO, 4 — Durante toda a manhã choveu torrencialmente, ao mesmo tempo que se faziam sentir fortes rajadas de vento. Assim, verificaram-se algumas inundações em vários prédios, embora sem consequências de maior.

Os Bombeiros voluntários de Leça do Balio e Gondomar, foram requisitados para proceder ao escoamento das águas em diversas casas de habitação.

Roubos em prédios a construir

O sr. Serafim de Sousa, residente na rua do Zambeze, 74, queixou-se á Polícia de que, de um prédio em construção na Estrada da Circunvalação, lhe roubaram 175 quilos de tinta, no valor de 8555 escudos. Também o sr. Alexis Pereira dos Santos, morador na Travessa de S. Sebastão, 80, se queixou que, de uma obra na rua da Alegria, lhe furtaram 30 quilos de chumbo e várias torneiras de metal.

O musico e a farda

O maestro da Banda de Musica dos Bombeiros Voluntários Portuenses, sr. António da Silva Neves, residente na Rua Direita de Eiró, 1383, queixou-se á Polícia contra um indivíduo, cujo nome indicou, acusando-o de, há cerca de um mês, ter abandonado aquela Banda, não entregando a respectiva farda.

À procura da filha

O sr. Serafim da Silva Braga, morador na rua Capitão Pombeiro, 341, casa 8, esteve numa esquadra da P. S. P. a comunicar que sua filha, Lídia da Conceição Fernanda Braga, de 17 anos, abandonou a casa paterna no passado dia 2, ausentando-se para parte incerta, pelo que pede a sua detenção.

Dramas familiares

A' P. S. P. queixou-se o sr. Manuel da Silva contra sua esposa D. Madalena Rosa Ferreira da Silva, e sua sogra, D. Rosa Amélia Ferreira, com ele residentes, acusando-as de terem abandonado o lar, levando diversos móveis, peças de vestuário e alguns milhares de escudos.

Colhido por um comboio

Na estação de Campanhã foi colhido por um comboio quando atravessava a linha, o ferroviário Alfredo Monteiro Fernandes, de 57 anos, casado, na Travessa da Presa Velha, 28, casa 1. Sofreu vários ferimentos pelo corpo e recolheu ao Hospital de Santo António.

Falecimento

Na sua residência, Rua Armando Cardoso, 87, faleceu o sr. Boaventura de Oliveira, de 71 anos, aposentado da P. V. T. O extinto era sogro do dr. Alexandre Babo, advogado nesta cidade. O funeral efectua-se amanhã, ás 11 horas, no cemitério de Paranhos, estando a cargo da Sasa Alberto Xavier.

Ponto de SINTRA

CORTES EM MUROS que prejudicam a visibilidade

Várias vezes o «Diário de Lisboa» se tem referido á necessidade de diminuir a altura dos muros ou de os substituir por grades — na estrada Sintra-Praia das Maçãs, os quais, em curvas, ou em cruzamentos, tapam a visibilidade aos condutores de veículos, constituindo um perigo para a circulação rodoviária.

Um daqueles de que falámos — o da Ponte Redonda, onde, ao contrário do que o nome indica, a estrada forma dois angulos rectos — está, felizmente, a sofrer o corte por nós preconizado.

Outro cujo corte também se impõe — bem como o das árvores que, estão á beira da estrada — é o da curva a seguir ao chafariz de Galamares.

Novos melhoramentos na Praia Grande

Na Praia Grande, junto á «Galé» que tirou o nome das belas e grandiosas rochas que a limitam, estão a ser construídas as fundações do segundo balneário previsto pela Capitania do Porto de Cascais, que ali tem jurisdição.

Vão muito adiantados os trabalhos de acabamento exterior do Hotel das Arribas, de utilidade turística.

Na próxima semana, devem começar as obras para alargamento e consolidação da estrada de acesso ao hotel, executadas pela Camara Municipal de Sintra, com a comparticipação do respectivo proprietário, sr. Alfredo Nunes Coelho.

LINHA DE SINTRA

(HOJE)

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos—Ás 21 e 15: «Cantinflas no circo» (12 anos).

ERICEIRA—Cine-Casino—Ás 21 e 15: «O ultimo dos homens» e «O ultimo apache» (12 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA—Central—Av. Cardoso Lopes, 25. Tel. 930210. Clabel—R. António Sardinha, lote 5, loja D. Tel. 931551.

QUELUZ—Correia—Rua Mateus Vicente Oliveira, 3. Tel. 950905.

SINTRA—Marrazes—Largo Rainha D. Amélia, 25 Tel. 980155.

S. PEDRO DE SINTRA—Valentim—Tel. 980456.

(AMANHÃ)

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos—Ás 21 e 15: «Cantinflas no circo» (12 anos).

QUELUZ—Queluz-Cine—Ás 21 e 15: «O nosso agente em Havana» e «Docas de Nova York» (17 anos).

Farmácias de serviço

AMADORA—Cavaca—Rua Elias Garcia, 209. Tel. 930019.

SINTRA—Marrazes—Largo Rainha D. Amélia, 25. Tel. 980155.

S. PEDRO DE SINTRA—Valentim—Tel. 980456.

CARTAZ DO PORTO

Espectáculos de amanhã

COLISEU—Ás 21 e 30—«O monstro», mistério (17 anos).

RIVOLI — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Um lugar ao sol», drama (17 anos).

AGUIA DE OURO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Salomão e a rainha de Sabá», histórico (17 anos).

SA DA BANDEIRA—Ás 21 e 30 — «Mães abandonadas», drama (12 anos).

TRINDADE — As 15 e 30 e 21 e 30 — «Quando explodem as paixões», drama (17 anos).

SÃO JOÃO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Policarpo», comédia (12 anos)

BATALHA — A's 15 e 30 e 21 e 30 «Agarrem essa loira», comédia (17 anos).

VALE FORMOSO — A's 15 e 30 e 21 e 30 — «Teatro do Crime», policial, (17 anos).

OLIMPIA — A's 15 e 30 e 21 e 30— «Contrabando de fogo», aventuras (17 anos).

JULIO DINIS — A's 21 e 30—«Quo Vadis?», histórico (12 anos).

NUN'ALVARES—Ás 21 e 30—«Mulher três vezes». comédia (17 anos).

CASINO DA PÓVOA — Variedades.

CASINO DE ESPINHO — Variedades.

O desporto da vela nos Jogos Olímpicos foi o tema abordado hoje no almoço dos rotários

Sob a presidência do sr. prof. dr. António Maria Godinho reuniu-se hoje o Rotary Clube de Lisboa, no seu almoço semanal, com a presença de rotários nacionais e estrangeiros. Encarregou-se da apresentação dos segundos o sr. Alberto Nunes de Carvalho. O sr. eng.º Gouveia Marques, que secretariou, deu conhecimento do expediente do clube.

A palestra do dia, intitulada «O Desporto da Vela nos Jogos Olímpicos», foi proferida pelo rotário sr. conde de Caria, grnde desportista, que historiou a evolução deste desporto entre nós, na sequência da tradição histórica do País, assinalando os êxitos conseguidos pela vela nacional nas competições internacionais. Referiu depois o que foi a intervenção dos velejares portugueses nos ultimos Jogos Olímpicos, com especial relevancia dos irmãos Quina, brilhantemente classificados em 2.º lugar, e que estiveram presentes á reunião.

O palestrante, ele próprio velejador, referiu depois alguns episódios das provas que deram lugar a intervenções do juri internacional de que fez parte, em representação de Portugal, honra concedida ao País pelos seus justos méritos que possuimos nesta modalidade de desporto.

O sr. Fernando Vieira Ferreira, tesoureiro da Fundação Rotária Portuguesa, anunciou que o Conselho de Administração distribuiu 30 bolsas anuais a alunos dos ensinos primário, secundário e superior.

Diario da OUTRA BANDA

(HOJE)

Cinemas

ALMADA — Incrível Almadense — A's 21 e 15: «Os sinos de Santa Maria» (6 anos).

COSTA DA CAPARICA — Cine-Copacabana — A's 21 horas: «10 anos na contra-espionagem» e «Esther, a virgem de oiro» (17 anos).

MONTIJO — Cine-Teatro — A's 21 e 15: «Aventureiro» e «Mister Cory» (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António S. José. Tel. 034100.

ALMADA — Central — Rua Olivença, 11-B. Tel. 070504.

BARREIRO — Central — Av. da Bélgica, 48. Tel. 023207.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, n.º 62. Tel. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — Diogo Marques — Rua Almirante Reis, 42. Tel. 030032

SESIMBRA — Lopes—Rua Candido Reis, 67. Tel. 029028.

SETUBAL — Soromenho — Pr. Machado Santos, 24. Tel. 22691. — Alice — Pr. do Quebedo, 6. Tel. 23743.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia esta encontra-se de serviço permanente).

(AMANHÃ)

Cinemas

COSTA DA CAPARICA — Cine Copacabana — A's 21 horas: «Kasim, o bandido» e «Noite do demónio» (17 anos).

BARREIRO — Teatro-Cine — A's 21 horas: «A paixão de Afrodite». (17 anos).

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — Largo António S. Jorge. Tel. 034100.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador

A casa que melhor trabalha

Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA

ALMADA — Nuno Alvares—Av. Nuno Alv. Pereira, 39-C. Tel. 070504

BARREIRO — Avenida — Av. da Bélgica, 88. Tel. 023212.

COVA DA PIEDADE — Castro Rodrigues — Praça 5 de Outubro 1910, n.º 62. Tel. 070121.

MOITA — Silva Rocha — Praça da Republica, 16. Tel. 039029.

MONTIJO — Geraldes — Rua Almirante Reis, 45. Tel. 030008.

SESIMBRA — Lopes — Rua Candido dos Reis, 67. Tel. 029028

SETUBAL — Higiene — R. Frei Agostinho da Cruz, 7. Tel. 22408. — Portugal — R. Camilo Castelo Branco, 34. Tel. 23211.

(Nas localidades onde existe uma só farmácia esta encontra-se de serviço permanente).

OS EXERCÍCIOS navais da N. A. T. O. foram analisados

Têm chegado a Lisboa, diversos oficiais superiores das armadas de países da N. A. T. O., que participaram nos recentes e grandes exercícios que decorreram no Atlantico. Vieram para tomar parte na reunião de análise e discussão que hoje se realizou no Instituto de Altos Estudos Militares.

Presidiu o sr. vice-almirante Max Douguet, comandante da área do Iberlant, e estiveram presentes, além do seu chefe de Estado-Maior, almirante Traubb, outros oficiais generais, incluindo alguns portugueses, os almirantes Powblet, Sousa Uva, secretário adjunto da Defesa Nacional; Roboredo e Silva, subchefe do Estado-Maior da Armada; Ramos Pereira, director do Instituto Superior Naval de Guerra; comodoros Cardoso de Oliveira e Conceição Rocha, respectivamente comandante-naval do Continente e professor do Instituto de Altos Estudos, cujo director, sr. general Gomes de Araujo, também assistiu. Participaram ainda na discussão generais da Força Aérea Portuguesa e comandantes dos vários navios, portugueses e estrangeiros.

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIARIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

BOLETIM DO DIA

HA TRINTA ANOS

O «Diário de Lisboa» publicava no dia 4 de Outubro de 1930 a história da implantação da Republica em Portugal e os retratos de António José de Almeida, Magalhães Lima, Guerra Junqueiro, José Relvas, Manuel de Arriaga, Machado Santos, Teófilo Braga, João Chagas.

Na primeira página, o editorial concluia assim: «No meio de tanta adversidade, atacada pelos seus naturais inimigos, querida e comprometida ao mesmo tempo por muitos dos que se intitulavam seus defensores, a Republica lançou raizes fundas, resistiu a procelas e ainda lhe sobejou seiva e fulgor para florir. Se para temperar uma alma o sofrimento é indispensável, ninguém contestará que a sua existência o bebeu por todos os cálices. Por isso está de pé e sem temor — preparada para evolucionar com as ideias justas e exaurir na democracia o seu poder redentor».

PROGRAMAS DE RÁDIO

(HOJE)

EMISSORA — *Programa A* — 451 m. — 655 kc./s. — A's 17: A mulher e o lar; 17 e 30: Cançonetas hispano-americanas; 17 e 45: O pianista e a orquestra; 18: Noticiário; 18 e 10: Musica de dança; 19: Trechos de operetas; 19 e 20: Conto radiofónico; 19 e 45: Orquestras ligeiras; 20: Jornal sonoro; 20 e 15: A Orquestra de Ulpio Minucci; 20 e 30: As nossas canções; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 20: A pianista Laura Fontaine e conjunto; 21 e 30: Toada brasileira; 21 e 45: Teatro das Comédias: «A Menina Casadoura», comédia de Scribe; 22 e 15: Trechos em piano; 22 e 30: Tempo de valsa; 22 e 40: Fados, por Maria Teresa de Noronha; 23: Musica de dança; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

Programa B — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19: Canta o soprano Victoria de Los Angeles; 19 e 20: O gosto pela musica; 19 e 50: Noticiário regional; 20: Concerto, pelo Coro Harmonia, dirigido por Friedrich Wilherlm Verner; «Como o Cervo Brama por Agua»; «Salvo 42» (Handel); Cantata para terceto, coro misto e conjunto instrumental; 20 e 30: Festival Os Concertos de Lugano, de 1960, gravações cedidas pela Sociedade Suíça de Radiodifusão: Quatro ensaios para orquestra (Tadeusz Baird). Orquestra Filarmónica de Varsóvia, dirigida por Witold Rowicki; 20 e 50: Tema e cadência para violino e orquestra, de Arthur Blies; violino Campoli, e a Orquestra Filarmónica de Londres, dirigida pelo autor; 21: Noticiário — Comentário; 21 e 30: Três sonatas (Henry Purcell); 21 e 50: História do teatro; 22 e 30: Quinzenário musical; 23 e 45: Noticiário; 24: Encerramento.

RADIO CLUBE — A s 17 e 30: Orquestras; 17 e 45: Motivos portugueses; 19: Variedades; 20 e 20: Solistas; 20 e 45: Curso de lingua inglesa; 21 e 15: Brasil; 21 e 31: A Alemanha de hoje, de José do Nascimento; 22: Imagens por musica; 22 e 30: Trechos recreativos; 23 e 1: Rua Larga, programa dos estudantes de Coimbra; 23 e 30: Ritmos de baile, do Palm Beach; 23 e 45: Noticiário; 2 e 30: Fecho.

Emissor Miramar — A's 17 e 55: Reabertura; 18 e 15: Ritmos de baile; 18 e 45: Solistas; 19 e 15: Intermédio musical; 20: Boletim informativo; 20 e 30: Uma orquestra; 20 e 40: Do Minho ao Algarve; 21: Noticiário; 21 e 15: Cançonetas; 21 e 45: Motivos portugueses; 22: Canções eternas; 22 e 15: Trechos recreativos; 22 e 45: Uma voz; 23: Variedades; 23 e 45: Um artista do teclado; 0: Baile do Palm Beach; 0 e 15: Ritmos de baile; 0 e 28: Sumáic; 0 e 30: Fecho.

RADIO UNIVERSIDADE — A's 18: Marcha, anuncio e resumo; 18 e 2: Canta Nat King Cole; 18 e 10: Uma canção, duas interpretações; 18 e 20: Discos pedidos; 18 e 40: Noticiário; 18 e 45: O nosso folclore; 18 e 53: Anuncio de encerramento e marcha; 18 e 55: Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18: Casino imaginário; 18 e 15: Noticiário; 18 e 30: Terço e bênção; 19 e 5: Migalhas doutrinais; 19 e 25: Leitura do programa e boletins religioso e do S. C. R; 19 e 30: Chuva de estrelas; 20: Entre duvens e canções; 20 e 15: Separado: musical; 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Programa das nove; 21 e 45: Livros e leituras; 23: A 23.ª hora; 23 e 55: Noticiário, 24: Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS — 188 m. — 1594 kc./s. — Das 17 ás 19 e 30: Clube Radiofónico de Portugal; 19 e 30 ás 22: Rádio Peninsual; 22 á 1: Rádio Graça; 1 ás 2: Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO

(HOJE)

A's 20.30, Abertura; 20.32, Telejornal (1.ª edição); 20.50, Encontro com o dr. Eduardo Rogado Dias; 21.05, «Safari»: ovos para o pequeno almoço; 21.35, Charlas linguísticas, pelo dr. Raul Machado; 22, Polícia da Estrada (programa (Philips); 22.30, Transmissão dos Estudios do Porto: «Trio em Dó Maior n.º 3», de Haydn, por Helena Moreira de Sá e Costa (piano), Madalena de Sá e Costa Gomes de Araujo (violoncelo) e Haydn Beck (violino); 22.50, Imagens da Alemanha — «Igrejas de Berlim»; 23, Telejornal (2.ª edição).

HORAS DAS MARÉS

BAIXA-MAR

Dia 4 — 20 e 43 (0m,71).
Dia 5 — 9 e 8 (0m,71); 21 e 30 (0,m71).
Dia 6 — 9 e 40 (0m,72); 22 horas (0m,78).

PREIA-MAR

Dia 4 — 14 e 58 (4m,42).
Dia 5 — 3 e 11 (4m,32); 15 e 47 (4m,45).
Dia 6 — 3 e 58 (4m,33); 16 e 20 (4m38).

CARTAZ DO DIA

ABC — A's 20.45 e 23 h. — «Espero-te à saída!».
COLISEU — A's 20 e 30 e 22 e 45 — «Mulheres de sonho»
CAPITOLIO — A's 20 e 30 e 23 h. — «A vida é bela».
TIVOLI — «Cartago em chamas»
S. LUIS — «Os caminhos da ambição»
POLITEAMA — «Casamento por engano».
IMPÉRIO — «Os milionários de Filadélfia».
S JORGE — «Sangue sobre a India».
EDEN — «Escandalo ao Sol».
MONUMENTAL — «Sombras brancas».
ODEON — «Aonde vais, triste de ti?».
CONDES — «Forte apache».
ALVALADE — «Os caminhos da ambição».
RESTELO — «O feitiço andaluz».
AVIS — «Rififi».
ROMA — «Pedro, o pescador».
OLIMPIA — «Emboscada sangrenta».
JARDIM CINEMA — «Arizona».
SALÃO IDEAL — «Um rosto na multidão».
S. L. BENFICA — «Orfeu negro».
PROMOTORA — «O amor que a mulher deseja».
MOSCAVIDE — «O maior circo do Mundo».

FARMACIAS DE SERVIÇO

(HOJE)

TURNO G — Benfica — Estrada de Benfica, 678-E, Tel. 782532; Santa Cruz — Rua 15, 2-A — á Avenida Gomes Pereira — Tel. 784838; Vicente — Estrada de Benfica, 466-A, Tel. 782606; Alegria — Estrada de Benfica, 180-A-B, Tel. 780511; Canto — Estrada das Laranjeiras, 202-B, Tel. 780841; Prates & Mota — Rua da Beneficência, 91 — ao Rego — Tel. 773728; Central do Lumiar — Rua do Lumiar, 77 — Tel. 790480; Marbel — Avenida de Roma, 131-A, Tel. 776235; Líbia — Avenida da Igreja, 4-B-C, Tel. 776681; Alcantara — Avenida da Republica, 74-A — junto a Entre-Campos — Tel. 771379; Vale — Avenida Marquês de Tomar, 45-49 — Tel. 773043; Estados Unidos — Avenida Estados Unidos da América, lote 373; Tel. 725859; Bentosinho — Av. Óscar Monteiro Torres, 38-A, Tel. 774920; Dalva — Avenida Duque de Ávila, 125, Tel. 45225; Bairro Azul (Do) — Avenida Ressano Garcia, 7-A — Tel. 51451; Sousa Martins — Rua Sousa Martins, 25 (ao Matadouro), Tel. 53468; Ascenso — Rua 27, 41, Bairro da Encarnação, Tel. 389216; Olivais (Dos) — Rua Alves Gouveia, 19, Tel. 389237; Freitas — Rua Zófimo Pedroso, 11-13, Tel. 381136; Banha — Estrada de Chelas, 173-175, Tel. 382241; Frazão — Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90-92 Tel. 847019; Ziler — Rua de S. Tome, 54-56, Tel. 862835; Central da Penha — Rua da Penha de França, 58-60, Tel. 849245; Luzmar — Rua 2, 16-A — Bairro de Santa Engrácia (á Picheleira), Tel. P. P. C. 728395-720703; Garantia — Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 5-A-B, á Praça do Areeiro, Tel. 727300; Imperial — Avenida Guerra Junqueiro, 30-B, Tel. 726860; Vitális — Rua Morais Soares, 66-A, Tel. 848011; Pancada, Ld.ª, Suc. — Rua Rebelo da Silva, 9, Tel. 43340; Confiança — Avenida Almirante Reis, 46, Tel. 42453; J. Ribeiro, Ld.ª — L. das Olarias, 33, Tel. 864643; Salutar — Rua B, 75-A-B, Bairro da Liberdade, Tel. 683694, Pinto — Rua de Campolide, 11, Tel. 682610; Britanica — Travessa da Légua da Póvoa, 5-B, Tel. 689250; Lobel — Rua de Infantaria 16, 98-B, Tel. 688807; União — Rua Saraiva de Carvalho, 119, Tel. 663643; Albano — Rua da Escola Politécnica, 69, Tel. 26750; Restelo (Do) — Rua Duarte Pacheco Pereira, 11-C, Pedrouços, Tel. 610741; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Moura — Travessa da Memória, 55, T. 630944; Biotifar — Rua D. João de Castro, 27-B, Tel. 638824; Correia de Azevedo — Rua Luís de Camões, 48-50, Tel. 638625; Bairrão — Rua Prior do Crato, 25, Tel. 661321; Andrade Ribeiro — Avenida Infante Santo, lote 4-B, Telefone 666971; Eduardo A. César — Rua das Trinas, 102, Tel. 662631; Moz Teixeira — Rua do Poço dos Negros, 115, Tel. 663961; Fernandes — Rua de São José, 187, Tel. 26476; Azevedo, Filhos — Praça D. Pedro IV — Rossio — 31, Tel. 27478 — A—

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Efect	Compra	Venda
Cons 2 3/4 T. 10	905$00	—	907$00
Cons 3 % T. 10	958$00	957$00	959$00
Cons 3 1/2 % T. 10	1.003$00	1.002$00	1.004$00
Centenários 4 % 1949	2.225$00	2.225$00	2.227$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1942	—	—	1.000$00
Obg Tes. 2 1/2 % 1943	—	—	—
Obg Tes 2 1/2 % 1944	—	—	1.000$00
Externo 1.ª série	—	1.360$00	1.390$00
Ext 1.ª série car.	—	1.360$00	—
Externo 2.ª série	—	—	—
Ext 2.ª série car.	—	—	—
Externo 3.ª série	—	1.400$00	1.430$00
Ext 3.ª série car.	1.420$00	1.400$00	1 430$00
Caut 3.ª série s/juro	—	205$00	212$00
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	—	510$00	—
Norte de Portugal 5 %	103$00	—	104$00
Gás Elect. 3 3/4 %	970$00	—	970$00
Gás Elect. 4 %	—	975$00	—
Gás Elect. 4 1/2 %	986$00	986$00	—
Gás Elect. 5 %	—	—	1.028$00
U E P. 3 3/4 %	—	—	—
U E. P. 4 % 1945	—	—	—
U E. P. 4 % 1948	—	—	—
U E. P. 4 1/2 %	—	—	—
U E P. 5 % 1951	—	100$00	—
U. E. P. 5 % 1952	—	100$00	100$50
Metropolitano	1.004$00	1.004$00	1.005$00
H E do Douro	1.013$00	1.012$00	1.013$00
C P 4 1/2	1 031$00	—	—
H. E. da S da E. 5%	—	—	—
Acções			
Bancos			
Alentejo	—	600$00	—
Angola	—	—	—
Espirito Santo	—	—	—
Lisboa & Açores	2 570$00	2.560$00	2.580$00
Portugal	—	3.050$00	3.100$00
Ultramarino	1.725$00	1.720$00	1 730$00
Agricultura	69$00	68$00	69$00
Seguros			
Mundial	—	420$00	425$00
Soberana	—	1.400$00	—
Tagres	—	—	—
Tagus	—	—	—
C.ª Ultramarinas			
Ag Cassequel	1 040$00	1.040$00	1 041$00
Ag das Neves	—	340$00	—
Agric. Colonial	310$00	310$00	320$00
Acucar de Angola	—	1.400$00	—
Boror	250$00	247$00	255$00
Cabinda	—	—	—
Cadá	—	1.950$00	—
Colonial do Buzi	132$50	133$00	135$00
Ilha do Principe	—	880$00	900$00
Incomati	2 000$00	1.950$00	—
Moçambique	82$50	82$50	83$00
Zambézia s/d	107$00	106$50	107$00

C.ª diversas	Efect.	Compra	Venda
Cimentos Tejo	—	670$00	—
Cimentos Leiria	—	560$00	—
Crédito Predial	61$00	60$90	61$00
Industrial Aliança	—	—	—
Portugal e Colónias	—	460$00	465$00
Nacional Navegação	—	1.060$00	1.090$00
Colonial Navegação	—	830$00	850$00
Port de Celulose	—	2.800$00	2.900$00
Portuguesa de Pesca	—	—	—
Port. de Tabacos	303$00	303$00	304$00
Tabacos de Portugal	—	—	—
S. Estrela	—	—	—
Aguas, Electricidade e Gás			
Aguas Lisboa 1934	327$00	325$00	330$00
Aguas Lisboa 1936	—	315$00	330$00
Eléct. das Beiras	—	1.650$00	—
Gás e Electricidade	347$00	346$50	347$50
H. Alto Alentejo	154$00	154$00	154$50
H. E Cávado	1.301$00	1.300$00	1.305$00
H. E Zêzere	—	1.300$00	1.310$00
Nac. de Electricidade	1.465$00	1.460$00	1.470$00
União Eléctrica Port.	174$00	174$00	174$50
H E do Douro	1.305$00	1.300$00	1.305$00

Cotações fornecidas por

PINTO DE MAGALHAES, LDA. — Banqueiros

PAISES	COMPRA	VENDA
Africa do Sul	78$50	80$00
Alemanha	6$80	6$95
América:		
Dólares de 1 e 2	28$20	28$50
Dólares de 5 a 1000	28$40	28$70
Argentina	$32,5	$35,5
Austria	1$10	1$15
Bélgica	$53	$57
Brasil	$14,3	$15,8
Canadá	28$70	29$20
Congo Belga	—$—	$40
Dinamarca	4$00	4$30
Espanha	$46,8	$47,8
França (N. Franco)	5$72	5$87
Holanda	7$45	7$75
Inglaterra	79$75	81$25
Itália	$04,55	$04,7
Marrocos	$04.7	$05,4
Noruega	3$85	4$15
Suécia	5$40	5$70
Suíça	6$60	6$72
Ouro:		
Inglaterra (Libra)	266$00	276$00
Portugal — Barra	32$40	32$80
Portugal — Barra Fino	32$60	33$10

BURNAY, LDA. Notas estrangeiras
RUA DO OURO, 79 TELEF 21273 Papéis de crédito

SELOS

É JÁ NA 6.ª-FEIRA
7 de Outubro, ás 21.30, a grande **VENDA**, que se realiza na Casa
LEIRIA & NASCIMENTO
R. da Emenda, 30
Organizada por **HENRIQUE MANTERO.** Uma das mais importantes colecções do continente
Lotes em exposição e catálogos em distribuição gratuita, no
«CANTINHO FILATÉLICO»
P. da Alegria, 58-2.º-A — T. 28176

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.
A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Tel. 24446

Dr. Aires José Vasconcelos Belard Kopke

FALECEU

Henrique Vasques Kopke Correia Pinto e sua mulher Amélia de Vasconcelos Belard Kopke Correia Pinto Maria do Ceu Vasconcelos Belard Kopke Marques Pinto seu marido Luiz Bernardo Marques Pinto, Maria Tereza de Vasconcelos Belard Kopke de Figueiredo Tulio seu marido Jerónimo de Figueiredo Tulio António de Vasconcelos Belard Kopke sua mulher Maria Alice Fernandes Belard Kopke e mais família cumprem o doloroso dever de participar o falecimento do seu muito querido filho, irmão, cunhado e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, onde se encontra depositado a partir das 23 horas, para jazigo de família no cemitério de Benfica

A. G. MAGNO, LDA.
Avenida Almirante Reis, 129-A
Telefone: 51586

LUSTRES DE CRISTAL

Primorosos modelos em cristal MARIA TERESA (Boémia) e Lustres e Apliques de cristal «MURANO» (Veneza)
ELECTRO IMPORTADORA, LIMITADA
Praça da Alegria 44-1.º — Telefone 34774 — LISBOA

BOLETIM DO DIA

PROGRAMAS DE RADIO
(AMANHÃ)

EMISSORA — *Programa «A»* — 451 m. — 655 kc./s. *Programa «B»* — 397 m. — 755 kc./s.

Programa «A» — Às 7, Informação de Rádio Rural; 7 e 20, Musica da manhã; 8 e 15, Boletim meteorologico — Noticiário — O dia desportivo; 8 e 25, Musica variada; 9, Noticiário; 9 e 25, Musica variada; 10, Espectáculo, magazine de teatro e cinema; 10 e 30, Album musical; 11, Noticiário — Cartaz dos espectáculos; 11 e 15, Musica de salão; 11 e 45, Conjuntos vocais; 12, Tempo de valsa; 12 e 15 2.ª parte do ultimo serão para trabalhadores; 13, Noticiário — Revista da Imprensa; 13 e 20, Trechos em órgão; 13 e 30, Orquestras ligeiras; 14, Crítica literária; 14 e 10, Musica ligeira espanhola; 14 e 25, Trechos em piano; 14 e 40, Rancho Folclórico de Estremoz e a sua orquestra típica; 15, Informação da Bolsa; 15 e 10, Novidades em discos; 15 e 40, Os grandes solistas; 16, Uma hora de fantasia, «Se Gil Vicente voltasse»; 17, Diga o que prefere; 17 e 30, Alvorada, programa juvenil; 18, Noticiário; 18 e 10, Musica de dança; 19, Concerto pela banda de musica do Comando-Geral da G. N. R.; 19 e 45, Cançonetas; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Instrumentistas: 20 e 30, Gira-mundo; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 20, Intervalo musical; 21 e 30, 15.º e ultimo episódio da adaptação radiofónica do romance de Arnaldo Gama «Um motim há cem anos»; 21 e 50, «Sol Maior» (programa de variedades); 22 e 35, Transmissão do Estádio da Luz do resumo da primeira parte do desafio de futebol Benfica-Heart, por Artur Agostinho, com comentários por Aurélio Márcio; 23 e 30, Musica de dança; 23 e 45, Transmissão do Pavilhão dos Desportos do resumo da primeira parte e relato da segunda do desafio de hóquei em patins de juniores Portugal-Bélgica por Amadeu José de Freitas, com comentários por Olivério Serpa. No final, noticiário, boletim meteorológico, resumo do programa do dia 6, e encerramento da estação.

Programa «B» — Às 13, Noticiário — Revista da Imprensa; 13 e 30, Concerto pela Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Ferdinand Leitner: «Sinfonia n.º 4, em mi bemol maior» «Romantica» (Bruckner); 14 e 38, «Canções das crianças mortas» (Mahler), pelo contralto Vera Resza; 15, Festival Sibelius, de 1960, realizado em Helsínquia, gravações cedidas pela Radiodifusão Finlandesa: Concerto, pelo quarteto de cordas «Juilliard»; «Quarteto de cordas em si bemol maior, Köchel, 458» (Mozart); «Suite Lírica» (Alben Berg); 16, Três séculos de ópera, com notas de João Pais; 16 e 50, Musica de arco: «Sonata em sol menor» (Tartini): violino Joseph Szigeti; piano Carlo Bussotti; 17, Musica sinfónica: «Concerto n.º 1, em mi menor, op. 11» (Chopin), e a Orquestra da Sociedade dos Consertos do Conservatório de Paris, dirigido por Georges Tzipina; «Prometeu», suite sinfónica n.º 2 (Milhaud), e a Orquestra Sinfónica de S. Francisco, sob a direcção de Pierre Monteux; 18, Teatro das Comédias «O sim das raparigas», original de Moratin; 18 e 30, Musica sinfónica: «Rugby» (Honnegger), e a Orquestra da Sociedade dos Concertos do Conservatório de Paris, sob a direcção de Georges Tzipine; 19, Musica de órgão; 19 e 20, Musica de arco, de Haendel; 19 e 30, «Symphonies pour les Couchers du Roy» (Lully), do Colegium Musicum de Paris, sob a direcção de Roland Donatte; 20, Que quer ouvir?, programa elaborado com os discos pedidos pelos ouvintes: «Trio n.º 4, em mi maior, op. 452» (Mozart), pelo Trio de Camara de Trieste; O poema sinfónico «As fontes de Roma» (Respighi), pela Orquestra Sinfónica de Minneapolis sob a direcção de Antal Dorati; «Três rosas» (Cioffi), tenor Beniamino Gigli; Abertura da ópera «Tannhauser» (Wagner), e a Orquestra da Ópera de Berlim, sob a direcção de Arthur Rother; 21, Noticiário — Comentário; 21 e 30, Transmissão da Sociedade de Geografia, da sessão comemorativa do 50.º aniversário da proclamação da Republica: 22 e 35, Musica de tecla, de Prokofieff; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

RADIO CLUBE — Às 7, Abertura: 12, Conjuntos; 12 e 10, Noticiário; 12 e 15, Motivos portugueses; 12 e 30, Orquestras; 12 e 45, Artista; 14 e 45, Cançonetas; 15 e 45, Conjuntos; 16 e 15, Artista; 16 e 30, Motivos portugueses; 17 e 45, Solistas; 18 e 35, Orquestra; 19 e 15, Cançonetas; 20 e 30, Artista; 21, Brasil; 21 e 50, Orquestra; 23 e 17, Conjuntos; 23 e 30, Artista; 23 e 45, Noticiário; 2 e 30, Fecho.

Emissor de Miramar — Às 10 e 55, Abertura; 11, Motivos portugueses; 11 e 30, Variedades; 12, Espanha: 12 e 15, Uma orquestra e uma voz; 12 e 45, Solos de instrumentos; 13, Noticiário; 13 e 15, Cançonetas; 14 e 5, Conjuntos instrumentais: 14 e 30, Fados, da Márcia. 14 e 45, Uma orquestra; 15 e 5, Interrupção; 17 e 55, Reabertura; 18 e 15, Brasil; 19 e 15, Isto é Portugal; 20, Boletim informativo; 20 e 15, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 20, Paisagem intelectual; 22 e 47, Canções; 22, Tempo de musica; 23 e 30 Trechos recreativos; 0, Baile, do Casino Estoril; 0 e 28, Sumário; 3, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — Às 8, Leitura do programa; 8 e 5, Oração da manhã e boletim religioso; 8 e 15, Noticiário; 8 e 30, Conversa da manhã; 9 e 30, Noticiário; 12, Leitura do programa; 12 e 45, Noticiário; 13, Exito musical da semana; 15, Diário do ar; 18 e 15, Noticiário; 18 e 30, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 25, Leitura do programa e boletins religioso e do S. C. R.; 20, Musica para o seu jantar; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Coisas que a noite traz; 22 e 35, Encontro com a noite; 23, A 23.ª hora; 23 e 55, Noticiário; 0, Fecho.

POSTOS CENTRALIZADOS—Das 7 ás 8, Voz de Lisboa; 8 ás 11, Rádio Graça; 11 ás 14 e 30, Voz de Lisboa; 14 e 30 ás 17; Clube Radiofónico de Portugal; 17 ás 22, Rádio Graça; 22 á 1, Rádio Peninsular; 1 ás 2, Clube Radiofónico de Portugal.

TELEVISÃO
(AMANHÃ)

A's 20 e 30, abertura; 20 e 32, Telejornal (1.ª edição); 21, Temas literários: encontro com o romancista Manuel Lopes; «Montra falada», com a presença do dr. Alvaro Ribeiro e do escritor Manuel Ferreira; 21 e 30, Touros — Feira em Caceres — produção e apresentação de Nizza da Silva; 21 e 40, Viagem musical, com o «ballet» americano «The Chuck Wider Show, los Sapanecos, «ballet» Margot, Maria Marise Moniz Trindade, Maria Candida, Badaró e Orquestra Tavares Belo realização de Fernando Frazão; e 1 e 30, Telejornal (2.ª edição).

FARMACIAS DE SERVIÇO
(AMANHÃ)

TURNO H — Marques — Estrada de Benfica, 648 Tel. 780096; Sousa — Estrada de Benfica, 429-431, Tel 780027; Aguiar — Av Columbano Bordalo Pinheiro, 98-A, Tel 764629; Leal de Matos — Rua Neves Costa, 33-35, Carnide, Tel 780181; Alameda — Alameda das Linhas de Torres, 201-B, T. 790942; Cabrita — Campo Grande, 220-222, Tel. 772397; Alvalade—Avenida da Igreja, 18-B, Tel. 777170; Nova Iorque — Rua António Patrício, lote 347, da Avenida Estados Unidos da América, Tel. 760658; Gasparinho — Rua Dr. Gama Barros, 54-A, Tel. 710465; Vera Cruz—Praça Afranio Peixoto, 2-B (á Avenida São João de Deus), Tel. 724941; Onilda — Avenida João XXI, 13-A, T. 726848; Miranda — Campo Pequeno, 36-B-C (junto á Avenida Sacadura Cabral) Tel 770776; Berne (De) — Avenida de Berna, 44-A — Telefone 773568; Cosmos — Avenida João Crisóstomo, 44-C, Tel. 40592; Cruz Nunes—Praça Duque de Saldanha, 14, Tel. 41845; Novais — Avenida Luis Bivar, 11-13, Tel. 44324; Salutar — Rua Conde de Redondo, 9-A, Tel. 733411; Zira — Rua J, lote 48 (Bairro da Encarnação), T. 388172; Marvila (De), Rua Direita de Marvila, 25, Tel. 381612; Marluz — Calçada da Picheleira, 140-B-C, Tel. P. P. C., 720703-728395; Nova Luz — Rua D. Domingos Jardo, 28-A (á Avenida D. Afonso III), T. 843439; Martins, Lda. — Rua Fernão Magalhães, 33, Tel. 849448; Arnali — Rua das Escolas Gerais, 88-A, Tel. 863940; Morão — Largo da Graça, 63, Tel. 860700; Simões — Rua Padre Sena Freitas, 10-A, Tel. 842518; Nobel — Rua Actor Vale, 53, junto á «Fonte Monumental», Lado Sul, Tel. 842152; Damásio & Cordeiro — Rua Morais Soares, 56-C, T. 847708; Oriental de Lisboa — Rua de Arroios, 215, Tel. 45079; Colonial — Rua Forno do Tijolo, 40, T. 841122; Fulido — Rua dos Anjos, 41, Tel. 50730; Central de Campolide — R. General Taborda, 17, Tel. 680304; Porfirio — Rua Francisco Metrass, 59, Tel. 663349; Janeiro — Avenida Pedro Alvares Cabral, 96-100, Telefone 661453; Paiva & Parente — Rua de Santo António, á Estrela, 96-98, Tel. 665196; Silva Santos — Rua da Escola Politécnica, 80, Tel. 660280; Ocidental — Rua D. Jerónimo Osório, JPM 3, Telefone 610256; Lopes Ribeiro — Rua do Cruzeiro, 117, Telefone 633288; Caramão da Ajuda (Do) — Estrada da Cruz, 20-C-D; Remísio —Rua dos Jerónimos, 14-C, 631699; J. A. Silva—Rua dos Quartéis, 25-27, Tel. 637777; Lisbonense — Rua do 1.º de Maio, 15, Tel. 637020; S. A. E. Silva, Filhos — Rua S. João da Mata, 74, Tel. 661010; Vieira — R. dos Poiais de S. Bento, 73, Tel. 663573; Gonçalves, Lda. — Rua da Farmacêutico — Rua das Portas de Rosa, 176-178, Tel. 32687; Centro Santo Antão, 88, Tel. 21211; Tavares — Rua da Palma, 194, Telefone 863350; Unifa — Rua da Vitória, 21.

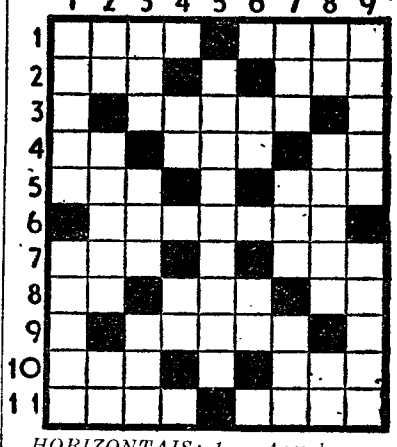
MAIS E MELHORES
FOTOGRAFIAS
COM
GEVAERT FILME
A PRETO E BRANCO E A CORES
À VENDA NAS BOAS CASAS
REPRESENTANTE:
GARCEZ, LDA. LISBOA

pequeno MAGAZINE

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVÉRBIO)

Problema n.º 2094



HORIZONTAIS: 1 — Aquele que. E' devedor. 2 — Cantão da Suiça. Pátria. 3 — Quinta para cultura agrícola em Angola. 4 — Batráquio. Recusa. Nota musical. 5 — Reza. Possui. 6 — Paragens. 7 — Escarnecer. Pêlos de certos animais. 8 — Artigo definido. Cidade de França. Símbolo químico do rádio. 9 — Dança. 10 — Pedra de altar. Filtra. 11 — Metal precioso de cor amarela. Ocos.

VERTICAIS: 1 — Desejo. Justiça. 2 — Cidade da antiga Caldeia. Estratagemas. Troça. 3 — Ena! Prefixo de ar. Botequim. 4 — Símbolo químico do rado. Utensílio doméstico. 5 — Oblíquos. 6 — Pedra de moinho. Freguesia do concelho de Oliveira de Azemeis. 7 — Gavinha. Bigorna de ourives. Apelido. 8 — Falsa. Ofender. O sono das crianças. 9 — Vagueiam. Divisões de uma casa.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.

Solução do problema n.º 2093

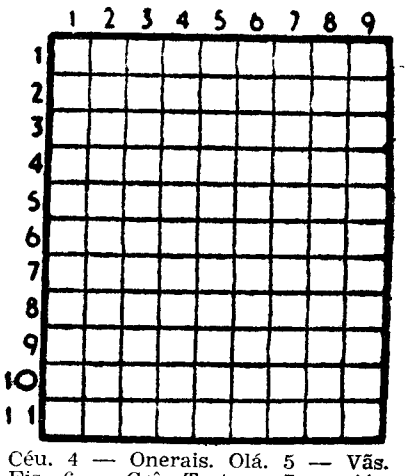
HORIZONTAIS: 1 — PARA. Amar. 2 — Ale. III. 3 — Umero. 4 — AC. Ala. Cá. 5 — Mar. Dão. 6 — Cos. Mal. 7 — Mão. Rás. 8 — Ar. Par. Ri. 9 — Lopes. 10 — Cru. Erg. 11 — Asas. Arão.

VERTICAIS: 1 — Param. Marca. 2 — Al. CAÇAR. Rs. 3 — Réu. Roo. Lua. 4 — Má. Pó. 5 — Pela. Papa. 6 — Rã. Ré. 7 — Mio. Dar. Ser. 8 — Aí. CALAR. Rá. 9 — Rifão. Sirgo.

Provérbio: PARA CAÇAR, CALAR.

(NOVA MODALIDADE)

Problema n.º 4140



HORIZONTAIS: 1 — Aldeia de Itália célebre pela sangrenta vitória dos franceses de Napoyeão III contra Francisco José de Austria. 2 — Pronome pessoal. Chefe etíope. 3 — Designação moderna da letra N. Semelhante. Artigo definido. 4 — Aqui. Seguia. 5 — Em que há calma. 6 — Alimenta. Punhal dos antigos Romanos. 8 — Canhamo de Manila. Caminho. Olha. 9 — Transferisseis para outro dia. 10—Escarnece. Pêlos de certos animais. Campeão. 11- — Classe de tropa. Doença caracterizada por sufocações intermitentes.

VERTICAIS: 1 — Rio da França. Corporação municipal. 2 — Olá! Nome de letra. Juntar. 3 — Nota musical. Rouca. 4 — Embarcação asiática. Escavação longa e mais ou menos larga, para receber águas e conduzi-las a algum ponto. 5 — Epoca. Macera. 6 — Cursos de água. Tosta. 7 — Distar. Uma das cinco partes do Mundo. 8 — Recusa. Antes de Cristo. Olhavam. 9 — Serra de Portugal. Do lado contrário.

Solução do problema n.º 4139

HORIZONTAIS: 1 — Mago. Cava. 2 — Erin. Riam. 3 — Leves. 4 Tá! Rã. Pi. 5 — Arrastões. 6 — Cai. Eis. 7 — Possessão. 8 — Os. It. Sr. 9 — Cosam. 10 — Tael. Rima. 11 — Acua Amar.

VERTICAIS: 1 — Mesta. Ponta. 2 — Ar. Arcos. AC. 3 — Gil. Rás. Céu. 4 — Onerais. Olá. 5 — Vãs. Eis. 6 — Crê. Testara. 7 — Ais. Ois. Mim. 8 — Vá. Pesas. Má. 9 — Amais. Ornar.

—Sr Lopes, não se assuste, mas os fiscais das Finanças enganaram-se e aumentaram três zeros á importancia da contribuição...

QUEM CANTA seu mal espanta...

Dormem na tua pupila
Outros tempos, outro mundo;
E's como a água tranquila
Que espelha os astros no fundo.

JAIME CORTESÃO

EFEMÉRIDES

No dia 4 de Outubro de 1836 nasceu o poeta brasileiro Quintino Bocayuva.

DIZ QUEM SABE

A educação é um seguro para a vida e um passaporte para a eternidade.

A. J. GUIPARRO

*** A educação cria as forças vivas; a instrução sómente pode servir para dirigi-la.**

M. GUYAN

*** A instrução sem educação é como um palanque que carece de ponte de apoio.**

MAZZINI

Comunistas e neutralistas
defenderam a admissão na O. N. U. da República Popular da China

NOVA YORK, 4. — A Assembleia Geral debateu ontem, á noite, até ás 24 e 18 (4 e 18 em Lisboa), a admissão da Republica Popular da China, tendo usado da palavra doze oradores. Devido ao adiantado da hora, a Assembleia decidiu, então, adiar a sessão para as 3 horas (T. M. G.) de amanhã, quarta-feira, Estão ainda inscritos, para se pronunciarem sobre o problema chinês, mais oito oradores.

A continuação do debate geral foi marcada para esta manhã, ás 10 e 30 (14 e 30 em Lisboa)

A Mesa adoptara, numa reunião realizada a semana passada, uma moção apresentada pelos Estados Unidos, a qual recusa a inscrição do assunto na ordem do dia e condena qualquer proposta tendente a fazer sentar nas Nações Unidas os representantes da China comunista e a excluir os da China nacionalista. Esta moção está, agora, perante a Assembleia.

SOCIALISTAS E NEUTRALISTAS APOIARAM A ADMISSÃO DA CHINA

Entre os oradores que mais se destacaram na defesa da inscrição da questão chinesa na ordem do dia, figurou Novotny, da Checoslováquia, que, a certa altura do seu discurso, declarou:

«Rejeitamos, resolutamente, a teoria das chamadas *Duas Chinas*, que foi criada pelas potências ocidentais, com o propósito de salvar a vida da falida clique de Chang Kai Chek, e de perpetuar a separação entre a Formosa e a Metrópole Chinesa».

Por sua vez, Pahwak, do Afeganistão, afirmou: «O regime de Pequim é o unico Governo legítimo da China. Nós, Afegãos, reconhecemos a Republica Popular Chinesa como um vizinho pacífico».

Mehmet Shehu, da Albania: «Os Estados Unidos estão a tentar manietar a Assembleia Geral, por meio do processo de votação, por meio de intrigas, calunias e chantagem. Negar a admissão da China Comunista é uma violação da Carta das Nações Unidas».

Thant, da Birmania: «O Governo de Pequim é o unico Governo legítimo da China, o unico Governo que tem o «contrôle» eficaz sobre todo o continente chinês».

Loufti, da R. A. U.: «Defrontamo-nos com realidades que não podemos desprezar. Não podemos continuar a protelar este assunto, de sessão para sessão. A falta de realismo poderá dar origem a uma catástrofe».

Zhivkov, da Bulgária: «Os Estados Unidos caluniam o povo chinês e o Governo de Pequim. Não é a China Comunista, mas, sim, os Estados Unidos e os outros países ocidentais que espoliam os povos da Ásia, da Africa e da América Latina. A China Comunista é acusada de agressora, porque quer reconquistar a Formosa, que se encontra ocupada pelas tropas norte-americanas».

NÃO PODEMOS DESPREZAR UM QUARTO DA POPULAÇÃO DO MUNDO, DISSE O DELEGADO INDIANO

Shaha, do Nepal: «Cremos ser essencial para a paz do Mundo e a estabilidade no Extremo Oriente e no Sueste Asiático, que a Republica Popular Chinesa se encontre representada aqui, na Assembleia Geral da O. N. U.».

Horald Beeley, da Grã-Bretanha: «Embora a Grã-Bretanha tenha reconhecido o Governo de Pequim, é nossa opinião que, havendo tão contraditórios pontos de vista acerca da representação chinesa, um debate sobre o assunto, neste momento, não contribuiria para qualquer solução. Portanto, a delegação da Grã-Bretanha apoia a moção dos Estados Unidos, propondo o adiamento».

Ismael Turé, da Republica da Guiné: «A Assembleia Geral deve apoiar a proposta da União Soviética, e decidir, nesta sessão, que a China Comunista seja admitida nas Nações Unidas».

Adjei, de Ghana: «Não é de surpreender que alguns governos, que se declaram paladinos da liberdade de discussão, se recusem a dar a esta Assembleia o direito de discutir aquilo que desejamos debater. As potências coloniais apelidam de comunismo todas as formas de nacionalismo africano. No Congo, certa gente tem procurado impossibilitar que um Parlamento eleito funcione eficazmente, simplesmente porque não simpatizam com a política de Patrice Lumumba».

Endre Sik, da Hungria: «O Governo de Pequim deve estar aqui representado, porque governa 23 por cento da população da Terra».

Por fim, o ministro da Defesa da India, Khrishna Menon, sublinha que a admissão da China nas Nações Unidas não forçaria um reconhecimento do seu Governo, e acrescenta: «Não é possível ignorar e desprezar um quarto da população do Mundo. Apesar das nossas controvérsias com a China, a propósito das nossas fronteiras, consideramos que a China Popular deve ser admitida nas Nações Unidas».

Depois da intervenção do delegado indiano, o presidente encerrou a sessão, adiando os trabalhos até amanhã. — (F. P.).

Alexandra de Kent representou a Rainha Isabel II de Inglaterra nas celebrações da independência da Nigéria. Ei-la trocando impressões com o dr. Nnamdi Azikiwe, governador-geral

Anuncia-se novo encontro
entre Kruchtchev e MacMillan

NOVA YORK, 4. — Nikita Kruchtchev, que ontem, á tarde, foi sucessivamente a três recepções diplomáticas, á da Indonésia, á da Etiópia e á da Bulgária, foi sempre seguido por uma multidão de jornalistas e fotógrafos que o deixavam apenas respirar. «Tende pena de mim» — disse aos jornalistas na recepção da Indonésia, acrescentando ter terminado o dia de trabalho e não querer falar mais de política.

No entanto, na recepção bulgara, Kruchtchev respondeu ás mais variadas pergntas dos jornalistas, indo da Argélia ao desarmamento, da sua conversa com MacMillan aos seus projectos de viagem.

Kruchtchev afirmou: «Haverá uma conferência ao mais alto nível».

Interrogado se uma tal conferência seria uma reunião entre ele próprio e o presidente Eisenhower ou um encontro entre os «Quatro Grandes», o sr. «K» respondeu: «Não se trata de uma questão de quantidade, mas de qualidade».

Kruchtchev declarou que «acolhera com agrado» a iniciativa de MacMillan, que o procurou em Nova York para tarvarem conversações. Foi perguntado ao primeiro-ministro soviético se MacMillan lhe dissera que pretendia a paz e Kruchtchev retorquiu: «Sim, mas sob certas condições».

OS CASOS DO «U-2» E DO «RB-47»

Ao ser interrogado se desejava, também, a paz, do mesmo modo, isto é, sob determinadas condições, Kruchtchev respondeu afirmativamente.

O chefe do Governo soviético disse esperar, ainda, desculpas do presidente Eisenhower por causa do incidente com o avião de reconhecimento «U-2», mas iludiu as perguntas dos jornalistas que o interrogaram sobre se estas desculpas serão uma condição para quaisquer conversações futuras entre eles.

Depois de ter novamente exposto o seu ponto de vista quanto aos casos de «U-2» e do «RB-47» e o de um terceiro avião que, segundo informou, foi também abatido sobre território soviético, acrescentou: «O Exército da U. R. S. S. cumpre a missão sagrada de vigiar o nosso território».

Perguntaram-lhe, depois, se aceitaria encontrar-se com o novo presidente dos Estados Unidos sem essas condições prévias. «Estou convencido, disse, que esse encontro se dará».

Kruchtchev voltou a insistir em que o «U-2» e o bombardeiro «RB-47» sobrevoavam território soviético quando foram abatidos, rejeitando a afirmação americana de que o «RB-47» se encontrava fora das águas territoriais russas.

Interrogado sobre se a União Soviética poderia provar que o «RB-47» se encontrava adentro das frontieras soviéticas, Kruchtchev replicou: «Pertence aos Estados Unidos provar que o aparelho se encontrava fora das nossas águas territoriais».

A MORTE DE FOSTER DULLES

O primeiro-ministro russo elogiou, depois, jocosamente, John Foster Dulles, o falecido secretário de Estado norte-americano, afirmando que ele cometera muitos erros. Disse: «Foster Dulles foi o melhor aliado que tive no Departamento de Estado e sofri uma grande perda quando ele morreu». E acrescentou: «Chorei muito a morte de Dulles e sempre supus que perderia os meus apoios no seu Departamento. Verifiquei, porém, que Dulles deixou bem formados os seus quadros e que tudo continua como antes».

DESEJO-VOS A VITÓRIA, DISSE «K» AOS ARGELINOS

«Saúdo-vos e desejo-vos a vitória» — declarou Kruchtchev a Belkacem Krim, «vice-presidente do governo provisório da «Republica Argelina», que se encontrava presente na recepção.

Alguém, na assistência, salientou, nessa altura, que o general de Gaulle não ficaria contente se ouvisse essas palavras. «K» replicou: «Não sei porque é que deva ser mais francês que o presidente da Republica francesa». «E' com efeito difícil» — interrompeu Belkacem Akrim. Ao que Kruchtchev respondeu: «Ao ter negociações com os representantes do G. P. R. A., o general reconheceu-os de facto» E «K» prosseguiu: «Ninguém vos trouxe esse reconhecimento numa bandeja. Foi por uma luta tenaz que o conquistasteis».

Kruchtchev afirmou, depois, em resposta a uma pergunta, que falara com o general de Gaulle sobre esse problema e que tinha em alto apreço o presidente da França. O dirigente russo declarou que afirmara ao presidente de Gaulle que o problema depia ser resolvido pacificamente e que os Franceses e Argelinos deviam viver juntos.

Como um jornalista francês notasse que havia na Argélia mais de um milhão de Europeus, «K» respondeu: «Já Guy Mollet me veio com esse argumento! Que os Franceses e Arabes vivam juntos, está bem, mas um milhão de homens não deve dominar oito milhões».

Ao ser-lhe perguntado se seavistaria com o presidente de Gaulle ao regressar á União Soviética, o sr «K» respondeu negativamente. acrescentando não haver qualquer problema imediato a discutir com o general.

MAS A RUSSIA E' MELHOR

Antes de comparecer na recepção bulgara Kruchtchev assistiu a uma recepção oferecida pela delegação etíope, onde permaneceu durante vinte minutos.

Na recepção da Indonésia, conversou com o general Nasution e, depois, mais longamente, com Aidit, chefe do Partido Comunista da Indonésia, que lhe perguntou quais as suas impressões da América. «A América é um bom país — respondeu — mas a Russia é o melhor de todos».

Depois dealudir ás medidas policiais tomadas para sua protecção, as quais, «o impediriam de se perder», «K» acrescentou: «Vejo que MacCarthy ressuscitou. A indicação está ali» e apontou um canto da sala onde se encontrava o pessoal de segurança. — (Reuter e F. P.).

NOVO ENCONTRO KRUCHTCHEV-MACMILLAN

NOVA YORK, 4. — O primeiro-ministro da União Soviética concordou em ter um novo encontro com MacMillan. — (A. N. I.).

A Guiné acusou Portugal
na Comissão de Curadoria da O. N. U.
de pretender protelar a discussão sobre os territórios não-autónomos

NOVA YORK, 4. — A Comissão de Curadorias da Assembleia Geral deu ontem por concluida a eleição dos membros dos seus quadros directivos e a elaboração de um programa de trabalhos.

Sob a presidência do dr. Adnam Pachachi, do Iraque, eleito a semana passada, a Comissão elegeu para vice-presidente o dr. Carlos Ortiz de Rozas, da Argentina, e para relator Poul Boeg, da Dinamarca.

Durante os debates sobre a elaboração da agenda de trabalhos, o delegado da África do Sul, B. G. Fourie, propôs que fosse dada preferência á inscrição da questão do Sudoeste Africano, a fim de permitir que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Eric Louw, pudesse, antes de regressar a Pretória, assistir aos debates da Comissão de Curadorias sobre a situação daquela antiga colónia alemã.

A proposta da delegação sul-africana foi rejeitada por 23 votos contra 8, com 34 abstenções.

O delegado de Portugal, dr. José Manuel Fragoso, votou a favor da proposta da África do Sul.

O simples facto da delegação portuguesa, usando da sua liberdade de voto, ter sido uma das que concordou em que não havia qualquer inconveniente em aceder ao pedido do delegado sul-africano, serviu de pretexto para a Republica da Guiné lançar um ataque a Portugal.

Espontaneamente, o delegado da Guiné, Barry Biro, pediu a palavra para dizer que Portugal apoiava a África do Sul por pretender «protelar a acção da Comissão de Curadorias», e, a vincar a insinuação, salientou que o segundo assunto inscrito na agenda é o «estudo dos princípios para determinar as obrigações de apresentar ás Nações Unidas relatórios sobre as condições nos territórios de governo não-autónomo».

A Comissão resolvera inscrever o assunto em segundo lugar, e relegar para sétimo o que diz respeito ao Sudoeste Africano.

A Comissão de Curadorias reune na quinta-feira, á tarde, a fim de dar início ao debate geral. — (A. N. I.).

Em Alenquer, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência da Rua Odete Granada.

Tágide
Apresenta
Às 23 h. e 2,45 h.: Marujita Ruiz — Maria Marques — José Borges; Às 0.30: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO
Palm Beach
Às 23 h.: ROSÁRIO e o SEU ESPECTÁCULO
Às 0,30 h.: Marujita Ruiz — Maria Marques — José Borges

FÁBRICA DE TAPEÇARIAS
SULTÃO
FORNECEDORA DAS NOVAS CARPETES DO
CINEMA **S. JORGE**

EKO?

CINQUENTENÁRIO DA REPÚBLICA

Diario de Lisboa

NÚMERO COMEMORATIVO

1910 — 1960

A República e o Povo

Na madrugada de 3 para 4 de Outubro de 1910 iniciou-se em Lisboa o movimento revolucionário que, em poucas horas, depôs a Monarquia oito vezes secular e proclamou a Republica. Ao celebrar o seu meio século de existência, o novo regime identificou-se de tal maneira com o sentimento e as aspirações da Nação que se tornou indestrutível. As vicissitudes que atravessou não diminuiram o fervor cívico que, nas curtas horas de luta que precederam a vitória, fizeram pulsar num movimento simultaneo o coração dos heróis dessa jornada e o do povo português. A Republica deixara, há muito, de ser uma aspiração de partido para se tornar um imperativo de salvação nacional.

Desapareceu a geração admirável que preparou o seu advento. No curso acidentado do tempo dificilmente encontramos outra que a supere. Nela se destacaram os mais altos e esclarecidos valores que, durante duas décadas, prègaram a doutrina da emancipação sob a égide de um regime isento de culpas e máculas. Nesses vinte anos, a Monarquia sujeitou o País aos vexames que a incúria e ligeireza dos seus servidores tornaram inevitáveis.

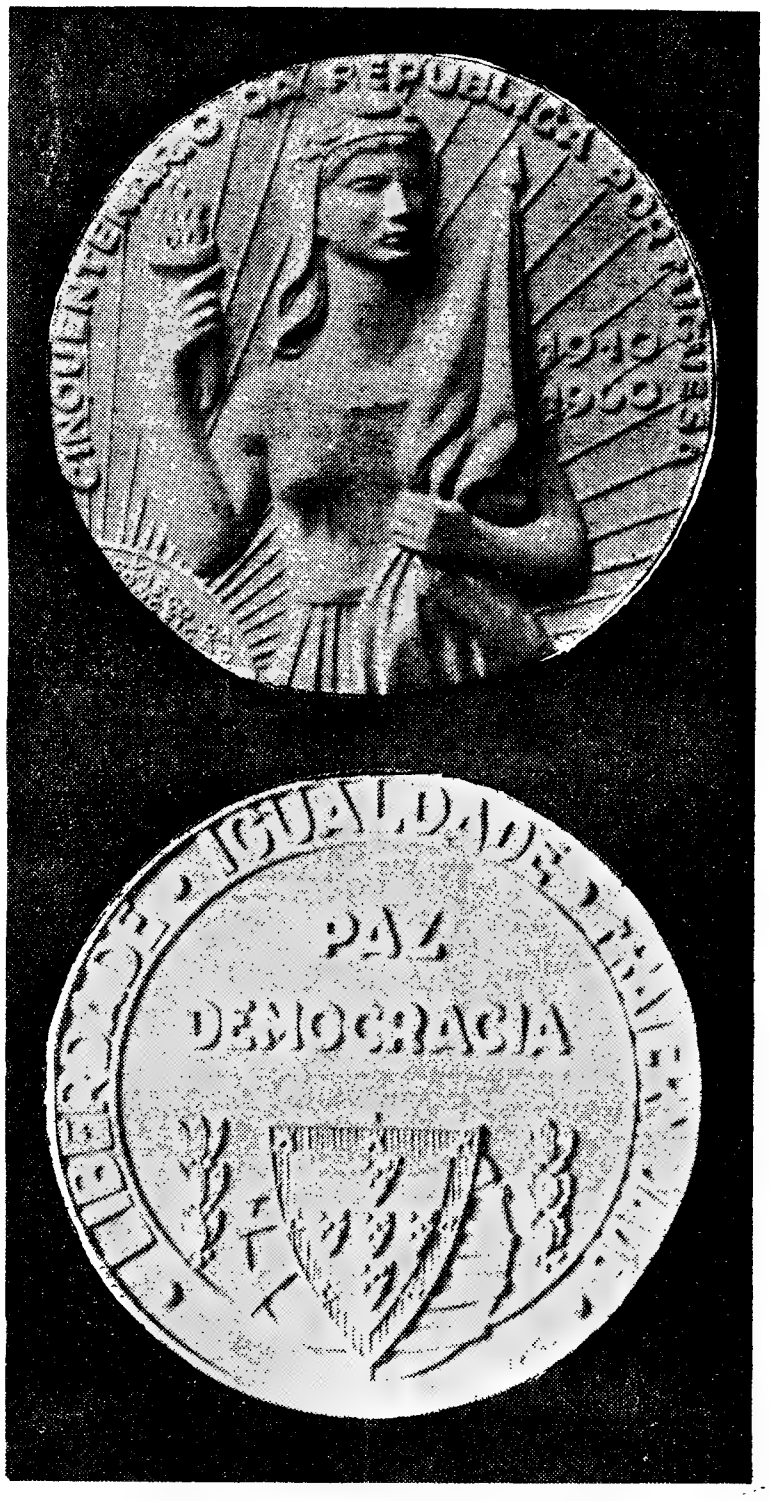
Graças a um desses vexames — o ultimato de 1890 — a Nação tomou consciência do descalabro a que a levaram as taras das instituições vigentes; imoralidade política, desordem administrativa rebaixamento moral. Ao regobofe do fontismo, coberto com o véu dos melhoramentos materiais, seguiu-se a fase inconcebível do rotativismo e, finalmente, a epilepsia franquista. Entre o regicídio e a revolução, o Partido Republicano — unica força de ordem no País — dominou os acontecimentos. A Monarquia, abulica, aguardava, apenas, que a removessem.

Entre ela e a Nação era total o divórcio. Como podia ser de outra maneira, perante a série dos escândalos que se sucederam a um ritmo alarmante: as obras do porto de Lisboa, os tabacos, os adiantamentos, os sanatórios mágicos, a questão Hinton, o Crédito Predial, numa catadupa de manigancias, como a dos sobrescritos, que fizeram da propaganda republicana um clamoroso protesto da consciência publica ultrajada. Para os próceres do regime em decomposição, o manto régio era a capa de prevaricadores e o ceptro realeza foram pelos seus partidários equiparados ás realidades mais torpes.

Os primeiros tiros, que há cinquenta anos soaram no Tejo para anunciar a revolução, foram recebidos não como prólogo de uma luta demorada, mas como o sinal seguro de um movimento de libertação. Passadas trinta e três horas, o País, em delírio, aclamou de um a outro extremo, a República.

As versões interessadas com que têm tentado obscurecer estas certezas, vividas e testemunhadas, de nada valeram. Os nomes dos precursores e obreiros que entusiástica e desinteressadamente, colaboraram nessa tarefa de saneamento e renovação, avultam com deslumbrante fulgor no apreço e no reconhecimento do povo: oradores, parlamentares, tribunos, jornalistas, professores, filósofos, escritores, publicistas, homens de pensamento e de acção, fraternalmente irmanados pelo mesmo ideal de resgate.

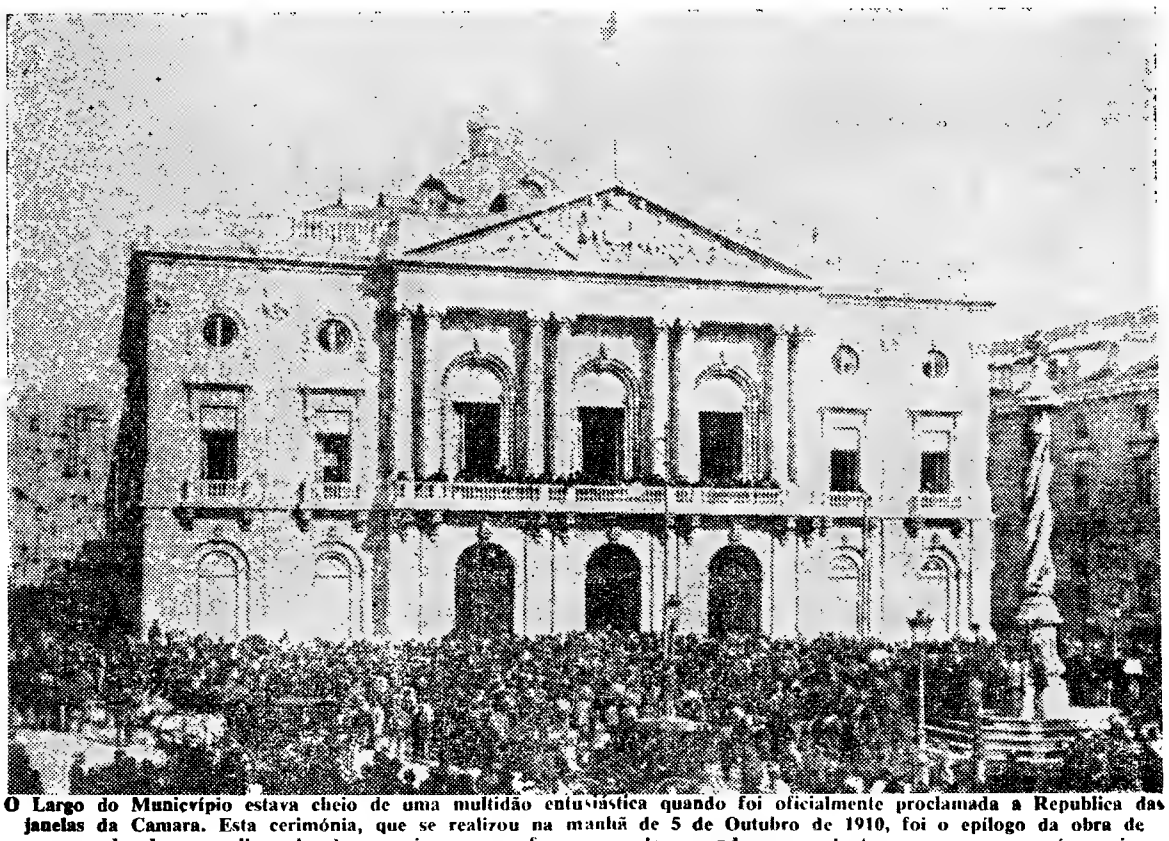
O seu exemplo, o seu verbo e a sua isenção modelaram a alma dos republicanos, obscuros e ardentes, que depois de verterem o sangue nos combates de rua foram guardar os bancos com as suas armas impolutas. Esse episódio consubstancia e exprime, dando-lhe o selo da eternidade e da grandeza, a revolução que em Portugal implantou a República, avultando nas páginas da nossa História como uma lição perene e reveladora. Há meio século que as vozes suspeitas, que tentam contestar o significado dessa lição, clamam inutilmente no deserto, ignorando que, por muito curta que seja a memória dos homens, há espectáculos que dela se não apagam nunca.



MEDALHA COMEMORATIVA DO CINQUENTENÁRIO DA REPUBLICA

Medalha comemorativa do cinquentenário da proclamação da Republica, da autoria do escultor Vasco da Conceição. Numa das faces, a figura da Republica, erguendo na mão esquerda a bandeira, e na direita empunhando o facho simbólico. Na outra face, o escudo nacional e dizeres que definem os ideais da revolução de 5 de Outubro. A medalha foi esculpida por Vasco da Conceição no tamanho em que a fundiu o artista Abreu.

A acção decisiva dos civis para a vitória da revolução assinalou o movimento de 5 de Outubro de 1910



O Largo do Município estava cheio de uma multidão entusiástica quando foi oficialmente proclamada a Republica das janelas da Camara. Esta cerimónia, que se realizou na manhã de 5 de Outubro de 1910, foi o epilogo da obra de propangada dos conselhos da democracia que as forças armadas secundaram pondo termo, com o povo, á carreira da monarquia

O povo foi o grande artífice da vitória da Republica, em 5 de Outubro de 1910. Na fase da propaganda doutrinária, especialmente entre 1906 e 1910, as autoridades da Monarquia, encarregadas da sua repressão, agiram contra ela com uma violência sem nome. O seu objectivo era destruir a chama que ardia no campo republicano e extinguir a fé na democracia

Quando se impôs como inevitável a necessidade de fazer a revolução, foi entre o povo que os organizadores da participação civil encontraram os mais dedicados, corajosos e desinteressados agentes do seu pensamento. A Carbonaria recrutou os seus filiados, especialmente nos primeiros tempos, entre trabalhadores humildes e modestos operários de várias profissões. Bairros inteiros colaboraram nesse trabalho persistente e árduo, em que os riscos eram de molde a fazer desanimar os menos corajosos. A acção da Polícia e da Guarda Municipal, nas ruas, e a do Juizo de Instrução Criminal, teriam, se se tratasse de gente menos animosa e entusiástica, extinguido a chama da fé revolucionária.

Em vez disso foi o contrário que aconteceu. Os testemunhos dos dirigentes civis, como Luz de Almeida e Machado dos Santos — os mais categorizados e influentes depois de Miguel Bombarda — não deixam duvidas sobre a total dedicação dos indivíduos aliciados os quais, por fim, se recrutavam em todos os meios e classes sociais. Mais convincentes são, porventura, os dos políticos da Monarquia que fizeram parte dos ultimos Governos do regime que baqueou em 5 de Outubro de 1910. Quando a revolução estalou, nada sabiam esses Governos da preparação revolucionária entre os civis.

Nos livros que publicou, depois da queda da monarquia de que foi ultimo presidente do Conselho, Teixeira de Sousa afirma que nem o

(Continua na página seguinte)

Todo o País recebeu
com indiscutível entusiasmo
a proclamação da República

Depois de uma visita á provincia, na altura em que a preparação do movimento de 5 de Outubro entrou na sua fase decisiva o almirante Candido dos Reis disse aos seus colaboradores: — A revolução na província faz-se pelo telégrafo. — Os factos confirmaram este vaticínio fundamentado. Em parte alguma houve qualquer tentativa de levantamento militar ou manifestação de protesto entre os civis. A adesão do país á vitória republicana teve carácter de uma consagração nacional. De Norte a Sul aclamações calorosas saudaram o advento do novo regime. Esse fenómeno aparentemente inexplicável só constituía mistério para quem não acompanhasse, com atenção, a penetração crescente da propaganda e da doutrina dos idealistas que prepararam o caminho á Republica.

Quando o ultimo rei de Portugal partiu para o exílio, embarcando no iate «Amélia», entre os derradeiros defensores do Monarquia espalhou-se — fácilmente se acredita, aquilo que se quere — que ele seguia para o Porto a fim de organizar ali a resistência á revolução vitoriosa na capital. Um dos seus partidários dedicados, João de Azevedo Coutinho, disse-lhe em Mafra, pouco antes da partida que mesmo que falhasse a ideia de ir para o Porto, lhe restava a possibilidade de fazer de Valência um reduto da causa realista. Estas afirmações a nada de concreto correspondiam pois a implantação da Republica deu satisfação a uma aspiração nacional inequivocamente afirmada.

Durante a revolução fora possível verificar essa certeza quando as tropas chamadas de fora para acudir á Monarquia em transe, não mostraram qualquer pressa em chegar á capital. Um dos regimentos chamados para esse efeito, Artilharia 3, cuja sede era em Santarém foi em certa altura, a derradeira esperança dos defensores da realeza. Pois bem. Esse regimento ficou propositadamente, por alturas de Vila Franca, invocando vários pretextos para não corresponder ao pedido instante que lhe era feito. Isto mesmo confirma o ultimo chefe do Goveno da Monarquia num dos livros em que descreveu a acção dos revolucionários e das forças monárquicas nas jornadas de Outubro de 1910.

No Porto durante o dia 4, apesar de as tropas se encontrarem de rigorosa prevenção e de as notícias de Lisboa serem escassas e contraditórias o povo manisfestou-se nas ruas com entusiasmo revelador dos seus sentimentos. Só na manhã de 5 chegou a confirmação oficial da proclamação da Republica e o que então se passou é indescritível. Dezenas de milhar de pessoas vieram para a rua e deram largas á sua alegria, organizando cortejos que exteriorizavam o seu regozijo.

O comportamento exemplar dos combatentes

Os civis tiveram um papel decisivo na jornada revolucionária de 5 de Outubro. O seu entusiasmo ardente, a sua fé contagiosa, a sua bravura incomparável, foram elementos capitais da vitória republicana. Depois desta alcançada, o seu comportamento esteve acima de todos os elogios. Limitaram-se a obedecer ás ordens do «comité» que antes de se iniciar o movimento, publicou um documento em que figuravam as seguintes instruções:

1.º Cada um dos grupos civis, executada a missão que lhe é determinada, fica policiando o local onde efectivou a sua «acção». 2.º, Os chefes civis evitarão a efusão de sangue. 3.º, Todo o indivíduo encontrado a assaltar residências particulares, a roubar, a assassinar inimigos indefesos ou a cometer violência, será imediatamente fusilado. 4.º, Todo o cidadão da Republica deve regular o seu procedimento pelos ditames da Honra, do Patriotismo e da Humanidade.

Estas instruções foram escrupulosamente cumpridas. A disciplina dos elementos revolucionários foi perfeita e o seu idealismo era incompatível com as violências inuteis e sangrentas.

Os caudilhos republicanos e as figuras mais prestigiosas do partido naquela cidade foram objecto de saudações calorosas. A escolha do dr. Paulo Falcão, advogado e figura respeitabilissima, filho e herdeiro da magnífica tradição de seu pai, dr. José Falcão teve acolhimento sintomático.

Em Coimbra o mesmo cargo foi confiado ao dr. Fernandes Costa categorizado dirigente do partido republicano que não teve dificuldades em assumir as suas funções. A população e a academia organizaram manifestações que durante o dia e a noite de 5 de Outubra, percorreram as ruas exteriorizando um entusiasmo delirante. A tradição revolucionária das duas cidades era conhecida. No Porto fez-se o primeiro movimento republicano, em 31 de Janeiro de 1891 e para ele estavam preparados os estudantes de Coimbra que aguardaram debalde que lhes fosse notificada a saída da revolução para nela colaborarem.

Mas nessas como nas outras cidades do País, a proclamação da Republica, entusiásticamente saudada pelo povo, revestiu-se de aspectos desconcertantes. Por toda a parte os antigos políticos da Monarquia aderiram em massacre ao novo regime. O mesmo fez a oficialidade do Exército e da Armada onde se encontrava, manifestando o seu acatamento pelo novo estado de coisas e proclamando a sua fidelidade á Republica.

Com os antigos dirigentes monárquicos e os chefes das forças armadas e seus subalternos, nos mesmos sentimentos de adesão e acatamento foram exteriorizados pela Imprensa regional que, até então, se mostrara favorável á Monarquia e aos seus partidos políticos. Em Viana do Castelo a proclamação da Republica foi feita, apesar das objecções dos dois militares que ali se encontravam nessa altura o mais tarde general Pereira de Eça e o almirante Muzanti. Vila Real aguardava, na véspera da proclamação do novo regime a visita do ultimo soberano. A convite do chefe do Governo regenerado, Teixeira de Sousa, o rei devia ir áquela cidade nos primeiros dias de Outubro o que não lhe foi possível em virtude dos acontecimentos que se desenrolaram na capital e que tiveram por epílogo a sua partida para o exílio.

A Covilhã preparava-se para uma grande manifestação anticlerical, quando foi ali recebida a notícia da proclamação da Republica que suscitou indescritível entusiasmo entre o povo. Braga, Guimarães, Bragança, Viseu, Aveiro, onde havia uma velha tradição democrática simbolizada pelo dr. Albano Coutinho, Leiria, e outras cidades do Norte e do Centro do País aderiram á Republica. Por toda a parte os influentes monárquicos lhes deram também a sua adesão manifestando o propósito nem sempre cumprido, de acatarem a sua autoridade.

Foi sobretudo no Ribatejo e nas províncias do Sul que a proclamação da Republica foi acolhida com delirantes manifestações de entusiasmo o que não era de estranhar. Santarém, Alpiarça, Benavente, eram velhos baluartes da democracia. Setubal elegia, bem como Beja, deputados republicanos ao Parlamento da Monarquia. Quando o velho sonho da mudança de regime se concretizou, foi nessas cidades um delírio. Os republicanos que nelas haviam lutado intemeratamente — José Relvas, Anselmo Xavier, Brito Camacho, Jacinto Nunes, Leão Azedo — constituíam uma pleiade brilhante que ao serviço da Republica havia lutado e continuou a lutar mesmo depois da sua instauração definitiva.

De uma das varandas da Camara Municipal de Lisboa, o sr. José Relvas faz a proclamação da Republica, vendo-se a seu lado Eusébio Leão e, em segundo plano, o dr. Carneiro Franco

A Camara Municipal de Lisboa, cuja vereação era republicana desde as eleições de 1908, estava confiada á guarda de civis, durante os primeiros dias da Republica

O Stand Campina tem á v/ disposição automóveis americanos e europeus que vende em condições especiais para as v/ férias no País ou estrangeiro.

Rua D. Filipa Vilhena, 8-D (Ao A. Cego)

A atitude [illegible] perante a vitória [illegible]

(Continuação da página anterior)

Governo, nem a Polícia tinham qualquer informação séria ou suspeita fundamentada sobre a natureza da organização e missão dos civis para a revolução. Havia no Juizo de Instrução Criminal um processo sobre o que vagamente se chamava as associações secretas. Mas, acrescenta Teixeira de Sousa, ninguém sabia da existência da Carbonaria e dos seus chefes e tudo se ignorava das suas aliciações e dos compromissos assumidos pelos seus filiados que rigorosamente os cumpriram. E, no entanto, esta tinha dezenas de milhares de filiados de todas as procedências.

As suas ramificações alargavam-se ao País inteiro. Não havia cidade ou vila de certa importancia onde não se tivessem criado nucleos de civis decididos a colaborar na revolução. Era particularmente valiosa a organização no centro do País, onde um grupo notável de revolucionários se estabelecera, fazendo irradiar de Coimbra a sua actividade infatigável. Pires de Carvalho, Manuel Alegre, Malva do Vale, foram figuras destacadas desse grupo e a sua intervenção na preparação do movimento de 5 de Outubro foi das mais importantes.

Na hora do combate os civis reivindicaram para si o principal papel durante o acto revolucionário. Se mais não fizeram isso se deveu á desorientação que coincidiu com as primeiras fases da luta, em virtude da morte de Miguel Bombarda e Candido dos Reis, da dispersão dos membros do directório e das hesitações de alguns oficiais comprometidos no movimento que não corresponderam ás esperanças que neles depositaram. Esses inconvenientes não bastaram, porém, para anular a colaboração ou entibiar o animo dos civis a quem coube, na vitória final da revolução de 5 de Outubro, uma parte valiosa.

Ao referir-se á actividade que estes desenvolveram escreveu Jorge de Abreu na sua história da revolução: «Aos civis se ficou, principalmente, devendo a vitória da Republica. Foram eles que emprestaram ao movimento revolucionário a fé indomável que constituiu o segredo dessa vitória a qual não podia ser obra exclusiva dos combatentes militares. Os civis estiveram na Rotunda, ao lado de Machado Santos, dando-lhe uma parcela de auxílio que ele teve na devida conta. Estiveram em Alcantara, investindo contra as forças organizadas da Monarquia. Entrincheiraram-se no Quartel de Marinheiros e enfrentaram o ataque das forças fieis á Monarquia que guarneciam o palácio das Necessidades. Foi um grupo de civis que, denodadamente, colaborou com um oficial de Marinha arrojado, o 2.º tenente Tito de Morais, quando este assumiu o comando do «S. Rafael». Os civis assaltaram, com outro arrojado oficial de Marinha Carlos da Maia, o cruzador «D. Carlos». Na madrugada de 5 de Outubro foram ainda os grupos civis que semearam o desanimo e levaram á defecção as forças monárquicas acampadas no Rossio. No arriscado serviço de comunicações coube-lhes exclusivamente a tarefa de, num período de cruel incerteza e correndo os maiores riscos, fazerem os sacrifícios necessários para as assegurar».

Os grupos de civis que lutaram nas ruas contra a Municipal e a Polícia levaram, em regra, a melhor e muitas tentativas isoladas de ataque ao acampamento da Rotunda foram por eles preventivamente inutilizadas com bravura acima de todos os elogios Depois da vitória o seu exemplo tornou-se uma lição incomparável. «Nesse momento, escreveu João Chagas, a revolução foi sublime. Os homens que acabavam de se bater contra um inimigo que era o representante dos privilégos e da fortuna, respeitaram os nobres e guardaram os bancos. Ao ir do Quartel-General para sua casa, o comandante das forças monárquicas, general Gorjão, dizia ao chefe da revolução, Machado Santos, que o acompanhara: «Nunca se fez uma revolução com tanta sinceridade e com tanta fé!».

Miguel Bombarda e Cândido dos Reis

que eram os chefes da revolução

morreram antes dela ter triunfado

Antes de se ouvirem no Tejo os tiros anunciadores do glorioso movimento de 5 de Outubro, com o curto intervalo de algumas horas, este perdeu os seus chefes. A's seis da tarde de 3, Miguel Bombarda, no Hospital de S. José, sucumbiu aos efeitos de um atentado estúpido e inesperado. A's 6 da madrugada, de 4, o almirante Cândido dos Reis suicidou-se, não menos estúpida e inesperadamente, sendo o seu cadáver encontrado na Azinhaga das Freiras, a Arroios, e conduzido para a Morgue onde deu entrada. Quem eram estes homens dos mais ilustres do seu tempo, que assim desapareceram da vida deixando mergulhados na dor e na confusão aqueles que estavam prestes a lançar-se num empreendimento resgatador, pondo termo á carreira secular da Monarquia? Como se deram os acidentes em que morreram?

Miguel Bombarda era um homem de ciência eminente, o primeiro alienista português do seu tempo, professor da Escola Médica, escritor notável e organizador infatigável. Os reacionários viam nele um inimigo que lhes não dava tréguas no combate pela liberdade e pela democracia. Gozava em Portugal e no estrangeiro, de fama merecida. Afirmara-se, além disso, como polemista vigoroso, autor de trabalhos de divulgação e combate em que vibrava um salutar idealismo. Na luta pelas ideias que defendia era temível e ninguém, como ele, tinha qualidades de irradiante simpatia e prestígio junto da população que o venerava.

Um dia, em 2 de Agosto de 1909, um ano antes da queda da Monarquia, a um simples gesto seu, mais de cem mil pessoas se juntaram nas ruas de Lisboa para o acompanhar ao Parlamento, a fim de pedir a aplicação das leis anti-clericais decretadas pela monarquia liberal. A mais imponente manifestação popular que alguma vez desfilara na capital, decorreu numa ordem perfeita como afirmação de dignidade cívica sem paralelo na nossa história. A' frente dela, Bombarda na sua magnifica serenidade, dominador e severo, foi nessa hora o intérprete eloquente da vontade do povo, manifestando-se com a majestade das decisões inabaláveis.

Depois dessa manifestação, que dirigiu como presidente da Junta Liberal, dedicou-se á actividade revolucionária que tomou no seu es-

CÂNDIDO DOS REIS

pírito o aspecto de uma tarefa absorvente. Ninguém como ele, dedicada e exaustivamente, trabalhou na preparação do movimento que não viu triunfar. Organizador prestigioso e infatigável, depressa se tornou o chefe da organização civil que, em 3 de Outubro de 1910, lançou na rua, impelidos pelo mais vibrante entusiasmo, os combatentes que, mais do que ninguém, contribuiram para a implantação da República. Nessa tarefa consumiu os ultimos meses da sua vida. Quando teve o pressentimento de que a morte se aproximava, chamou junto da sua cama de agonizante, alguns amigos que haviam sido os seus melhores colaboradores — Brito Camacho, João de Meneses, Simões Raposo — e confiou-lhes os papeis mais importantes que tinha em seu poder, entre eles as listas dos revolucionários, para que lhes fosse dado o devido destino.

Candido dos Reis, quando a revolução estalou, era o seu incontestado chefe militar. Essa situação conquistara-a mercê de um trabalho persistente de muitos anos. Logo em seguida ao malogro do movimento do Porto, de 31 de Janeiro de 1891 — em consequência do protesto nacional contra o ultimato — esteve para eclodir outra revolução, em 1895, na qual pela primeira vez a figura do saudoso almirante apareceu e se impôs. Em 1902, quando da celebração do convénio com os credores externos, cujas condições ruinosas o País teve de aceitar para evitar mais

MIGUEL BOMBARDA

humilhações no estrangeiro, novamente os republicanos tentaram derrubar a Monarquia sem que os seus esforços fossem coroados de êxito e Cândido dos Reis esteve na primeira linha dos conspiradores.

A malograda tentativa de 28 de Janeiro de 1908, precipitada pelas violências da ditadura franquista, teve nele um chefe á altura das circunstancias. Mostrou, então, o valor de um verdadeiro chefe e não foi por sua culpa que o movimento, que contava com elementos valiosos em numero e qualidade, falhou e com ele os cálculos dos seus organizadores. Circunstancias estranhas á vontade destes ultimos, que sem receio procuraram dar satisfação á vontade da Nação, pondo termo a um estado de coisas insuportável, impediram que os seus propósitos fossem levados a bom termo. Mas a figura do almirante Cândido dos Reis marcou, então, lugar inconfundível entre os republicanos decididos aos maiores sacrifícios para fazer triunfar a causa da Republica. Depois, nunca mais, nos dois anos que se seguiram, a sua vontade fraquejou, a sua tenacidade deu mostras de se entibiar, a sua coragem mostrou sinais de enfraquecer.

Na madrugada de 4 de Outubro estava no seu posto, no Cais do Gás, junto dos oficiais que deviam acompanhá-lo a bordo de um dos navios de guerra cujas guarnições há muito davam sinais de impaciência perante os sucessivos adiamentos da revolução. Um deplorável equívovo levou-o ao convencimento de que a revolta falhara e as suas palavras proferidas nesse momento reflectiram a sua grandeza de alma. «Já não há Portugueses — disse Cândido dos Reis antes de se separar dos amigos que o viram afastar-se com um mau pressentimento. Ainda andou pela cidade — esteve em casa das irmãs na Estefânia — numa ansiedade compreensível. As informações erradas que o lançaram no desespero, pareciam ter a confirmação dos factos. Pelo menos, ele assim o acreditou.

Então, para não sobreviver á derrota, tomou a decisão desesperada de pôr termo á vida. Ele próprio dissera, ao deixar o Cais do Gás: «Não vou parar a uma esquadra de polícia. Tudo menos isso». Mas o almirante, que, com o seu sacrifício prematuro, sagrou a causa da revolução, não tinha razão. Os seus companheiros de ideal, á hora em que ele se suicidou, batiam-se por toda a parte — na Rotunda, no Quartel de Marinheiros, nos navios de guerra, nas ruas da cidade — contra os ultimos defensores da Monarquia. A sua perda deve considerar-se uma das mais graves, porventura mesmo a mais grave, que a República sofreu. Apesar dela, a revolução triunfou, mas ao novo regime faltou a sua autoridade sem par para a guiar nos primeiros passos.

A' porta da sua residência, que durante a luta serviu de quartel-general das forças revolucionárias que instalaram na Rotunda da Avenida o seu acampamento, o sr. José da Costa aguarda o desfecho dos acontecimentos

Prédios

Para comprar, vender ou hipotecar procure sempre

Agência Joaquim Lourenço

P. Restauradores, 13-2.º

Telef. 20040

OFICINA DE FECHOS E APLICAÇÕES PARA MALAS DE SENHORA

DE

ARSÉNIO & QUINTAS, LDA.

R. Damasceno Monteiro, 93-A

Telefone 842585 — LISBOA

Como decorreu a luta em Lisboa

durante trinta e três horas

até á vitória final da revolução

A revolução durou em Lisboa trinta e três horas — da 1 da manhã de 4, ás 9 da manhã de 5 de Outubro de 1910. A acção militar desenrolou-se á margem do plano estabelecido e, uma vez que este teve de ser posto de parte os chefes encarregados da sua execução morreram ou se dispersaram nas primeiras horas da luta. Os revolucionários começaram por organizar dois redutos defensivos, um na Rotunda da Avenida, outro no Quartel de Marinheiros, em Alcantara, ao mesmo tempo que dominavam a cidade do rio onde alguns navios logo aderiram ao movimento. Esses redutos defensivos foram alvo de persistentes ataques das forças fiéis á Monarquia, aos quais resistiram vitoriosamente. Os ataques e a defesa dos revolucionários foram, do ponto de vista militar, os factos predominantes da revolução.

A ideia de concentrar a defesa das suas forças na Rotunda da Avenida fora prevista para o caso do malogro do plano elaborado nas vésperas da revolta. O almirante Candido dos Reis e Machado dos Santos — o que devia dirigir e o que dirigiu as forças republicanas — tinham estudado essa hipótese e previsto as condições em que ela poderia efectuar-se se, como veio a acontecer, as unidades aquarteladas no sector oriental da cidade (Graça e Castelo) não tomassem, como fora combinado, a ofensiva contra as tropas fiéis á Monarquia.

Essas unidades (Infantaria 5, Caçadores 5 e Engenharia) não se revoltaram e tomaram, mesmo, posição contra os revoltosos. Estes contaram com o regimento de Artilharia 1 e parte do de Infantaria 16, cujos quartéis eram na parte ocidental, Campolide e Campo de Ourique o que era manifestamente insuficiente para tomar a ofensiva contra os objectivos que inicialmente se haviam estabelecido — o Palácio das Necessidades, onde estava o rei, o Quartel General, no Rossio, e o comando da Guarda Municipal, no Carmo.

Assim, enquanto as forças revoltadas tomavam uma atitude de defensiva sistemática, as tropas fiéis á Monarquia tomavam a iniciativa das operações para as desalojar dos pontos onde se haviam concentrado.

Quando surgiu a manhã, em 4 de Outubro, a situação parecia clara, nos dois campos. O ataque ao acampamento da Rotunda devia ser realizado por uma coluna envolvente, tal foi a designação que lhe deram no Quartel General do Rossio. O ataque ao Quartel de Marinheiros devia ser realizado pelas forças fiéis ao regime que estavam de guarda ao Palácio das Necessidades. Esta dupla tarefa era relativamente fácil, o que justificava o optimismo dos chefes monárquicos que o transmitiram ao Governo e ao rei. Mas os seus cálculos falharam porque, nos seus redutos, os revoltosos opuseram uma resistência vitoriosa aos assaltos do inimigo.

O ataque á Rotunda pela coluna envolvente, composta pelos regimentos de Infantaria 2, Cavalaria 2 (Lanceiros) e pelo Grupo a Cavalo (Artilharia de Queluz) devia ser precedido da ocupação do Quartel de Artilharia 1, de onde municiavam os revoltosos. Esta operação preliminar não foi coroada de êxito porque os defensores do quartel, onde não havia qualquer oficial apesar do valor da posição, que representava se portarem heroicamente de forma que, quando os atacantes se lançaram sobre a Rotunda, não podiam já ter duvidas sobre a sua derrota. Nesse ataque o comandante do grupo de Artilharia de Queluz, Paiva Couceiro, distinguiu-se, em contraste com os outros oficiais que deviam prestar-lhe uma cooperação decidida e que o não fizeram.

O ataque ao Quartel de Marinheiros, de onde as forças de Marinha se haviam retirado ficando a defesa confiada aos civis como no Quartel de Artilharia 1, devia ser feito pela brigada que guardava o Palácio das Necessidades, composta por dois regimentos da guarnição: Infantaria 1 e Caçadores 2 e por Infantaria e Cavalaria da Guarda Municipal. Também esse ataque falhou, não tentando os atacantes chegar junto do reduto dos revoltosos. Nos dois casos a desproporção numérica entre atacantes e atacados era enorme e a superioridade de forças e meios dos monárquicos bastaria, em circunstancias diferentes para lhes garantir a vitória.

Dois episódios que, embora não bastassem para fazer pender a balança da decisão a favor de qualquer dos campos, contribuiram para reforçar o moral dos combatentes republicanos produzindo efeito oposto entre os monárquicos, ocorreram durante o dia 4 e neles coube o principal papel á Marinha. Um foi o bombardeamento do Palácio das Necessidades pelos cruzadores «Adamastor» (do comando do tenente Cabeçadas) e «S. Rafael» (do comando do ten. Tito de Morais), realizado com extraordinária e grande perícia e eficácia. O rei aconselhado pelos seus dignitários, deixou o Paço e seguiu para Mafra de onde tomou, na manhã de 5 o caminho do exílio. O outro episódio foi a abordagem do cruzador «D. Carlos» a mais poderosa unidade da Marinha de Guerra onde ainda flutuava a bandeira azul e branca, realizada sob o comando do tenente José Carlos da Maia.

Depois desses episódios, para os revolucionários impos-se a necessidade de desembarcar um forte contingente de marinheiros dos navios (calculado entre 600 e 1000 homens) fazendo a sua junção com os defensores da Rotunda. Essa operação estava prevista para a manhã de 5 de Outubro pois até então nunca foi possível tentá-la. O comandante das forças de Marinha, tenente Ladislau Parreira, entendia que Machado dos Santos devia deixar o acampamento juntando-se a ele. Machado dos Santos era de opinião contrária e, como aconteceu em todos os momentos decisivos da revolução, os factos deram-lhe razão.

Entretanto, na noite de 4 para 5, a desmoralização das forças fiéis á Monárquia acentuou-se e quando veio a manhã, as que se encontravam de guarda ao Quartel General, no Rossio, declararam que não continuariam o combate e que se não oporiam ao desembarque dos marinheiros se estes, como tudo indicava, o tentassem. Machado dos Santos desceu então do acampamento ao Rossio, ás 8 e meia, e entrando no Quartel General impôs-lhe a rendição aceita pelo general Gorjão. Seguiu-se a rendição da Guarda Municipal no Carmo e finalmente a proclamação da Republica na Camara Municipal.

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os COMBOIOS ELÉCTRICOS

O coronel Helder Ribeiro

grande figura de patriota e democrata evoca a acção dos heróicos paladinos e a obra notável da República

Machado dos Santos depois de ser um dos mais eficazes organizadores do movimento triunfante de 5 de Outubro de 1910, comandou o acampamento da Rotunda que foi a principal razão da vitória republicana. A sua acção decidiu dessa vitória no momento crítico em que outros desanimaram. A sua fé na Republica fez dele um iluminado e o mais valoroso artífice do êxito da revolução para a qual decisivamente contribuiu

HELDER RIBEIRO

E' o coronel Helder Ribeiro uma das figuras notáveis que a Republica deu ao País, das mais nobres, das mais dignas, pelas virtudes que o exornam, pelos altos méritos, pelo lídimo carácter, pelo inexcedível aprumo, pela coerência e firmeza dos seus ideais norteando sempre atitudes varonis, de compreensiva generosidade, que se impõem ao respeito e á admiração pela sua verticalida exmplar.

Enreizados no sentimento, aceites por imperativo de uma consciência esclarecida, aberta á evolução inovadoras, as suas ideias liberais e profundas convicções republicanas estruturaram-se nos anseios de uma inteligência robusta e clarificadora —uma inteligência brilhante que, de maneira extraordinária, se revelou na juventude, bastando assinalar o facto notável de Helder Ribeiro, aos quinze anos, ter vencido, por méritos invulgares o curso liceal. Reflectir-se-ia, mais tarde, nas suas altas capacidades, como professor distinto em estabelecimentos superiores do ensino, militares e civis e em multiplas facetas de actividades em que demonstrou, também, uma rara capacidade organizadora e admiráveis, entusiásticas, energias produtivas, no animo inquebrantável do homem consciente das suas responsabilidades, dos seus deveres, no espírito indomável e heróico do idealista, suportando com elevação e grandeza moral, com isenção e independência inexcediveis, todos os sacrifícios e riscos que a acção decisiva em defesa dos princípios e das convições acarretam. Por eles, pelos seus ideais, conheceu a amargura do cativeiro e do exílio.

Oficial do Estado-Maior, dos mais distintos e prestigiosos, os serviços que prestou á Pátria e á Republica, nas campanhas da primeira Grande Guerra, em comandos ou pelejando, intrépido, nas trincheiras da França, tendo contribuído já com notável eficiência para a organização e treino das forças expedicionárias, em elevadas missões, como militar e na governação publica, constituem uma honrosíssima folha, em que avultam os máximos louvores, as citações, a par das altas distinções, nas quais rebrilham a Torre de Espada, a medalha de oiro de comportamento exemplar, e outras não menos expressivas e valiosas de países estrangeiros, incluíndo a Legião de Honra, concedida pela França em reconhecimento dos serviços prestados aos Aliados na primeira Guerra Mundial.

Deputado ás Contituintes, e, depois, em sucesivas legislaturas, até 1921, foi ajudante de campo do primeiro ministro da Guerra da Republica, coronel Correia Barreto, foi ministro da mesma pasta, de 1919 a 1925, nos Governos de Sá Cardoso, Domingos Pereira, António Granjo e José Domingues dos Santos: sobraçou a da Instrução, em 1924, no Gabinete presidido por Alvaro de Castro, e, interinamente, a dos Negócios Estrangeiros, em 1920 e 1924. Um resumo da sua obra notável, através de um dos biógrafos: «No Ministério da Guerra, com o objectivo de orientar a instrução militar pelos ensinamentos da Primeira Grande Guerra mundial, fez funcionar a Escola Central de Oficiais, criou as escolas de instrutores das várias armas e nomeou oficiais do Exército para frequentarem a Escola Superior de Guerra, em França, e outras escolas especializadas. Criou, também a Escola de Esgrima do Exército e dotou os grupos de metralhadoras pesadas com material moderno, adquirido em Inglaterra, Em 1925 aprovou e dotou a primeira verba para a construção do Pavilhão da Família Militar no Hospital da Estrela. No Ministério da Instrução, estabeleceu as bases para a reorganização do Ensino Primário Superior».

Quando ministro da Guerra, foi proclamado sócio honorário do Colégio Militar, juntamente com o então director do mesmo estabelecimento de ensino, general Bernardo de Faria, por proposta de antigos alunos, aprovada pelo Conselho Literário do Colégio.

Reintegrado, na situação de reforma, no Exército, o coronel Helder Ribeiro, dedica-se, há anos, a actividades comerciais no Porto.

O combatente e o defensor da Republica

Não menos notável foi a acção do ilustre militar nos empreendimentos preparatórios e no movimento que implantou a Republica, em que foram postas à prova a sua extraordinária e decidida capacidade organizadora e a sua bravura. Desenvolvendo larga e frutificadora actividade na propaganda, em 1899-1910, foi um dos fundadores e dirigentes da Liga Académica Republicana; e no agitado período, de intensiva acção, entre 1907 e 1910 foi valioso, entusiástico e íntimo colaborador do almirante Candido dos Reis, de João Chagas e do então capitão Sá Cardoso, nas organizações revolucionárias que trabalhavam para a proclamação do regime. Em permanente colaboração com o almirante Reis, foi o hábil e profícuo elemento de ligação entre a Marinha e o Exército e fez parte do ultimo «comité» revolucionário escolhido em Setembro de 1910 para elaborar o plano da revolução republicana.

Filiado no Partido Republicano Português, desde a fundação até 1920, acompanhou o dr. Álvaro de Castro na organização do Partido Reconstituinte e, mais tarde, na Acção Republicana, de cujos corpos directivos fez parte como presidente do Centro 1.º de Janeiro.

Um dos edificadores do regime, foi preponderante o seu papel na estruturação das novas instituições e sua consolidação, e não menos notável o contributo para a obra realizada nos primeiros anos da Republica, á qual ficou apaixonadamente fiel, por ela se sacrificando e defendendo-a, corajosa e valentemente, nas horas de graves ameaças, como, por exemplo, nas incursões monárquicas no Norte do País, ou batendo-se pelos seus ideais de republicano e democrata. Enfileirando na oposição á situação criada após o 28 de Maio, presidiu, no Porto, á sessão inicial do Movimento de Unidade Democrática no Norte e pertenceu á Comissão Central do mesmo movimento, de Julho de 1926 a 1949.

Hoje, o coronel Helder Ribeiro é o mesmo nobre exemplo de fidelidade á Republica e ás suas ideias liberais. Através do seu notável depoimento melhor se compreenderá essa digna figura de patriota e a sua heróica e abnegada acção e daqueles que foram seus companheiros de sonho e de luta pois, se a sua modéstia é parca em realçar o valor próprio, revela o admirável e largo sentido de justiça, de apreço, de homenagem aos que deram a esperançosa realidade ao regime, correspondendo a um imperativo da consciência nacional.

Os esforçados paladinos

— A minha acção política — recorda o coronel Helder Ribeiro — começou em 1899, quando, aluno da Escola Politécnica, juntamente com Américo e Carlos Olavo, Julio Martins, Rocha Martins, Luís Derouet e quantos outros, quase todos desaparecidos, fundámos a Liga Académica Republicana. Só entrei, porém na actividade revolucionária em 1907. Atingira o máximo de violência a ditadura de João Franco, mancomunado com o rei, num cumulo de impudor, desafiando a opinião liberal, dementados pela furia de esmagar de vez o Partido Republicano. Este, contudo, orientado por um escol notável, quase todo da combativa geração do «Ultimatum», dia a dia mais forte e prestigiado, sentiu, perante a audácia do desafio, chegada a oportunidade de preparar o golpe final contra a Monarquia. Retoma a actividade o velho «comité» militar de 1897 e, na segunda quinzena de Maio, somos os primeiros alicia dos da geração da Republica, Américo Olavo e eu, então arregimentados na guarnição de Lisboa. E' a gentilíssima figura do capitão Sá Cardoso, delegado do «comité», quem recebe as nossas adesões, nos dá as directivas a seguir e nos apresentará, depois, aos chefes, almirante Candido dos Reis e coronel Correia Barreto, íntegras personalidades de militares, de democratas, de patriotas.

«Em contacto directo com estes e com Afonso Costa e João Chagas, as adesões crescem, enquanto José Carlos da Maia, principalmente, trabalha a Marinha. Valores de escolha em que, entre tantos, citaremos Santos Cabrita, Vitorino Godinho, Álvaro Page, Maia Magalhães, Rui Ribeiro, Assis Coelho Borges, Vicente Ferreira, Ascêncio Valdez, José Conceição Junior, Sousa Aguiar, no Exército; Henrique Paço de Arcos, Raul Cascais, Duarte Ferreira, Carvalho Araujo, Álvaro Lami, Mesura Brás, Luís de Sousa e quantos mais..., todos cheios de fé e entusiasmo.

A malograda tentativa em 1908 e o renovo da actividade revolucionária

Prosseguindo na sua emotiva evocação, o ilustre oficial recorda o malogro do movimento de Janeiro de 1908, que não quebrou o animo nem as esperanças do bravos republicanos:

— Foi febril a atmosfera de trabalho, vivida até 28 de Janeiro de 1908. Na tarde desse dia, espalhados ao longo do Aterro, eu e muitos tenentes da Marinha aguardámos o sinal combinado. Eles para irem assumir o comando do Corpo de Marinheiros eu, para ir levantar Caçadores 2 — onde os oficiais e sargentos aliciados estavam aliciados — e conduzi-lo para o quartel da Marinha, onde o almirante Reis assumiria o comando deste forte nucleo.

«Malogrado o movimento, aniquilado o franquismo, a breve trecho se verificava que a amoralidade do regime persistia e, comprovada, exuberantemente, a sua impotência para satisfazer as aspirações da alma nacional, a conspiração ia continuar, em obediência ao que passara a ser autêntico mandato nacional. Nesta fase colaborei, também, assiduamente com João Chagas, cujo alta capacidade de organizador tão valiosamente se aliava á lucida compreensão do espírito militar.

«No Porto, aonde tinha vindo com José Barbosa e Inocência Camacho, me encontrei, nos dias 1 e 2 de Outubro de 1910; eu, em missão do almirante Candido dos Reis, para estabelecer as ligações militares, por intermédio da insígne personalidade de Basílio Teles. Nunca esquecerei a maneira como fui acolhido e a alta prova que me deu de lhe ouvir ler o seu programa revolucionário. Desempenhada a missão ao tomar, na manhã de 3, o «rápido» para Lisboa, fui surpreendido com a nova, dada por Carlos da Maia, então embarcado no Norte, que ia ser meu companheiro de viagem, pois recebera, através de cifra combinada, o aviso de ter sido

(Continua na 26.ª página)

O herói da Rotunda

Quando depois da vitória se conheceu o nome do homem que, no acampamento da Rotunda, se conservou do primeiro ao ultimo momento, revelando com uma coragem indomável raras qualidades de comando o País foi colhido de surpresa. Machado dos Santos modesto comissário naval, era para a quase totalidade dos portugueses e dos republicanos um desconhecido. E no entanto, esse oficial, simples e generoso, possuia uma inteligência pouco vulgar e uma fé ardente na Republica. A sua figura ficou indissoluvelmente ligada á jornada magnífica que teve o seu epílogo na proclamação do novo regime em Portugal

Ao recordar o nome de Machado dos Santos é indispensável pôr em relevo os três factos capitais que o fizeram entrar na História como uma figura excepcional. A sua actividade na preparação do movimento revolucionário não foi superada pela de qualquer outra figura, militar ou civil. Recusando-se a abandonar o acampamento nos piores momentos, ele abriu o caminho á vitória. Com a visita que fez ao quartel general monárquico, na madrugada de 5 de Outubro, e com a sua atitude contagiou os raros fiéis do regime condenado que ainda estavam tentados a resistir.

PRÉDIOS
MORADIAS
QUINTAS
VENDEM-SE

HIPOTECAS

Temos capital para 1.as hipotecas, em Lisboa e arredores. Transacções rápidas **Administração de propriedades. Cobrança de rendas**

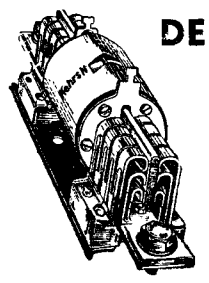
Secção especial que trata do serviço geral de administração de prédios com assistência nas Repartições e Câmaras

Limpezas e reparações

JOSÉ SANTOS, LDA.
Casa fundada em 1929
R. dos Correeiros, 101, 1.
Telefs. 27616-30707-32662
LISBOA

Armindo Rosa
(A PREDIAL **IMPÉRIO**)
*
Prédios ● Hipotecas ● Seguros ● Construções
Administração de propriedades
*
RUA DO OURO, 292-2.º — Telef. 21197 **LISBOA**

CORTA CIRCUITOS FUSÍVEIS DE ALTO PODER DE CORTE RECARREGÁVEIS



KEHRS

Representantes exclusivos

HIDREL —
Técnica de Hidráulica e de Electricidade, Limitada
Rua do Alecrim, 47-A e 47-B — Lisboa

OFICINAS METALÚRGICAS, HIDRÁULICA, ELECTRICIDADE, MECÂNICA E AQUECIMENTO

O período da propaganda

que precedeu o advento

do novo regime

A fase da propaganda que, entre nós, precedeu o advento do regime republicano pode considerar-se dividida em três períodos, entre 1880, data do centenário de Camões, e 1910, data da revolução triunfante de 5 de Outubro. Um episódio revolucionário que se malogrou, em 31 de Janeiro de 1891, e uma tentativa da mesma índole, que não chegou a tomar vulto cinco anos depois, em 1896, interromperam a evolução das ideias republicanas e demonstraram que só um acto violento consumaria a derrocada das instituições vigentes, as quais se identificavam com multíplos interesses que não estavam dispostos a abdicar e privilégios que se não resignavam a morrer.

O primeiro período decorreu entre 1880 e 1890. E' de 1876 o primeiro programa do partido republicano, elaborado por Teófilo Braga que, nessa época, desempenhou um papel decisivo para a sua evolução pois, ameaçado de desagregação pelas correntes contraditórias que nele se manifestaram, só a acção viril e lúcida de um pensador e idealista era capaz de o unificar e impor. A publicação do programa do partido republicano pode considerar-se como o ponto de partida para a sua ascensão ininterrupta e para a sua crescente irradiação.

Em 1880 as comemorações do tricentenário da morte de Camões foi o acto cívico que identificou com as aspirações e o sentimento nacionais a acção dos republicanos portugueses. O grande artífice dessas comemorações foi ainda Teófilo Braga que á sua volta juntou um grupo enérgico e entusiástico de colaboradores dedicados e patriotas clarividentes. Entre os nomes que nessa época avultaram nas fileiras republicanas destacavam-se os de Elias Garcia, Latino Coelho, Manuel de Arriaga, Magalhães Lima, Consiglieri Pedroso, Alves da Veiga, Jacinto Nunes, etc.

Dez anos depois, o abalo do ultimato tornou definitivamente incompatíveis a monarquia e a Nação. A afronta que nos atingiu em cheio foi, de facto, consequência da inépcia e ignorancia dos dirigentes monárquicos e da sua política colonial, simbolizada pelo mapa cor-de-rosa. No movimento de protesto nacional que o ultimato gerou, os republicanos ocuparam o primeiro lugar. Muitos monárquicos categorizados, como Eduardo de Abreu, aderiram ao partido republicano e a mocidade das escolas fez o mesmo. Entre esta se recrutaram alguns dos melhores elementos que, nos vinte anos seguintes, incansávelmente trabalharam para a vitória da República. A geração académica que então se ergueu, colérica e indomável, forneceu para a propaganda das ideias que aquela palavra consubstanciava os seus melhores e mais eloquentes intérpretes. A ela pertenceram António José de Almeida, Afonso Costa, Brito Camacho, João de Meneses, Alexandre Braga e outros que, embora com menos projecção, foram infatigáveis obreiros da democracia, como João de Freitas, Silvestre Falcão, Augusto Barreto, Arnaldo Bigote, Malva do Vale, Bessa de Carvalho, e tantos que mais tarde muito se distinguiram.

A tentativa revolucionária de 31 de Janeiro de 1891 marcou o ponto culminante da excitação provocada pelo ultimato. Um grupo de patriotas, militares e civis, tomou a iniciativa da revolta cujas figuras mais salientes foram, entre os primeiros o capitão Leitão, o tenente Manuel Maria Coelho e o alferes Malheiro, e entre os segundos, Basílio Teles, Alves da Veiga e Sampaio Bruno. Uma figura excepcional emergiu da confusão revolucionária para se impor como intemerato propagandista e organizador da acção que, desde então, começou a preparar-se. João Chagas foi o jornalista eminente que deu á preparação revolucionária um sentido prático e coerente.

Nos dez anos que se seguiram, o partido republicano atravessou uma fase de expectativa e doutrinação. A morte de José Falcão, apóstolo incomparável, cidadão exemplar, mestre e apóstolo do ideal democrático, ocorrida prematuramente, criou nas fileiras republicanas um vácuo e uma desilusão

(Continua na 32.ª página)

Basílio Teles foi uma das primeiras figuras mentais do final do século passado e do começo deste século. Autor de uma obra valiosíssima exerceu no espírito dos seus contemporaneos uma influência decisiva. Revolucionário de 31 de Janeiro, trabalhou infatigávelmente para o prestigio e a vitória da Republica. Depois da proclamação do novo regime recusou todos os cargos publicos, entre eles o de ministro das Finanças do Governo provisório

A propaganda e a revolução

Ninguém como Herculano Nunes um nome inesquecível do jornalismo republicano, definiu o sentido da propaganda que precedeu o movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910, ao escrever no nosso jornal há cerca de trinta anos: «A propaganda republicana desenvolveu-se como afirmação doutrinária e protesto espiritual, fortalecendo a consciência cívica da Nação, despertando a sua repulsa contra a imoralidade dos corrilhos dominantes, criando nas massas populares a aspiração de um Portugal novo engrandecido pela posse plena dos seus destinos. O seu poder aliciante alastrou a todo o País. A palavra Republica tinha estranhas ressonancias na alma do povo, visionando-lhe um futuro de grandeza nacional cimentado em princípios de Liberdade e Democracia. A ideia convertera-se em sonho. A evolução das ideias democráticas, adiantada no seu ritmo normal pela sua vibração nervosa, criou na arena de combate á monarquia a falange dos iluminados, da sua fé nasceu a República»

Previsões confirmadas

que fez antes e depois da revolução

um grande jornalista republicano

Guerra Junqueiro foi o poeta da Republica, João Chagas foi o seu panfletário. Os dotes de vidência do primeiro ficaram provados com as suas fórmulas lapidares. A capacidade de previsão do segundo, basta para a documentar,

Guerra Junqueiro foi o poeta da Republica, o seu mais glorioso precursor, o seu mais eloquente intérprete. A sua obra é um hino incomparável ás virtudes da democracia. O seu exemplo cívico deve considerar-se incomparável. A sua grandeza épica, a sua eloquência e a sua influência junto do povo e da élite da sua época justificam a invocação do seu nome nesta hora em que a Republica recebe uma consagração nacional

reler as «Cartas Políticas» que são o mais valioso depoimento sobre o fim da Monarquia. O grande jornalista republicano, que acompanhou com o apaixonado interesse de um clínico atento, a agonia do antigo regime, conhecia, como poucos, as suas engrenagens e os que as serviam. Numa altura em que já a sua principal — para não dizer a sua exclusiva — preocupação era fazer a revolução, o espírito inclinava-se receoso sobre o futuro prescrutando nele as dificuldades e vicissitudes que, por vezes, o entenebreceram.

Dois meses antes da revolução vitoriosa que implantou a Republica, ele que, infatigávelmente, durante vinte anos de trabalho e vigilia para a sua vitória contribuiu como ninguém, escrevia em 2 de Agosto de 1910 que para a Republica o maior, o mais grave risco era ainda representado pela Monarquia e pelos monárquicos. O seu diagnóstico, de lucidez impressionante fazia-o nessa hora em que nos bastidores da conspiração febricitavam os que se lhe haviam dedicado absorventemente: «A preocupação dos republicanos é fazer a Republica. A minha já não é essa. A minha é salvá-la. Feita já ela está. Está feita nos corações. O mais difícil é enraizá-la, amanhã. A Republica encontra-se no estado ideológico. Os Portugueses amam-na porque a idealizam».

«Em que consiste então — prosseguia João Chagas — a minha apreensão? Em saber que o que põe em perigo a Republica de amanhã é a Monarquia de hoje. O mal de hoje pode ainda ser o mal de amanhã e a Monarquia, morrendo, poderá ser igualmente dos monarquicos se a Monarquia, entre nós, não quisesse dizer — desgraça publica. Se não tivesse esta significação, eles seriam cidadãos que passam a servir a Pátria á sombra de uma bandeira diferente. Assim não! Assim são autores de grandes males nacionais e não podem ter a pretensão de os reparar. A palavra Republica em Portugal anda estritamente associada á palavra Justiça. O predominio dos monarquico-

(Continua na 32.ª página)

A decadência da Monarquia

tornou fatal a sua queda

As gerações novas mal conhecem a história dos ultimos anos da Monarquia em Portugal, principalmente a parte correspondente aos reinados de D. Carlos e D. Manuel II, que lhe sucedeu. Poucos períodos da vida nacional podem, com fundamento, comparar-se a esse, caracterizado por uma série de desastres nacionais em que estiveram prestes a subverter-se, com a ordem interna e o crédito da Nação, o seu prestígio externo. Durante os vinte anos que precederam a revolução, os escandalos financeiros e os vexames internacionais acumularam-se para tornar inevitável a liquidação do regime que por eles podia legitimamente responsabilizar-se.

O reinado de D. Carlos começou nas vésperas do ultimato inglês de 1890, ao qual se seguiu a malograda revolta de 31 de Janeiro no Porto, que identificou a ideia da Republica com os destinos da Pátria em perigo. Essa identificação contribuiu para fazer do partido republicano o partido da Nação e o intérprete das suas aspirações, condição e qualidade que o tempo confirmou. Entre 1890, data do ultimato, e 1907, data da ditadura franquista, o País viveu numa apatia dolorosa e o Estado num caos indescritível. Foi a fase do rotativismo em que dois partidos desacreditados se alternaram no poder para gozar os seus benefícios, sem nada fazerem para modificar a sua decadência.

Incessantes episódios vexatórios, como os da perda de Quionga, do envio de navios de guerra alemães ao Lobito, das reclamações dos portadores de títulos da dívida externa, dos incidentes ocorridos com as viagens ao estrangeiro dos soberanos portugueses, sucederam-se para afectar a posição internacional de Portugal. Desses episódios o mais grave foi a assinatura, em 1898, do acordo anglo-alemão para a partilha das colónias portuguesas em consequência de uma situação financeira que forçava o Governo a pedir incessantemente empréstimos nas praças estrangeiras, especialmente em Paris e Londres. Os boatos da perda do nosso domínio ultramarino tinham fundamento na lamentável incuria com que eram administrados os dinheiros publicos, sem ter conta as repercussões externas do caos financeiro e administrativo em que o País vivia.

Três tentativas de engrandecimento do poder real, sob a forma de ditaduras estereis resultantes da cumplicidade de alguns políticos e cortezãos com o soberano, incompatibilizaram com a Monarquia os melhores espíritos que, apesar de tudo, conservavam a esperança de se resolverem, sem a mudança das instituições, os mais graves problemas que paralisavam a vida e impediam o progresso da Nação. Esta ilusão desvaneceu-se por completo, com uma daquelas tentativas que teve por protagonista o ultimo presidente do conselho do reinado de D. Carlos.

O franquismo mergulhou o País, durante alguns meses, numa atmosfera de violência e repressão incompatível com os fundamentos do constitucionalismo e os compromissos que a coroa assumira perante o povo. O regicídio pôs termo a esse período dramático mas, com a morte do soberano, as instituições que ele simbolizava ficaram irremediávelmente condenadas. Depois desse episódio sangrento, a Monarquia viveu a prazo, sem princípios ,sem pessoal e sem rumo seguro e objectivo compreensível. D. Carlos falara da Monarquia sem monárquicos e nunca, como no reinado do seu sucessor essa expressão correspondeu a uma dolorosa realidade.

Com o reinado de D. Manuel II sucederam-se os ministérios representativos dos partidos rotativos que, entretanto, haviam regressado e dominavam de novo o cenário da política numa corrida ofegante para o abismo em que as instituições se precipitaram finalmente. Pouco mais de dois anos durou esse reinado, efémero e inquieto em que, com a inexperiência do monarca, se perderam as derradeiras esperanças de salvar a Monarquia. Esta tornara-se uma excrescência no corpo nacional e a sua rápida liquidação foi apressada por novos episódios escandalosos em que apareceram cumpliciados como no tempo de D. Carlos, os que, dizendo-se servidores dedicados do rei e da Monarquia, eram apenas beneficiários reconhecidos de um sistema cujas taras e defeitos a ninguém de bom senso ofereciam duvidas.

O entusiasmo do povo

pela vitória republicana

O povo da capital, como o de todo o País, recebeu a notícia da vitória republicana com expressivas demonstrações de entusiasmo. Nesta gravura, vê-se um grupo de revolucionários aclamados pela multidão que cercou o automóvel que os transportava, dando largas á sua satisfação. Entre os passageiros do automóvel vêem-se, ao Centro, o visconde da Ribeira Brava e, ao lado deste, o oficial de Marinha Cerejo, ambos combatentes da causa republicana

A República ficará! — afirma Ramada Curto

figura notável do regime e um dos seus mais brilhantes espíritos

José Relvas foi vigoroso propagandista da Republica. A sua influência na região ribatejana era predominante e graças a ela a propaganda no Ribatejo alcançou um rápido e clamoroso êxito. Ministro das Finanças do Governo provisório, foi nosso representante em Madrid e chefiou o Governo que se constituiu em seguida á repressão das tentativas monárquicas do Norte e de Monsanto

Alexandre Braga foi o mais elegante e sugestivo orador do seu tempo. Parlamentar de raras qualidades, depois da proclamação da Republica foi deputado á Assembleia Constituinte e ministro. A sua acção foi relevante e o seu prestígio era muito grande

Espírito dos mais brilhantes da sua afamada geração, o dr. Ramada Curto é, também, uma figura proeminente da Republica. Em Coimbra, por onde passaram algumas das individualidades de poderosa estrutura intelectual, que tiveram profunda influência no movimento e na difusão das ideias liberais, numa época de intensa agitação e larga efervescência de entusiasmos esperançosos da mocidade imbuída de convicções republicanas, Ramada Curto foi, com aquela eloquência que o tornou um dos advogados mais famosos do seu tempo, uma das vozes arrebatadoras da propaganda que levou á implantação da Republica. Eram jovens inconformistas, sonhadores, apaixonadamente romanticos, mas conscientes das suas ideias, das suas aspirações, insubmissos nas suas magníficas rebeldias contra prepotências e o espírito obsoleto que, mesmo na Universidade, impunha todas as limitações. Eram vigorosos nos seus protestos, nas suas manifestações de inconformismo, generosos, compreensivos, com um grande amor á liberdade e uma nobre e elevada noção de dignidade. Ramada Curto era um desses estudantes de vincada personalidade, de chamejante talento, convicto e ardoroso paladino da Democracia. Foi ele um dos iniciadores da célebre greve académica dos «Intransigentes de 1907», com outros, também espíritos fulgurantes e exemplos de coerência e fidelidade ás ideias liberais, como Campos Lima, Carlos Olavo, Pinto Quartin, Alfredo França, Sobral de Campos, Julio Dias da Costa. A Academia em peso, sem excluir Frederico Chindler Franco, filho de João Franco, então no poder, tomou parte nesse movimento, consequência remota «da abolição dos anacrónicos métodos que o espírito moderno não podia aceitar».

Mais tarde, já na vigência da Republica, em 1911, Ramada Curto seria convidado a concorrer á Faculdade de Direito de Coimbra; e, em 1919, era nomeado professor, juntamente com António Granjo e José Joaquim de Oliveira, mas nenhum deles aceitou a função docente.

O paladino, o estadista, o intelectual

Tomando parte activa na propaganda republicana, na tribuna dos comícios, nas calorosas sessões, na Imprensa, logo se salientou nas jornadas da propaganda e na acção preparatória do movimento que implantou a Republica. Começando a colaborar, em 1902, nos jornais «A Liberdade» e «Marselhesa», da Academia Republicana de Lisboa, dirigiu, mais tarde, «A Pátria», orgão do P. R. P.; «A Revolta» e «Povo», de Lisboa. Ainda estudante, presidiu ao movimento de propaganda republicana no Centro do País e foi fundador da Escola 31 de Janeiro e da Liga da Academia Republicana. Deputado ás Constituintes, e, com assento no Parlamento em várias legislaturas, fez parte das comissões de Finanças e Colónias e do Orçamento e foi vogal do Conselho Superior de Finanças, hoje Tribunal de Contas, a que presidiu até 1926. Como ministro das Finanças executou notáveis reformas naquele departamento governamental, em especial da Contabilidade Publica, dos Impostos e da Fazenda Publica. Ministro do Trabalho, em 1920, subscreveu, com Augusto Dias da Silva, que foi, (também, ministro daquela pasta) os decretos-leis que criaram os Seguros Sociais Obrigatórios, e estabeleceram o financiamento da Nacional Fábrica de Vidros da Marinha Grande, além de outros empreendimentos e decisões relacionados com problemas sociais, um amplo espírito de valorização dignificadora das classes trabalhadoras, de elevado patriotismo. Foi assim, igualmente, um dos estruturadores do regime, que deu notável contributo á obra perdurável empreendida nos primeiros anos da Republica. Norteado pelos princípios a que se manteve sempre fiel, por ela pugnou em todas as emergências, na posição, consentanea com esses princípios e com a sua formação democrática, de intransigente defensor da legalidade constitucional.

Advogado célebre, figura proeminente da Republica, Ramada Curto impôs-se pelo seu admirável talento, fulgurante, chispando em voos por luminosas alturas ou faiscando em finas ironias, como escritor e dramaturgo, que no Teatro Português ocupa uma posição eminente e perdurável. Esse mesmo espírito brilhante, cheio de graciosidade, por vezes mordente na crítica, candente na polémica, marca uma personalidade inconfundível nas crónicas jornalísticas, em especial nas que, sob a rubrica «O Preto no Branco», admiráveis, deliciosas, mantém, desde há muito anos, no «Diário de Lisboa», que o inclui entre os seus mais ilustres colaboradores.

Emotivas recordações

Ao celebrar-se o 50.º aniversário da Republica, Ramada Curto, com a lucilação espiritual em que procura diluir a comoção, ao recordar o entusiástico e generoso esforço da mocidade, nas grandes jornadas de propaganda, e, depois, ao serviço do regime e da Nação, digno compreensivo, numa desinteressada independência evoca alguns factos, mas resumindo, modestamente, ainda com um fiozinho de ironia melancólica, a sua notável acção como precursor e estadista do regime.

— A propaganda de que resultou a Revolução e a proclamação da Republica começou com a crise nacional de 1890; com «A Pátria» e o «Furis Patriae», de Junqueiro; com o vigoroso panfleto «Do Ultimatum ao 1.º de Janeiro», de Basílio Teles. Depois, chegou de São Tomé o António José de Almeida, que foi a palavra candente do caudilho que a multidão adorava. Foi uma crise patriótica que se exprimia pelo hino «A Portuguesa», com os versos de Lopes de Mendonça, que era um poeta e um marinheiro. Depois, foram os caudilhos, Afonso Costa, Alexandre Braga e tantos outros.

E rememorando essas arrebatadoras e heróicas jornadas:

— Foi uma vertigem, feita de esperanças no futuro, e a condenação do passado. Eu, escolar de Coimbra, também colaborei e tenho a glória passada de, ainda estudante, ter sido proposto candidato republicano, por Coimbra, Faro, Setubal e Leiria, ás ultimas eleições parlamentares, a ultima Camara de Deputados monárquica, que não chegou a reunir-se. Fiz o que pude mas isso não interessa. O que interessa é a Republica. No movimento intervim porque era delegado em Coimbra e Leiria da direcção superior do movimento e, quanto á acção, fiz recados entre a Rotunda e o quartel de Marinheiros. E tive de fugir heróicamente diante dos tiros da esquadra de polícia da Graça, defronte do quartel de Infantaria 5, que era também na Graça... Mas, quando se proclamou a Republica, chorei e ri aos berros e aos vivas, defronte do quartel-general, quando lá entrava o Machado dos Santos. Escapei de um colapso cardíaco, porque era novo e forte. O resto é silêncio...

RAMADA CURTO

Fé nos destinos da Republica

Sobre a sua acção na administração publica, após a proclamação do regime:

— Fui, depois, ministro das Finanças e do Trabalho e, como deputado, fui «dissolvido» duas vezes com o Pimenta de Castro e com o Sidónio, e escapei da terceira porque saí da Camara a tempo. De resto, fui membro e presidi ao Conselho Superior de Finanças, que é hoje o Tribunal de Contas. Mas não tenho reforma. Fui o primeiro demitido por Sinel de Cordes. A Republica suportou duas guerras e deu muitas amnistias. Daí não ter podido fazer uma grande obra. Mas o que ficou legislado ainda chega para a colocar muito bem. Depois, foram os epígonos e o destino. E o resto podiam ser memórias minhas que não interessam. O que fica e ficará é a Republica!

A proclamação da Republica, no Porto. Em frente do edifício do Governo Civil vê-se densa multidão aclamando a bandeira republicana que naquela cidade fora hasteada, anos antes, pela primeira vez no País, por ocasião do 31 de Janeiro

Aspecto da primeira visita ao Porto dos membros do Governo provisório que naquela cidade tiveram um acolhimento apoteótico. A fidelidade da população portuense á causa da Republica manifestou-se inalterávelmente durante os vintes anos que medearam entre o malogro do movimento de 31 de Janeiro e a vitória definitiva da causa republicana em 5 de Outubro de 1910

Pode tomar quantas quiser

Sem cafeína

Os apreciadores
de um bom café puro,
em 50 países do Mundo,
dão a sua preferência
ao **CAFÉ HAG solúvel.**
E têm razão!
Eles gozam assim
o prazer duma
excelente mistura
de cafés 100% puros.
Podem tomar todos os dias
e a qualquer hora
quantas chávenas de café
lhes apetecer.

O MELHOR AMIGO DO SEU CORAÇÃO

CH-0460

O almirante Sousa Dias

um dos heróis da revolução

evoca alguns episódios

das históricas jornadas republicanas

A acção da Marinha no movimento de 5 de Outubro de 1910 foi factor decisivo para o triunfal advento do regime graças á decidida e enérgica intervenção de um grupo de jovens oficiais, com o seu heroísmo, o contagiante entusiasmo, o ardor dos seus ideais, a arreigada fé nos destinos da Pátria sob a égide da Republica.

Entre esses prestigiosos oficiais da Armada, que têm lugar na História entre as figuras notáveis da propaganda e da estruturação das instituições republicanas, avulta o vice-almirante Aníbal de Sousa Dias, um dos bravos da falange intrépida da Marinha que foi deputado ás Constituintes e senador do

O almirante Sousa Dias, como 2.º tenente de Marinha tomou parte destacada na revolução de 5 de Outubro de 1910. Foi um dos oficiais que com Ladislau Parreira tomou o Quartel de Marinheiros em Alcantara, dando provas da maior bravura na luta com as forças fieis á Monarquia. O seu republicanismo indefectível e a sua isenção caracterizaram toda a sua carreira de oficial e de republicano

Congresso da Republica e governador civil de Coimbra.

Pela notável acção do ilustre marinheiro, como diz um dos seus biógrafos, «acção extremamente activa e patriótica que exerceu no movimento que instituiu a Republica em Portugal, foi promovido por distinção ao posto de capitão-tenente, em 18-IX-1910». Mas a sua brilhante folha de serviços, esmaltada por altos louvores, revela heroísmos, abnegações, espírito de sacrifício e o mais acendrado culto do nobre patriotismo, nas campanhas de Africa, com especial re-

Carlos da Maia um dos heróicos oficiais de Marinha que decisivamente contribuiram para a vitória do movimento de 5 de Outubro de 1910. No Quartel de Marinheiros e no assalto ao cruzador «D. Carlos» deu provas de lendário heroísmo e de uma bravura incomparável

levo nas operações do Sul de Angola, em guerra com os Cuamatos, na província da Guiné e nos longínquos mares da China. Por isso no peito do heroico oficial e combatente da Republica refulgem, entre outras veneras, a Torre e Espada, as medalhas de oiro de comportamento exemplar, da Camara Municipal de Lisboa, para «galardoar os sobreviventes que mais se distinguiram na revolução de 5 de Outubro de 1910», da Cruz Vermelha, além dos expressivos galardões pelos comandos, exemplarmente exercidos, e outras altas missões na Armada, onde criou uma tradição de largo prestígio.

De espírito indomável, pugnando sempre pelo ideal republicano, defendendo o regime em todas as emergências, sempre o almirante Sousa Dias se tem esforçado e combatido pela pureza desse ideal, segundo os princípios que o levaram á luta para a implantação da Republica.

Evocação das gloriosas jornadas

Com o mesmo entusiasmo combativo, agora na passagem do 50.º aniversário do advento do regime, o almirante Sousa Dias recorda a breves traços o que foi a sua acção nas actividades preparatórias da revolução de 5 de Outubro, orgulhoso de «vir dos tempos da propaganda»:

— Nunca fui monárquico. Em Santarém, desde Outubro de 1889, assisti a várias manifestações do major Serpa Pinto e dos oficiais da Marinha, Capelo e Ivens, já com o carácter republicano. Naquela cidade, com 16 anos e no 5.º ano do liceu, fiz parte do movimento de 31 de Janeiro de 1890 que eclodiu no Porto. Reuni-me, várias vezes, com o então tenente de Artilharia, José Afonso Pala, no próprio quartel de Artilharia 3. Foi aquele oficial que, em Outubro de 1910, já capitão, saiu com as baterias de Artilharia n.º 1 que já restavam, iniciando o movimento para a proclamação da Republica.

Sobre a sua intervenção no movimento revolucionário, o ilustre oficial assinala alguns pormenores salientes:

— Na madrugada de 4 de Outubro de 1910 entrei no movimento contra a Monarquia. Fui reunir-me ao primeiro-tenente Ladislau Parreira, ao segundo-tenente Carlos da Maia e a vários sargentos da Marinha na Papelaria Lamas, em Alcantara, de onde saímos á uma hora da madrugada do dia 4 de Outubro de 1910.

Dali, recorda o heróico combatente, foram para o Quartel de Marinheiros, abrindo a porta da Travessa da Trabuqueta. Já ali estava, então, o segundo-tenente Tito de Morais, com marinheiros e civis. Havia o plano de cercar o palácio das Necessidades e houve luta com forças fieis, as quais debandaram sendo nutrido o fogo de Caçadores n.º 2.

Foram, depois, para o «São Rafael», de onde Carlos da Maia saiu, com 12 praças, para tomar, num golpe de bravura, o cruzador «D. Carlos», enquanto os navios bombardeavam o palácio das Necessidades e, na Rotunda, actuavam as forças militares e civis, sob o comando de Machado dos Santos, resultando desses golpes de audácia a radiosa alvorada do regime republicano, recebida com delirante entusiasmo popular e com profunda emoção pelos que tornaram possível a realidade da grande aspiração nacional.

— A sensação que experimentei — lembra, emocionado, o ilustre marinheiro — foi tão profunda que ainda hoje me emociona. Nunca duvidara do bom êxito da gloriosa empresa, porque sabia que o movimento revolucionário fora bem preparado por todo o País e correspondia ás aspirações da massa dos Portugueses.

Sobre a obra dos anos de estruturação do regime, executada pelos honrados e patrióticos servidores da Republica, o almirante Sousa Dias definiu assim o seu pensamento:

— Acho que o Governo provisório fez uma grande obra, com o qual se iniciou o unico caminho que sempre moralizou a Nação, em todos os sentidos da administração publica e para moralização dos péssimos costumes que a Monarquia tinha seguido nos ultimos tempos da sua administração.

Alguns membros do directório do partido republicano, em exercício quando da revolução de 5 de Outubro de 1910 e que muito contribuiram para a sua preparação. Da esquerda para a direita estão Inocêncio Camacho, Malva do Vale, José Relvas, Eusébio Leão e José Barbosa. A' direita da gravura estão o revolucionário e oficial da Armada Marinha de Campos (fardado) e o jornalista e propagandista do ideal republicano Ribeiro de Carvalho

Um grande esquecido: Luz de Almeida

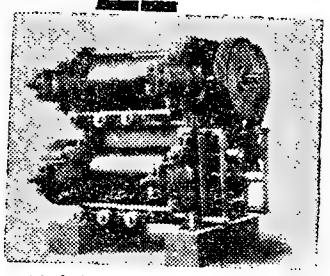
Luz de Almeida é um grande esquecido da Republica. Ninguém como ele trabalhou para o seu advento e para a preparação do motubro. A organização dos civis que intervieram na acção revolucionária foi, em grande parte, obra sua. Com uma tenacidade infatigável, uma habilidade consumada e uma serenidade desconcertante, teceu os fios dessa organização durante anos de labor ininterrupto e eficaz. No dia em que foi preciso pô-la á prova, o êxito foi completo e excedeu as previsões mais optimistas.

De uma modéstia exemplar, Luz de Almeida regressou depois do triunfo á sua vida simples de bibliotecário, sem ambições nem ilusões. A sua vida de cidadão sem mácula foi bem o complemento da sua acção de idealista devotado ao sonho da proclamação da Republica ao qual dedicou uma existência inteira de trabalho, dedicação e risco incessante.

Ladislau Parreira comandou superiormente os marinheiros durante a revolução de 5 de Outubro. Primeiro no Quartel de Marinheiros depois a bordo dos navios a sua acção contribuiu decisivamente para a vitória do movimento em cuja preparação teve também papel destacado

Vasconcelos e Sá, era médico da Armada e foi um dos oficiais que mais valentemente se bateram durante o movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910. Depois da proclamação da Republica foi deputado ás Constituintes e ministro em mais de um Governo

INDÚSTRIA DE CERÂMICA



LAMINADOR DE 4 CILINDROS

FIEIRAS DE VÁCUO – Doseadores lineares – Destorroadores – Laminadores – Misturadores remolhadores e outras máquinas construidas nas n/ Fábricas sob licença de "Le Matériel Céramique Moderne" Marselha - França.

CORTADORES AUTOMÁTICOS – marca "Lingl"

FORNOS – Continuos e Túnel

SECAGEM ARTIFICIAL e ALIMENTADORES PNEUMÁTICOS – sistema "Klostermeyer"

ACTIVADORES DA SECAGEM NATURAL – sistema "Shag"

VENTILADORES – Tiragem forçada, recuperação de calor e arrefecimento de fornos.

FABRICO EM LIGAS ESPECIAIS de camisas para cilindros – hélices, pás e rebordos para fieiras – agulheiros, registos, válvulas e grelhas para fornos.

INSTALAÇÕES COMPLETAS DE FÁBRICAS

ESTUDOS PROJECTOS ORÇAMENTOS

ALFREDO ALVES & C.ª (FILHOS)

E FÁBRICAS VULCANO E COLARES

RUA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS, 5 • LISBOA

PORTO – PRAÇA D JOÃO I, 25-1.º / TELEFONE 24771

Visita do Governo provisório ao acampamento da Rotunda que foi o reduto dos revolucionários durante as horas de combate com as forças fiéis á Monarquia. Na gravura vêem-se, junto do comandante do acampamento, Machado dos Santos, os drs. Afonso Costa e Bernardino Machado, figurando também na gravura o general Carvalhal que foi o primeiro comandante da Divisão de Lisboa em seguida á mudança de regime

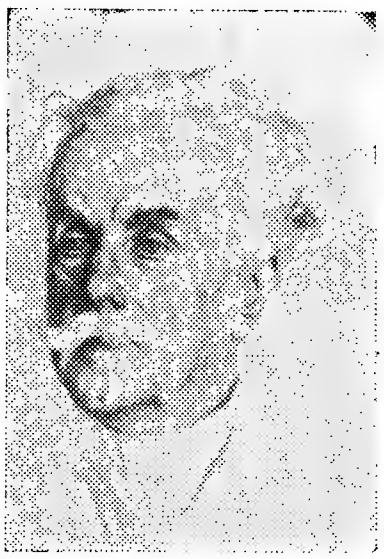
O jornalismo e os jornalistas republicanos

deram uma incomparável contribuição para apressar a queda da Monarquia

A Imprensa republicana foi um dos principais instrumentos da propaganda republicana que admiravelmente serviu. Na sua actividade podem considerar-se duas fases distintas — antes e depois da reorganização do partido, em 1904, data a partir da qual a marcha para a vitória se fez com uma impressionante rapidez. Com os nomes dos jornais e publicações periódicas que deram decisiva contribuição para a implantação do regime republicano entre nós, é de elementar justiça recordar os dois jornalistas ilustres que serviram, durante três décadas a causa da democracia finalmente triunfante. Alguns deles não viram realizado o sonho pelo qual se bateram com uma isenção total e um entusiasmo ilimitado.

O «Século», com Magalhães Lima como redactor principal (director político), Anselmo Xavier e Leão de Oliveira, foi o primeiro grande quotidiano que serviu a propaganda republicana até se transformar num importante jornal de informação dirigido por Silva Graça. Antes do seu aparecimento vários semanários e jornais, de reduzida tiragem e influência tiveram carreira efémera e acidentada desaparecendo por falta de recursos ou escassez de tiragem. A demolição da monarquia era feita, principalmente pelos jornais de crítica e caricaturas e nestes Rafael Bordalo Pinheiro ocupou o primeiro lugar, indisputado até á sua morte em 1905.

O movimento de exaltação patriótica a que deu lugar o ultimato de 1890, forneceu um ensejo inesperado para o aparecimento de alguns jornais republicanos que rapidamente alcançaram grande popularidade mas que desapareceram em seguida á derrota dos revolucionários do Porto. Foi o caso de «A Pátria», de Higino de Sousa, e da ««Republica Portuguesa» que se publicou no Porto sob a direcção de João Chagas. Este fez então o seu aparecimento no cenário do jornalismo e da política onde ocupou, até á proclamação da Republica um lugar preponderante. O jornal de Higino de Sousa, que foi um dos mais altos espíritos do seu tempo e morreu cedo, teve duração efémera e a colaboração da gente nova que surgiu para as lides republicanas. Dois jornalistas se revelaram então em condições excepcionais — António José de Almeida em Coimbra, onde frequentava o curso de Medicina, e Brito Camacho em Lisboa e mais tarde em Viseu. O primeiro com o aparecimento do «Ultimatum» e a publicação do seu artigo «Bragança o ultimo», teve a primeira condenação por delito de Imprensa. O segundo foi um dos mais ilustres jornalistas da Republica Sampaio Bruno, no Porto colaborou ardentemente na preparação da revolta de 31 de Janeiro e redigiu, no exílio o famoso manifesto dos emigrados que é um dos mais nobres documentos da nossa literatura política. Magalhães Lima quando saíu do «Século» foi fundar



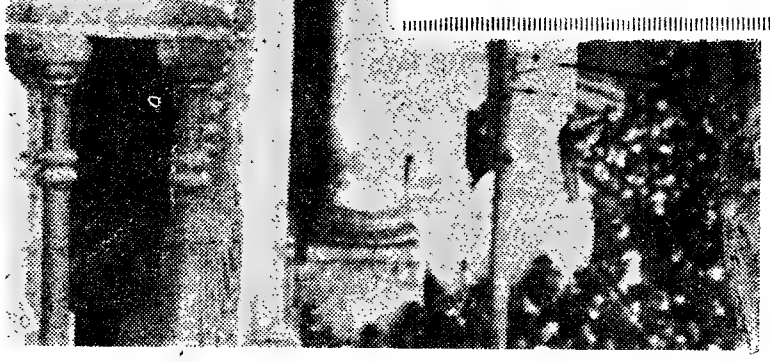
Magalhães Lima, foi o embaixador da Republica no tempo da monarquia, depois de ter exercido uma notável acção jornalística no «Século» que fundou com Anselmo Xanês e Leão de Oliveira, e na «Vanguarda» que dirigiu durante largos anos. Precursor da Republica, depois da sua proclamação, foi deputado á Assembleia Constituinte e ministro da Instrução Publica em seguida ao movimento de 14 de Maio

a «Vanguarda» e Alves Correia e Helidoro Salgado conquistaram lugar de destaque pela dedicação e pelo vigor das suas campanhas contra a monarquia e a reacção.

Depois da reorganização do partido republicano, dois grandes jornais contribuíram, decisivamente para apressar a queda da monarquia: o «Mundo» dirigido por França Borges e a «Luta», fundada e dirigida por Brito Camacho cujo primeiro numero surgiu em 1 de Janeiro de 1906. Ambos exerceram influência determinante na evolução das ideias políticas e na propaganda do ideal democrático. Embora de características diferentes, a sua acção nos anos que precederam a proclamação da Republica, foi profunda e extensa. Em ambos se criaram escolas de jornalismo doutrinário e polémica que ilustraram, de maneira indelével a sua publicação.

Com o «Mundo» e a «Luta» publicaram-se, simultaneamente, a «Vanguarda» e o «País» em Lisboa, e a «Voz Publica», no Porto que foi a tribuna de Sampaio Bruno depois

(Continua na 26.ª página)



O ministro da Justiça do Governo provisório de Afonso Costa a uma janela do seu ministério agradecendo as saudações da multidão que acorreu a cumprimentá-lo pelas suas medidas legislativas rasgadamente liberais. Afonso Costa é uma glória da Republica para cuja proclamação devotadamente contribuiu no período da propaganda

Os editais e as

dos primeiros

Nesta data em que se comemora o cinquentenário da implantação da Republica e se recordam as principais figuras do movimento que levou á substituição do regime, é oportuno recordar os principais editais e proclamações então publicados. São já hoje, a cinquenta anos de distancia, documentos históricos, que interessam fundamentalmente, para o estudo desse acontecimento, mas são, também, pelos termos em que foram redigidos, um testemunho evidente da grande generosidade que caracterizava os homens que fizeram a Republica, de uma inexcedível nobreza de atitudes e de uma imaculada pureza de ideais. Dando perfeitamente a noção do espírito que animava os responsáveis pelo advento do novo regime, a publicação destes documentos constitui, ao mesmo tempo, uma homenagem justissima ao carácter daqueles que os subscreveram.

EDITAL

ANTÓNIO DO CARVALHAL DA SILVEIRA TELES DE CARVALHO, general comandante da 1.ª Divisão Militar e da cidade de Lisboa.

Faço saber que está proclamada a Republica tanto na capital como noutras localidades do País, e que reina a ordem mais completa. A nobre atitude do povo revolucionário tem protegido tanto quanto é possível nestas ocasiões os haveres e a vida dos moradores de Lisboa. E' de esperar, portanto, que o comércio desta capital corresponda a esta atitude levantada do povo lisbonense, abrindo os seus estabelecimentos, principalmente os de víveres, que tão indispensáveis são á população, e que terão de ser abertos pela força militar se até ás 3 horas o não forem espontaneamente pelos respectivos proprietários.

Os estabelecimentos de bebidas alcoólicas, «cafés» e casas de pasto fecharão ás 8 horas da noite.

O governo da cidade continua provisoriamente entregue á autoridade militar.

●

Ao Exército e à Marinha

O Governo Provisório da Republica Portuguesa sauda as forças de

uma obra que aparece na h

HISTÓRIA DA REP

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO
NÁRIO DA IMPLANTAÇÃO DA

HISTÓRIA DA REP

O RELATO COMPLETO DOS ACONTEC
PROVOCARAM A QUEDA DA MONAR
PLANTAÇÃO DA REPÚBLICA EM OUT

- O PARTIDO REPUBLICANO
- CENTENÁRIO DE CAMÕES
- A REVOLTA DO PORTO
- DEPUTADOS REPUBLICANOS
- A VISITA DE LOUBET
- OS NAVIOS REVOLTADOS
- A GREVE ACADÉMICA
- DITADURA FRANQUISTA
- OS ADITAMENTOS À CASA REAL
- OS CAUDILHOS E OS REVOLUCIONÁRIOS
- REGICÍDIO E 28 DE JANEIRO
- A CARBONARIA E OS SEUS CHEFES
- A REVOLUÇÃO EM MARCHA
- ÚLTIMOS MESES DA MONARQUIA
- O MOVIMENTO DE 5 DE OUTUBRO
- DEPOIS DA VITÓRIA

MAIS DE 1500 GRAVU

DEZENAS DE EXTRA-TEXTOS A CORE
A OBRA COMPLETA COMPÕE-SE DE 20 FAS
PEDIDOS A EDITORIAL SÉC
RUA DO SÉCULO, 63 — LISBOA - 2

EDITORIAL
SÉCULO

QUEIRA
DAS COND
DA HISTÓR

NOME .....
MORADA .....

proclamações

dias da República

terra e mar que com o povo instituiram a Republica para felicidade da Pátria.

Confia no patriotismo de todos. E porque a Republica para todos é feita, espera que os oficiais do exército e da armada, que não tomaram parte no movimento revolucionário, se apresentem no Quartel General a garantir pela sua honra a mais absoluta lealdade ao novo regime.

No entretanto, os revolucionários devem guardar todas as suas posições para defesa e consolidação da Republica.

Lisboa, 5 de Outubro de 1910.

Pelo Governo Provisório
O Presidente, TEOFILO BRAGA

●

Republica Portuguesa

Pátria e Liberdade

Governo Civil de Lisboa

AO POVO DE LISBOA

Ordem e trabalho é a divisa da Pátria libertada pela Republica.

A todos os cidadãos de Lisboa se pede que sejam os primeiros a manter a tranquilidade publica.

Respeito pelas pessoas e propriedades dos estrangeiros, respeito pelas pessoas e pelas propriedades dos portugueses sejam quais forem as suas classes, profissões e opiniões políticas ou religiosas.

O governador civil
EUSÉBIO LEÃO

●

AO POVO DE LISBOA

A atitude do povo tem sido admirável de serenidade e cordura. Após o acto revolucionário, em que ele foi de uma bravura antiga, sucedeu-se o entusiasmo da vitória, em que ele se tem comportado como um triunfador generoso, que fez da nobreza de sentimentos o mais belo padrão da sua glória legendária.

Mas é preciso regressar ao trabalho fecundo, que será, com uma moralidade severa, a base da nossa regeneração.

Por isso o Governo Provisório convida todos os grupos revolucionários e forças populares não militarizadas a entregarem as suas armas ás comissões paroquiais.

As adesões militares que de todas as partes do País chegam, a cada momento, ao Governo da Republica garantem de uma maneira categórica as novas instituições. Hoje não pode haver veleidades nem desvairadas esperanças por parte de um regime que vergonhosamente liquidou numa derrota moral, que mais humilhante tornou a tremenda lição que sofreu por parte das armas republicanas. Não há, pois, motivo para que os cidadãos conservem em seu poder as armas de que tão heroicamente se serviram. Antes é urgente que elas recolham a um depósito, onde, catalogadas, fiquem prestes a ser tomadas pelo braço popular, se algum dia houver risco para a Pátria ou para a Liberdade.

O Governo Provisório da Republica Portuguesa confia no bom senso do povo, no seu patriotismo e na sua dedicação á Republica.

Por isso o exorta a que continui a ser generoso e cordato, a que respeite a vida e a fazenda alheias, a que não persiga ninguém, a que dê enfim mais um alto e nobre exemplo da sua rara envergadura moral.

O momento da guerra vai passando. Entramos agora num período de paz laboriosa, para, de harmonia com todos os portugueses, fundarmos o regime da liberdade, pelo qual tanto sangue correu, tanto martírio foi sofrido e tanta esperança foi frustrada.

Cidadãos! O futuro da Pátria está nas vossas mãos. Não o zelar com o carinho que lhe devemos seria mais que perdê-lo, porque seria desonrá-lo. Ergamo-lo bem alto para que de todas as partes do Mundo ele seja visto, e os países civilizados possam dizer, referindo-se a Portugal: eis um povo antigo pelas tradições heroicas, mas que pela serenidade, pelo amor ao trabalho e pelo dignidade cívica é tão moderno que vai na dianteira de todos os povos.

Lisboa, 7 de Outubro de 1910.

O GOVERNO PROVISÓRIO
DA REPUBLICA

●

Republica Portuguesa

Pátria e Liberdade

EDITAL

Previne-se o publico contra boatos malévolos sobre a existência de frades em casas particulares.

A casa do cidadão é inviolável. Ninguém «sem autorização especial» pode forçar o domicilio de quem quer que seja.

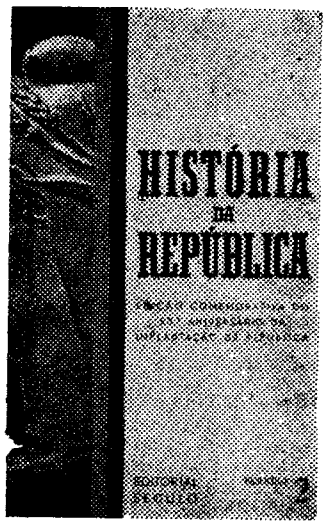
A contravenção deste preceito será rigorosamente punida.

As autoridades competentes estão procedendo com segurança e energia para resolver a questão religiosa.

Lisboa, 9 de Outubro de 1910.

O Governador Civil,
F. EUSÉBIO LEÃO

nora própria
PÚBLICA
CINQUENTE-
REPÚBLICA
ÚBLICA
IMENTOS QUE
QUIA E A IM-
TUBRO DE 1910



RAS
S
ÍCICULOS
ULO

M INFORMAR-ME
IÇÕES DE VENDA
IA DA REPÚBLICA

Os alunos da Escola do Exército, alguns dos quais tomaram parte inesquecível na revolução de 5 de Outubro de 1910 fazendo a guarda de honra á bandeira da Republica em seguida á sua implantação. Os cadetes e aspirantes foram dos mais entusiásticos combatentes da causa republicana para cujo triunfo muito contribuiram

Os cadetes da revolução

foram uma geração admirável

que prestigiou o Exército

A mocidade das escolas, especialmente a das escolas superiores, deu para o advento da Republica uma contribuição inestimável. A geração dos seus precursores surgiu com a solidariedade que a academia das três principais cidades do País emprestou ao protesto nacional de 31 de Janeiro de 1891, sangrentamente abafado nas ruas do Porto pela Municipal. Aquela que, para a sua proclamação, emprestou o impulso definitivo revelou-se quando do conflito académico de 1907, provocado pelos excessos da ditadura franquista e pela terceira e ultima tentativa de engrandecimento do poder real no tempo de D. Carlos.

Nas vésperas da revolução os estudantes, principalmente na capital, ingressaram com entusiasmo nas organizações civis que se preparavam para, de armas na mão, pôr termo á carreira da monarquia. Na Escola Politécnica, na Escola do Exército e no Instituto Industrial, que frequentavam, os estudantes militares colaboraram na preparação da revolução de 5 de Outubro e alguns deles tomaram na luta parte destacada distinguindo-se pela sua bravura. Outros, que não puderam fazê-lo, envidaram para isso todos os esforços e não hesitaram em correr os maiores riscos para defenderem o seu ideal.

Na história da preparação do 5 de Outubro esses rapazes, valentes e decididos, escreveram uma página admirável. Quase todos, depois da implantação da Republica em carreiras civis ou na carreira das armas, prestaram á Pátria relevantes serviços. Entre eles se encontram os que, quando da nossa intervenção na primeira guerra mundial ,se cobriram de glória em França e em África resgatando, com o seu sacrifício, as culpas e erros dos que não compreendiam a grandeza e a magnimidade do sacrifício de que se tornaram símbolos e intérpretes. Os seus nomes figuram com letras de oiro, na história da vida nacional do primeiro quarto deste século.

Na celebração nacional organizada por ocasião do primeiro centenário do nascimento de Alexandre Herculano — violentamente combatida pelos partidos da reacção e pelas forças do clericalismo da época — foi possível ver como essa mocidade, estuante de inteligência e civismo, estava preparada para desempenhar na vida da Nação um papel preponderante. A parte dela que, ostensivamente, colaborava na preparação do movimento de 5 de Outubro juntou-se num jantar oferecido a João Chagas, o extraordinário jornalista republicano que foi uma das forças impulsionadoras da profunda transformação por que o País passou no começo deste século.

Jorge de Abreu, jornalista da melhor fibra que documentou conscienciosamente os preparativos da acção revolucionária, refere-se assim aos cadetes aspirantes que, entusiasticamente, neles tomaram parte: «Eram uma força disciplinada e consciente, conhecendo bem o manejo das armas e tendo o mere cimento especial de poder aliciar os futuros oficiais. Muitos dos que mais tarde, apareceram implicados no movimento de 5 de Outubro precediam desse grupo do qual faziam parte, desde que frequentaram a Escola do Exército». Quando em 15 de Julho de 1910; a revolução esteve para estalar, sendo denunciada o que impediu que viesse para a rua, os aspirantes e cadetes que nela estavam comprometidos quiseram fazê-la por sua iniciativa não se resignando á ideia de a ver malograr.

«Em grande parte, escreveu Luz de Almeida, foi essa geração que tornou possível a proclamação da Republica distinguindo-se, mais tarde, pela sua absoluta isenção política e escrevendo as páginas mais gloriosas da nossa intervenção na guerra. Ribeiro de Carvalho. Francisco Aragão, Humberto de Ataíde. Viriato de Lacerda, Prestes Salgueiro, pertenciam a ela. Heróis da África e de França, todos cruzes de guerra, muitos promovidos por distinção em combate, eram umas centenas de homens de elite, generosos patriotas e liberais os quais. por si, demonstraram que o 5 de Outubro não foi uma aventura mas o corolário natural do formidável idealismo que arrancou Portugal para novos e mais gloriosos destinos». Outro depoimento valioso sobre os cadetes da revolução prestou-o o comandante do acampamento da Rotunda, Machado dos Santos que com eles conviveu e que alguns deles acompanharam na hora da luta. No seu relatório presta ele homenagem á galhardia e nobreza dessa mocidade admirável que tão relevantes serviços prestou á Pátria e á Republica.

Entre os que entusiasticamente trabalharam nos preparativos da revolução, ou nela se distinguiram combatendo, podem citar-se os nomes, por tantos títulos meritórios, de António e Eduardo Areosa Feio, Farinha Pereira, Manuel Maria Jorge, César de Almeida, José Mc Bride Fernandes, Mário Marrecas Ferreira Pimentel, Romualdo Tavares, António Morais, Brás de Oliveira, Jorge da Costa Pereira, Meneses Ferreira, Ribeiro Gomes, Sarmento Pimentel, Duarte Cadima, Walter Lima, Virgílio Escudeiro, Ismael Jorge Beirão, alguns ainda, felizmente vivos constituindo exemplo dignificante de coerência e dignidade política

Pinto de Lima, Pinto Teixeira e Mário de Mesquita podem citar-se entre os que mais activa e inteligentemente trabalharam na organização revolucionária da mocidade das escolas superiores da capital. Na Rotunda estiveram Francisco Aragão, o herói de Naulila, Viriato de Lacerda e Humberto de Ataíde, heróis de África que ali sucumbiram durante a guerra. Ribeiro Gomes e Beirão. Outros como Mac Bride e César de Almeida, foram encarregados de missões arriscadas. Sarmento Pimentel mostrou a sua têmpera de militar corajoso e decidido apesar de novo e das dificuldades que teve de enfrentar A evocação dos seus nomes constitui um dever indeclinável na data em que festivamente se celebra o cinquentenário da proclamação da Republica para a qual tanto contribuiram e que honraram com o seu valor a sua isenção, o seu patriotismo, a sua altura cívica, acima de todos os elogios e á margem de preocupações partidárias

O Governo provisório

A lista do Governo provisório, que devia assumir o poder em seguida á vitória da revolução, só foi elaborada nas vésperas desta eclodir, tendo nessa tarefa tomado parte principal os membros do directório do partido republicano, então em funções, que andavam estreitamente ligados á preparação do movimento. Essa lista era diferente daquela que foi lida da varanda da Camara Municipal, em seguida ao triunfo definitivo da causa republicana. A presidência e o ministério do Interior deviam ser ocupados por Basilio Teles, sendo a seguinte a distribuição das outras pastas: Justiça, Miguel Bombarda; Estrangeiros, Magalhães Lima; Finanças, Duarte Leite; Guerra, Correia Barreto; Marinha, Candido dos Reis; Fomento, António José de Almeida.

A lista finalmente lida foi a seguinte:

PRESIDÊNCIA — TEÓFILO BRAGA
INTERIOR — ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA
JUSTIÇA — AFONSO COSTA
FINANÇAS — BASÍLIO TELES
ESTRANGEIROS — BERNARDINO MACHADO
GUERRA — CORREIA BARRETO
MARINHA — AZEVEDO GOMES
FOMENTO — ANTÓNIO LUÍS GOMES

Este ultimo foi, pouco depois, substituido pelo dr. Brito Camacho, por ter sido nomeado ministro da Republica no Rio de Janeiro. Basilio Teles não aceitou a pasta das Finanças e foi substituido por José Relvas.

Um notável depoimento
do coronel Helder Ribeiro

(Continuação da 20.ª página)

precipitada para a madrugada de 3 para 4 a eclosão da revolução.

As horas decisivas que antecederam a revolução vitoriosa

O coronel Helder Ribeiro evoca as horas decisivas, de actividade febril e entusiasmos frementes, que antecederam a eclosão do vitorioso movimento de 5 de Outubro:

— Na estação do Rossio aguardava-me, ansioso pelas ligações que eu tinha em Belém, o tenente de Cavalaria José Cabral e, também, para me avisar de que, ás 9 horas da noite, teria de estar na reunião decisiva, na Rua da Esperança, em casa de uma parenta de Inocêncio Camacho. Recorde-se que quando em Julho, a revolução esteve para eclodir, José Cabral, instrutor de equitação na Escola do Exército, e eu frequentando o curso do Estado-Maior, tínhamos a missão de assumir o comando do Corpo de Alunos, no qual havia numerosos alistados, em estreita ligação com a organização de Machado dos Santos, António Maria da Silva e Luz de Almeida. Em Outubro, porém, a Escola estava em férias.

«Naquela estreita e pacata rua, em duas salas bem pequenas, encontravam-se, uma noite os máximos valores da conspiração, com Afonso Costa, João Chagas, José Relvas, Inocêncio Camacho, José Barbosa, Eusébio Leão, Sá Cardoso, Ladislau Parreira, Afonso Pala, Vasconcelos e Sá, Carlos da Maia, Fontes Pereira de Melo, Marinha de Campos.

«Quente e acalorada, por vezes, a discussão, a todos as opiniões se impondo, pelo seu excepcional prestígio e pela sua grandeza de alma, a do almirante Reis, dela saímos todos de harmonia com a decisão tomada, para ir ocupar os postos assinalados. Fui, então, fardar-me e, conforme o combinado, encontrar-me com Candido dos Reis, na casa de uma sua irmã, á Estefania, de onde, por volta da meia-noite, nos dirigimos, de automável, para o Cais do Gás».

Horas de inquietação e de esperança até à radiosa alvorada da República

E o coronel Helder Ribeiro evoca os momentos de duvidas cruciais que antecederam o radioso alvorecer da Republica:

— Naquele cais, no lugar aprazado, encontrava-se já um grupo de oficiais da Marinha, entre eles o capitão-de-fragata Fontes Pereira de Melo e os tenentes Assis Ferreira, Monteiro Guimarães, Aragão e Melo, Sousa Junior, Carvalho Araujo... Desgraçadamente, estes reconheciam que nada estava preparado nos barcos que nos deviam conduzir para os navios de guerra, como fora garantido ao almirante Reis: ausência de sinais combinado, falta de informações ou algumas precipitadas, tudo isso concorreu para, após longa e enervante expectativa, o almirante dar a ordem de retirada.

«Recusando-se o grande chefe a sair acompanhado, eu e Carvalho Araujo, então segundo-tenente, abandonámos, por ultimo o cais e vivemos largas horas, umas de inquietação, outras de esperança, até á manhã vitoriosa de 5 de Outubro. Para ela deu largo contributo a tenacidade invencível de Machado dos Santos, brilhantemente secundado pela decidida atuação da Marinha de Guerra, sob o comando desse nobre carácter que era o primeiro-tenente Ladislau Parreira, coadjuvado por uma brilhante élite da qual sobrevivem Sousa Dias, Tito de Morais e Cabeçadas, e pela cooperação abnegada do povo e das forças do Exército, que se instalaram na Rotunda, não esquecendo quanto para isto contribuiu a façanha extraordinária do capitão Afonso Pala, que, com meia duzia de sargentos revoltou, de início, um Regimento de Artilharia, de prevenção rigorosa e com todos os seus oficiais presentes».

O júbilo nacional e a grande lição de civismo da massa popular

Recorda, depois, o bravo paladino, com profunda emoção, o que foram as horas de jubiloso entusiasmo com a vitória da revolução e o digno e abnegado heroismo da camada popular:

— A Republica, que, há muito vibrava na alma popular; e a consciência da Nação sentia não poder perdoar os erros e os crimes da Monarquia — do rei e dos políticos, escandalosamente dela divorciados. A certeza de que, se a revolução fosse esmagada, uma tremenda onda de ódio, de violência, de brutalidade—animada por todas as reacções, qual delas a pior — procuraria aniquilar a Liberdade e subjugar o povo que por ela se batia.

«Assim, a sensação experimentada com a vitória foi de funda euforia, como de euforia, bem mais limitada fora a que a queda de João Franco e da ditadura originara.

«A forma como a massa popular se comportara durante os dias da revolução e nos que se seguiram, o civismo afirmado perante os vencidos, a protecção dispensada aos poderosos e que profunda admiração provocou mesmo além fronteiras, aliados á fé, á dignidade, á inteligência — e, porque não dizê-lo, ao idealismo que animava os chefes e os seus colaboradores — enchiam a alma popular de ilimitada confiança na era de beleza que para a Pátria se iniciava, sob a bandeira republicana».

A grande obra da República

Sobre o seu heróico e magnífico esforço limita-se o coronel Helder Ribeiro a estas poucas palavras, que podem traduzir o legítimo orgulho de quem soube cumprir os altos deveres para com a Pátria.

— Da minha acção posterior em funções publicas ou na defesa do regime, que dizer senão que elas foram sempre norteadas pelo anseio de bem servir a Pátria e a Republica e que, passado meio século, sinto a consciência límpida e tranquila?

E' bem expressiva e penetrante a lucida análise feita á obra da Republica:

— A Republica — diz o ilustre militar—porque lutei por ela, desde a adolescência, e a cujos princípios me mantenho fiel divido-a em três períodos: 1.º — Da proclamação ao início da guerra de 1914. 2.º — Da guerra de 1914. 3.º — Do Tratado de Paz até 1926.

«1.º — A proclamação da Republica marcou o desaparecimento definitivo de um regime que, durante oito séculos, presidira aos destinos da Nação.

«Pela legislação revolucionária se procurou colocar Portugal num ambiente de progresso do qual fora sistemáticamente afastado. A reforma do ensino, a criação de Universidades, as leis de protecção e dignificação da família, os tribunais para menores, o amparo á infancia, a afirmação da superioridade indiscutível do poder civil, a reforma tributária, a organização descentralizadora, política e financeira e das províncias ultramarinas, as reformas militares e tantas outras, todas animadas pela vontade imperativa de criar e progredir.

«Os sacrifícios exigidos ao País foram largamente compensados quando, após dezenas de anos de recurso ao crédito, de esbanjamentos, de adiantamentos, de bancarrotas, em 1913 o Estado Republicano, pelo acão do Governo a presidia, sobraçando, também, a pasta das Finanças, a prestigiosa figura do dr. Afonso Costa, pôs cobro ao regime deficitário que havia dezenas de anos nos inferiorizava, quando não nos desonrava, perante a banca internacional!»

A histórica decisão da entrada na primeira Grande Guerra

O coronel Helder Ribeiro prossegue no exame clarificador á obra notável dos primeiros anos do regime republicano:

—Temos o segundo período. O espírito cívico que animava os republicanos e alastrara influenciando quase toda a gente portuguesa e, objectivamente, o equilíbrio das contas publicas, forneceram a estrutura sólida na qual a Republica se apoiou para, imediatamente, ao romper das hostilidades, no desencadear da primeira Grande Guerra, em Junho de 1914, se colocar abertamente ao lado das nações aliadas, não só honrando, mas valorizando-a, a multisecular aliança com a Grã-Bretanha, para, numa alta e notável visão política, defender o nosso património de além-mar, tornando inatacável a nossa posição perante as muitas e malévolas ambições que o alvejavam. Decisão que será sempre um título de glória para a Republica e os seus políticos, e que só por deploráveis intervenções, alheias ao espírito da massa republicana, foi possível concretizar, em plena efectivação, a partir de Maio de 1915.

«Cerca de 100 000 homens mobilizámos; batêmo-nos em França e em Africa; batêmo-nos no mar, na terra e no ar! E tão alto agiram políticos e militares que Portugal usufruiu até fins de 1917, da honra de ter um comunicado próprio, ao lado dos comunicados das grandes nações suas aliadas.

«Pudemos, assim, na Assembleia da Paz, travar, com decisão, as ambições inclassificáveis que se esboçavam por domínios que, com armas na mão, afirmáramos serem portugueses!»

O prestígio internacional da Nação, sob a égide da República

No ultimo período da sua análise, o coronel Helder Ribeiro proclama, com orgulho, o prestígio da Nação, sob a bandeira da Republica, além fronteiras:

— Terceiro período. No após guerra sofremos os efeitos do caos económico e financeiro, que, em maior ou menor grau, afligiu todos os países, como resultado fatal de uma guerra que atingira extensão e duração imprevisíveis, obrigando-os, pela falta de experiência, a uma constante improvização. Como consequência, instabilidade e lamentáveis agitações políticas, que, contudo, não diminuiram a posição que a Republica Portuguesa alcançara no conceito internacional. Exuberantemente o comprovam os seguintes factos nessa época: a presidência da Assembleia Geral da Sociedade das Nações, períodos do seu funcionamento, exercidos com tanta competência pelo representante de Portugal, o dr. Afonso Costa; a brilhante representação estrangeira, em 1921, na memorável homenagem ao nosso Soldado Desconhecido, que trazia á sua frente os grandes chefes militares marechais Joffre e Diaz; o reconhecimento, pelo Vaticano do direito de Portugal á imposição do barrete cardinalício, que foi exercido pelo presidente António José de Almeida; e, por ultimo, a valiosa representação estrangeira, naval e diplomática, ás comemorações, em Janeiro de 1925, do centenário de Vasco da Gama, avultando, á sua frente, um dos mais altos e categorizados dignitários da Igreja, expressamente nomeado para representar Sua Santidade. Essa cordialidade de relações internacionais, que envolviam respeito e consideração mutuas, foi ainda revelada no banquete oferecido pelo nuncio de Sua Santidade, em fins de 1924, a S. Ex.ª o Presidente Teixeira Gomes, com a assistência de todo o Ministério de José Domingos dos Santos, do qual tive a honra de fazer parte, e de toda a alta hierarquia da Igreja em Portugal.

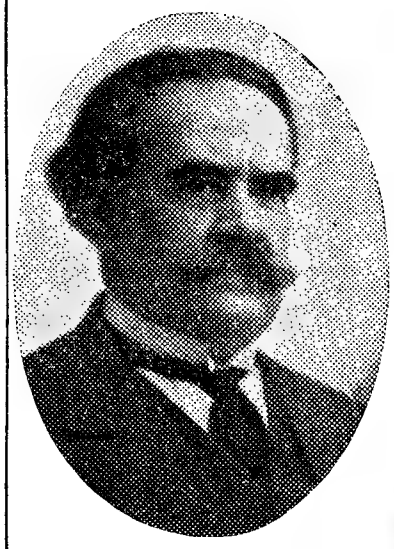
«Concluindo, a despeito de todas as dificuldades, estas tinham sido vencidas e, em 1926, a Republica de 1911, sem ter recorrido num centavo sequer, ao crédito de estranhos — facto assinalado até fora do País — dava os primeiros e firmes passos na obra renovadora que a Nação dela esperava!»

A contribuição dos jornalistas
para apressar a queda da Monarquia

(Continuação da página central)

do seu regresso do exílio. Uma élite de jornalistas republicanos floresceu então, em que se destacaram nomes como o de Mayer Garção, Luiz Derouet, Fernando Reis, Silva Passos, Bourbon e Menezes, José de Magalhães, João de Menezes etc. Entretanto João Chagas publicara os «Panfletos», que mais tarde reuniu em volumes com o título «Na Brecha», e colaborava com assiduidade no «Primeiro de Janeiro», do Porto, e no «Mundo», de Lisboa. A sua colaboração na «Paródia», com o pseudónimo de João Rienanço», era muito apreciado. A «Paródia», onde o talento inconfundível de Rafael Bordalo decisivamente contribuíu para a demolição da monarquia, teve excepcional projecção nos meios literário, artístico e político e constitui, ainda hoje, um valioso documentário da época em que se publicava com regularidade e brilho

Nas vésperas da proclamação da Republica, quando a preparação revolucionária entrou numa fase acelerada, outros jornais apareceram para o combate á monarquia, como a «Republica» de Artur Leitão, que foi colaborador de França Borges no «Mundo», o «Radical» de Marinha de Campos e a «Capital», dirigida por Manuel Guimarães. Nesta ultima se afirmaram alguns jornalistas republicanos que, apesar de novos, logo marcaram lugar áparte entre os da sua geração — Jorge de Abreu, Hermano Neves e Herculano Nunes, entre outros. Da equipa da «Capital» era também Avelino de Almeida, anteriormente redactor do «Século» onde trabalhou nos ultimos anos da sua vida e autor de um dos mais vivos e contudentes panfletos anti-clericais, «A Lanterna».



Brito Camacho foi um dos mais notáveis jornalistas do seu tempo. A «Luta» que dirigiu e em cujas colunas deixou inesquecívelmente documentada a sua fibra de polemista e comentador constituiu para a Republica um título de honra. Parlamentar de grandes recursos, deixou vincada a sua acção de homem de Estado como ministro de Fomento do governo provisório e como Alto Comissário em Moçambique

A mais valiosa contribuição do jornalismo republicano para a demolição da monarquia foi dada, entre 1908 e 1910, por João Chagas com as «Cartas Políticas» que são um depoimento sem par para o estudo do final do regime derrubado em 5 de Outubro de 1910. O grande panfletário deixou nelas uma obra definitiva pelo vigor da argumentação e recorte literário. Nunca entre nós se fez obra de tal importancia e repercussão a qual coloca o seu autor no primeiro plano dos grandes jornalistas e panfletários

João Chagas, jornalista eminente e revolucionário intransigente, teve um papel destacado na acção da propaganda republicana. Proclamado o novo regime desempenham nele elevadas funções — ministro em Paris, chefe do Governo, etc. Combatente infatigável, a sua obra, na qual avultam as «Cartas Políticas» constitui o melhor, mais sugestivo e mais impressionante documentário da época em que viveu e lutou sem desfalecimentos para a vitória da Republica

do seu tempo. No jornalismo republicano cabe-lhe, sem contestação, o primeiro lugar.

Duas outras publicações que em 1910 tiveram notável expansão e fama foram em Lisboa a «Alma Nacional», dirigida por António José de Almeida e no Porto o «Pão Nosso», de Pádua Correia que na «Voz Publica» já deixara documentada a sua vigorosa personalidade de polemista intemerato. A primeira destas publicações inseria semanalmente um artigo do seu director cujo talento na Imprensa não era menor do que na tribuna parlamentar ou popular.

João de Meneses foi propagandista intemerato da Republica. Pertenceu á geração do ultimato, a que também pertenceram António José de Almeida, Afonso Costa e tantos outros. Parlamentar ilustre foi depois da proclamação da Republica deputado á Assembleia Constituinte e ministro desempenhando com notável aprumo as funções que lhe foram confiadas

Bolsa de Imóveis

COMPRA — VENDA — HIPOTECA — PROPRIEDADES
COLOCAÇÃO DE CAPITAIS
TERRENOS COM PROJECTOS

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 110, 1.º Esq.
Telefs. 4 52 36-4 15 21 LISBOA

O major Areosa Feio

com a modéstia dos heróis e a jubilosa emoção dos idealistas

evoca as gloriosas tradições da República

Torre e Espada e Cruz de Guerra, como reconhecimento da Pátria, a «Military Cross», homenagem da Grã-Bretanha, e outras altas distinções, além de expressivos louvores, exaltam o heroismo dessa grande figura de soldado e patriota que é o coronel Areosa Feio, paradigma de todas as virtudes do povo português, com a sua lendária, bravura, as suas abnegações, os generosos ideais, os gloriosos sacrifícios — tudo aquilo fulgura na epopeia lusíada.

Ainda alferes de Artilharia, Areosa Feio (Eduardo Rodrigues Areosa Feio, de seu nome completo) partia, em fins de 1914, para Angola, onde se distinguiu pela inaudita coragem, na coluna do Cuanhama, sob o comando do general Pereira de Eça, nos históricos combates de Mongua. Logo depois do regresso á Metrópole, findas as campanhas do sul de Angola, seguiu, em 1916, com a Missão de Artilharia que precedeu a ida do Corpo Expedicionário Português, para França. E, nos campos de batalha onde se travaram as gigantescas lutas da primeira guerra mundial, encontrando-se com o 4.º grupo da Bataria de Artilharia, do seu intrépido comando nas posições avançadas sobre o Escalda, á altura do armistício, o seu heroismo deixou um rasto de assombro e admiração.

Uma das altas e respeitáveis figuras do Exército, com raro prestígio, é das mais brilhantes a folha de serviços do major Areosa Feio, nas quais se incluem notáveis missões, assinalando-se, por exemplo, a maneira elevada e o mérito excepcional com que exerceu as funções de chefe do Estado-Maior, secretário-geral e governador, interino, de Timor. Profesor ilustre, deixou vincado indelevelmente o seu nome nas fulgurantes tradições do Colégio Militar.

Ainda nos tempos de estudante, pertenceu ás organizações académicas cuja influência contribuiu poderosamente para a implantação da Republica. Uma alta inteligência, culta, esclarecida, aberta para os vastos horizontes dos mais nobres e mais puros ideais, verdadeiro democrata, o major Areosa Feio é um grande exemplo de dignidade, de aprumo moral, de coerência e inalterável fidelidade a um ideário em que a ampla egenerosa simpatia humana, a abnegada e heróica dedicação na defesa dos princípios vão até o extremo sacrifício que o levou ao cativeiro limitando-lhe a notabilíssima carreira militar.

Os heróis envolvem-se na modéstia

O democrata ilustre fala com natural modéstia própria dos heróis e dos homens excepcionais, nela se envolvendo ao evocar a sua acção ao serviço da Pátria e da Republica.

Nesta evocação das empresas históricas que culminaram com o advento da Republica, a cinquenta anos da sua gloriosa alvorada, o major Areosa Feio apaga-se, mas para se tornar mais fulgurante a chama do seu apaixonado idealismo. Dirige-nos, porém, o que nos dá legítimo orgulho, algumas frases de valioso aplauso ao nosso jornal:

— Permita-me V. que lhe dirija uma palavra de louvor pela decisão de dar o prestigioso concurso do «Diário de Lisboa» ás comemorações do 50.º aniversário da Republica, tão justo é que esta data seja exaltada em alto nível, e tanta autoridade eu confiro ao jornal que V. dirige para a execução do plano traçado; só depois eu agradeço o ter incluido o meu nome a ser citado entre tantos que merecidamente vão ser relembrados. Confesso, porém, que não o deve ser; não porque me falte o firme apego ás instituições que substituiram a velha e então decrépita Monarquia, se me tenha apagado a recordação entusiástica do período brilhante da sementeira do ideal republicano ou subestime o valor da obra que o regime deu ao nosso País; nisso tudo e alguma coisa mais eu me sinto á altura daqueles que V. elegeu para prestar homenagem ou apenas memorar.

E, comprazendo-se na sua simplicidade, evoca o ambiente que lhe transmitiu os apaixonados entusiasmos pelas suas ideias rasgadamente liberais.

— Mas eu nada fiz e em nada contribui para a germinação da agora cinquentenária ou para a gestação dos seus frutos, como aceitar a inclusão do meu nome? Os meus 19 anos, em 1910, e a insuficiência de dotes apropriados não me permitiram dar colaboração á propaganda fogosa dessa época. Ela não me deve nada e sou eu quem lhe deve muito; o calor com que me enchia a alma e a esperança viva e continua numa redenção da minha Pátria. Comícios, sessões no Parlamento, acção jornalística e panfletária de alguns magos da vossa profissão absorviam toda a minha receptividade que me restava da vida escolar. Se esse calor que eu transmitia nas minhas conversas e nas discussões com os amigos era propaganda, só assim posso ser considerado dela compartipante. A minha acção preparatória para a implantação da Republica foi modestíssima.

Fazendo parte de um nucleo académico que se punha á disposição dos dirigentes do movimento revolucionário, a organização não funcionou suficientemente bem para que na madrugada do dia 3 eu pudesse ser utilizado no ponto em que compareci com mais dois colegas da Politécnica. Só mais tarde, sem indicações ou missão atribuída, entrei na Rotunda, mas então só era o rescaldo já com o firme e heróico Machado dos Santos a descer a Avenida para receber a confirmação da vitória».

Bravura, tolerância e compreensão da dignidade humana

A comovida evocação do ilustre democrata faz-nos reviver esses grandes heroismos e o espírito de admiráveis abnegações, de tolerancia, de compreensiva dignidade humana, que são páginas gloriosas da História da Republica:

—Proclamada a Republica—lembra o bravo na sua simplicidade ufana e cheia de emoção —, horas depois comecei a ajudar a apaziguar entusiasmos que podiam levar a algum excesso. No alto do Chiado cheguei a ser util a dois sacerdotes que podiam ter sido molestados e que a minha farda de cadete protegeu, com alívio para eles e orgulho para mim.

«Não desempenhei quaisquer funções publicas de carácter político. Servi durante algum tempo o meu País, como oficial do Exército e, nessa qualidade, cumpri regularmente o meu dever na campanha do sul de Angola, em 1915 — Quadrado da Mongua—, e no «front» da Flandres.

«Quando do movimento monárquico, que levou á implantação da Monarquia no Porto, já terminada a guerra, organizou-se no C. E. P. em França uma força para vir combatê-lo: o batalhão de infantaria, comandado pelo major Ferreira do Amaral e um grupo de três baterias. Fui convidado para comandar uma dessas baterias, que não era a minha, e aceitei; mas não chegaram a partir essas tropas, pois essa Monarquia regional havia, entretanto, sido vencida.

O jubiloso entusiasmo, ante o radioso alvorocer da República

A distancia de meio século, que dirá um homem, com fibra de herói, abrasado no ideal, sobre as horas vividas nos jubilosos e vibrantes entusiasmos pela vitória da revolução republicana? Eis o que diz Areosa Feio:

— Sensação experimentada com a a vitória do movimento, cinquenta anos depois do acontecimento, o que se poderá descrever?

«Um jovem imbuido de ideal — o ideal que talvez na época presente não tenha equivalência—, para o qual se vivia com absoluto desinteresse, ao vê-lo realizado, sentia, nesse momento, que a vida atingira o máximo da ambição; que um mundo novo havia surgido. Sentia que tanta injustiça social tinha chegado a seu termo; que anacronismos sem conta se submergiam e que a doutrina dos seus apóstolos ia implantar-se. Alegria em toda a extensão nos invadia e a exteriorizavamos por todas as formas; aconteceu-me até um quê de anedótico:

«Nesse tempo, o «Hino da Carta», o hino nacional, a que se ligavam atributos de realeza, por ser tocado em todas as festas, nas cortesias das touradas, nos arraiais, era frequentemente tomado para traduzir um estado de espírito festivo. Pois no próprio dia 5, quando, debaixo das Arcadas, me dirigia para o Ministério da Guerra, dando largas ao meu contentamento, surpreendi-me a assobiar o «Hino da Carta», que os meus companheiros fizeram sustar, a ver-me correr um certo risco perante o povo aglomerado, eu cadete de Artilharia n.º 3, e quando se dizia que uma força deste regimento saira de Santarém para tentar ressuscitar a Monarquia deposta! Exteriorizar o meu jubilo, a assobiar o hino real!...

O amor à República condiz com o bem da Pátria!

Ainda sob a emoção das lembranças de «uma época tão cheia de galhardia», o major Areosa Feio fala da obra da Republica, com notável penetração, o mesmo aprumo, a mesma elegancia moral e uma nobilíssima isenção:

— Sem sombra de partidarismo, sinto que, logo nos primeiros anos da sua vida, uma série de reformas notáveis foram promulgadas pelos Ministérios da Justiça, da Guerra, da Instrução, do Fomento e do Trabalho, alguns deles criados pelo novo regime. Mais adiante, pelo Ministério das Colónias, também instituído de novo, foi promulgada legislação que marcou uma nova época na vida administrativa das nossas possessões ultramarinas e que ainda hoje é a base da sua organização.

AREOSA FEIO

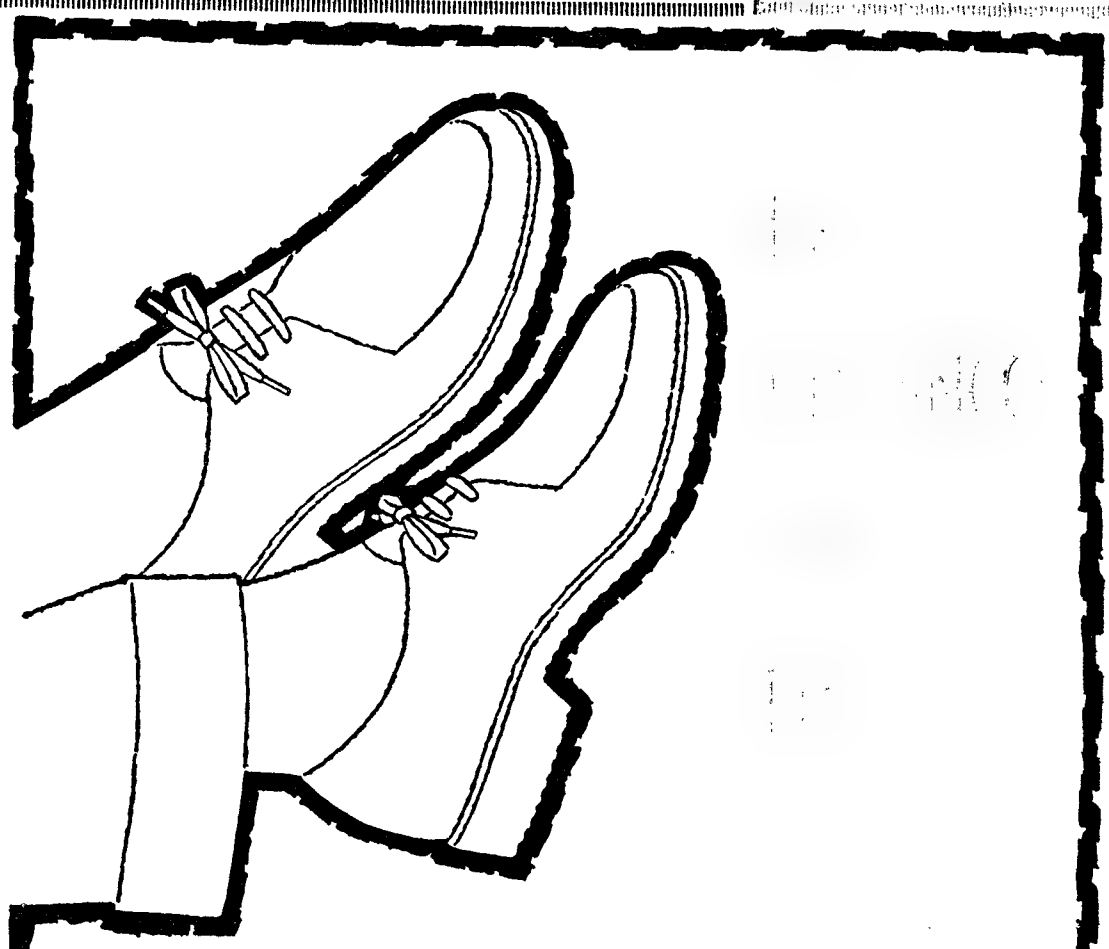
«A defesa desses nossos territórios mereceu sempre tão grande interesse por parte dos Governos, que, durante a primeira Grande Guerra, se decidiu a nossa intervenção directa nesse imenso conflito, com todos os sacrifícios que ela comportava — porque se sabia que só assim se podia garantir a integridade da nacionalidade no caso da vitória dos aliados e porque certa era a perda dos domínios ultramarinos, se saísse vencedora a Alemanha, mesmo que Portugal se mantivesse na neutralidade.

«Da obra realizada depois de 1926, outros, que não eu, poderão falar. Seria suspeito nos meus juízos, tido como exagerado no muito que tivesse de discordar e parcimonioso no que houvesse de conceder apreço, dadas as atitudes por mim abertamente tomadas e que me levaram a sacrifícios vários e perda da minha carreira profissional. Por amor á Republica, que, em minha consciência, julgava e julgo condizer com o bem da minha Pátria!»

A têmpera moral dos revolucionários

Nada mais contrário á verdade do que a afirmação de que autoridades da monarquia deram áqueles que, dos mais categorizados aos mais humildes, prepararam a revolução, uma liberdade de movimentos que alguns têm equiparado á cumplicidade tácita. Nas prisões, no degredo, no exílio, centenas de republicanos sofreram as piores e mais acintosas perseguições. Apesar disso, os preparativos do movimento de 5 de Outubro nunca foram conhecidos em pormenor pelos governos monárquicos e pelos seus agentes. A razão dessa ignorancia não é a que apontam os que, depois da vitória da Republica, pretenderam desculpar os vencidos, mas outra que Machado dos Santos revelou no seu Relatório publicado em seguida á proclamação da Republica, ao escrever:

«E' necessário fazer justiça aos perseguidos da monarquia que todos se portaram á altura dos compromissos que tomaram. Possuindo segredos de alto valor, nem um só deixou perceber á polícia, apesar da incomunicabilidade rigorosa a que estiveram sujeitos alguns, durante meses. Apesar de todas as torturas morais e físicas por que passaram, com a miséria a invadir-lhes os lares pela paralisação forçada, metidos em infectos calabouços, esses homens nunca trairam e foram mártires dos ideais que professavam».



Se quere descançar os pés não precisa de os levantar. Basta usar solas de crepe! É borracha natural... genuína, sem adulterações. Conforto sem par. Duração sem limites. Secas quando chove, frescas no Verão, quentes no Inverno. O calçado com solas de crepe é elegante, flexível, indeformável tanto nas partes grossas como nas finas. Os seus pés trabalham muito. Merecem solas de crepe.

DÊ AOS SEUS PÉS SOLAS DE CREPE

Publicado pela: **Crepe Soles Rubber Association**
19, Fenchurch Street, London EC3 England

O almirante Mendes Cabeçadas

figura heróica do 5 de Outubro

confia esperançadamente

no futuro da Pátria e da República

Miranda do Vale, professor do ensino superior, tomou parte activa na propaganda republicana antes da revolução de 5 de Outubro de 1910. Fez parte da vereação da primeira Camara Municipal republicana da capital eleita em Novembro de 1908, cuja obra merece ser recordada como um modelo de tacto e exemplo administrativo

Oficial da Marinha, com apaixonado amor á corporação, servindo-a devotadamente e conquistando largo prestígio, o vice-almirante José Mendes Cabeçadas Junior é uma figura de grande relevo no regime republicano, com o nome ligado á sua evolução, desde a propaganda, exercendo acção decisiva em 5 de Outubro de 1910, até á revolução de 28 de Maio de 1926.

Abraçando na juventude, convicta e entusiasticamente, os ideais republicanos, a que outros camaradas hoje com brilhantes tradições na Armada e posição eminente nos elevados planos da vida nacional, também tinham aderido apaixonadamente, Mendes Cabeçadas, então 2.º tenente, ao regressar de uma estação em Moçambique tomou parte activa nos preparativos para o movimento destinado a proclamar a Republica. Desaparecido tràgicamente o almirante Candido dos Reis, nome respeitado, cujo prestígio na Marinha aliciara os jovens e valorosos oficiais e que era o chefe militar da revolução (Miguel Bombarda, chefe civil, também morto em dramáticas circunstancias), ao eclodir o movimento, Mendes Cabeçadas iniciou a revolução nos navios. Foi decisiva para a vitória a sua acção a bordo do «Adamastor», secundada pela eficiente e intrépida intervenção dos seus camaradas noutros navios e pelas forças e grupos de populares, que Machado dos Santos dirigia na Rotunda.

O coronel Carlos Ludgero Antunes Cabrita tomou parte destacada na preparação do movimento revolucionário de 5 de Outubro de 1910 e foi combatente corajoso. Contribuiu decisivamente para a organização dos estudantes militares republicanos que muito contribuiu para a proclamação da Republica

Proclamada a Republica, Mendes Cabeçadas continuou a servir a Marinha e prestou altos serviços ao País, distinguidos com expressivos louvores e a Torre e Espada, exercendo, ao mesmo tempo, uma actividade política que se caracterizou pela vigorosa acção em defesa do regime, sempre fiel ás suas sinceras e arreigadas convicções republicanas.

Evocando agora, a meio século de distancia, o que foi a acção dos precursores e dos bravos combatentes pela Republica, o almirante Mendes Cabeçadas, a quem a História prestará a justiça que é devida, ao seu esforço, á sua sinceridade, á sua honrada isenção, ao seu estrénuo patriotismo, refere-se modestamente á notável acção pessoalmente exercida no período de intensa actividade política, preparatória do movimento de 5 de Outubro:

— Sendo militar, não podia tomar parte na propaganda para a implantação da Republica, mas, certamente, fui influenciado por ela.

E pròpriamente quanto á sua intervenção nos acontecimentos:

— Republicano, a minha consciência impõe-me a obrigação de tomar o partido da Republica, quando da eclosão do movimento de 5 de Outubro. Durante esse movimento, comandei o cruzador «Adamastor», o qual, com o «São Rafael», bombardeou o palácio das Necessidades, o que determinou a fuga da família real.

Ouçamos ainda a opinião do ilustre republicano sobre a obra do regime que abnegada e heròicamente ajudou a implantar, com a ideia no prestígio, na dignificação e no futuro da Pátria:

— Após a proclamação da Republica, correspondendo ao que se esperava, o Governo Provisório, sàbiamente, reforma toda a administração publica. Aumento de salários e vencimentos ás classes pobres e elevação do seu nível de vida. Reformas e medidas de carácter económico foram executadas, nos planos económico, financeiro e social, que tornaram sensível a melhoria de vida na extensão nacional. No Ultramar, pacificam-se a Guiné, Angola, Moçambique e Timor. Em todos os ramos da administração se impulsiona o progresso. Desgraçadamente, a guerra de 1914 trazenos uma situação financeira difícil e torna-se motivo de dissenções e discórdias que nos levam ao 28 de Maio.

E é com viva emoção que o almirante Mendes Cabeçadas manifesta essas esperanças e a fé, convicta e inabalável, no futuro da Pátria, sob a bandeira da Republica, pela qual lutou heròicamente e com apaixonada e inexcedível dedicação.

Mendes Cabeçadas era um jovem segundo-tenente de Marinha quando na madrugada de 4 de Outubro de 1910, assumiu o comando do «Adamastor» iniciando a revolução no mar. A sua acção durante o movimento contribuiu decisivamente para a sua vitória no dia seguinte. Republicano indefectível, democrata firme e sincero tem dado, durante toda a sua carreira de cidadão e militar, exuberantes provas de firmeza de seu carácter de eleição

Não há hoje possibilidades

de uma revivescência

do regime monárquico

— entende o prof. Miranda do Vale

Componente da primeira vereação republicana, eleita pelo povo de Lisboa, em 1908, ainda na vigência da Monarquia, o que atesta as suas remotas convicções e acção preponderante na fase histórica da propaganda republicana, o dr. José Miranda do Vale, professor, jubilado da antiga Escola Superior de Agronomia e Veterinária, notável organização de cientista e pensador, é um alto exemplo de dignidade, na consciente e esclarecida fidelidade aos ideais, na nobreza de atitudes e elegancia moral das atitudes que definem o democrata e o cidadão exemplar.

Figura proeminente e prestigiosa do regime, teve profunda influência no movimento da propaganda que levantou a opinião publica e enraizou na massa popular o sentimento republicano, impondo á consciência nacional o imperativo da mudança das instituições com um alto sentido de dignificação e engrandecimento da Pátria.

— A acção da propaganda para a implantação da Republica — entende o prof. Miranda do Vale — foi sempre tão bem orientada, como o pode ser uma acção, que não consente programa preconcebido e se vai modificando conforme se apresentam os factos. A Monarquia foi-se tornando tão incompatível com as justas necessidades e os direitos da população, que a sua queda se deu com uma ligeira manifestação, de um reduzido numero de soldados, comandados por dirigentes, que só depois da vitória se conheceram, se apreciaram e se respeitaram.

Na propaganda que levou ao advento do regime, a intervenção do prof. Miranda do Vale reflectia-se amplamente através dos seus artigos no jornal de Brito Camacho, dos persuasivos discursos nos comícios e das brilhantes conferências. Assinala-se, também, a acção valiosa que teve na obra e na modelar administração municipal, de cunho republicano, ainda na vigência da Monarquia.

— Era essa vereação — recorda o ilustre democrata — constituida exclusivamente por elementos republicanos e muito distintamente presidida por Anselmo Braamcamp Freire e composta por homens como Barros Queirós, Carlos Alves, Ventura Terra, Nunes Loureiro, Cunha e Costa, Alberto Marques, Verissimo de Almeida, os quais souberam exercer a sua administração por forma a impô-la á estima e ao respeito da população da cidade.

Saudado o movimento vitorioso de 5 de Outubro de 1910 com vibrante entusiasmo popular, houve logo a sensação de que um facto histórico transcendente vinha influir nos destinos da Nação.

— Toda a população se convenceu de que a Republica era a forma de governo que o País melhor toleraria — acentua o prof. Miranda do Vale —. E esta convicção foi aceite por todo o Mundo. Mesmo os Portugueses que não eram políticos aceitaram a Republica com a esperança de que sempre seria melhor que a Monarquia. E os países estrangeiros, uns após outros, foram, também aceitando o novo regime implantado em Portugal. Muitos monárquicos, com a convicção que a Republica seria melhor de que o Governo dos ultimos anos da Monarquia, e confessando, embora, a sua predilecção pelo regime monárquico, reconheciam que ele tinha perdido a confiança da população. E todas as acções contra a Republica foram enfraquecendo, não havendo hoje possibilidades de revivescência do sistema deposto há cinquenta anos.

Ouçamos ainda a síntese da opinião do prof. Miranda do Vale sobre a obra da Republica:

— Pensamos que poderia e deveria ser melhor, mas reconhecemos que muitas classes passaram a viver melhor do que viviam, e que ninguém das classes trabalhadoras tem, nem pode ter, saudades ou esperança numa vida melhor, isto admitindo que a Monarquia pudesse ser restaurada.

O coronel Antunes Cabrita

obreiro e defensor da República

evoca a sua acção em 5 de Outubro

e no aliciamento dos estudantes militares

Entre os militares que tiveram importante papel na preparação do movimento de 5 de Outubro e acção decisiva quando da sua vitoriosa eclosão, salienta-se em posição de grande relevo o coronel Carlos Ludgero Antunes Cabrita, prestigiosa figura de militar, cujas convicções republicanas, sempre mantidas com grande dignidade e vigoroso entusiasmo, vêm dos tempos da juventude entusiástica, ousada e generosa. Então alferes, mas exercendo profunda influência nos seus camaradas e entre os estudantes militares, em preparatórios na Politécnica, aspirantes e cadetes da Escola do Exército, foi o ilustre oficial quem os aliciou para a revolução. Nos preparativos para o movimento e nas horas de febril entusiasmo da Rotunda, Machado Santos teve-o como um dos seus íntimos e mais eficazes colaboradores, acentuando a valiosíssima acção de Antunes Cabrita no seu histórico relatório.

Sempre ao serviço da Pátria e da Republica, o ilustre oficial, distinguido, entre outras altas condecorações, com a «Torre e Espada», incluem-se na sua brilhante folha de serviços, assinaladas por expressivos louvores, altas missões, salientando-se vários comandos na Metrópole e em Angola, tendo-lhe sido confiado nas horas inquietas da ultima Guerra Mundial o comando militar do arquipélago de Cabo Verde.

Fora já o coronel Antunes Cabrita um dos bravos combatentes da primeira Grande Guerra; e, no regresso da França, com a mesma valentia, o mesmo ardor patriótico, tomou parte na horóica escalada de Monsanto, para defender o regime que ajudara a implantar.

Sobre a sua acção nos preparativos do movimento de 5 de Outubro, recorda o distinto oficial:

— Pertencendo-me a organização revolucionária dos estudantes militares das diferentes escolas de Lisboa, incluindo a Escola do Exército, e já no posto de alferes, desde 1909, devia comandá-los ao eclodir o movimento, mas muitos dos 240 filiados não compareceram por estarem de férias.

E sobre a sua actuação, pròpriamente dita, no movimento revolucionário:

— Falhada a intervenção no Grupo de Artilharia a Cavalo, de Queluz, apresentei-me a Machado dos Santos, na Rotunda, onde tomei parte na organização de defesa da posição. E tive a honra de, com o então aspirante da Marinha, Adolfo Trindade, hastear ali, na madrugada do dia 5, a bandeira da Revolução, á qual prestou honras uma formação de alunos da Escola do Exército e de outros estabelecimentos de ensino. Há até uma fotografia deste acto histórico, publicada na revista madrilena «Los Sucesos», em 15 daquele mês de Outubro de 1910.

A sensação unanimemente sentida pela vitória do movimento republicano, por aqueles que a tornaram possível e pela massa popular, reflectindo a consciência nacional, foi — recorda o heróico combatente — «de que a Republica era uma grande aspiração do povo, e que, da parte dos amigos da Monarquia, não houve verdadeira vontade em defendê-la».

Quanto á obra da Republica, como militar consciente da sua missão que, depois de cumprida, embainha a espada heróica e orgulhosa e modestamente fica ao serviço da Pátria, foram estas as palavras do coronel Antunes Cabrita:

— Essa obra está patente, e julgo não caber pronunciar-me. Tanto mais que a minha acção se limitou á implantação do regime!

O MELHOR BRINDE

NÃO COMPRE ARTIGOS DE PAPELARIA
SEM CONSULTAR OS PREÇOS DA

PAPELARIA FERROS

64 — Rua de S. Julião, 66

Telefones 24615-23777 LISBOA

JOAQUIM BRAZ

ARMAZÉM E ESCRITÓRIO:
TRAVESSA NOVA DE S. DOMINGOS, 42, 2.º Dt.º
Telefs.: Gerência 36 77 60 — Expediente 2 19 03 — LISBOA
FILIAIS: Praça da Figueira, 5-B — Telef. 2 19 03 (Est. 1)
61, Rua Prior do Crato, 66 — Telef. 67 10 70
7, Rua dos Remédios, 9 — Telef. 2 28 35
105, Rua da Misericórdia, 107 — Telef. 2 19 03 (Est. 2)
57, Rua de Campolide, 59 — Telef. 68 40 37
5, Rua Edith Cawel, 7 — Telef. 5 93 81

Louças, porcelanas, vidros, cristais, esmaltes, metais, alumínios, talheres, utilidades domésticas

TUDO AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO

O nobre exemplo de Tomás da Fonseca

herói co e apaixonado paladino

que ajudou a proclamar a República

Admirável e raro exemplo de radiosa juventude espiritual, de animo inquebrantável, de vigorosas energias, alimentadas pela chama interior, pela romantica e impetuosa paixão acalentadora dos mais puros e mais nobres ideais, grande exemplo de confiantes esperanças na Humanidade, de acendrada e esclarecida devoção patriótica, de generosa e enternecida afectividade pelo semelhante, nos dá Tomás da Fonseca, essa grande figura de democrata, de venerando aspecto patriarcal, transbordante de fraterna e envolvente simpatia humana, em comunhão com a Natureza, na ampla irmanização com os seres e as coisas, á maneira franciscana, libérrimo e sonhador, deslumbrado em poéticos enlevos, mas, acima de tudo, preocupado com a dignificação de todos os homens, seus irmãos.

É um homem que apetece estreitar de encontro ao coração, pois a sua bondade extrema, o ardor do seu idealismo, a fulguração do espírito, a solidez do carácter impoluto, tudo aquilo que exorna a invulgar personalidade de um varão ilustre, paradigma de virtudes, nobilíssimo exemplo de coerência e inalterável fidelidade aos princípios esclarecida e convictamente aceites, se nos comunica orgulhosamente e nos reconcilia com a Humanidade.

É um rustico, nascido em Laceiras (Mortágua), mas verdadeiro fidalgo do espírito, gentil e cativante, erudito, mas de uma cultura evoluida, desempoeirada, clarificadora, educador com a larga compreensão aberta aos horizontes da moderna pedagogia, escritor e poeta, que o jornalismo seduziu como alta tribuna aberta aos seus anseios, ás suas humanas aspirações, ao seu varonil espírito de lutador.

Vêm desde a juventude o seu amor á liberdade e o seu fraterno idealismo, manifestados e defendidos com ardoroso e comunicativo entusiasmo e com a independência e o desinteresse dos evangelizadores, sempre empenhado em rasgar as trevas do obscurantismo e da superstição calamitosa e em contribuir para a edificação de um mundo melhor, sob o signo da igualdade, da fraternidade, da justiça e da harmonia entre todos os nomens. Essa fé tornou-o arrebatador paladino da democracia e uma das figuras mais influentes no movimento da propaganda republicana, assim como as suas estuantes energias, o decidido espírito de iniciativa, a extraordinária capacidade organizadora, postas ao serviço de organizações culturais, de carácter económico e social, floresceram numa obra fecunda. Já em Coimbra, então fremente de idealismos e entusiasmos republicanos, onde Guerra Junqueiro deixou um luminoso rasto incendiário, que chameja nas vibrantes e evocadoras páginas de Lopes de Oliveira, outro brilhante espírito de puro democrata, empolgando a falange admirável de talentos magnificos e revolucionários, Tomás da Fonseca revelara todo o fervor das suas convicções liberais, abertamente proclamadas e que na sua eloquência de orador, uma pena de escritor, nas campanhas e aceradas polémicas do jornalista, tão profunda e incisiva influência exerceram nas massas durante a propaganda republicana, avultando, a par da rajada demolidora, o sentido construtivo e a franca e generosa bondade. Notável a sua acção em Viseu e toda a actividade que exerceu com José Perdigão, Lopes de Oliveira e Carlos de Lemos, além de outros vultos preponderantes no movimento de ideias e actividades que levaram ao advento do regime.

Uma grande figura da Republica

Foi, como lhe assinalam os biógrafos, «uma das figuras de maior relevo na campanha intensa e acidentada que precedeu a proclamação da Republica», á qual deu, depois, o melhor da sua vida e uma frutuosa colaboração na obra reformadora e aos grandes empreendimentos que estruturaram o regime e possibilitaram a sua consolidação, projectando-se no futuro e reflectindo-se no progresso social. Presente no Parlamento, desde as Constituintes até 1917, foi um dos obreiros da reforma do Ensino Primário Normal, assinalando-se a sua valiosa acção no Conselho Superior de Instrução Publica, como director das Escolas Normais de Lisboa e da Universidade Livre de Coimbra e presidente do Conselho de Arte e Arqueologia daquela cidade. A sua palavra enleante, os seus ensinamentos foram sempre escutados e acatados com respeito e o maior apreço, em congressos de matiz político ou nos debates de problemas intelectuais e questões sociais. Em 1920, foi em missão de estudo pedagógico a França, á Bélgica e á Inglaterra, e a experiência colhida reflectiu-se com acentuados benefícios nas reformas do ensino e nos renovados métodos educativos aqui aplicados.

Hoje, ultrapassando já a meta

Tomás da Fonseca venerando republicano e dedicado paladino da instrução

octogenária, Tomás da Fonseca é esse nobilíssimo exemplo de dignidade, de coerência, de fidelidade aos princípios que nortearam todos os actos da sua existência modelar. Com a mesma fé inabalável nos ideais de sempre, a mesma orgulhosa independência, o mesmo desinteresse e sem vãs cobiças de efémera e ilusória preponderancia, continua entregue aos seus sonhos, aos seus anseios, batalhando sempre sem quebra de energias, sem desanimos, e cantando as alegrias da vida como um bucólico poeta cuja juventude se perpetua bebendo em fontes renovadoras da Natureza.

Fé inabalável nos futuros destinos do regime

Agora, ao celebrarem-se os cinquenta anos do regime republicano, Tomás da Fonseca, com a emoção e o entusiasmo com que ajudou a erguê-lo, mas naquela modéstia gentil e cativante que mais o engrandece, recorda todo o passado de heroicas e gloriosas empresas. E podendo orgulhar-se do que fez, limita-se, falando das empolgantes jornadas da propaganda, a um ou outro episódio, a qualquer pormenor da sua acção notabilíssima, «comícios, animadas sessões, colaboração intensa nos jornais «O Mundo», de Lisboa; «Pátria» do Porto; na revista «Alma Nacional» e noutras publicações, e os «Sermões da Montanha», que a Associação do Registo Civil largamente espalhou de Norte a Sul do País»

Da sensação entusiástica que o advento da Republica despertou na alma popular diz, traindo a própria emoção, que, «em toda a parte, foi profunda, principalmente nos meios cultos e nas classes trabalhadoras»

Com a mesma natural simplicidade, quando interrogado sobre a sua acção posterior, em funções publicas ou na defesa do regime, responde em ligeirissimos pormenores.

— Actuei como director das Escolas Normais de Lisboa, membro do Conselho Superior de Instrução Publica, deputado e senador em sucessivas legislaturas, durante as quais apresentei diferentes projectos de lei, que vigoram ainda.

E sobre a obra da Republica, esta síntese bem expressiva:

— Nos primeiros quatro anos, foi vasta e de tal projecção, que se mantém ainda, pelo menos nas suas linhas gerais.

Podemos avaliá-la melhor, assim como do esforço construtivo de Tomás da Fonseca através do seu livro «Memórias de um Chefe de Gabinete», prefaciado pelo dr. Lopes de Oliveira.

E, ouvindo Tomás da Fonseca, com o seu contagiante entusiasmo e a sua fé inabalável nos futuros destinos da Republica, essa mesma fé revigora todas as nossas esperanças.

Porque foi vencida a Monarquia

A revolução de 5 de Outubro tinha um chefe militar, o almirante Candido dos Reis e um chefe civil, o dr. Miguel Bombarda. Nenhum assistiu ao triunfo definitivo do ideal pelo qual intemeratamente lutaram durante muitos anos. Eram duas figuras de excepcional envergadura moral e valor intelectual, o primeiro um oficial de marinha ilustre, considerado e respeitado por quantos o conheciam ou com ele privavam, o segundo um médico eminente cuja independência intelectual só tinha paralelo numa bravura que se afirmava em todos os seus actos e iniciativas. Ambos sucumbiram horas antes do desenvolvimento da acção revolucionária. Miguel Bombarda foi assassinado por um louco e Candido dos Reis suicidou-se, convencido de que ela se malograra. Decidiu pôr termo á existência para não sobreviver a uma derrota que considerava possível.

Esse duplo acidente, em circunstancias diferentes acarretaria a derrota. Mas a disciplina, a intrepidez, a firmeza e a resolução dos revolucionários eram tais que a provação foi vitoriosamente atravessada pelos que, militares e civis, se lançaram no combate para pôr termo á carreira inglória da monarquia. As homenagens que, depois do triunfo, os republicanos prestaram á memória de Bombarda e de Candido dos Reis, foram inteiramente merecidas e os seus nomes tornaram-se símbolos da devoção total á causa da Republica.

Tito de Morais, que é um dos mais ilustres sobreviventes da revolução de 5 de Outubro, tomou nesta parte destacada, primeiro combatendo no Quartel de Marinheiros, depois assumindo o comando do cruzador «S. Rafael». Cidadão de exemplares virtudes conservou-se inalterávelmente fiel ao ideal democrático pelo qual lutou infatigávelmente há meio século

O almirante Tito de Morais

bravo combatente do 5 de Outubro

fiel aos princípios da Democracia

exalta os honrados servidores da República

O vice-almirante Tito de Morais pertenceu á família heróica e magnífica dos jovens oficiais da Armada cuja acção a bordo dos navios de guerra, no movimento de 5 de Outubro de 1910, foi decisiva para a implantação da Republica, um sonho que eles acalentavam com o entusiasmo e o apaixonado ardor de generosos idealistas.

Figura de relevo histórico entre os percursores que prepararam o vitorioso movimento republicano, o almirante Tito de Morais incluí-se, também entre aqueles valores nacionais que consolidaram e prestigiaram o regime, defendendo-o com o vigoroso e o ardoroso entusiasmo das suas inabaláveis convicções.

Deputado ás Constituintes, senador, ministro da Marinha, governador-geral do Estado da India, a sua acção construtiva assinala-se por um alto sentido patriótico, pela devoção ás instituições republicanas, por um nobre aprumo, pela dignidade moral, pela probidade, a independência e a isenção que são timbre dos democratas que foram o esteio da Republica.

Outros altos serviços prestou o ilustre marinheiro á Nação, em notáveis missões, militares e científicas, nestas se incluindo valiosos estudos hidrográficos em Africa, onde se houve como um bravo em campanha, na histórica jornada da Larja e nas operações em Angochu. Na sua brilhante folha de serviços ressaltam expressivos louvores tributados ao valor, á dedicação, aos raros méritos do ilustre oficial, respeitado como dos mais prestigiosos da corporação, que ostenta a «Torre e Espada», a «Legião de Honra», da França, a medalha dos Serviços Distintos, dos Estados Unidos da América do Norte, além de outras altas distinções.

O almirante Tito de Morais é hoje um exemplo admirável de coerência, de fidelidade aos seus ideais e fé inabalável nos destinos da Pátria e da Republica. E nas horas de perigo, como nos momentos transcendentes de vibração democrática a sua presença tem sido um estímulo de grande esperança.

Valor e heroísmo cobertos de modéstia

O ilustre marinheiro fala-nos, numa breve e comovida evocação, da sua actividade no movimento de ideias e na acção que levou ao advento do regime republicano, com a modéstia natural dos homens de valor, para quem, os maiores cometimentos, se resumem ao cumprimento do dever ou a um imperativo da consciência:

— Depois da minha retirada de Coimbra, onde, como estudante, tomei parte em algumas reuniões de republicanos para a propaganda dos princípios democráticos, não tive mais qualquer acção, com esse objectivo. Na preparação do movimento revolucionário de Outubro de 1910, apenas assisti a uma reunião de oficiais da Armada presidida pelo Almirante Candido dos Reis. Mas estava sempre, é claro, ao facto dessa acção preparatória que se desenvolvia, e foi o meu camarada e, depois, meu brilhante companheiro de luta, Sousa Dias, quem me avisou do dia em que ia iniciar-se esse movimento, acabava eu de regressar a Lisboa, após uma licença.

A sua intervenção, que foi decisiva, na revolução, assinala o almirante Tito de Morais, também em breve síntese, envolvida na sua modéstia:

— Intervim no movimento revolucionário de 4 e 5 de Outubro de 1910, principalmente, como comandante do cruzador «São Rafael», cargo para o qual fui nomeado pelo, então primeiro-tenente Ladislau Parreira que, com grande denodo, comandava os revolucionários da Marinha no quartel de Alcantara.

Ainda hoje, á distancia de meio século, o herói recorda com profunda emoção, revivendo os seus entusiasmos patrióticos, o momento empolgante da vitória.

— Ante a realidade desse sonho, em que se polarizavam os anseios nacionais, a sensação experimentada foi a de quem vê, enfim, satisfeita uma aspiração que, havia muito, predominava no seu espírito. Encheram-me de profunda comoção os acordes de «A Portuguesa», que uma banda, em terra, executava, a festejar essa vitória!

Fé inabalável na Democracia

Da sua assinalada obra, que se identifica com a notável reforma sob as instituições republicanas, fala o almirante Tito de Morais apenas com a objectividade de uma rememoração cronológica:

— Exerci as funções publicas de chefe da Repartição de Gabinete dos ministros da Marinha, João de Meneses e Celestino de Almeida. Deputado á Assembleia Constituinte, transitando, depois, para o primeiro Senado da Republica, fui eleito para algumas comissões parlamentares. Mais tarde, fiz parte, como ministro da Marinha, primeiro, do Governo presidido por José Relvas, e depois, do Ministério de Fernandes Costa, que não chegou a tomar posse. Durante a vigência do Governo de José Relvas, a seguir á sufocação do movimento revolucionário monárquico fez-se a consolidação da Republica. Todas estas nomeações foram feitas por indicação do partido político em que me filiara, o Partido Unionista. Como seu representante, pertenci á comissão directiva da Aliança Republicana-Socialista. Fiz parte, também, de várias comissões politicas nas campanhas eleitorais que se têm efectuado presidindo a diversas sessões de propaganda em Lisboa, Porto, Aveiro, Viseu, Viana do Castelo e Santiago do Cacém.

E o almirante Tito de Morais, ao exaltar a obra dos primeiros anos do regime presta comovida e vibrante homenagem aos seus honrados executores:

— Os grandes propagandistas da Republica procuraram, sempre, quando estiveram no poder, cumprir o que proclamaram na propaganda, realizando, pelo seu grande esforço, clara inteligência, honesta e inquebrantável dedicação, e não obstante os multiplos actos de hostilidade dos monárquicos, uma obra notável em todos os sectores da administração publica, que perdurará e será inscrita na História como de grande valor patriótico. Penso, portanto, que o regime republicano, com as características essenciais de uma democracia pura, é o que mais convém a Portugal, para salvaguarda dos seus interesses mais sagrados.

Mário Lopes Gomes

IMP. & EXPORT.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 21-1.º, DT.º

TELEFONE 46 604 /// LISBOA

Matérias Plásticas, L.da

FABRICAÇÃO DE ARTIGOS EM BAQUELITE E PLÁSTICO

Telefones: Gerência 2128 // Fábrica 2628 — LEIRIA

O MAIOR SORTIDO EM ARTIGOS DE MENAGE, LABORATÓRIO, ROLHAS, ARTIGOS ELÉCTRICOS E DE ESCRITÓRIO

ENCARREGAM-SE DE TODOS OS TRABALHOS POR ENCOMENDA

AGÊNCIAS EM :

LISBOA, PORTO, FIGUEIRA DA FOZ, FUNCHAL, LUANDA E LOURENÇO MARQUES

Acácio Jorge, Limitada

DROGARIA MARÍTIMA

Casa Fundada em 1927

Telegramas ALVAIADE

ARMAZENISTAS DE DROGAS E PRODUTOS QUÍMICOS

Fornecedores da INDÚSTRIA E COMÉRCIO

SEDE: — Rua da Esperança, 84-86 — Telef. 66 13 33

ARMAZÉNS: — Lisboa — Linda-a-Velha

FÁBRICA DE ALVAIADES:-Linda-a-Velha / Tel. 019258

FILIAIS: —

N.º 1 — Av.ª da República, 3 — **Algés** — Telef. 013448
N.º 2 — Av.ª D. Carlos I, 80 — **Lisboa** — Telef. 672017
N.º 3 — Rua Costa Pinto, 41 — **Paço d'Arcos** — Tel. 042206

Garagem Santa Luzia

RUA D. ESTEFÂNIA, 109-111

(Frente à Rua Alexandre Braga)

Telefones 48280-45277

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

CARROS USADOS AMERICANOS E EUROPEUS

Revistos de mecânica e com garantia

DISTRIBUIDORES OFICIAIS DOS AUTOMÓVEIS

«VOLVO»

ESTAÇÃO DE SERVIÇO — MÁQUINA DE ALINHAR DIRECÇÕES—MÁQUINA DE FOCAGEM DE FARÓIS—MÁQUINA DE CALIBRAGEM DE RODAS

OFICINAS GERAIS

Prédios

NA DAMAIA: Moderno, isento 6 anos, todo revestido a marmorite, boa construção. Rende 78.000$. Preço c/ escrit.ª 1.100 contos.

EM CARCAVELOS: Magnífico imóvel c/ habitações de 6 c. assoalh., cozinha, desp. e 2 c. de banho. Todos os requisitos modernos. Renda livre. Rendimento anual: 127.200$. Preço c/ escrit.ª 1.750 contos.

EM LISBOA: Próximo da P. do Chile, 11 inqs., rendas estáveis, construção e acabamentos de 1.ª, a render cerca de 160.000$. Isento 6 anos. Preço c/ escrit.ª 2.650 contos.

Vende

F. Fernandes & Costa, Limitada

Trav. de Santo Antão, 14, 1.º, Esq.º — Tels. 32869/368688

Manuel Abrantes

AUTOMÓVEIS USADOS

Utilitárias abertas de diversas marcas e modelos. Troca-se e dão-se grand. fac. de pagamento

Av. Dr. António José de Almeida, 34-A — Telef. 773539

Representantes da — **TELEF. 01 33 17**

B. C. M. COMPANY Inglaterra
LECO TOYS Inglaterra
PICKEL & C.º Alemanha
AUGUST KNOCH Alemanha

Quinquilharias Brinquedos, novidades, Artigos de praia, Adornos para árvores de Natal, etc., etc.

Soc. de Representações Algés, Lda.

ARMAZENISTAS — IMPORTADORES

Av. dos Combatentes da G. Guerra, 28
ALGÉS

ANIBAL, L.DA

Automóveis Usados de diversas marcas e modelos, europeus e americanos, de plena confiança para o comprador

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 47-A

Telefone 56629 **LISBOA**

Electro Decoradora, Lda.

Fabricantes de Lustres

Avenida João XXI, 4-E
Telef. 727195
LISBOA

WIESE & C.A L.DA

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

PRINCIPAIS LINHAS HOLANDESAS E NORUEGUESAS

///

RUA DO ALECRIM, 12, A
LISBOA-2 / TELEG. WIESECO
TELEF. 34331 (5 LINHAS)

Cambista Testa

Câmbios - Lotarias

74, Rua do Arsenal, 78

Telefone 21892 **LISBOA 2**

Se quer festa...

jogue no «TESTA»

35

No interesse de V. Ex.ª não confunda este n.º na Av. Almirante Reis, pois é onde encontra a maior variedade de móveis e estofos, modernos e de todos os estilos, por preços acessíveis, com facilidades de pagamento e trocas de móveis usados. **«Armazéns Móveis Jorge»** (quase em frente á Igreja dos Anjos).

FABRE LINE

Para:
QUEBEC, MONTREAL, TORONTO, HAMILTON
CLEVELAND, DETROIT, CHICAGO e MILWAUKEE

o n/m. «Couesnon» a carregar em Lisboa em 17 do corrente

Recebe carga em porão normal e frigorífico

AGENTES GERAIS

SOC. COM. OREY, ANTUNES & C.IA L.DA

4 — PRAÇA DUQUE DA TERCEIRA — LISBOA

TELEFNS. 27271/2/3 — 33254/5 — PPCA

Em Alenquer, o «Diário de Lisboa» encontra-se á venda na agência da Rua Odete Granada.

A História fará justiça

aos homens que serviram a República com inexcedível probidade — diz o dr. Baltazar Teixeira

Figura respeitável, pela inteireza de carácter, pela dignidade nas atitudes, pela consciente e convicta dedicação aos ideais republicanos, com a elevada compreensão dos verdadeiros princípios da democracia, o dr. Baltasar Teixeira é uma das figuras do escol da Republica, dos valores intelectuais cuja acção foi predominante no movimento da propaganda e na estruturação do regime, á qual deu notável contribuição principalmente na tarefa legislativa das Constituintes.

Pedagogo e distinto professor do ensino liceal, o campo da luta, onde se afirmaram as suas admiráveis qualidades de inteligência, o seu vigoroso, inquebrantável e aliciante entusiasmo nas campanhas da propaganda republicana, foi o jornalismo, a par de uma constante actividade de proselitista, em Leiria, sua terra natal, mas especialmente em Portalegre, onde, á data da proclamação da Republica, exercia o magistério.

Sobre a sua acção nas jornadas da propaganda, lembra o dr. Baltasar Teixeira ter tomado parte num comício em Leiria, multiplicando-se, depois, as várias intervenções em muitas dessas entusiásticas sessões no distrito de Portalegre. Eleito presidente da comissão municipal do Partido Republicano Português, assumiu a direcção do seu órgão na Imprensa, «O Intransigente».

— Desde 1909 até Junho de 1911 escrevi em todos os numeros desse jornal, numa tarefa por vezes fatigante — diz-nos o dr. Baltasar Teixeira.

Em Portalegre, quando da revolução nacional de 5 de Outubro de 1910, ao saber-se ali, na tarde daquele dia, da implantação do novo regime, foi um dos que o proclamaram naquela cidade alentejana.

— Eu e outros republicanos, fremantes de entusiasmo, alegria e orgulho — recorda, comovido — proclamámos, por nossa vez, a Republica na cidade e içámos a bandeira verde-rubra no Governo Civil e na Camara Municipal, sem oposição de ninguém e com o aplauso e o entusiasmo de uma enormíssima multidão, que saiu á rua a saudar frenéticamente o novo regime.

Sobre a sua acção no Parlamento, ao serviço do País em missões exemplarmente cumpridas, e á actividade partidária, diz-nos o ilustre republicano, num breve resumo:

— Deputado ás Constituintes de 1911, pelo círculo de Portalegre, fui eleito primeiro-secretário da Mesa, lugar que exerci em legislaturas posteriores, e como tal tive a honra de subscrever, com Braamcamp Freire e o dr. Afonso de Lemos, a primeira Constituição da Republica. Pela Camara dos Deputados fui eleito vogal do Conselho Superior de Finanças e, por sua delegação, fiz parte da Comissão Liquidatária dos Transportes Marítimos do Estado. Fui vogal de um directório do P. R. P. e exerci, com o dr. João Camoesas, a direcção do seu órgão jornalístico «Democracia», de efémera existência, assim como fui director de «A Plebe», também órgão do partido em Portalegre, cuja publicação terminou em meados de 1926.

Falou-nos, ainda, o dr. Baltasar Teixeira, com natural orgulho, da obra dos primeiros anos do regime:

— Considero a obra da Republica notabilíssima e honrosíssima. As grandes reformas postas em vigor pelo Governo Provisório e pelos Governos Constitucionais ulteriores, a insuperável honestidade com que foram administradas as receitas do Estado, a criteriosa parcimónia com que foram aplicados os fundos publicos, a participação na primeira Grande Guerra, que garantiu a posse — por muitos cobiçada — das nossas províncias ultramarinas e a recuperação de Quionga, sem esquecer a viagem triunfal do saudoso Presidente António José de Almeida ao Brasil, que muito contribuiu para o estreitamento das relações de amizade entre os dois países irmãos, sem recordar outros factos notáveis, demonstram á evidência que os republicanos que ocuparam as cadeiras do poder bem souberam cumprir o seu dever.

Baltasar Teixeira, professor distinto dos liceus e jornalista que no período da propaganda exerceu uma acção persistente em Leiria. Era jornalista de mérito. Foi deputado ás Constituintes e pode apontar-se como um republicano indefectível e dedicado

Exaltando a obra da República

o coronel Velez Caroço [illegible] e na publicação *da família portuguesa*

Oficial prestigioso, na brilhante folha de serviços do coronel Jorge Frederico Velez Caroço, salientam-se altos louvores, alguns em campanha, que exaltam a bravura do combatente em África, distinguido, também, com a Torre e Espada e outras expressivas condecorações, além da Legião de Honra, concedida pela França. E' uma figura da Republica, dos esforçados precursores e apaixonados propagandistas. Ao tempo prestando serviço em Portalegre, sua terra natal, fez parte do grupo revolucionário que ali implantou o regime. Deputado ás Constituintes, foi primeiro-secretário da Camara dos Deputados e vogal das Comissões de Guerra e de Defesa Nacional. Nomeado governador civil daquele distrito alentejano, renunciou ao seu mandato parlamentar, voltando ao Congresso da Republica como senador, em 1919. Por duas vezes se ofereceu para servir em campanha, na primeira Guerra Mundial, em que se salientou nas jornadas de Angola e depois em Moçambique, com a mesma galhardia, cabendo-lhe a direcção das operações de pacificação no distrito de Lourenço Marques. De 1921 a 1926 exerceu o cargo de governador da Guiné onde ergueu uma obra perdurável. Ainda em pleno vigor espiritual, é um admirável exemplo de fidelidade aos seus ideais e de estrénuo patriotismo.

Recordando a acção dos que tornaram possível o advento da Republica, e em especial dos militares diz o coronel Velez Caroço:

— Evidentemente, que se o Exercito não perfilhasse os ideais liberais, e as suas aspirações não estivessem de harmonia com a efectivação dos princípios orientadores das instituições republicanas, a Republica não teria sido proclamada em Portugal. E não há antagonismo entre os princípios republicanos e as aspirações democráticas do povo, o que não acontecia no antigo regime, pois havia um abismo entre a Monarquia e os destinos do povo. Isso e a acção da propaganda através dos comícios e da Imprensa, que despertou a consciência nacional, levou ao movimento triunfante em 5 de Outubro de 1910, ao qual o Exército deu a sua decisiva colaboração, por esse imperativo patriótico.

O ilustre oficial prossegue:

— A proclamação da Republica foi recebida com vibrante entusiasmo em todo o País. Mais tarde, a excessiva complacência dos dirigentes, as divisões partidárias e a falta de energia para reprimir a acção dos adversários das novas instituições, permitiram algumas tentativas revolucionárias, como a da Monarquia do Norte, as incursões e o movimento de Monsanto, contra as quais se levantaram a massa popular e as forças militares, que abnegada e heroicamente reergueram a Republica, tornando-a inabalável.

O coronel Velez Caroço exalta a obra notável do Governo Provisório, da presidência de Teófilo Braga e dos primeiros anos do regime, com a grande reorganização na estrutura administrativa, as reorganizações, os empreendimentos de efeitos profundos e perduráveis, apesar das perturbações e dos tremendos obstáculos, assinalando-se a primeira Guerra Mundial na qual

Jorge Frederico Velez Caroço, oficial prestigioso que serviu o País, com a maior dedicação, na Metrópole e no Ultramar

a nossa intervenção, feita com todo o prestígio e dignidade, garantiu a plena soberania e integridade territorial do País.

Acentuando a fé ardente de todos os Portugueses no destino da Pátria, sobre a égide da Republica, o ilustre oficial, espírito aberto ás exigências dos tempos modernos, conscientemente republicano e democrata, esperançado na paz e na harmonia da família portuguesa, define assim a sua posição:

— Só aceito a superioridade individual, oriunda da revelação de uma inteligência superior, manifestada num confronto de competências. Só esse predomínio é aceite pela minha dignidade individual.

C.C.N.

COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

PARTIDAS	DESTINOS

LINHA DE ÁFRICA

«IMPÉRIO» 7 de Outubro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçâmedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala** (se necessário).
«UIGE» 19 de Outubro	Com escala prévia por **Leixões**, para **Luanda, Lobito** e **Moçamedes**. Carrega em Lisboa de 11 a 13 de Outubro.
«AMBOIM» 27 de Outubro	Com escala por **Leixões**, para: **S. Tomé** (se necessário), **Luanda, Lobito, Moçâmedes, Lourenço Marques, Beira, Moçambique, Nacala** e **Porto Amélia**.
«PÁTRIA» 8 de Novembro	Com escala por **Funchal**, para: **S. Tomé, Luanda, Lobito, Moçamedes, Cape-Town, Lourenço Marques, Beira, Moçambique** e **Nacala** (se necessário). Carrega até 5 de Novembro
«LOBITO» 16 de Novembro	Com escala por **Leixões**, para: **Cabinda, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito** e **Moçamedes**. Carrega em Lisboa até 14 de Novembro.

LINHA DA AMÉRICA DO SUL

«VERA CRUZ» 13 de Outubro 9 de Novembro (ás 12 horas)	Com escala por **Funchal**, para: **S. Vicente, Recife, Salvador, Rio de Janeiro** e **Santos**.

LINHA DA AMÉRICA CENTRAL

«SANTA MARIA» 3 de Novembro (ás 18 horas)	Com escala por **Vigo** e **Funchal**, para: **Tenerife, La Guaira, Curaçao** e **Porto Everglades (Miami)**.

Chama-se a atenção dos Srs. Passageiros para o que esta regulamentado sobre transporte de bagagens

LISBOA: Rua de S. Julião 63 — Telefs. 30131/8 — **PORTO**: Rua Infante D. Henrique, [illegible] — Telef. 23342

TELEFONE 2 67 18 EXPEDIENTE Das 9,30 às 12,30 e das 14,30 às 18

LARANJO ALEGRE & GARCIA, L.DA

Compra e venda de propriedades — Administração e Conservação das mesmas.

Colocações de capitais em hipotecas — Recebimentos de rendas — Seguros.

Praça da Alegria, 58-2.º, Sala E (elevador) LISBOA

Endereço telegráfico unico: «CAMUTAR»

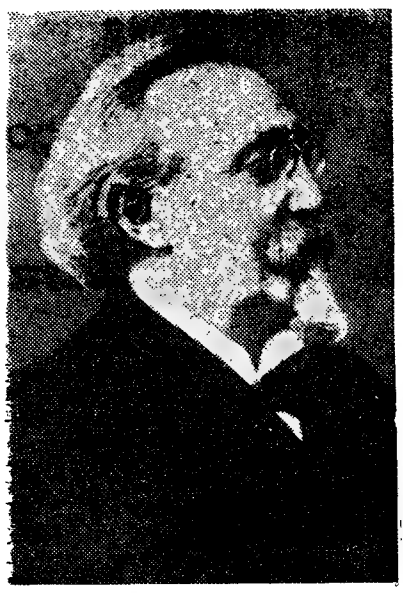
Oliveira, Barros & C.ª

SEDE EM ANGOLA

VILA ROBERT WILLIAMS

Escritório: **Praça da Figueira, 18, 2.º** Telefone 2 6264 LISBOA

Filial: **Av. Presidente Carmona** Caixa postal n.º 121 BENGUELA



Manuel de Arriaga, depois de ter sido um dos mais nobres e generosos deputados da democracia em Portugal — desempenhou elevadas funções. Depois da proclamação da Republica foi reitor da Universidade de Coimbra. Eleito para a chefia do Estado a sua acção como primeiro presidente constitucional ficou assinalada por episódios reveladores da sua integridade de carácter e da sua inabalável fidelidade á causa da Republica pela qual ardorosamente lutou

Nos últimos anos do antigo regime os republicanos desenvolveram uma actividade notável e de alto sentido patriótico

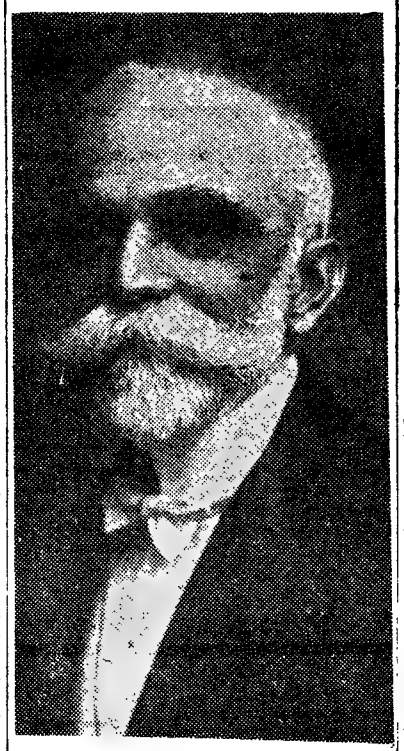
(Continuação da 21.ª página)

profunda. Foi preciso aguardar algum tempo para que, com a disciplina reconquistada, o partido republicano revelasse, nos postos de direcção, os homens ilustres que deviam conduzi-lo ao triunfo final. Nesse período deve destacar-se, como episódio relevante, a eleição em 1900 de três deputados — Afonso Costa, Paulo Falcão, filho de José Falcão, e Xavier Esteves, que marcaram lugar destacado no parlamento.

Entre 1902 e 1904 completou-se a reorganização do partido republicano em todo o País, apressada pela adesão de Bernardino Machado, que veio da monarquia onde exerceu elevadas funções — deputado, ministro, par do Reino electivo, etc. — para dar a sua contribuição decisiva á propaganda republicana e pelo regresso á Metrópole de António José de Almeida que estivera algum tempo em S. Tomé exercendo clínica. Quando em 1905 o escândalo dos tabacos abalou o País tinha-se completado a reorganização do partido e este tomou na campanha a que esse escândalo deu lugar uma parte activa e preponderante.

Com a ditadura franquista o agravamento da situação tornou-se para a monarquia intolerável e ao País não foi possível iludir mais tempo o dilema de que dependia a sua salvação. Este foi resolvido em pouco tempo. Os comícios, as sessões em recinto fechado, a intervenção dos representantes do partido no parlamento, a Imprensa, com uma difusão crescente, foram os instrumentos postos ao serviço do ideal republicano. Com a sua acção coincidiu a organização efectiva das instituições que o serviam, centros, ligas, associações, comissões irradiando por todo o País, e por ultimo a representação nos organismos locais, juntas de freguesia, municípios, etc.

Não tem paralelo a actividade desenvolvida pelo partido republicano e pelos seus órgãos e representantes entre 1907 e 1910. De tal natureza e extensão ela foi que pode dizer-se que além dele não havia outra força organizada—força de ordem e paz social, de espírito e objectivos nacionais, de fins patrióticos e de um altruismo a toda a prova. Esse partido dominou as massas populares e os intelectuais. Nas suas fileiras os tribunos, os parlamentares, os jornalistas, os publicistas, os escritores ilustres constituiram uma élite que, no momento próprio, assumiu as responsabilidades do poder sem que a transição se traduzisse por actos irreparáveis e incompatíveis com a sua campanha de doutrinação.



Bernardino Machado, professor universitário, propagandista, escritor, parlamentar, homem de Estado, é uma figura insigne da vida portuguesa na primeira metade deste século. A sua acção contribuiu decisivamente para a proclamação do regime republicano. Depois da sua implantação foi ministro dos Estrangeiros do Governo provisório, representante de Portugal no Brasil, chefe de Governo e presidente da Republica, em todas essas funções, deixando indelévelmente assinalada a sua passagem. O seu nome é um símbolo de fidelidade inalterável que fez dele o mais lídimo representante da democracia em Portugal

Depoimento *decisivo*

Depois da derrota, os monárquicos que perderam as suas situações e tentaram justificar a derrota, fizeram a história á sua maneira para demonstrar que só um bamburrio permitira remover o regime que serviam e de que eram beneficiários. Segundo essa interpretação dos factos, o ultimo chefe do governo da monarquia, Teixeira de Sousa, entregara, numa bandeja, a vitória aos revolucionários com a sua indecisão, segundo alguns desses censores, com uma cumplicidade criminosa, segundo outros. O visado publicou uma obra, valiosa sob o ponto de vista documental, para provar que o exército se não bateu pelo rei e pela monarquia que este simbolizava, e que foi esse, e não outro motivo que apressou a vitória dos revolucionários.

O seu depoimento reveste-se de grande valor para avaliar o estado de espírito dos militares que, convocados para combater a revolução republicana, o não fizeram eficazmente e em muitos casos procuraram não a hostilizar acabando por aderir, em massa, á Republica quando esta foi proclamada. O comandante da divisão de Lisboa, dispunha de milhares de homens, incluindo as forças de segurança — Polícia e Guarda Municipal — entre os quais, segundo Teixeira de Sousa, não houve baixas porque recusaram o combate, iludindo as ordens que recebiam e procurando todos os pretextos para apressar o fim da luta.

Esta gravura resume a grandeza, a magnanimidade e a isenção do monumento que implantou a Republica em 5 de Outubro de 1910. Um popular e um marinheiro de guarda ao edifício do Banco de Portugal simbolizam essas características inconfundíveis da mais generosa revolução que a história regista. Foi essa a lição que legaram os revolucionários a qual jamais se apagará do sentimento popular

As previsões de João Chagas confirmadas pouco depois da implantação da República

(Continuação da 21.ª página)

dentro da Republica seria a subversão de toda a Justiça».

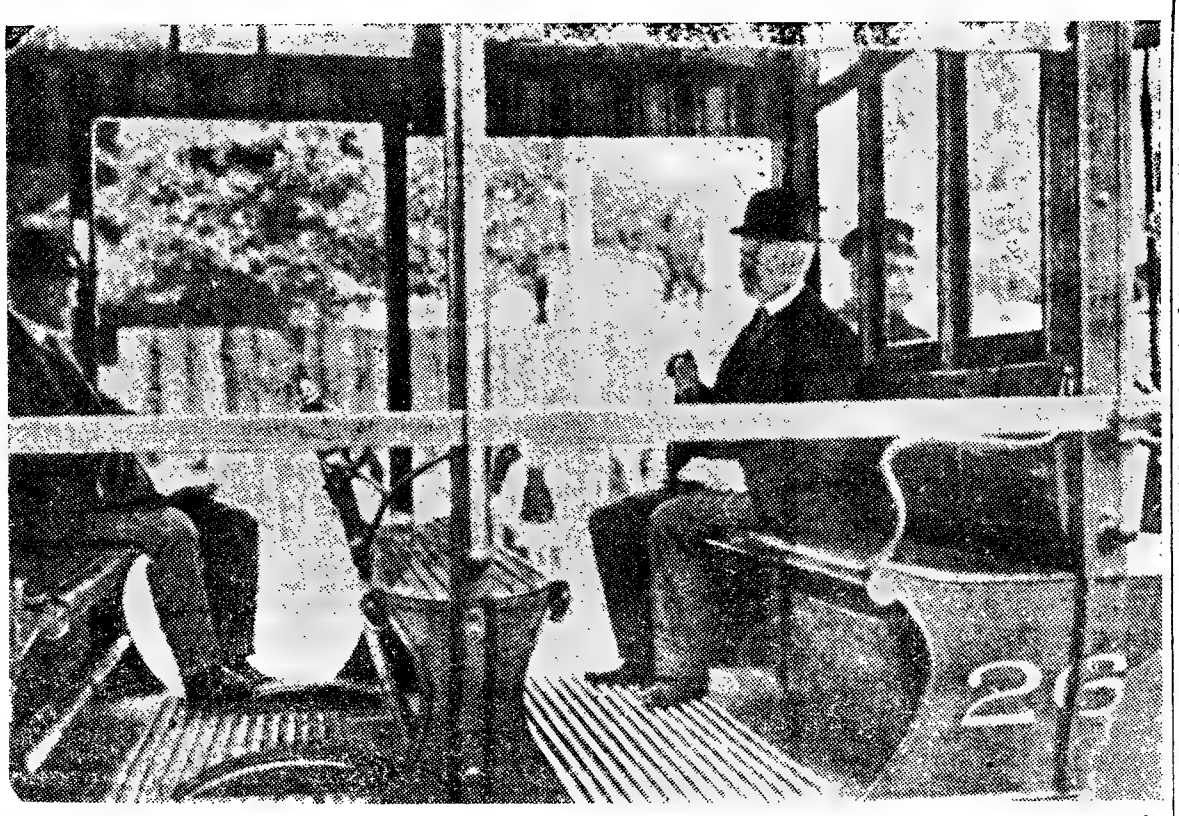
Estas palavras proféticas foram escritas em 2 de Agosto de 1910. Dois meses depois deram-se a revolução e a proclamação da Republica. E decorridos outros dois meses e meio, sobre esses acontecimentos irreversíveis, que deviam emprestar á sociedade portuguesa, com uma nova fisionomia, novos hábitos de pensar e agir, João Chagas voltou a escrever um derradeiro aviso ao País para que se acautelasse do perigo que antes denunciara com a sua vivacidade e vibração habituais.

Em 22 de Dezembro de 1910 escrevia ele: «Quem ignorar que em Portugal foi proclamada a Republica e lançar mão de qualquer jornal monarquico ficará imaginando que, neste País, houve apenas uma mudança de ministério e que esse ministério está, como sempre, sendo combatido pela oposição. Mais nada! Deu-se aqui um verdadeiro cataclismo. Caiu, numa manhã, uma tradição de sete séculos, sacudida por um estremecimento social que só tem equivalente num tremor de terra. Rolou por terra um trono, sob uma chuva de granadas, e um rei espavorido tomou o caminho do exílio num batel de pescadores. Tudo o que fazia a sua omnipotência caiu com ele e foi subvertido — a corte, a nobreza, o governo, o parlamento, o seu palácio, a sua guarda. A sua realeza era um poder feudal. Caiu como uma Bastilha. A sua Monarquia foi vencida pela força das armas e todo o orgulho, toda a petulancia do seu domínio da véspera passaram a chamar-se — derrota, fuga, banimento, humilhação, adversidade, infortunio».

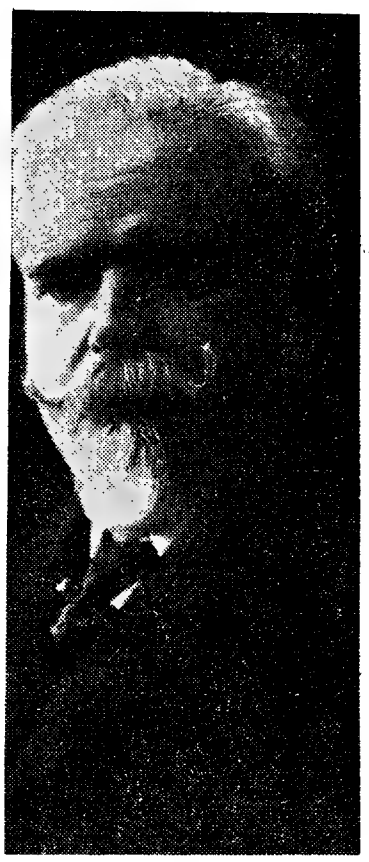
Esta situação era clara e dir-se-ia que á sua volta era impossível estabelecer duvidas ou criar equivocos. A Republica triunfante representava a liquidação de um estado de coisas que se tornara impossível graças aos erros dos seus servidores e beneficiários. Lance-se, porém, mãos dos jornais monarquicos, constatava João Chagas a escassas semanas da proclamação da Republica, e dir-se-ia que nada disso foi assim, que tudo isso — cataclismo, subversão, escombros, fugas, pânico — foi apenas um pesadelo e que o que há mudado em Portugal é apenas o ministério. A situação é mais absurda ainda. A Monarquia caiu com desonra publica. Caiu desonrada a dinastia. Caiu desonrado o regime.

«Lance-se, porém, mão dos jornais monárquicos, dizia João Chagas. E que vemos nós? Vemo-los falar ao Governo da Republica com um vozeirão de juizes severos a pedir-lhes contas. Sim! contas. Poderá vir ao conhecimento do País, dizem eles, a quanto monta a dívida externa? Assim fala um. E outro clama que o Governo da Republica lhe não inspira confiança e fala em exercer a sua fiscalização. Este estado absurdo deve-se a que, em virtude da generosidade dos vencedores os vencidos falam, a dois meses de distancia da sua derrota, com o ar arrogante de quem triunfou».

A razão do contrasenso era assim exposta por João Chagas: «A revolução, que em Portugal era esperada como um «dies irae», foi um idílio. A revolução esqueceu tudo, perseguições, erílios, deportações, cárceres. Triunfante, a revolução, num grande «élan» de fraternidade, estendeu as mãos, abriu os braços aos seus algozes e convidou-os, por sua vez, a esquecer. Na manhã de 5 de Outubro vi o povo, radiante, aplaudir, ás mãos ambas, a Guarda Municipal que fora entregar as espingardas fumegantes de o ter combatido. A revolução foi então sublime. Mas de aí resultou que em 6 de Outubro não havia em Portugal a Monarquia, estando os monarquicos todos, tranquilos e nos seus lugares».



O presidente do Governo provisório dr. Teófilo Braga era um símbolo de modéstia e isenção. A sua obra em que avulta a «História da Libertação Portuguesa» é um monumento de erudição e saber. Autor do primeiro programa do partido republicano tomou parte destacada na acção doutrinária á qual emprestou a autoridade do seu nome e da isenção total



António José de Almeida, foi o tribuno da Republica e tornou-se depois o seu símbolo inconfundível. A sua popularidade era incomparável, o seu prestígio enorme. Depois da proclamação do novo regime foi deputado, chefe de partido, ministro do Interior do Governo provisório e chefe do Governo da União Sagrada. Eleito presidente da Republica, desempenhou o seu mandato de maneira inconfundível. A sua viagem ao Brasil, foi um triunfo absoluto

Brilha na O.N.U.

o encanto de algumas mulheres

por ALINE MOSLEY
(DA UNITED PRESS — A. N. I.)

NOVA YORK, 4.—A delegação do Marrocos atrai as atenções dos membros da O. N. U. Esse interesse, porém, não é motivado por quaisquer declarações políticas profundas, mas sim pela presença de uma das mais belas mulheres das Nações Unidas, a sr.ª Halima Anegay, de 25 anos.

Desde a sua constituição, a Assemblia Geral tem sofrido a infiltração gradual das senhoras até que a sessão deste ano cintila com o encanto de algumas figuras femininas — muitas delas parentes, esposas ou secretárias dos delegados, que se sentam nos lugares destinados aos «conselheiros». Outras, porém, como a senhora Anegay, são, elas próprias, delegadas.

Adida cultural á embaixada do Marrocos em Washington, a bela marroquina é uma das componentes da Comissão Social, Humanitária e Cultural da O. N. U. Apesar do seu aspecto de manequim de Alta Costura, que os olhos de gazela e o penteado, fluido, á italiana, acentuam, a sr.ª Anegay encara compenetrada o seu trabalho.

«O papel de uma mulher, nas Nações Unidas, pode ser igual ao papel do homem—afiram.—Não existe diferença entre o trabalho de uma e de outro. A mulher pode dar o seu contributo, principalmente no campo dos problemas sociais e educacionais».

A delegada marroquina é viuva, natural de Casablanca, e trabalha nas Nações Unidas há um ano. O próprio chefe do Governo soviético, Kruchtchev, já a notou. Com efeito, criou sensação na noite em que o seu país ofereceu uma recepção. Envergava um trajo regional marroquino e Kruchtchev, ao vê-la, declarou ao príncipe herdeiro de Marrocos, Mulei Hassan: «Deviam enviá-la para junto de nós, em Moscovo — como adida cultural».

Outra personalidade feminina que sobressai entre o friso de senhoras das Nações Unidas é a sr.ª Agda Rossel, orgulho da Suécia, e que pode gabar-se de ser a unica mulher que ocupa o lugar de chefe permanente de uma delegação. Entre as norte-americanas, a mais popular é a senhora Oswald Lord, que frequenta regularmente as Nações Unidas durante todo o ano. E a Russia possui, também, entre os seus delegados alternos, uma mulher — a senhora Mironova, imponente como uma torre, com o cabelo repuxado para a nuca num carrapito á moda russa e invariavelmente vestida de saia e casaco de corte masculino.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★

As meias

que se vão usar

LONDRES, 4. — As meias — de tom escuro — constituem complemento imprescindível da nova moda de Outono e Inverno, segundo afirmam os especialistas londrinos. Ébano, bronze e castanho escuro são so tons da moda, ao lado da ultima novidade: cor de malva esfumada, destinada a ser usada com os lilases e os azuis das violetas africanas, o motivo preferido dos tecidos de Outono, em Londres.

Para de noite, imperam as meias

(Continua na 35.ª página)

★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Vestido muito singelo, mas elegante, de tecido xadrez, verde garrafa, preto e branco, com um grande botão de baquelite negro e cinto de pelica franjado da mesma cor. As palas que simulam um «bolero» e a gola de virados são entreteladas com «Cantor»

DA MULHER E DA CRIANÇA

Camisolas para si e para ele

Os dois modelos de camisolas

Modelo para senhora

(Manequim 38-40 e 42-44). (Para o manequim 42-44, seguir as indicações entre parêntesis).

Material

300 (320) gramas de lã cor de coral. Agulhas n.os 2 1/2 e 3 1/2.

Pontos empregados

I — Com as agulhas 2 1/2. 1 malha de meia, 1 malha de liga.
II — Com as agulhas 3 1/2: malha de meio pelo direito.

Amostra

12 malhas no ponto II dão 5 centímetros de largura e 17 voltas dão 5 centímetros de altura.

Costas

Começar com 104 (112) malhas e tricotar 4 (4) centímetros no ponto I, repartir na volta seguinte 4 (4) malhas de aumento e continuar no ponto II aumentando dos 2 lados 2 vezes 1 malha todos os 10 centímetros (3 vezes 1 malha todos os 8 centímetros). Começar o «raglan» a 33 (34) centímetros da altura total. Para o manequim 38-40, diminuir 42 vezes 1 malha todas as 2 voltas; no princípio da volta tricotar 3 malhas, 1 diminuição ordinária, no fim da volta 1 dimiinuição rematada e 3 malhas. Para o manequim 42-44 rematar primeiro 3 malhas de cada lado, depois diminuir 43 vezes 1 malha como no manequim 38-40; rematar de uma só vez as 28 (30) ultimas malhas.

Frente

Mesmo trabalho do que nas costas até ao princípio do «raglan». Este faz-se da mesma maneira mas

(Continua na 35.ª página)

Chapéu de veludo vermelho, para «cocktail», modelo de Gilbert Orcel

★★★★★★★★★★★★★★★★★★

PEQUENO LORDE

Confecções para meninos e meninas até aos 15 anos
Av. Guerra Junqueiro, 15-A e 15-B
Telefone 720538

ABC da moda

no começo do Outono

AS saias de fazenda, lisa, príncipe de Gales ou xadrez têm cintos do mesmo tecido rematados com um laço espalmado que substitui a fivela.

BOTÕES colocados nas algibeiras prendem-se nas palas caseadas e são, por vezes, o unico ornamento de um vestido ligeiro.

COSTAS completamente descobertas pelos decotes dos vestidos serão muito vistas em «toilettes» nocturnas de grande cerimónia.

DE manhã até á noite pode usar-se o «tailleur». Depende do tecido e do feitio.

É de bom gosto moderno pintar os lábios com «baton» muito claro ou aplicar-lhes apenas o «baton» incolor.

FALSOS casacos simulados nos próprios vestidos por meio de abas ou palas, uma das variantes da moda actual.

GARGANTILHAS e colares de uma só fiada estão fora da moda que aconselha o uso dos colares com muitas voltas caindo sobre o peito e longos fios de metal com um medalhão pendente.

HÁ muita variedade de alturas para colocar á cintura num vestido moderno, mas o melhor é não a acentuar demasiadamente.

IMPÕE-SE o uso dos cabelos cortados. Quem queira andar na moda tem de cortar o carrapito que só aparecerá com «toilettes» nocturnas de grande gala mas... postiço e de «nylon».

JEAN Dando apresentou na sua ultima colecção um vestido preto de lã «angorá» com lindos efeitos em «drapée».

LAUVIN Castillo escolheu o azul-roxo para um «tailleur» «nouvelle vague» que apresentou com blusa inteira de jersey rematada no decote por uma laçada.

MOHAIR liso, estampado ou angorá está na ordem do dia para todas as horas do dia.

NOS casacos de cabedal usam-se golas de «tricot» feito com lã muito grossa.

OS vestidos de noite usam-se compridos e sumptuosos.

PELES, muitas peles, nos casacos e nos chapéus. São uma das notas mais chiques que vão marcar distinção neste Outono-Inverno.

«QUIMONO» e «raglau» são os cortes mais modernos para as mangas de vestidos, casacos e blusas.

REINAM de novo as «caxemiras» que aparecem com novos padrões de cores sombrias.

SAIAS amplas, saias estreitíssimas, saias pregueadas, saias abotoadas, saias plissadas e saias duplas podem usar-se com blusas de seda, de «jersey», de caxemira ou de «lainage».

TONS muito claros são agora usados na maquilage. O rosto regressa á naturalidade permitindo-se apenas um pouco de artificio na pintura dos olhos.

UM colar de pérolas grandes, que acompanhou o mais belo vestido de noite apresentado na colecção de Éliane Montigny, tinha oito voltas.

VESTIDOS pretos decotados em quadrado, em bico ou em redondo, são muito chiques para «cocktail».

XADREZ e «pied-de-poule» estão no rigor da moda. Wébé apresentou um vestido, duas peças em xadrez miudo. O casaco que lhe corresponde é de fazenda reversível tendo a parte de fora preta e o forro em xadrez igual ao vestido.

ZEBRADOS e escoceses apareceram em graciosos vestidos caseiros de fazendas muito leves e maleáveis.

Pergunte para saber

A quem devo dirigir-me para aprender a fazer plissados? Não pretendo apenas plissar determinado tecido para meu uso, mas sim aprender essa arte para fazer dela uma profissão rendosa, a fim de alcançar melhor nível de vida.

UMA LEITORA RECEM-CASADA

Pode dirigir-se á Escola de Arte de Trajar, na Rua do Século, 51, Lisboa, organizada pela revista «Modas e Bordados» e patrocinada pelo jornal «O Século». Aí poderá tirar o curso de plissar que se divide em duas modalidades. A primeira, corresponde ao ensino da maneira de plissar sendo necessário á aluna adquirir as fôrmas para os plissados que se vendem na própria escola. A segunda, abrange também o ensino para a execução das fôrmas e destinam-se especialmente ás senhoras residentes na província ou no Ultramar que desejem estabelecer-se com uma industria de plissar.

Segundo os informes colhidos na própria escola, o custo destes cursos difere consoante se trate ou não de aluna já frequentadora desse estabelecimento de ensino, onde funcionam aulas de corte, costura e malhas.

Tenho um lençol de bebé que, quando secava bateu no estendal vizinho que tinha sido pintado de fresco. Quando retirei o lençol já seco este estava todo salpicado de tinta verde. Voltei a lavá-lo sem resultado, depois meti-o em aguarrás, que também não foi eficaz. Haverá alguma maneira de retirar essa tinta?

ELISA TERESA

Actualmente são muito empregadas as tintas celulosicas que se dissolvem com acetona. Como se trata, certamente, de um tecido branco, não perde nada em experimentar esse dissolvente que talvez dê resultado.

Publicações recebidas

«Jornal Feminino»

O numero 69 desta revista portuense, que se intitula «da mulher para a mulher», apresenta as suas secções habituais de noticiário, modas, «tricot», cinema, decorações, novelas, grafologia, consultório, culinária, etc. Na secção de culinária as leitoras encontram os ensinamentos precisos para ficarem sabendo como se preparam esses deliciosos «salgadinhos» que actualmente são servidos no «cocktail».

«Banquete»

Esta revista portuguesa de culinária apresentou o n.º 7 das suas publicações. E' mais um conjunto precioso de lições respeitantes á arte de fazer e de servir comidas.

Mantém esta revista uma secção muito interessante intitulada «Segredos de um gastrónomo». Desta vez, o gastrónomo é o actor Manuel Lereno que, depois de nos contar um interessante episódio passado com a actriz Maria Matos nos ensina a preparar o «atum relachado» e as «perdizes á pastor» que devem ser um bom petisco.

Na ««Página do Chefe» pronunciou-se desta vez o mestre Joaquim Pedro, que foi cozinheiro do «Maxim's» e ocupa actualmente o lugar de chefe de cozinha do Hotel do Guincho, depois de ter actuado no Casino Internacional e no Palácio Hotel do Estoril Ficámos sabendo como ele prepara o «bacalhau á biscainha» e o «robalo á Guincho», pratos, estes, da sua — e da nossa — predilecção. As restantes secções apresentam-se com o habitual desenvolvimento e profusamente ilustradas.

DIVISÃO DO TEMPO
depois das férias

Em todos os programas da sua vida, desde que as férias tenham acabado, as leitoras devem dividir as horas do dia em três partes: 8, para trabalhar numa profissão; 8, para dormir; 8, para se instruir, fazer cultura física, cumprir deveres sociais, cuidar dos seus fatos, fazer compras, ordenar os serviços domésticos, e recrear-se como melhor lhe apetecer dentro das possibilidades que tiver.

Parabens a você...

Por fazerem anos nos dias indicados, enviamos felicitações ás senhoras e meninos cujos nomes hoje publicamos.

Hoje — Maria Luísa Pinto Carrilho Bizarro e o menino Mário Nuno Guedes Chaves Sampaio Viveiros.

Amanhã — D. Maria Rosa Claro.

Dia 6 — D. Antonieta da Gama Pires e a escritora D. Maria Lamas.

Dia 7 — D. Maria da Luz de Sá Amado, D. Mariana Salgado e D. Gabriela da Veiga Pinto Teixeira.

Dia 9 — D. Regina Madeira de Oliveira e menina Aurora Carreto Brigolas.

Dia 10 — D. Celeste da Conceição Nunes.

Dia 12 — D. Maria Bruno Mascarenhas de Morais e Ataíde e D. Maria Eugénia Andrade Nery Teixeira Moutinho.

Nem todos os criadores *da moda francesa* são franceses

Toda a gente julga serem puros parisienses os criadores da moda, que impõem ao Mundo inteiro a adopção dos seus modelos. Pois, ao contrário do que se supõe, a moda francesa, que se apresenta em Paris duas vezes no ano com a retumbancia de um acontecimento mundial, é criada por artistas de várias nacionalidades. Contam-se, entre eles, Balenciaga e Lauvin Castillo, que são espanhois; Pierre Balmain, que é de Savoia; Yves Saint-Laurent que é algeriano; e alguns há que são italianos. Também os criadores da moda francesa, que são franceses, nem todos nasceram em Paris. Os jovens estão a chegar da provincia e a tomar os principais lugares, como Pierre Cardin, que começou a sua carreira em Saint-Etienne e passou para Vichy, antes de se instalar em Paris.

O famoso Christian Dior era normando.

Os modelos destes criadores da moda caracterizam-se por um cunho muito especial, que deve ser devido mais ao ambiente em que vivem, aquele inspirador «ar de Paris» do que propriamente ao berço em que foram criados...

NA PRAIA DA AREIA BRANCA, NO «CAFE' CENTRAL», ENCONTRA-SE A' VENDA O «DIARIO DE LISBOA».

Saborear é viver...

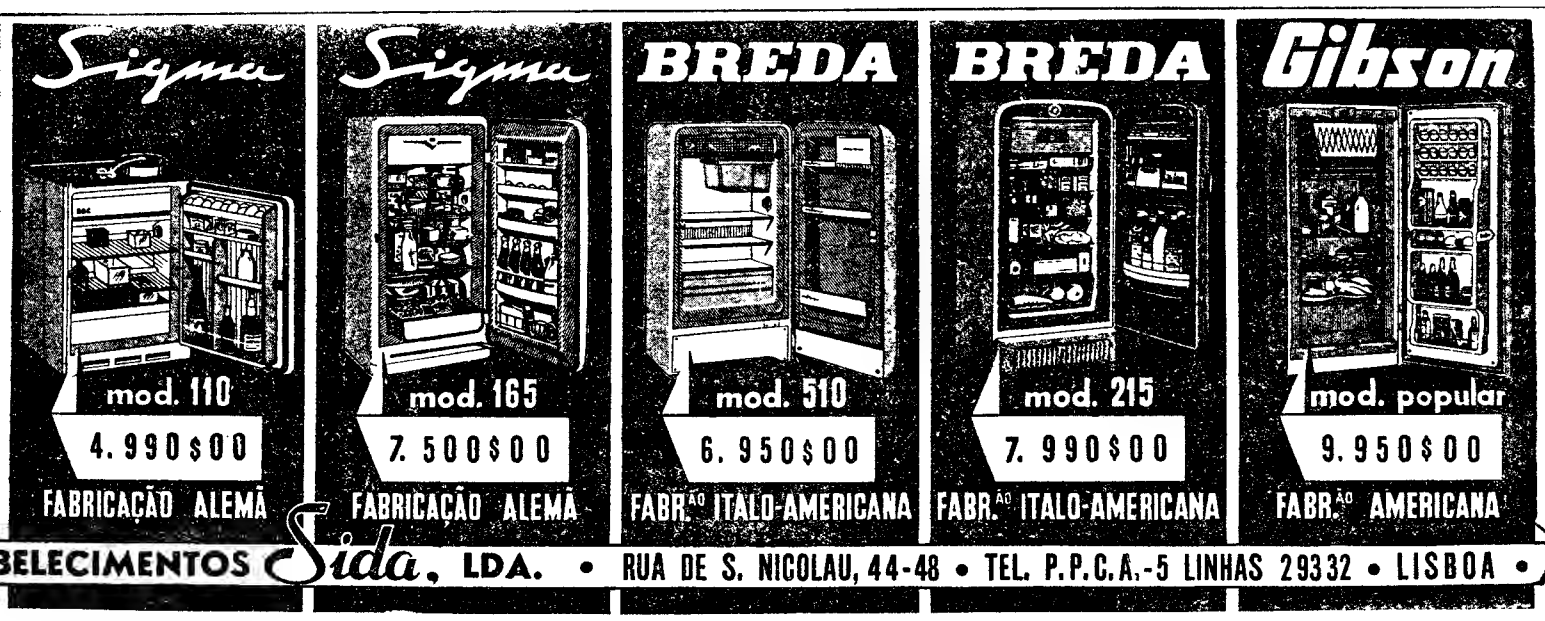
A hora do lanche chegou. Os garotos precipitam-se alegremente para as fatias de pão com Planta ! Uma fatia, duas, três fatias de pão com Planta, cada um ! É um gosto ! Isto prova que também eles sabem apreciar as coisas boas. Saboreie Planta e verifique também que é a mais fresca e deliciosa das gorduras.

Planta a gordura das pessoas de bom gosto

FABRICA IMPERIAL DE MARGARINA, LDA., SACAVÉM

60-PL-13

PREÇOS POPULARES das grandes marcas:



REPRESENTANTES ESTABELECIMENTOS Sida, LDA. • RUA DE S. NICOLAU, 44-48 • TEL. P.P.C.A.-5 LINHAS 29332 • LISBOA •

LANTOR

A ENTRETELA QUE TORNA O CORTE
FÁCIL E ECONÓMICO

No tempo da caça

Lebre assada

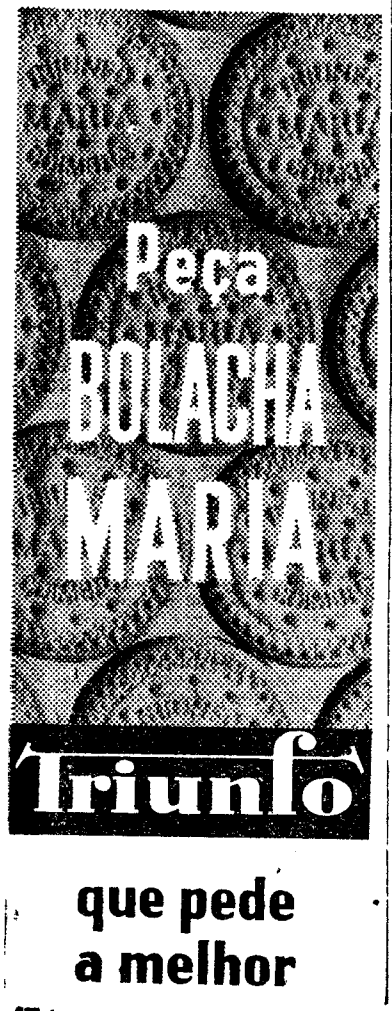
INGREDIENTES — 1 lebre, 150 gramas de toucinho, 2 calices de vinho branco, 2 cebolas, 1 cálice de conhaque, 2 cenouras, 1 colher de azeite, 2 dentes de alho, 1 colher de manteiga, 1 raminho de salsa, coentros e tominho, 1/2 folha de louro, sal q. b., e pimenta q. b.

PREPARAÇÃO—Esfola-se, amanha-se a lebre e põe-se em «marinade» durante quatro horas, pelo menos, numa mistura de vinho branco, conhaque, sal, pimenta, rodas de cebola, rodas de cenoura, o raminho de cheiros e o azeite. Pisa-se o toucinho com os alhos e a manteiga, esfrega-se a lebre com essa mistura e põe-se numa assadeira juntamente com todos os componentes da «marinade». Deixa-se assar em lume regular e voltando-se quando seja necessário para ficar aloirada por todos os lados.

Perdiz à ribatejana

INGREDIENTES — 2 perdizes, 125 gramas de chouriço de carne, 1 decilitro de azeite, 3 pimentos verdes, 2 beringelas, 2 ovos, 2 decilitros de molho de tomate, 1 cebola, 1 cenoura, 1 ramo de cheiros 5 grãos de pimenta, e sal q. b.

PREPARAÇÃO—Depois de amanhadas e limpas as perdizes põem-se durante meia hora em água fria para sangrar, juntas com o chouriço. Escorrem-se e levam-se à cozer com a cebola, cenoura, os cheiros, o sal e a pimenta, tudo coberto com água. Ao levantar fervura escuma-se e deixa-se ferver até estar cozido. Assam-se os pimentos, abrem-se ao meio, limpam-se de peles e sementes e enchem-se com arroz de manteiga. As beringelas, depois de descascadas são cortadas em rodelas temperadas com sal e envolvidas num pano durante vinte minutos. Passam-se depois por farinha e fritam-se em azeite ou óleo. Servem-se as perdizes no meio duma travessa cobertas com o chouriço cortado em rodelas finas. Em volta põem-se os pimentos recheados e as beringelas. O molho de tomate é servido separadamente na molheira.



que pede
a melhor

6TP-6

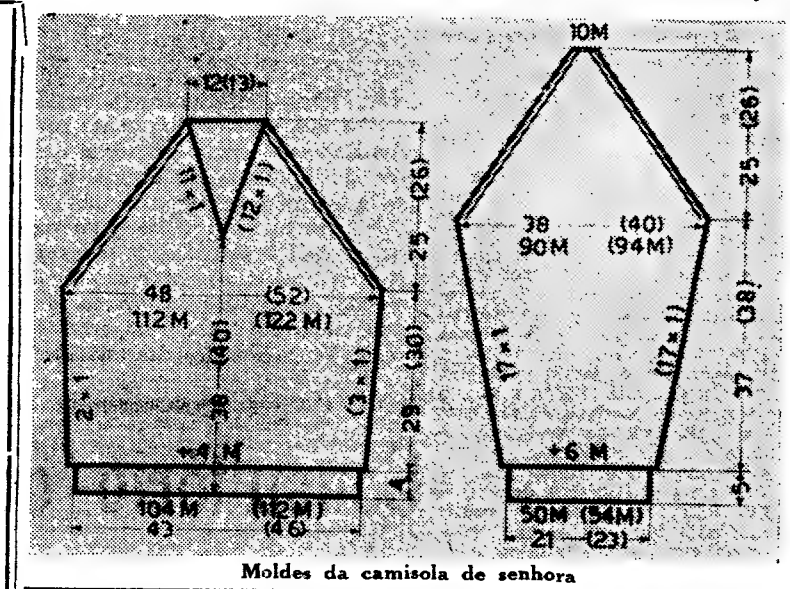
Camisolas para si e para ele

(Continuação da 33.ª página)

diminuindo sòmente 31 vezes 1 malha (rematar 3, diminuir 42 vezes 1 malha). Decote: a 38 (40) centímetros do princípio, separar o trabalho ao meio e continuar cada lado separadamente diminuindo 11 vezes 1 malha de 6 em 6 voltas (12 vezes 1 malha de 6 em 6 voltas). Rematar as 4 (4) ultimas malhas de uma vez.

Manga

Começar com 50 (54) malhas tricotando 5 (5) centímetros no ponto I, depois repartir 6 (6) malhas de aumento na volta seguinte e continuar no ponto II aumentando dos 2 lados 17 vezes 1 malha todos os 2 centímetros (17 vezes 1 malha todos os 2 centímetros). Começar o «raglan» a 42 (43) centímetros do princípio. No manequim 38-40 diminuir dos dois lados 2 vezes 1 malha de 4 em 4 voltas e 38 vezes 1 malha de 2 em 2 voltas. (Manequim 42-44: diminuir 3 malhas de cada lado, depois 4 vezes 1 malha todas as 4 voltas e 35 vezes 1 malha todas as 2 voltas). Rematar de uma só vez as 10 (10) malhas restantes.



Moldes da camisola de senhora

LANTOR

UMA ENTRETELA ADEQUADA
PARA CADA FIM

Manhã na praça

MENOS PEIXE E MAIS CASTANHAS...

Ou porque o mau tempo afugentou os compradores ou porque muita gente regressou das férias disposta a fazer rigorosas economias, o certo é que os mercados esta manhã não tiveram o que usa chamar-se grande movimento, atendendo mesmo a que amanhã muitos chefes de família não trabalharão e quererão, por isso, dedicar o dia aos seus.

No Mercado 24 de Julho, os lugares da fruta e os talhos estiveram quase abandonados. A carne é só para ricos, dizem os pobres .. E as vendedeiras da fruta lastimam-se amargamente da concorrência desigual que lhes é feita pelos improvisados postos de venda ao publico que se instalam no Mercado Abastecedor e no Cais do Sodré, e que intercepta os consumidores. Novidade: bonita castanha. Estamos a chegar ao S. Martinho...

O peixe teve mais procura, talvez porque a sua abundancia é agora menor... Compreende-se: o mau estado do mar dificulta a pesca. E então, é ver os preços subir... Um outro aspecto que chamou a nossa atenção é o que respeita ao preço dos mariscos. No mercado, compra-se, por exemplo, camarão a 40 escudos o quilo. Quem o consome nas cervejarias paga-o a 100...

Decididamente, a alimentação está cada vez mais cara e, no entanto, os vendedores queixam-se de crise. Onde estará a solução? Entre a massa de publico que esteve no Mercado 24 de Julho, vimos o director-geral do Comércio. Em observação?...

PREÇOS DOS PRODUTOS

FRUTAS — Uvas moscatel 7$00, «rozake» 6$00 e «diagalves» 4$00; peros, 10 e 12$00; bananas (grandes), 10$00; peras, 10 e 12$00; laranjas, 2$00; limões, 2$00 e 2$50; ananás, 25$00; castanhas, 3$50.

HORTÍCOLA—Tomate, 2$00; feijão-verde, 5$00; pimentos, $50 e 1$00; cebola, 2$50; nabo, 1$00; couve lombarda, 3$00 e 4$00; cenouras, 3$00; alface, 1$50; batatas, 1$50; couve-flor, 4$00 e 5$00.

CRIAÇÃO—Perus, 150$00; peruas, 60$00; galinhas, 45$; frangos, 25$00; patos, 25$00; coelhos, 35$00; pombos e borrachos, 9$00; «miudos», 6$00; ovos, 12$ e 13$50.

PEIXE—Sardinha, 8$00; carapau, 7$00; peixe-espada, 7$00; pescada de enrolar, 10$00; pescada grande e negra, 16$00; pescada branca, 30$; chocos pequenos (para assar), 15$00; chocos, 6$00; polvo, 6$50; lulas, 6$50 e 16$00; camarão, 40$; lagosta, 90$00; linguado, 48$00; mexilhão, 2$50; lagostim, 80$00; cachucho, 5$50; pargo, 7$50.

Montagem

Passar ligeiramente a ferro pelo avesso todas as peças e fazer as costuras. Levantar 150 (150) malhas no decote e tricotar 2 1/2 centímetros no ponto I, diminuindo ao meio da frente 2 malhas em cada volta.

Este modelo pode ser executado sem modificações, numa máquina de tricotar. Deve regular-se o ponto segundo uma amostra prèviamente feita. Fazer as diminuições do «raglan» passando a 4.ª para cima da 5.ª malha.

Modelo para homem

(Peito 94 centímetros, altura 68 centímetros).

Material

450 gramas de lã Shetland castanha. Agulhas n.os 3 1/2 e 4.

Pontos empregados

I — com as agulhas 3 1/2: 1 malha de meia, 1 malha de liga.
II — Com as agulhas 4: malha de meia pelo direito.

Amostra

12 malhas no ponto II dão 5 centímetros de largura e 16 voltas dão 5 centímetros de altura.

Costas

Começar com 114 malhas e tricotar 5 centímetros no ponto I, depois continuar no ponto II aumentando dos dois lados 4 vezes 1 malha todos os 6 centímetros (122 malhas). A 43 centímetros da altura total rematar de cada lado 4 vezes 2 malhas para as cavas. Quando estas medirem 23 centímetros de altura, rematar 5 vezes 5 malhas de cada lado para os ombros. Ao mesmo tempo rematar para o decote as 20 malhas centrais e de cada lado 10, 6 e 2 malhas.

Frente

Como as costas, mas começar o decote 6 voltas antes do princípio do ombro: rematar as 16 malhas centrais e de cada lado 2 vezes 4 malhas e 4 vezes 3 malhas.

Manga

Começar com 48 malhas e tricotar 6 centímetros no ponto I, depois continuar no ponto II, repartindo 12 malhas de aumento na primeira volta. Em seguida aumentar dos dois lados 21 vezes 1 malha alternadamente na 1.ª e na 6.ª volta. A 48 centímetros do começo rematar de cada lado 4 pezes 2 malhas e as 92 malhas restantes de uma só vez.

Montagem

Passar a ferro ligeiramente pelo avesso todas as peças e fazer as costuras. Levantar 58 malhas no decote das costas, tricotar 6 voltas em malha de meia pelo direito, 1 volta em liga pelo direito e mais 6 voltas em malha de meia pelo direito, até á volta de liga diminuir 1 malha no fim de cada volta, e nas outras 6 voltas aumentar 1 malha no fim de cada volta. Fechar todas as malhas sem apertar. Fazer o mesmo trabalho no decote da frente. Coser estas tiras na linha do ombro e dobrá-las para dentro pelo meio.

Este modelo pode ser executado sem modificações numa máquina de tricotar. Deve regular-se o ponto segundo uma amostra prèviamente feita.

****

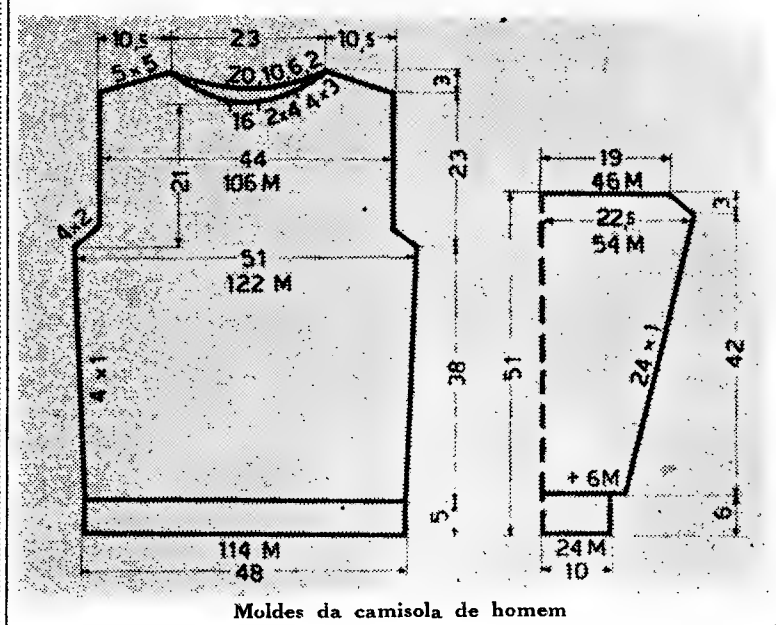
AS MEIAS que se vão usar

(Continuação da 33.ª página)

arrendadas lançadas por Pierre Cardin, em Paris. Algumas são fosforescentes, devido ao fio de oiro utilizado na sua confecção. Os costureiros norte-americanos, apresentam também meias arrendadas para de noite. Um dos modelos mais procurados, em Londres, é cor de carvão, salpicado com diamantes minusculos. Chama-se «Rainha dos Diamantes».

Os especialistas londrinos acham, porém, que a concessão á moda não deve ser total. Por isso, embora se usem os tons escuros, as mulheres com pernas excessivamente magras devem decidir-se por meias mais claras e sem costura; ao passo que as pernas gordas são mais favorecidas pelas meias escuras, com costura. — (A. N. I.).

****



Moldes da camisola de homem

LANTOR

A NOVA ENTRETELA IDEAL
PARA A CONFECÇÃO

Eduquemos o nosso filho!

Ensine as crianças a não ter medo dos animais

Assisti há tempos a uma cena que me deixou impressionada. Uma senhora, acompanhada de um garotinho, estava parada na esquina de uma rua muito movimentada. Ali perto estava outra senhora, segurando pela correia um cachorro de tamanho médio. Havia muita gente e o cachorro — como todos os cachorros que se prezam... — começou a cheirar os calcanhares do menino, que não se apercebeu da presença do animal.

De repente, porém, o menino virou-se e, ao ver o cãozito, ficou apavorado. Imediatamente começou a chorar, agarrou a saia da mãe e desatou a dar pontapés no cachorro.

E' claro que o animal avançou, latindo. A dona procurou afastá-lo, mas começou a juntar-se gente, e em poucos minutos aquilo tornou-se um pandemónio. A mãe pegou no menino ao colo e afastou-se murmurando qualquer coisa sobre pessoas que fariam melhor não saindo a rua com cachorros selvagens que podiam matar alguém ou ferir uma criança desprevenida

Quando passou por mim ouvi que repreendia, zangada, o menino:

— Quantas vezes já lhe disse que se afastasse dos cachorros! Algum dia será mordido!

Mas o pequenito estava excitadíssimo para ouvir as suas palavras e, de qualquer modo, o conselho não o consolava muito.

Pobre criança, pensei eu. Não é de admirar que o contacto amigável e inofensivo de um cachorro o assuste tanto, já que a mãe toma uma atitude tão idiota e tão atrasada. A maneira como o educa só pode causar aborrecimentos: faz com que reaja de acordo com o seu nervosismo, quando deveria fazer com que sentisse confiança.

Falando em termos gerais, as crianças e os animais costumam dar-se muito bem, e uma criança jamais sentirá medo se o adulto não lhe transmitir o seu próprio nervosismo. Naturalmente, se uma criança é ensinada a considerar os animais perigosos e inimigos, ela chorará todas as vezes que avistar um cachorro. E, o que é pior, esse medo perdurará toda a sua vida.

Como podemos evitar que essas coisas aconteçam, e como ensinar uma criança a gostar de animais?

O melhor método é ter em casa um cachorrinho, de maneira que a criança se familiarize com a sua figura. Mas se isto não for possível, não precisa fazer com que tenha medo dos animais.

Ensine-o, desde cedo, a considerar os animais domésticos como amigos, e a criança perceberá logo que, embora não sejam iguais ás pessoas da casa, não lhe fazem mal algum. Ensine-a a não tentar bater num cachorro estranho, em hipótese alguma — pois pode ser que o animal esteja acostumado a apanhar, interprete mal o movimento da criança e avance contra ela, apenas num gesto de defesa.

Além disso, ensine a criança a «falar» com o cachorro numa voz suave, sem gritos. Desde que se quebre o gelo, tudo será mais fácil.

Uma criança pode ter medo de animais porque, certa vez, por brincadeira, um a derrubou e fica lembrando isso por muito tempo. No entanto, se se explicar que o animal não o fez por querer, que desejava apenas brincar, o menino poderá curar-se do seu medo. Mas nunca o force a fazer-se «amigo» de um cão: deixe-o aproximar-se sozinho, no momento em que o desejar.

E — o que é mais importante — «nunca». ria das lágrimas da criança. Ela não tem culpa de sentir medo. E afinal é preciso que reconheçamos que muitos adultos têm medo de espíritos e outras coisas no género, muito mais irreais e imaginárias do que um cachorro, que, para a criança, pode parecer um monstro real e palpável.

RUTH MARTIN

A vida escolar representa para a criança o mesmo que a vida profissional para o adulto; é a sua ocupação principal. A partir do momento em que começa a frequentar a escola regularmente, esta passa a ocupar o melhor da sua actividade consciente e a tomar parte, de maneira muito importante, no seu desenvolvimento intelectual e psíquico. O seu papel é, portanto, capital. Nada de surpreendente, pois, que as dificuldades escolares se reflictam gravemente sobre o comportamento geral das crianças e que os dramas da escola tenham importante repercussão na vida diária e na evolução psicológica das mesmas.

DR. ARTHUS

CUIDADOS
QUE AS FUTURAS MÃES DEVEM TER

Muitos remédios de uso habitual e aparentemente inofensivos, podem prejudicar o rim da mulher que está para ser mãe. Por isso, nunca deve tomar medicamento algum sem ouvir primeiro o médico.

A sua vida deve ser calma, sem contrariedades, desgostos e emoções. E' indispensável o sono de oito a dez horas diárias, em quarto arejado e de janela aberta. Quando isto não seja possível, é indispensável a sesta a meio do dia.

Quanto ao vestuário, não deve usar nem cintas que apertem nem ligas circulares que perturbam a circulação, agravando a dilatação das veias (varizes). Apenas se aconselha o uso de cintas apropriadas, servindo simplesmente para amparar e com ligas de suspensão.

Os saltos do calçado têm que ser diminuídos, substituídos por tacões baixos; a partir do sétimo mês deve usar sapatos de salto raso, para maior segurança no andar.

Consultório das Mães

MARIA DE FÁTIMA: — Devido ás férias, só hoje a sua carta me veio ter ás mãos. Agradeço a sua confiança, mas, como compreende, o assunto que me expõe não é de molde a ser tratado aqui. Peço que me procure a resposta na secção «Os meus problemas», do «Juvenil» do próximo sábado. Pode confiar inteiramente em «Tião», que procurará ajudá-la na medida do possível.

●

IDALINA D. F.: — Com um e dois anos, os seus filhinhos são ainda muito pequenos, e por isso o seu desenvolvimento deve ser acompanhado por um pediatra, que lhe aconselhará o regime alimentar para um e para outro, consoante o seu estado de saude e nutrição. Isto é tanto mais necessário, por se tratar de crianças que manifestam pouca simpatia por alimentos que lhes são necessários, e por terem os seus transtornos intestinais.

A maneira como se oferecem os alimentos, tem uma grande importancia. Dê-lhes o pão, e os bolos, não em fatia, para as mãos, mas partidos em pedacinhos pequenos, no prato, de modo que as crianças possam pegar-lhes com os dedos e metê-los na boca. Quanto ao leite, sirva-o umas vezes simples, outras com umas gotas de café de cevada, outras levemente aromatizado com chocolate, e deixe que as crianças o chupem por uma palhinha. Nas sopas, nos cremes, nos pudins, no esparregado, no puré de batata, tem sempre maneira de introduzir o leite. O leite modificado a que se refere é excelente, e pode servi-lo simples, ou com fruta, por exemplo, banana ou pera de grão fino, ou com compota.

Creio que a minha amiga não tem razão para estar preocupada. Se estas breves sugestões lhe não bastarem, escreva-me novamente, que terei muito prazer em lhe responder mais pormenorizadamente e com menos demora.

●

MARIA SANTOS: — Está enganada, trata-se realmente de um problema de higiene, embora isto não queira dizer que há falta de limpeza. E' que, com a transpiração aparece essa caspazinha, mesmo que se faça uma lavagem diária á cabecinha do bebé. Tornam-se necessários outros cuidados. Assim, á noite, passe pela cabecinha do pequenino um pouco de óleo de amêndoas doces, ou de vazelina esterilizada. Na manhã seguinte, no banho, lave a cabecinha com sabonete. Se proceder assim, habitualmente, duas vezes por semana, nos outros dias bastará a ensaboadela, e esse tal «musgo» não mais voltará a aparecer. — *M. L.*

Para as roupinhas do pequenino

Não ponha de parte qualquer retalho ou mesmo qualquer vestido que já não tenha transformação, de tecido lavável. Temos aqui uma ideia prática e graciosa de aproveitar quaisquer bocados de tecido, executando com eles uma carteira com duas divisões para guardar a roupinha do bebé. Ambas as divisões desta carteira, que fecha dobrando-se em três partes, deverão ter um pequeno fole que dará altura para o volume das roupinhas que se querem guardar.

Toda a graça desta carteira depende da combinação dos tecidos, podendo utilizar-se um liso para as divisões, outro quadriculado para o fundo e parte exterior, e ainda outro, florido, que se aplica recortado.

Esta carteira pode ser muito util para um passeio, ou uma visita mais demorada com o bebé, permitindo levar as suas roupinhas direitas e sem recorrer a mala, que ocuparia muito mais espaço.

Seguindo o mesmo critério, damos uma ideia para guardanapo com algibeira para guardar o talher do bebé.

Esta sugestão talvez lhe sirva...

A ralação que a mãe da Irene teve, quando reparou que ela gaguejava! Porque seria uma coisa assim? Irene, que só tem cinco anos, foi logo levada ao médico, que a achou muito desenvolvida e de esplêndida saúde.

Decorreram dois meses e a criança cada vez gaguejava mais. Então, a mãe começou a procurar mais atentamente a causa daquela gaguez. Seria por culpa sua o nervosismo da criança ?

Nesta ordem de ideias, a mãe começou a observar-se a si própria chegando á conclusão de que a sua vida cheia de trabalho e preocupações a leva a dizer constantemente á pequenina : — «Avia-te! Despacha-te! Vá, mexe-te!». Isto ocasionava uma grande excitação na criança e a mãe pensou que talvez estivesse aqui a causa da sua perturbação. Por isso, começou a dominar-se e a proceder de modo que Irene pudesse fazer as suas pequeninas tarefas mais sossegadamente. Passou também a olhar mais pelo que despertava o interesse da criança, dedicando-lhe a possível atenção quando Irene se lhe dirigia naquelas conversas pueris em que as crianças tanto se comprazem. Um pormenor que se lhe afigurou importante foi o de adoçar e baixar um pouco a voz quando se dirigia á filha, evitando amedrontá-la, antes inspirando-lhe calma e confiança.

Após estas modificações, corajosa e persistentemente adoptadas, ao mesmo tempo que simplificava um pouco a sua vida de trabalho para acalmar os próprios nervos, a mãe teve a imensa alegria de verificar que Irene deixava de gaguejar, mostrando-se agora muito mais serena e á vontade.

Pequenas coisas...

1

As pessoas crescidas que lidam de perto com crianças têm que contar sempre com a sua curiosidade. E não esquecer que no espírito infantil se encontram tesouros de observação e poesia.

2

O prestígio dos educadores depende muito mais de uma camaradagem bem compreendida do que de uma atitude altiva a corrigir as observações dos pequenitos no que elas possam ter de errado.

A criança na Suécia

Na Suécia, as princesas e todas as senhoras da nobreza amamentam os seus filhos e tratam pessoalmente de tudo que lhes diz respeito. Frequentam as escolas de puericultura, enfermagem e ensino doméstico, aprendendo, como qualquer burguesa, a fazer todos os trabalhos femininos. Isto leva as raparigas de todas as classes a seguirem-lhes o exemplo, e aqui está como a mulher sueca é das mais cultas, esclarecidas e encantadoras.

Por outro lado, os médicos suecos têm feito a maior propaganda do seguinte ABC para as mães:

A — O bebé precisa do leite da mãe. Não há nada como o leite da mãe para dar ao menino saude e resistência ás doenças. O intervalo das mamadas deve ser de quatro horas, durante o dia; oito horas, durante a noite.

B — O bebé precisa de dormir o suficiente. Se for possível, ele não deve dormir no quarto da mãe, mas completamente só, num quarto separado. Aí, o bebé depressa compreende que não ganha nada em ter birras. E desta maneira, todos os bebés são mansos e bem dispostos.

C — O bebé precisa de viver ao ar livre tanto quanto possível, e de dormir aí a sua sesta. Uma varanda da casa pode ser utilizada para este fim. Quando ele já pode sentar-se, deve ser levado a passear no seu carrinho.

Este simples ABC tem sido incessantemente pregado. O resultado foi uma extraordinária baixa na mortalidade infantil, sendo hoje a Suécia o país onde morrem menos crianças.

CONCURSO
SÓ PARA OS LEITORES DA NOSSA PÁGINA

Prove que leu com atenção esta página, respondendo ás seguintes perguntas:

1 — Quantas horas deve dormir diáriamente a futura mãe?

2 — Complete o seguinte período, que se pode ler nesta página: «Ensine-o, desde cedo, a considerar os animais domésticos como amigos, e a criança perceberá logo que,...»

3 — Qual é o país onde morrem menos crianças?

*

Mande as suas respostas até ao dia 8 de Outubro, para a página «Eduquemos o nosso filho!» do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44 — e ficará habilitado ao sorteio dos nossos brindes.

Três tiros debaixo de chuva

Folhetim semanal do Diario de Lisbôa

por Vincent Starret

CAPÍTULO II

PRIMEIRAS INVESTIGAÇÕES

RESUMO DO CAPITULO ANTERIOR — Em Chicago, o dr. Cartwright confessa que matou o milionário Arden Lurcher, dizendo que este ameaçara matar seu filho. A Polícia, porém, não encontra qualquer cadáver.

Confortàvelmente instalado na sua poltrona predilecta, Jimmie Lavender fumava continuamente enquanto ia perorando sobre o seu tema favorito — o crime em Chicago. A solitária madeixa branca que tão curiosamente o caracterizava, erguia-se como uma pluma. Achei-o parecido com uma catatua alerta mas satisfeita consigo própria, mas guardei essa opinião para mim. Eram nove da manhã e tínhamos acabado de tomar o pequeno almoço.

— A' face do que dizem os jornais — dizia Jimmie — ou se trata de um embuste ou de mais um lunático com a mania de ver o seu nome publicado nos jornais. Mas, examinemos a situação. Este Cartwright é um médico bem conhecido, pai de família e sem cadastro. Porque motivo havia este homem, que até hoje só tem dado provas de bom-senso, imaginar-se de repente autor da morte de um homem, numa esquina determinada, e de se entregar á prisão?

Não consegui inventar um bom motivo e disse isso mesmo.

— Tirando a circunstancia de Cartwright estar preocupado sobre a sorte do filho, ele foi, até ontem á noite, um cidadão util e respeitador das leis — continuou o meu amigo. — Porque motivo havia esse homem de ser culpado de tal embuste?

— Muito bem — observei eu. — O homem não é doido e o embuste não existe. A alternativa é que confessou a verdade. No fim de contas, ninguém mais viu Lurcher, desde que o médico declarou tê-lo assassinado. Então, onde pára o cadáver? Diz-me tu.

Jimmie Lavender soltou uma risada.

— A mulher dele declarou que o marido tem estado na Flórida há uma semana e que ainda ontem á noite, recebeu um telegrama seu. Trata-se de uma prova que compromete o bom do Cartwright.

— De forma que — rematei — o problema consiste em descobrir *quem* foi que o médico liquidou ontem á noite e que foi feito do cadáver?

— Alguém com fortes razões para ocultar a sua identidade, *e que não estava morto*. Depois do médico se ter afastado, a vítima ergueu-se e, mesmo a custo, pôs-se ao fresco. Mas não tenho duvidas de que estará gravemente ferido.

— E assim se encerra o caso?

—É possível! Mas passou-se ontem á noite qualquer coisa que desperta a minha curiosidade. Naturalmente que é muito mais fácil para a Polícia supor o Cartwright, um pobre desmiolado do que desenterrar qualquer coisa que se revelasse comprometedor para Arden Lurcher. A propósito, que sabes tu a respeito do Lurcher, Gilly?

— Haverá alguém que saiba qualquer coisa de concreto? — retruquei, encolhendo os ombros.—Desportista milionário... famoso pelas sua festas... protector das artes... benfeitor generoso... membro de todas as asociações culturais... Encontrei-o uma vez... Um tipo de conversa muito cativante. Pilota o seu próprio avião, creio eu. A sua reputação está imaculada, tanto quanto se sabe. Mas que pensas desse filho do Cartwright, que Lurcher teria ameaçado? Será verdade isso?

— Não sei — respondeu Lavender — mas deixemos isso á Polícia. Não somos pagos para proceder ao inquérito, Gilly. E só sabemos o que nos dizem os jornais.

E ainda estávamos imersos na sua leitura, quando os jornais da tarde apareceram com os novos acontecimentos do caso. O doutor Cartwright fora preso por homicídio...

Pouco antes da alvorada, um leiteiro, ocupado nas suas distribuições, tropeçara no cadáver de um homem de identidade desconhecida. O corpo jazia na embocadura de uma travessa, apenas a dois quarteirões do local onde o médico afirmava ter cometido o crime. A teoria da Polícia era simples e plausível: o médico, meio louco e resolvido a assassinar Arden Lurcher, enganara-se na vítima. Esta, mortalmente ferida, procurara chegar a casa mas sucumbira aos ferimentos.

Lavender expressou simpatia pelo médico.

— Culpado ou inocente, o pobre diabo está metido numa camisa de onze varas. A Polícia tem a sua confissão que qualquer juri não hesitaria em aceitar. Pergunto a mim próprio se a vítima se parecerá com o Lurcher.

— Isso é fácil de apurar — sugeri com um sorriso.

— Oh, não vale a pena porque com certeza os jornais da noite nos elucidarão a este respeito.

Nenhum de nós, evidentemente, contara com o espírito de iniciativa do jovem, sobre quem recaía a responsabilidade de toda aquela situação. Já quase nos esqueceramos da sua existência, quando o seu toque de campainha da porta nos fez mergulhar no coração do mistério.

Um rapaz dos seus dezanove anos, queixo decidido e rugas vincadas sob os olhos, surgiu no limiar e ficou-se a observar-nos com bravia intensidade. O corte do seu fato era do ultimo modelo, mas o seu rosto não trazia o mínimo vestígio de rubor. Não obstante a forma ansiosa e precipitada com que se nos dirigiu, a sua fala era a de uma pessoa culta e educada.

— Chamo-me Harold Cartwright — disse á laia de apresentação. — Poderão conceder-me uns minutos?

Penetrou na sala com a «souplesse» de um bailarino e logo notou nos jornais espalhados no chão, com as suas parangonas berrantes.

— O doutor Cartwright é meu pai — acrescentou rápidamente.

— Já supunha isso mesmo — disse Jimmie Lavender — e receio bem que o seu pai se tenha metido num bom aperto.

— Tudo por minha causa — exclamou o rapaz sem pinga de sangue no rosto. — Oh! Não fazem ideia do desgosto que tudo isto me dá! E é por isto mesmo que vim aqui. — E depois numa explosão oratória, continuou: — Já tenho ouvido falar de si, senhor Lavender, e tenho fé de que o senhor nos poderá ajudar. Serei franco consigo desde o princípio. Não sei se o meu pai matou alguém ou não. E não me importo com isso. Sei perfeitamente que ele teria *gostado* de matar o Lurcher, e se ele confessa que o procurou fazer, estou certo de que fala verdade. Mas quem devia estar na cadeia era eu, e não ele.

Fez uma pausa de quase um minuto, preso de uma respiração ofegante.

— Foi um rude golpe para mim, senhor Lavender... e.... bem, acabei. Com a droga, quero dizer. De hoje para o futuro, serei *diferente*. E se o senhor me disser que pode ajudar o meu pobre pai, conte comigo também.

Lavender acenou a cabeça.

— Que sugere você? — E como o rapaz se limitasse a alargar o colarinho num gesto de desespero, continuou: — Você receia que seu pai tenha *de facto* morto aquele homem, não é verdade? Faz ideia de quem possa ele ser?

— Nem a mais pequena ideia! Acabo de chegar da Morgue. Em toda a minha vida, nunca vi aquele homem.

— Mas pensou que o poderia reconhecer?

— Aventei essa hipótese. Pensei que pudesse ser um dos *caixeiros*. Conheço uma porção deles.

— Caixeiros?

— Sim, vendedores — explicou o rapaz com impaciencia. — Espalham-se por toda a cidade. A' esquina das ruas, Encostados aos prédios. A' entrada da Biblioteca Municipal e de outros locais publicos semelhantes. E os fregueses são ás centenas... Gente como eu. Uma «picada» custa três dólares ou mais. Calcule lá quanto não ganham os Mandões...

— Morfina?

— E cocaína... heroína... tudo quanto se queira.

— E quem é o Mandão Principal? — perguntou Lavender calmamente.

— O papá diz que é o Lurcher. A culpa foi minha. Suponho que fui eu quem lhe meteu esta ideia na cabeça. Um dos caixeiros falou no seu nome e depois implorou-me que me esquecesse... Talvez ele faça parte da pandilha... Não sei... Mas o papá achou que seria uma pista.

— O seu pai disse á Polícia que Lurcher o ameaçara. Isso é verdade?

— Sim, é verdade, mas foi uma ameaça que talvez nada quisesse dizer. Bem vê, eu falei demais e o Lurcher veio a saber. Certo dia telefonou ao meu pai, acusando-me de andar a espalhar boatos falsos a seu respeito, e que ou o meu pai me punha um travão na língua, ou ele se encarregaria de o fazer... Suponho que o homem estava apenas furioso. O papá também perdeu a cabeça e ameaçou-o de o matar por ser ele o instigador da minha ruína. Foi assim que as coisas principiaram.

— E que diz agora o seu pai? Você já o viu?

— Já, mas recusa-se a falar. Arranjou um advogado que não o deixa falar com ninguém Nem mesmo comigo.

— Hum .. — fez Jimmie Lavender. — Que tal se sente você, Cartwright?

— Não em muito boa forma. Há três dias que não tomo uma picada. Que pretende de mim?

— Duas coisas há que precisamos de descobrir: se Lurcher estava na Flórida na noite em que o seu pai matou alguém, e a identidade do homem que está na Morgue. E afaste-se dos estupafacientes... Vou-lhe dar um remédio que o ajudará... e faça o possível por descobrir qualquer destas coisas. Você está dentro da «panelinha» e eu não. Transmita-me tudo quanto vier a apurar. E um aviso .. *Tenha cautela!*

— Qual será o jogo nisto tudo, Jimmie? — perguntei, assim que o nosso visitante se retirou.

— Ainda não sei bem — retorquiu Lavender. — E' óbvio que *narcóticos* é a chave do código. O nosso jovem amigo — ele próprio um consumidor — crê estar na pista dos chefes da quadrilha. O dr. Cartwright pensa que tem uma pista, confiado como está no arrazoado do filho. Mas será precisa gente com mais pulso do que o médico e o seu filho para apanhar o Lurcher, mesmo que ele seja culpado. Um homem com a sua posição e fortuna é quase invencível. E se Harold está a mentir...

— Porque motivo havia ele de mentir?

— Infelizmente, os morfinómanos são geralmente mentirosos. Ora supõe tu que Harold tem andado a roubar os narcóticos do pai que, é bom não esquecer, é médico? Ou supõe que quando o dr. Cartwright disparou sobre alguém, era apenas um caso de dois membros de uma organização que se pretendem eliminar um ao outro?

Era uma teoria muito aceitável.

— O cadáver que está na Morgue .. — comecei a dizer, mas Lavender atalhou:

— Vamos nós vê-lo!

E minutos depois, dirigíamo-nos para a Morgue.

O morto era um cidadão de cara suficientemente patibular para ser hipotèticamente um membro do mundo do crime. Fora alvejado em pleno coração e a ferida era apenas um orifício perfeito.

— Podia ter sido liquidado em qualquer local — comentou Lavender, com expressão enigmática.

Entiámos uma gorjeta na mão do guarda e uma hora depois, rolávamos no novo modelo de Lavender em direcção á propriedade de Arden Lurcher, desportista financeiro, patrono dos artes e de mais não sei quê.

— Aquele tipo lá na Morgue... — comecei outra vez.

— Fosse quem fosse, aposto que está relacionado com o caso — disse Lavender. — E pizemos com cuidado quando chegarmos a Lake Forest, Gilly. Não sabemos do que vamos á procura e pode bem acontecer que tenhamos de nos deixar conduzir pelas circunstancias. Aparentemente vamos lá apenas saber notícias da saude do senhor Lurcher e nada mais.

Parámos o caro mesmo em frente aos portões fechados da bela propriedade de Lurcher e buzinámos ruidosamente durante alguns minutos. Vendo que ninguém aparecia para nos receber, apeámo-nos e fizemos um breve reconhecimento. Havia uma porta de serviço, que verificámos estar fechada apenas no trinco e por ela penetrámos na propriedade. Quase que logo a seguir, ouvimos vozes e risos de algures para além do primeiro grupo de árvores. O sol estava quente e dados que foram mais alguns passos, deparámos com uma pequena clareira, onde tinham sido colocados vários alvos.

As vozes e as risadas continuaram, sublinhadas a intervalos pelo vibrar de cordas. Um grupo de foliões, armados de arcos e setas praticava a antiga arte de besteria; mas não fizemos caso do interessante espectáculo e prosseguimos em direcção ao palacete que se erguia a meio da propriedade.

O homem que nos veio atender á porta parecia desconfiado e curioso.

— O senhor Lurcher? — repetiu. — Oh, ele continua na Flórida. Só o esperamos para a próxima semana. Desejam deixar algum recado?

— O meu nome é Lavender — disse o meu amigo, armando-se de toda a afabilidade. — Talvez eu possa falar com a senhora Lurcher?

— Posso saber o assunto que os traz aqui? — perguntou o criado. — Se são jornalistas, receio não os poder fazer entrar.

— Sei que temos má fama — respondeu Jimmie Lavender com uma risada — mas apenas alguns minutos é tudo quanto peço. E a respeito do senhor Lurcher, naturalmente. Correm boatos de que ele está aqui, restabelecendo-se de um tiro que apanhou. Se assim é, e se eu o pudesse ver por alguns minutos...

— Nem pense nisso — retrucou o mordomo, bruscamente. — Em primeiro lugar, ele não está cá, e em segundo, não apanhou tiro nenhum. — Começou a fechar a porta, mas antes, acrescentou: — Ponha isso nos jornais.

Lavender arriscou-se a pôr o pé antes que o outro fechasse a porta.

— Se a senhora Lurcher nos der a mesma certeza — disse, com um sorriso — ficará melhor nos jornais.

Via-se que o mordomo se continha com dificuldade. Uma nova voz veio de subito salvar o pé de Lavender de uma forte pisadela.

— Que se passa, Jonas? — Uma linda mulher dos seus trinta e cinco anos surgira ao lado do mordomo e olhava-nos agora com calma reprovação.

— Jornalistas — sibilou o interpelado. — Insistem em falar com a senhora. Estão com a mania que o patrão está cá. Dizem que o patrão apanhou um tiro e...

— Oh, a velha história! — exclamou a senhora Lurcher. — Bem, os senhores não acham que se o meu marido tivesse apanhado um tiro e se estivesse aqui, eu saberia?

— Naturalmente, — concordou Lavender com toda a delicadeza. — E' tudo quanto pretendemos saber. Ele está ou não está?

— Já respondi o que tinha a responder — ripostou ela. — E agora, é favor retirarem-se.

— Pois com certeza, minha senhora — disse Jimmie sem abandonar o sorriso. — Mas será que a senhora respondeu á nossa pergunta?

A porta fechou-se-nos na cara e pouco depois descíamos de novo a estrada que conduzia aos portões.

— Menina espertinha — comentei com um sorriso. — Mas que conseguimos nós apurar no fim de contas?

— Nada talvez, mas suponho que terás reparado na caixa de lampadas que estava sobre a mesa do vestíbulo, á espera que a levassem lá para cima, não?

— Lampadas? — repeti, atónito.

— Sim, lampadas ultravioletas — confirmou Lavender. — A caixa estava devidamente rotulada.

— Não me digas! Lurcher, hã? A queimar-se do belo sol da Flórida...

Lavender encolheu os ombros... e possivelmente, aquele seu gesto salvou-lhe a vida, porque nesse mesmo instante, uma seta zuniu-lhe junto á orelha e desapareceu no meio dos arbustos

— Que é isto? — gritou ele, perdendo por instantes o equilíbrio. — Abaixa-te, Gilly! — Começou a correr em direcção aos portões, mas logo voltou atrás. — Era uma seta, Gilly. Vamos procurá-la.

Avançou para os arbustos, mas antes que desse início á busca, uma voz chamou-nos e um jovem, trajando as vestes de archeiro, surgiu a correr ao nosso encontro, vindo da clareira de tiro.

— Eh! Espero que não tenha atingido ninguém! Foi um acidente, é claro. Peço imensa desculpa. Estava a treinar-me para o torneio e a corda do arco saltou-me casualmente da mão. Chamo-me Spalding — acrescentou, muito formal. — Faço parte do grupo e ..

— Não aconteceu mal algum, senhor Spalding — disse Lavender. — Somos dois jornalistas encarregados da página social. Mas se o senhor não acerta melhor durante o torneio, é certo e sabido que não ganhará uma medalha

Eu estava deveras irritado. Mesmo que aquilo não tivesse sido intencional, fora um acto estupido e descuidado. Por isso repliquei com sarcasmo:

— O senhor é o Robin dos Bosques ou o Guilherme Tell?

O outro riu-se sem se dar por achado.

— Boa piada! — disse.

— Muito prazer em tê-lo conhecido, senhor Spalding — murmurou Lavender. — Ainda bem que nada havia de animosidade pessoal na sua pontaria Até qualquer dia.

Continuámos a descer, olhando de vez em quando por cima do ombro e em certo momento tive a impressão de ter avistado alguém que nos observava com um binóculo da janela mais alta do palacete. Mas não tive a certeza. Fosse como fosse, estávamos a uns cem metros dos portões, quando ouvimos o ladrar de cães. Pareciam ser dois e a princípio pareciam vir a certa distancia. Mas aproximavam-se rápidamente e Lavender tocou-me no braço:

— Apressa o passo, Gilly. Isto é capaz de fazer parte dos tais *acidentes*. Odiaria a ideia de ter de abater um cão a tiro.

Alongámos o passo, e não tardou muito que quase corrêssemos. Mas os animais continuavam a ganhar terreno a olhos vistos, ladrando de forma assustadora. Talvez só quisessem brincar, mas nós é que não nos podíamos arriscar a comprovar tal hipótese. Não tardaram em surgir — dois «boxers» enormes e velozes como galgos. Ao nos avistarem, o ladrar aumentou de furia. E foi quando me lembrei que os portões estavam *fechados*.

— Qual o seu tempo em velocidade, Gilly — perguntou-me Lavender.

Não foi preciso mais para eu lhe passar á frente, e ambos largámos a correr como doidos, sempre com os nossos perseguidores tenazmente atrás de nós. Chegaríamos a tempo á porta de serviço por onde tínhamos entrado? Era muito duvidoso.

A SEGUIR: **NOVAS PISTAS**

Canções em voga

«A VIDA E' BELA!»

Cançoneta de Fernando Santos, Nelson de Barros e Frederico Valério, cantada por Carlos Coelho, Raul Solnado e Humberto Madeira na revista do mesmo nome em cena no Capitólio.

Ora aqui estão três artistas
Que se juntaram um dia
Bem dispostos, optimistas
Para começar a folia.

Eu estou um pouco assustado
Mas vou confiado, cheio de animação
Começa o nosso reinado
Vamos lá para a reinação.

A vida é bela!
Dá-nos de graça o luar
Dá-nos o sol na janela
E o resto é tudo a pagar.

Dizem que três foi a conta
Foi a conta que Deus fez
Esta empresa será tonta
Mas é por conta dos três.

Não somos dos consagrados
Actores complicados, para alguém discutir
Fomos os três repescados
Apenas para os divertir.

A vida é bela, etc...

Lá diz um velho ditado
Que a pensar morreu o otário
Eu se pensasse um bocado
Não queria ser empresário.

Se isto não der resultado
Eu estou bem tramado, vou para o Salvador
Volta ao José Miguel o Solnado
E eu para o Morgado se for.

A vida é bela, etc...

John Ford, mestre do «western» dá instruções a John Wayne (o seu heroi típico), Constance Towerns e William Holden, intérpretes de «The horse soldiers»

A pe... Laurent, em «The french mistress», do inglês Roy Boulting

Nova versão de «Macbeth»

LONDRES, 4. — Nova versão de «Macbeth» está a ser filmada nos estudios ingleses de Borehamwood com actores britanicos, entre os quais figuram Maurice Evans e Judith Anderson. George Schaefer dirige e Phil Samuel produz este filme, que é realizado em Technicolor. — (A. N. I.).

A SIGNORET em Hollywood

HOLLYWOOD, 4. — O próximo filme de Anthony Franciosa intitula-se «Nós que sabemos» e será realizado em 1961 pela United Artists, com Simone Signoret no papel feminino.

Do programa de Franciosa faz ainda parte a película «Circo de noite», versão cinematográfica de uma peça de teatro de Michael Gazzo, que conta as peripécias de um marinheiro e de uma rapariga neuropática. — (A. N. I.).

TEATRO cinema+rádio+televisão

No 50.º aniversário de Rolf Liebermann

por WALTER WILDHAGEN

HAMBURGO, Setembro — O 50.º aniversário de um compositor não é, geralmente, motivo de grandes homenagens, e isto tanto menos quando se trata de um representante da geração moderna. As excepções, porem, confirmam as regras. Rolf Liebermann merece ser posto em destaque por ocasião do seu aniversário, pois é realmente uma das figuras mais representativas da musica alemã contemporanea. As suas obras já foram apresentadas a um publico muito numeroso. Acresce ainda que, desde há um ano, Rolf Liebermann dirige, como intendente, a Ópera do Estado de Hamburgo. Nessa primeira fase da sua actividade na Cidade Livre e Hanseática, Liebermann já realizou várias estreias de grande repercussão internacional.

Apesar dos êxitos até agora alcançados, Liebermann, como compositor, obteve mais aplausos do publico do que da crítica. Não se deixou impressionar, prosseguindo no seu caminho que se poderá definir como «modernismo sem excessos». Nas suas óperas e nas suas composições para orquestra desenvolveu os seus próprios meios, servindo-se do sistema dodecafónico, mas sem o rigor da escola vienense Sente-se intimamente ligado aos vanguardistas da musica moderna da mesma maneira como aos mestres clássicos, mantendo sempre a sua liberdade. Renunciou a fundar uma escola ou um estilo próprio, a experiências exageradas e ousadas e a todo e qualquer excesso. Não sendo ortodoxa, a sua musica procura a síntese da tradição e dos conceitos modernos, da tragédia e da serenidade.

A carreira de Rolf Liebermann foi invulgar. Cursou o ensino secundário com certos contratempos e má vontade, em seguida cursou Direito e veio a ser assistente de um director de banco. Como inspector de uma companhia de seguros começou a compor canções para a conhecida cantora de veriedades Lale Andersen. Em Budapeste, encontrou em Hermann Scherchen o mestre que lhe transmitiria as bases da direcção de uma orquestra. Fundou, em Viena, uma orquestra e aprendeu de Vladimir Vogel a técnica da composição. Começou a evidenciar-se como chefe da secção de musica da Emissora de Beromünster e dirigiu durante alguns anos a orquestra dessa emissora. Em 1957, assumiu o cargo de chefe da secção de musica da Rádio do Norte da Alemanha em Hamburgo. Convidado a dirigir a Ópera de Hamburgo, com os seus 400 anos de tradição, Rolf Liebermann tem-se esforçado por animar os programas e dar novos impulsos á ópera.

A partir de 1945, Liebermann atraiu a atenção dos críticos por vários trabalhos de composição, entre eles um «Concerto para Jazzband e Orquestra Sinfónica». As suas primeiras óperas foram «Leonora 40/45» e «Penelope». A sua «Escola das Mulheres», teve grande êxito. Mantendo sempre as portas abertas a todas as sugestões, inteligente, cheio de humor, Rolf Liebermann evita, como compositor dramático, os extremos das novas formas e das novas técnicas. Aspira a coadunar elementos dispares subordinando-os a um sistema intelectual.

Sordi em Mote Carlo

MONTE CARLO, 4 — Prosseguem as filmagens de «Crime», no Casino de Monte Carlo, sob a direcção do realizador italiano Mario Camerini.

Nos principais papeis da película intervêm Alberto Sordi, Vittorio Gassman, Silvana Mangano, Dorian Gray, Franca Valeri, Nino Manfredi e Bernard Blier.

O filme, cuja planificação é da autoria de uma equipa constituida por Sonego, Aflorio, Strucchi e Biancoli, narra a história de seis pessoas que por uma série de circunstancias se encontram envolvidas num crime.

«Crime» é produzido pela «Dino de Laurentis». — (A. N. I.).

MICHELE MORGAN e a «nouvelle vague»

MICHÈLE MORGAN

PARIS, 4.—Iniciam-se em Janeiro do próximo ano as filmagens de «O poço das três verdades», película inspirada num romance de Jean Jacques Gauthier, com Michèle Morgan e Jean Claude Brialy, um dos actores da «nouvelle vague», nos principais papéis.

A realização do filme foi confiada a François Villiers.—(A. N. I.).

Resnays filma em Cast-los Barrocos alemães

Como Franju, que filma «Le château des mystéres», como Fellini, Alain Resnays, figura central da N. U., escolheu monumentos históricos para a sua próxima película, «L'année dernière», de que é argumentista Alain Robbe-Grillet.

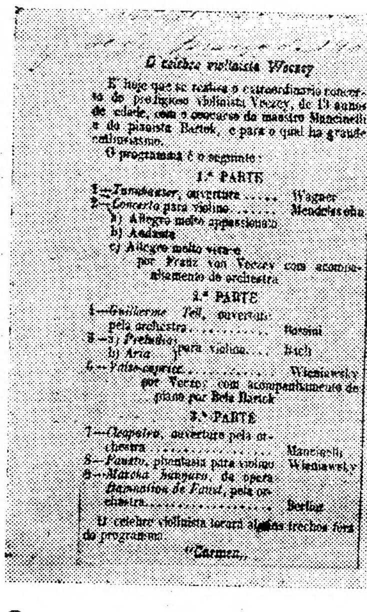
Resnays filmará, a partir de 25 de Setembro, nos castelos barrocos de Schleissheim e Nymphemburg, na Alemanha. Intérpretes: Delphine Seyrig, Georgio Albertazzi e Sacha Piloeff.

Crítica de discos

Concerto para orquestra de Bela Bartok

Bela Bartok

Composto por encomenda de Koussevitzy, entre 15 de Agosto e 8 de Outubro de 1943, o Concerto para Orquestra de Bela Bartok é uma das suas obras mais executadas. Bartok, que, em Outubro de 1940 abandonara a Hungria, dominada pelo almirante Horthy, encontrava-se nos Estados Unidos, com sua mulher, a pianista Ditta Pasztory, sua antiga discípula de piano da Academia de Musica de Budapeste. A vida na América do Norte não lhe é fácil. Dá vários recitais, profere conferências, transcreve uma colecção de musica folclórica jugoslava gravada para a Universidade de Columbia. Da mesma época do Concerto para Piano é a Sonata para violino solo, encomendada por Me-



O célebre violinista Vecsey

E hoje que se realiza o extraordinario concerto do prodigioso violinista Vecsey, de 13 annos de edade, com o concurso do maestro Mancinelli e do pianista Bartok, e para o qual ha grande enthusiasmo.

O programma é o seguinte:

1.ª PARTE

1—*Tannhauser*, overture ..... Wagner
2—*Concerto* para violino ...... Mendelssohn
a) Allegro molto appassionato
b) Andante
c) Allegro molto vivace
por Franz von Vecsey com acompanhamento de orchestra

2.ª PARTE

1—*Guilherme Tell*, overture pela orchestra ..... Rossini
3—a) *Prelúdio* b) *Aria* para violino .... Bach
4—*Valse-caprice* ..... Wieniawsky por Vecsey com acompanhamento de piano por Bela Bartok

3.ª PARTE

7—*Cleopatra*, overture pela orchestra ..... Mancinelli
8—*Fausto*, phantasia para violino ..... Wieniawsky
9—*Marcha hungara*, da opera *Damnation de Faust*, pela orchestra ..... Berlioz

O celebre violinista tocará alguns trechos fóra do programma.

«Carmen,,

O programa do concerto em que Bela Bartok se apresentou em Lisboa como pianista

nhuin, e o esboço de um Concerto para violeta, completado pelo seu discípulo Tibor Serly, que também lhe orquestrou as páginas finais do 3.º Concerto para piano. Bela Bartok, que nascera em Nagysszentmiklos, em 25 de Março de 1881, faleceu em Nova York, a 26 de Setembro de 1945. Compositor, folclorista, pianista, pedagogo, Bela Bartok contribuiu poderosamente para a renovação dos processos musicais do nosso tempo no campo da harmonia, ampliando os princípios tradicionais, e no das formas, vivificando a estrutura da sonata.

A Vox editou, em gravação estereofónica, o Concerto para Orquestra, que, não sendo tão representativo como a musica para instrumentos de corda, percussão e celesta, a Sonata para dois pianos e percussão e o Concerto para violino, revela o seu génio. A interpretação da Orquestra Sinfónica de Bamberg, dirigida por Heinrich Hollreiser, atinge a de Ansermet, com a Orquestra Suisse Romande. Como capa a reprodução da tela de Van Gogh «Estrada com ciprestes», que possui a força e o génio de Bela Bartok. (ST — PL — 510.480).

****

As camaras e a Mitologia

* *O produtor greco-norte-americano Greg Tallas encontra-se em Atenas a fim de efectuar consultas com as autoridades gregas com vista á realização de uma película baseada na «Iliada», de Homero. O realizador Edward Epstein, e alguns membros da sua equipa visitaram já vários pontos da costa grega, a bordo do navio da Armada Real Grega, posto á sua disposição, a fim de procurarem locais para os exteriores da película. Decorrem, entretanto, negociações com os actores Marlon Brando e «sir» Laurence Olivier, que a aceitarem as condições, interpretariam respectivamente os papeis de Aquiles e Agamemnon.*

De Nova Orleans à Andaluzia

de RAUL CALADO

Durante centenas de quilómetros a fita áspera da estrada percorre regiões semidesérticas em que o Sol impiedoso escalda os homens, as plantas e as coisas. Por vezes até onde a vista alcança, nem uma só árvore, nem uma só sombra. A água desapareceu totalmente, e depois do grande rio, nem uma só ribeira refresca a terra ressequida. Ao azul brilhante do céu opõe-se o castanho morno de todo o solo, numa monotonia que lembra as imagens do deserto. Mas por todas essas colinas uma vegetação com menos de meio metro, de um verde duvidoso, está enfeitada com milhões de pequenos pontos brancos, qual manto de neve naquela região a 40° á sombra (quando ao termómetro se arranja uma sombra). Enormes ranchos de camponeses vão juntando os pontos brancos, numa labuta realizada a 30 ou 40 km. da casa mais próxima.

Este não é um passeio efectuado há cem anos pelos campos da Luisiana — os homens não são os escravos negros do sul dos E. U. A. Mas os pontos brancos são pequenos flocos de algodão, criados a poucos quilómetros da fronteira portuguesa. Atravessámos as plantações da Andaluzia, onde trabalham espanhóis, brancos como nós, num esforço gigantesco para arrancar á terra avarenta um pouco da sua riqueza. Nos pátios de Sevilha não existe a vida das ruas de Nova Orleans — os brancos têm outra musica, em tudo diferente da dos negros. Na capital da Andaluzia não é possível ao amador de jazz encontrar a sua musica — mas é também muito difícil encontrar a musica dos que, nos campos, colhem algodão. Ela não é, com certeza, a que se ouve no «Guajiro», porque aí existe uma alegria que não pode ser autêntica, um profissionalismo que arruina o folclore. É certo que aquele cigano gordo e moreno, improvisou magistralmente sobre duas «espanholadas», com uma voz áspera que lembrava Armstrong, com verdadeiro calor que lembrava o «swing». Mas foi pouco, onde tanto seria de esperar.

E o amador prosseguiu a sua busca da musica daquele povo. Teve para isso pouco tempo e insuficiente preparação — falhou, pois não conseguiu encontrá-la. Mas nessa mesma Sevilha conheceu com surpresa uma grande alegria, que até hoje sempre lhe tinha sido negada. Na delegação da Juventude Musical de Sevilha verificou que o jazz já tinha sido compreendido, e que nas manifestações regulares lhe fora distribuido um pequeno lugar. Foi com prazer que leu os anuncios dos dois concertos de musica negra já efectuados, e se informou do interesse suscitado pelas sessões fonográficas que ao jazz se dedicaram.

Um dos mais agradáveis «recuerdos» da Andaluzia, é talvez aquela «História Breve del Jazz», editada pelo serviço de informações dos U. S. A. Pequena obra-prima de confusão, representa não obstante a primeira tentativa de uma juventude musical ibérica para divulgar uma musica cujo esquecimento hoje em dia é uma grave lacuna em muitos musicólogos.

«Muitos compositores que se preocuparam com a salvação ou restabelecimento da tonalidade, recorreram ao jazz como método de regeneração... Fui um deles».

(*(Ernest Krenek)*

«Muitos compositores» será suficiente para levar a J. M. P. a uma atitude semelhante á da sua congénere sevilhana?

****

O CID encarnado por Charles Heston

MADRID, 4. — Já se iniciaram nesta cidade as filmagens da película «El Cid», cujo principal papel é interpretado pelo actor norte-americano Charles Heston. O filme é produzido por Samuel Brouston. — (A. N. I.).

****

JOHN HUSTON faz reviver Montezuma

HOLLYWOOD, 4. — Rock Hudson e Kirk Douglas serão os principais intérpretes da história de «Montezuma» que o realizador John Huston dirigirá em breve. — (A. N. I.).

****

HOLLYWOOD BÍBLICA

HOLLYWOOD, 4.—Novo filme bíblico será rodado no próximo ano sob a direcção do realizador norte-americano George Sidney. Terá o título de «Joseph and his brethren». (A. N. I.).

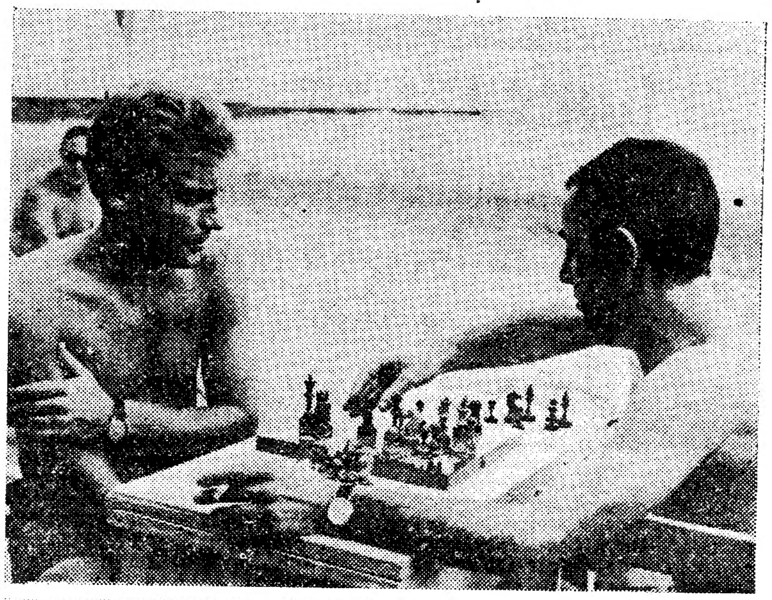
****

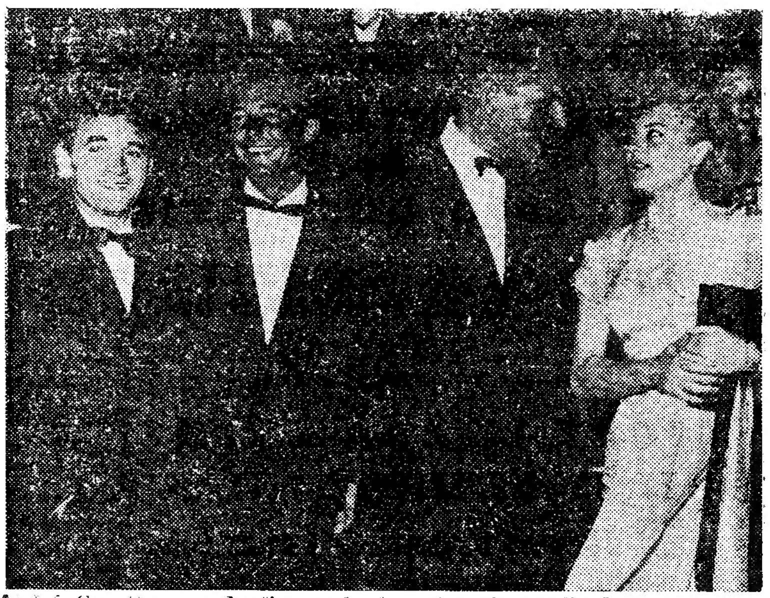
A volta de John Wayne

HOLLYWOOD, 4—Apenas o actor John Wayne foi contratado para participar na película «A maior história jamais contada», que George Stevens vai realizar para a «Fox».

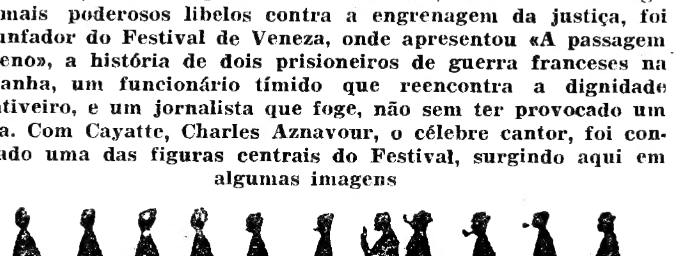
Segundo corre nos meios cinematográficos de Hollywood o realizador norte-americano tenciona contratar Audrey Hepburne e Marlon Brando, não se sabendo ainda quem interpretará a figura de Jesus. John Wayne será o centurião que acompanha Jesus ao calvário.—(A. N. I.)

André Cayatte o triunfador de Veneza





André Cayatte, grande figura do foro francês, realizador de alguns dos mais poderosos libelos contra a engrenagem da justiça, foi o triunfador do Festival de Veneza, onde apresentou «A passagem do Reno», a história de dois prisioneiros de guerra franceses na Alemanha, um funcionário tímido que reencontra a dignidade no cativeiro, e um jornalista que foge, não sem ter provocado um drama. Com Cayatte, Charles Aznavour, o célebre cantor, foi considerado uma das figuras centrais do Festival, surgindo aqui em algumas imagens



Cinema no Mundo

* *O produtor Stanley Kramer tenciona realizar três filmes, a distribuir pela United Artists, intitulados «Julgamento de Nuremberga», «Something a little less serious» e «My glorious brothers». As filmagens da primeira película iniciam-se em Janeiro do próximo ano, com Spencer Tracy, «sir» Laurence Olivier e Maximilian Schell nos principais papeis. Os exteriores serão rodados em Nuremberga e os interiores em Munique ou em Hollywood, sob a direcção do próprio Kramer. O segundo filme — «Something a little less serious» — será a primeira comédia produzida por Stanley Kramer, começando as respectivas filmagens ainda este ano.*

* *Jeanne Moreau vai começar a sua carreira de produtora cinematográfica com «Madame Bovary», de que será também intérprete.*

* *Um milhão de dólares vai gastar a M. G. M. para lançar nos Estados Unidos o filme de Jules Dassin «A lei». Só para publicidade na Imprensa, na Rádio e na Televisão estão orçamentados 550 mil dólares.*

* *Segundo a tragédia de Euripedes, iniciou o realizador italiano Giorgio Ferroni, nos estudios da Cinecitá as filmagens de «As Bacantes». Nos principais papeis figuram Tania Elg, Pierre Brice, Alberto Lupo, Alessandra Panaro e Akim Tamiroff. Os exteriores do filme serão rodados na Grécia.*

* *Bing Crosby gostaria de entregar a Brigitte Bardot ou a Gina Lollobrigida o papel principal do seu próximo filme, intitulado «Road to Hong kong» — afirma-se nos círculos cinematográficos romanos. Bing Crosby, em declarações aos jornalistas, anunciou que antes de abandonar a actividade cinematográfica tenciona interpretar um papel dramático e escrever um romance.*

* *Jean Gabin, uma vez terminadas as filmagens de «Le Président», de Henri Verneuil, interpretará o principal papel de «Les Bonnes causes», segundo o romance de Jean Laborde.*

* *O novo filme de Marcel Carné intitular-se-á «L'inconnu», e será realizado sobre um argumento brasileiro. Actualmente, o realizador francês filma «Jeunesse nue».*

* *A vida da poetisa clássica grega Safo vai ser adaptada ao cinema pelo produtor Elias Machairas. O filme baseia-se num argumento da autoria do escritor grego T. Tempos. Algumas cenas começam em breve a ser rodadas nas ilhas Mitilene.*

DESPORTOS

HÓQUEI EM PATINS

Os juniores do Parede

ao título de campeões do Sul juntaram brilhantemente o de campeões nacionais

Terminou o campeonato nacional de juniores de hóquei em patins, com a partida, ontem á noite disputada, entre o Parede e o Sporting.

Venceram os Paredenses que, deste modo, juntaram ao título de campeões do Sul o de campeões nacionais. Magnífica «perfomance» que não pode deixar de ser registada antes de mais.

Na época em curso, não haviam os «leões» vencido, uma só vez, a forte equipa da Costa do Sol. Os sportinguistas representam um «cinco» de indubitável valor, mas falta-lhe qualquer coisa para superar o quadro dos campeões. Formarão os «verdes-brancos» um conjunto mais afinado. Todavia, as suas unidades não possuem a «raça» dos rapazes da Parede. Será esta, de resto, a diferença entre os dois grupos.

Ontem, o Sporting e o Parede ofereceram ao numeroso publico, entusiasta, mas correcto, um encontro empolgante. Fizeram os juniores dos dois clubes — o desafio do ano. Não nos recorda ter visto, nos ultimos tempos, um desafio de hóquei em patins de tamanho interesse. Se no marcador surgiu uma expressão numérica que nos diz ter havido um vencido, na pista estiveram dois vencedores, apenas.

Não há duvida de que os dez finalistas interpretaram, com brio inexcedível, com bravura, com honestidade inultrapassável, o encontro derradeiro da competição.

Louvores, e só louvores, esse punhado de seniores de amanhã merece da crítica e, quiçá, da entidade máxima do hóquei patinado.

Um parabém, pois, para o Parede, que conquistou tantos títulos quantos disputou; um parabém para o Sporting que, como o seu enorme adversário, lutou, generosamente, para averbar no seu historial um triunfo que afirmaria o seu trabalho em profundidade em prol da modalidade.

●

Restar-nos-á uma nota sobre a validade do golo que ditou o êxito do «team» da Costa do Sol e que quase ensombrava o extraordinário brilho da partida.

Do lugar em que nos encontrávamos, afigurou-se-nos que o esférico só entrou nas balizas dos Lisboetas após ter soado o sinal do juri para terminar o encontro, ou seja, o sinal que árbitro e jogadores não ouviram.

Mas, teria havido simultaneidade do toque da sereia e da entrada da bola nas redes «leoninas»? Foi mais uma contingência, ao fim e ao cabo, da luta desportiva, que lhe dá o poder que ela conquistou e leva as massas á mais lata vibração.

JOSÉ GRAIS

Os adeptos do Parede, no final do jogo, invadiram o rinque e levaram em triunfo os novos campeões nacionais de juniores. A imagem é deveras expressiva e revela a insofismável vitória do desporto que se presta a manifestações sadias, de intensa comunhão de ideais

Os desportistas brasileiros pretendiam ver o Sporting mais vezes em acção

RIO DE JANEIRO, 4. — A Imprensa carioca é unanime nos elogios á equipa de futebol do Sporting Clube de Portugal, que, no domingo, por ocasião da inauguração do novo e grandioso Estádio «Cícero Pompeu de Toledo», no Morumbi, São Paulo, perdeu com a forte equipa do São Paulo Futebol Clube pela diferença mínima de 1-0. Todos os cronistas desportivos afirmam que o melhor jogador em campo foi Seminário, da equipa visitante, e que o português Morato é também um jogador de extraordinários recursos. Acrescentam que o interior Gonçalo foi o melhor dos paulistas.

Porém, os jornalistas brasileiros entendem que a equipa «leonina» é formada por homens lentos e pesados, embora leais. Os Brasileiros integrados na equipa do Sporting adaptaram-se á maneira como se joga em Portugal, em pouco tempo — dizem ainda os cronistas desportivos cariocas — que afirmam ainda que os «leões», com um pouco de sorte, poderiam ter vencido a equipa paulista.

Várias equipas brasileiras desejavam que o Sporting jogasse novamente neste país. Entretanto, se os «leões» aceitassem todos os convites que lhe foram feitos, teriam que ter duas equipas: uma, em Lisboa, disputando o Campeonato de Portugal, e outra no Brasil, para todos os encontros amistosos, que durariam várias semanas.

Ontem os jogadores sportinguistas estiveram de folga e deram passeios pelos diversos locais turísticos da cidade, enquanto os seus camaradas brasileiros votavam nas eleições presidenciais. Devido a este facto, o banquete de homenagem á caravana do Sporting só se realizou ontem, á noite, num ambiente da mais franca camaradagem e amizade.

A equipa do Sporting embarca hoje, num avião da Panair, ás 17 horas, no aeroporto do Galeão, de regresso a Lisboa.

As entidades desportivas brasileiras e a colónia portuguesa do Rio de Janeiro prepararam uma carinhosa despedida dos jogadores portugueses. — (A. N. I.)

HOJE À NOITE

HÓQUEI EM PATINS — Inicio do Campeonato Europeu, no Pavilhão dos Desportos, de Lisboa.

NO BELENENSES—Entrega de emblemas especiais aos sócios que completaram 25 anos de filiação. A cerimónia efectua-se, ás 22 horas, no Estádio do Restelo.

EM FERREIRA DO ALENTEJO, O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHIC».

O "Europeu" começa esta noite

No Pavilhão dos Desportos, de Lisboa, começa, esta noite o IV Campeonato da Europa de Juniores que se disputa pela 3.ª vez em Portugal.

Tito Moreira Rato, o seleccionador, convocou os seguintes jogadores:

João Brito (F. C. Porto), Jorge e Livramento (Benfica), Branco (Cascais), Carlos Alberto (Paço de Arcos), Rendeiro (Infante de Sagres), Barata (Sporting), Santos (Sintra), Araujo (Oeiras) e Pires (Campo de Ourique).

O internacional senior Vaz Guedes foi o responsável pela preparação.

A jornada de hoje tem o seguinte programa: ás 21,15 horas, apresentação das equipas; 21,35 Bélgica-Alemanha; 22,15, Espanha-Holanda; 23,05, patinagem artística; 23,25, PORTUGAL-França.

Amanhã: Alemanha-Holanda, Espanha,França e PORTUGAL-Bélgica.

FUTEBOL INTERNACIONAL
NO
ESTÁDIO DO BENFICA

Taça dos Clubes Campeões Europeus de 1960/61

SPORT LISBOA E BENFICA
HEART OF MIDLOTHIAN F. C.

No dia 5 de Outubro, às 21.45 horas

BILHETES À VENDA

Na Secretaria da Comissão Central:
Hoje, das 10.30 ás 13, das 15 ás 19.30 e das 21.30 ás 24 horas
Amanhã, das 10.30 ás 13 e das 15 ás 19.30 horas

Nas Agências: ABEP — ABELHA — DAVILA — JOBE — ABC

PREÇO DOS BILHETES

Sócios	Esc. 10$00
Bancada de Topo	Esc. 17$50
Superiores	Esc 20$00
Tribuna e Bancada Lateral	Esc. 30$00
Tribuna e Bancada Central	Esc 40$00

Espectáculo para maiores de 12 anos

Amanhã, na Luz

Benfica-Hearts e inauguração do 3.º anel

Dois acontecimentos, um a seguir ao outro, assinalam o dia de amanhã como um dos mais significativos na vida do popular Sport Lisboa e Benfica.

O primeiro consiste na inauguração oficial do 3.º anel das bancadas e o segundo diz respeito á Taça dos Campeões Europeus. Ambos se realizam, á noite, no Estádio da Luz e a eles dignam-se comparecer além do Chefe do Estado vários membros do Governo e individualidades de relevo.

O jogo de futebol, entre o Benfica e o Hearts, domina porém o interesse geral. Os Escoceses, que ontem chegaram a Lisboa, treinaram-se ontem e hoje, e, segundo declararam, esperam derrotar os Portugueses e, por conseguinte, forçar um 3.º encontro.

Os «encarnados», porém, estão cientes da sua força e, naturalmente, no seu ambiente, tudo tentarão para passar á eliminatória seguinte.

Uma grande partida em perspectiva.

Um jogo na Hungria repleto de incidentes

BUDAPESTE, 4. — Quatro jogadores suspensos por brutalidades, três árbitros postos no «Index» por incompetência, e três simpatizantes fanáticos na cadeia — foi o epílogo de um jogo disputado no Nepstadion desta cidade. Tratava-se do «derby» do campeonato de futebol da Hungria, que opôs as equipas do Ferencvaros; e do M. T. K.. Num ambiente tempestuoso e excitados por um punhado de simpatizantes fanáticos, os defesas do Ferencvaros, Dalnoki e Gerendas, «abateram» literalmente e por várias vezes os atacantes do M. T. K., Sandor e Bodor. Como os juízes de campo, como o árbitro, não reagissem, as vítimas convenceram-se de que lhes assistia o direito de se desforrarem. E uma vez tratadas, não perderam tempo... Mas, desta vez, o árbitro recuperou o uso do apito e os dois jogadores foram expulsos.

O caso teve o epílogo nas comissões competentes da Federação Hungara de Futebol. — (F. P.).

Na piscina do Batalhão de Sapadores Bombeiros o Centro Português de Actividades Submarinas deu ontem início ao 5.º curso de escafandristas. Registou-se a presença de 53 candidatos que revelaram aptidões, excepto sete. O sr. arq. Jorge Albuquerque, que se vê na imagem a dar indicações a um concorrente, e os srs. dr. Albertino Martins e eng. Eduardo Caupers são os instrutores do utilíssimo curso

Manuel da Silva é homenageado amanhã, em Alvalade

É já amanhã que, no Estádio «José Alvalade», se efectua o festival de homenagem ao valoroso atleta do Sporting, Manuel da Silva, uma figura popular que durante 18 anos animou as nossas pistas.

As qualidades de Manuel da Silva, tanto como desportista como homem, são credoras de um merecido reconhecimento publico.

O festival que começa ás 15 horas, tem o seguinte programa:

1.ª parte — Prova de velomotores; prova de automóveis; elogio do atleta e atletismo (lançamento do disco).

2.ª parte — Prova de automóveis; futebol; 1.ª parte do desafio entre dois mistos do Sporting-Belenenses; atletismo: provas de 1500 e 400 metros; e futebol: 2.ª parte do desafio Sporting-Belenenses.

PIANOS
Verticais e de Cauda
ALUGAM-SE
Est. Valentim de Carvalho, Lda.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

COLCHÕES
«Musselatex» a melhor espuma de borracha Simples ou «double face» para camas, beliches ou outras aplicações, todas as medidas.
Preços fábrica. Rua Centro Cultural, 35 — ALVALADE — LISBOA.